

Best-seller do New York Times

SOMBRIA E SOLITÁRIA MALDIÇÃO

BRIGID KEMMERER

PLATA
FORMA 3



Table of Contents

1. [Rosto](#)
2. [Créditos](#)
3. [Dedicatória](#)
4. [Mapa](#)
5. [Capítulo Um](#)
6. [Capítulo Dois](#)
7. [Capítulo Três](#)
8. [Capítulo Quatro](#)
9. [Capítulo Cinco](#)
10. [Capítulo Seis](#)
11. [Capítulo Sete](#)
12. [Capítulo Oito](#)
13. [Capítulo Nove](#)
14. [Capítulo Dez](#)
15. [Capítulo Onze](#)
16. [Capítulo Doze](#)
17. [Capítulo Treze](#)
18. [Capítulo Catorze](#)
19. [Capítulo Quinze](#)
20. [Capítulo Dezesseis](#)
21. [Capítulo Dezesete](#)
22. [Capítulo Dezoito](#)
23. [Capítulo Dezenove](#)
24. [Capítulo Vinte](#)
25. [Capítulo Vinte e Um](#)
26. [Capítulo Vinte e Dois](#)
27. [Capítulo Vinte e Três](#)
28. [Capítulo Vinte e Quatro](#)
29. [Capítulo Vinte e Cinco](#)
30. [Capítulo Vinte e Seis](#)
31. [Capítulo Vinte e Sete](#)
32. [Capítulo Vinte e Oito](#)
33. [Capítulo Vinte e Nove](#)

34. [Capítulo Trinta](#)
35. [Capítulo Trinta e Um](#)
36. [Capítulo Trinta e Dois](#)
37. [Capítulo Trinta e Três](#)
38. [Capítulo Trinta e Quatro](#)
39. [Capítulo Trinta e Cinco](#)
40. [Capítulo Trinta e Seis](#)
41. [Capítulo Trinta e Sete](#)
42. [Capítulo Trinta e Oito](#)
43. [Capítulo Trinta e Nove](#)
44. [Capítulo Quarenta](#)
45. [Capítulo Quarenta e Um](#)
46. [Capítulo Quarenta e Dois](#)
47. [Capítulo Quarenta e Três](#)
48. [Capítulo Quarenta e Quatro](#)
49. [Capítulo Quarenta e Cinco](#)
50. [Capítulo Quarenta e Seis](#)
51. [Capítulo Quarenta e Sete](#)
52. [Capítulo Quarenta e Oito](#)
53. [Capítulo Quarenta e Nove](#)
54. [Capítulo Cinquenta](#)
55. [Capítulo Cinquenta e Um](#)
56. [Capítulo Cinquenta e Dois](#)
57. [Capítulo Cinquenta e Três](#)
58. [Capítulo Cinquenta e Quatro](#)
59. [Capítulo Cinquenta e Cinco](#)
60. [Capítulo Cinquenta e Seis](#)
61. [Capítulo Cinquenta e Sete](#)
62. [Capítulo Cinquenta e Oito](#)
63. [Capítulo Cinquenta e Nove](#)
64. [Epílogo](#)
65. [Nota da autora](#)
66. [Agradecimentos](#)
67. [Sua opinião é muito importante](#)

Landmarks

1. [Cover](#)

SOMBRIA E SOLITÁRIA MALDIÇÃO

BRIGID KEMMERER

TRADUÇÃO Carla Bitelli

PLATA
FORMA 31

TÍTULO ORIGINAL *A curse so dark and lonely*

© 2019 by Brigid Kemmerer

© 2019 VR Editora S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da VR Editora

DIREÇÃO EDITORIAL Marco Garcia

EDIÇÃO Thaíse Costa Macêdo

EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Carolina Caires Coelho

REVISÃO Raquel Nakasone e Ana Lima Cecilio

DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi

MAPA © 2019 by Kelly de groot

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kemmerer, Brigid

Sombria e solitária maldição [livro eletrônico] / Brigid Kemmerer; tradução Carla Bitelli. -

São Paulo: Plataforma21, 2020. - (Cursebreakers ;1)

2 Mb; ePub

Título original: A curse so dark and lonely

ISBN 978-65-5008-029-7

1. Ficção juvenil I. Título II. Série.

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Todos os direitos desta edição reservados à

VR EDITORA S.A.

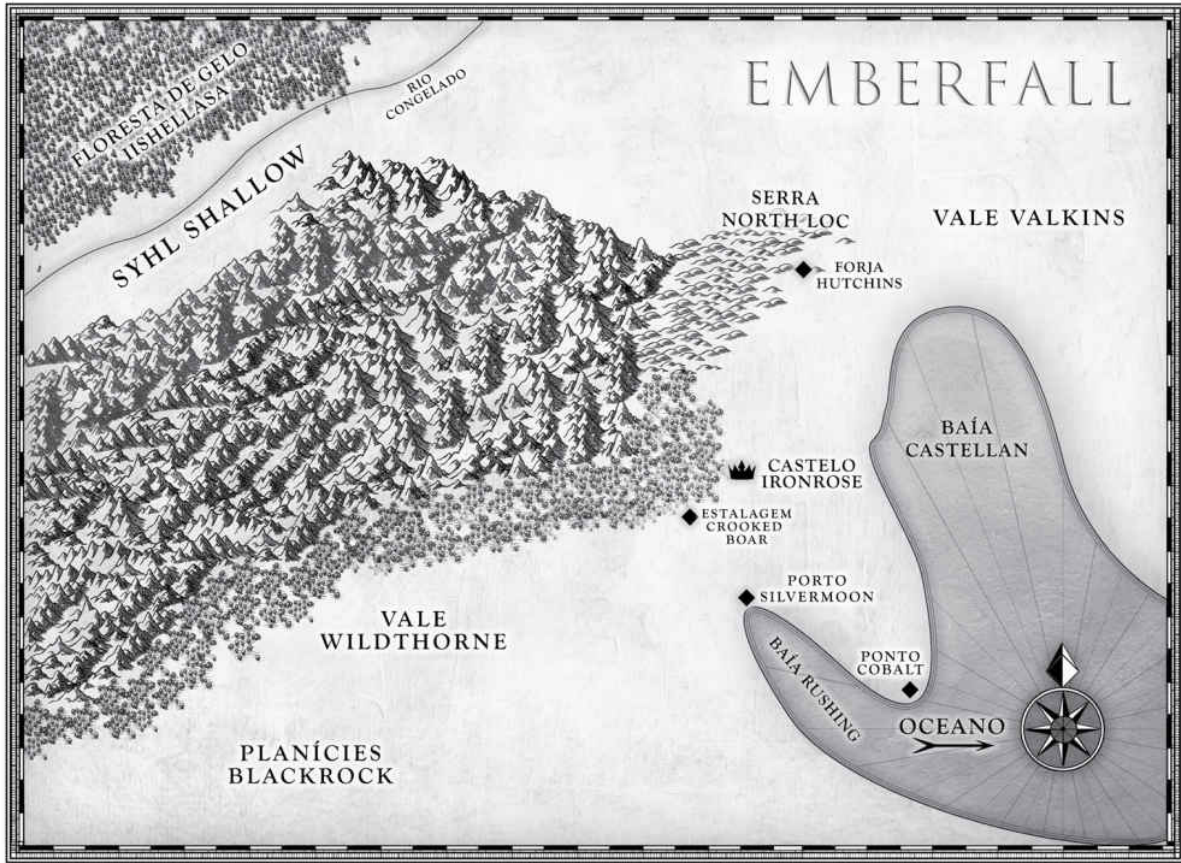
Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

*Para minha nova família da Stone Forge CrossFit
Obrigada por me mostrar que eu poderia ser bem mais forte*



CAPÍTULO UM



RHEN

Tem sangue debaixo das minhas unhas. Tento imaginar quantas pessoas eu matei dessa vez.

Enfio as mãos no barril ao lado da estrebaria. A água gélida mordisca minha pele, mas o sangue não sai. Eu não deveria me incomodar, porque tudo vai passar dentro de uma hora, de qualquer jeito, mas odeio isso. O sangue. O fato de não saber.

Cascos batem nos paralelepípedos em algum lugar atrás de mim, seguidos pelo som de um cavalo freando.

Não preciso olhar. Meu comandante da guarda sempre me segue a uma distância segura até a transição terminar.

Comandante da guarda. Como se Grey ainda tivesse homens para comandar. Como se ele não tivesse recebido esse título apenas formalmente.

Seco as mãos e me viro. Grey está parado alguns metros atrás, segurando as rédeas de Ironheart, o cavalo mais rápido da estrebaria. O animal está arfando forte, com o peito e flancos úmidos de suor apesar do frescor do início da manhã.

Desde que estamos presos aqui, a aparência de Grey é algo que não deixa de nos surpreender. Ele parece tão jovem quanto no dia em que ganhou um posto importante na Guarda Real, com o cabelo escuro ligeiramente despenteado, o rosto sem marcas. Seu uniforme ainda lhe cai muito bem, cada fivela e faixa atadas com perfeição, cada arma brilhando na quase escuridão.

Ele já teve um brilho de ansiedade nos olhos, uma faísca por aventuras. Por desafios.

Esse brilho há muito se apagou, o único aspecto da aparência

dele que nunca é refeito pela maldição.

Será que minha aparência inalterada também o surpreende?

– Quantos? – pergunto.

– Nenhum. Todos do seu povo estão salvos dessa vez.

Dessa vez. Eu deveria ficar aliviado. Não fico. Meu povo estará em risco logo mais.

– E a garota?

– Se foi. Como sempre.

Volto o olhar para a mancha de sangue nas minhas mãos, e sinto uma pressão familiar no peito. Eu me viro para o barril e enfio as mãos na água. Está tão gelada que quase perco o fôlego.

– Estou coberto de sangue, comandante. – A fúria, como uma labareda, toma meu peito. – Eu matei *alguma coisa*.

Como se pressentisse perigo, o cavalo dele bate as patas e se debate preso às rédeas. Grey põe uma mão no animal para acalmá-lo.

Antes, havia um ajudante de estrebaria que viria correndo pegar o cavalo dele, principalmente ao notar meu tom. Antes, havia um castelo repleto de cortesãos, historiadores e conselheiros que teriam dado uma moeda por uma fofoca sobre o príncipe Rhen, herdeiro do trono de Emberfall.

Antes, havia uma família real que certamente teria reprovado as minhas excentricidades.

Agora existe eu, e existe Grey.

– Deixei um rastro de sangue humano na trilha para fora da floresta – diz ele, sem se afetar pela minha raiva. Está acostumado.

– O cavalo conduziu uma boa perseguição, até alcançar um rebanho de veados na parte sul de suas terras. Ficamos bem longe dos vilarejos.

Isso explica a condição do animal. Percorremos uma boa distância essa noite.

– Eu fico com o cavalo – digo. – O sol vai nascer em breve.

Grey passa as rédeas para mim. Essa hora final é sempre a mais difícil. Repleta de arrependimento pelo meu repetido fracasso. Como sempre, só quero que acabe logo.

– Algum pedido especial, meu senhor?

No começo, eu era frívolo o suficiente para dizer sim. Eu especificava se queria loiras ou morenas. Com seios grandes, pernas compridas ou cintura fina. Eu as embebedava e as seduzia e, quando elas não me amavam, outra garota era encontrada com facilidade. Na primeira vez, a maldição parecera um jogo.

Ache uma de que você goste, Grey, eu diria, dando risada, como se sair em busca de mulheres para seu príncipe fosse um privilégio.

Então eu me transformei, e o monstro destruiu o castelo, deixando um rio de sangue.

Quando a estação recomeçou, eu não tinha mais familiares. Nem empregados.

Apenas seis homens da guarda, dois estavam gravemente feridos.

Na terceira estação, só tinha um.

Grey ainda está aguardando uma resposta. Encontro seu olhar.

– Não, comandante. Qualquer uma serve. – Suspiro e começo a conduzir o cavalo na direção da estrebaria, mas paro e me viro. – De quem era o sangue usado para fazer o rastro?

Grey ergue um braço e arregaça a manga. Um ferimento comprido de faca ainda sangra até a mão dele, um lento filete escarlate.

Eu ordenaria que ele o atasse, mas o ferimento desaparecerá em uma hora, quando o sol tiver nascido por completo.

O mesmo vai acontecer com o sangue nas minhas mãos e o suor nos flancos do cavalo. Os paralelepípedos se aquecerão com a luz do sol do início do outono, e minha respiração não vai mais esfumaçar o ar da manhã.

A garota terá partido, e a estação vai recomeçar. Eu completarei dezoito anos.

Pela trecentésima vigésima sétima vez.

CAPÍTULO DOIS



HARPER

O frio que faz em Washington DC deveria ser ilegal.

Puxo o capuz do moletom, mas o tecido está tão puído que não resolve muito. Detesto ter que esperar aqui fora, de tocaia, porém meu irmão assumiu a pior parte do serviço, por isso tento não ficar reclamando.

Em algum lugar no fim da rua, um homem grita e ouço uma buzina de automóvel. Contenho um calafrio e me oculto mais nas sombras. Com os dedos, envolvo o metal enferrujado de uma chave de roda que encontrei perto do meio-fio, mas quem quer que seja parece estar longe.

Olho para o temporizador do telefone de Jake e vejo que ele ainda tem treze minutos. Treze minutos para acabar, então poderemos ir tomar um café.

Não temos dinheiro sobrando, mas Jake sempre precisa de um tempo para desacelerar, e ele diz que o café ajuda. Já eu fico agitada e não consigo dormir, o que significa que não caio no sono antes das quatro da manhã e depois perco a hora da escola. Perdi tantos dias do último ano que faltar de novo nem deve fazer mais diferença. Com certeza não tenho amigos que sentirão a minha falta.

Então Jake e eu vamos nos sentar numa mesa com bancos estofados no canto de uma lanchonete que funciona dia e noite, e as mãos dele vão tremer na xícara durante alguns minutos. Depois ele vai me contar o que teve de fazer. Nunca é bom.

Eu tive que ameaçar quebrar o braço dele. Eu torci o seu braço atrás das costas. Acho que quase o desloquei. Os filhos dele

estavam lá. Foi horrível.

Eu tive que dar um soco nele. Disse que iria bater nele até cair um dente. Ele achou o dinheiro rapidinho.

Esse cara era músico. Eu ameacei esmagar um dedo dele.

Não quero ouvir sobre como ele intimida as pessoas por dinheiro. Meu irmão é alto e grandalhão, mas sempre foi dócil, com uma voz suave, e gentil. Quando minha mãe ficou doente, quando meu pai se envolveu com Lawrence e seus capangas, Jake cuidou de mim. Ele me deixava dormir no quarto dele ou me tirava de casa para tomar sorvete. Isso na época em que meu pai ainda estava lá, quando era ele quem estava sendo ameaçado pelos “cobradores” de Lawrence, os homens que vinham bater à nossa porta para recuperar o dinheiro que meu pai pegara emprestado.

Agora ele não está mais aqui. E Jake está dando uma de “cobrador” só pra tirá-los do nosso pé.

A culpa retorce minhas entranhas. Se fosse só eu, eu não deixaria que ele fizesse isso.

Mas não sou só eu. Tem minha mãe também.

Jake acha que poderia fazer mais por Lawrence. Conseguir mais tempo para a gente. Só que isso significaria realmente *fazer* as coisas que ele só ameaça fazer. Significaria machucar de verdade as pessoas.

Ele ficaria arrasado. Dá para ver como só isso já está fazendo com que ele mude. Às vezes queria que ele tomasse o café em silêncio.

Eu disse isso a ele um dia, e ele ficou bravo.

– Você acha que é difícil *ouvir*? E eu que tenho que *fazer*? – Sua voz saiu tão tensa e grave que quase falhou. – Você tem sorte, Harper. Tem sorte por só precisar *ouvir*.

É. Eu me sinto bem sortuda.

Mas então me senti egoísta, porque ele tem razão. Não sou rápida nem forte. Ficar de tocaia é a única coisa em que ele me deixa ajudar. Por isso agora, quando ele precisa falar sobre as quase atrocidades, eu fico de bico calado. Não posso lutar, mas posso ouvir.

Olho para o telefone. Doze minutos. Se o tempo dele acabar,

significa que o serviço deu errado e que eu devo sair correndo. Para tirar minha mãe de casa. Para nos esconder.

Em outras ocasiões já chegamos a três minutos. Dois minutos. Porém ele sempre aparece, ofegante e às vezes salpicado de sangue.

Ainda não estou preocupada.

A ferrugem se solta em lascas na ponta dos meus dedos enquanto giro a chave de roda gelada na minha mão. O nascer do sol não vai demorar muito, mas provavelmente já vou estar congelada demais para sequer perceber.

Uma leve risada feminina chega pelo ar, e espio pelo vão da porta. Duas pessoas estão de pé no canto, paradas bem na borda do círculo de luz criado pelo poste. O cabelo da garota brilha como se fosse numa propaganda de shampoo, balançando enquanto ela cambaleia um pouco. Todos os bares fecham às três da manhã, mas fica claro que ela não parou. O minicasaco jeans aberto dela faz meu moletom parecer um casaco de pele.

O homem está vestido mais adequadamente para o clima, com roupas escuras e um casaco comprido. Ainda não entendi se ele é um policial tentando prender uma prostituta ou se é um zé-mané esperando uma garota, e então ele vira a cabeça. Recuo no vão da porta.

A risada dela ressoa de novo pela rua. Ou ele é hilário ou essa garota está bêbada.

A risada é interrompida com uma arfada. Como se alguém tivesse puxado o fio da tomada. Prendo o fôlego. O silêncio é repentino e absoluto.

Não posso arriscar olhar.

Não posso arriscar *não* olhar.

Jake ficaria bem irritado. Eu tenho um serviço aqui. Consigo imaginá-lo gritando. *Não se envolva, Harper! Você já está vulnerável!*

Ele tem razão, mas a paralisia cerebral não significa que minha curiosidade acabou. Espio pela beirada da porta.

A loira caiu nos braços do homem como se fosse uma marionete, com a cabeça tombada para o lado. O braço dele está apoiado

embaixo dos joelhos dela, e ele fica olhando para um lado e para o outro da rua.

Jake vai perder as estribeiras se eu chamar a polícia. O que *ele* está fazendo não é legal. Se a polícia aparecer, Jake vai estar em perigo. Eu vou estar em perigo. E também a minha mãe.

Continuo fitando o cabelo loiro ondulante, o braço flácido arrastando-se pelo chão. Ele poderia ser um traficante. Ela poderia estar morta... ou quase isso. Não posso não fazer *nada*.

Descalço meus tênis para não arrastar a porcaria do meu pé esquerdo no chão e fazer barulho. Consigo me mover depressa quando quero, mas o silêncio é difícil de dominar. Corro para frente e ergo a barra.

Ele se vira no último segundo, o que provavelmente salva sua vida. A barra desce nos ombros dele, não na cabeça. Ele grunhe e tropeça. A garota cai esparramada na calçada.

Ergo a barra para acertá-lo de novo, porém o homem revida sem que eu esteja preparada. Ele bloqueia meu golpe, bate um cotovelo no meu peito e puxa meu tornozelo com a perna. Quando me dou conta, já estou caindo. Meu corpo tomba no concreto.

De repente ele está ali, quase em cima de mim. Começo a me balançar. Não consigo alcançar a cabeça dele, mas acerto seu quadril. Então suas costelas.

Ele agarra meu pulso e bate meu braço contra o chão. Grito e tento me afastar torcendo o corpo, mas parece que ele está ajoelhado em cima da minha coxa direita. Seu braço livre prende meu peito. Dói. Muito.

– Solte a arma.

Ele tem sotaque, mas não sei dizer de onde. E, agora que o rosto dele está bem perto, consigo ver que é jovem, pouco mais velho do que Jake.

Seguro a barra com mais força ainda. Minha respiração cria enormes nuvens de pânico entre nós. Bato nele com a mão livre, mas é o mesmo que bater em uma estátua. Ele aperta meu pulso até eu achar que meus ossos estão se esfregando uns nos outros.

Um gemido escapa da minha garganta, mas cerro os dentes e me mantenho firme.

– Solta – diz ele de novo, seu tom engrossando com fúria.

– Jake! – grito, torcendo para que tenha passado bastante tempo e que ele já esteja voltando. O chão enfia facas de gelo nas minhas costas. Cada músculo dói, mas continuo lutando. – Jake! Alguém me ajuda!

Tento enfiar a unha nos olhos do homem, mas ele reage me prendendo mais forte. Seu olhar encontra o meu, sem hesitação. Meu pulso vai quebrar.

Uma sirene começa a soar em algum lugar próximo, mas será tarde demais. Tento arranhar seu rosto mais uma vez, e só alcanço seu pescoço. O sangue brota sob minhas unhas, e seus olhos estão tomados de ódio. O céu clareia um pouco atrás dele, num tom rosa com manchas alaranjadas.

Ele ergue a mão livre e eu não sei se vai me bater, me estrangular ou quebrar meu pescoço. Não importa. Chegou minha hora. Minha última visão será um nascer do sol glorioso.

Estou errada. A mão dele não desfere o golpe.

E o céu desaparece completamente.

CAPÍTULO TRÊS



RHEN

A luz do sol doura as luminárias da minha sala de estar, lançando sombras pelas tapeçarias artesanais e pelas cadeiras de veludo que meus pais ocupavam no passado. Às vezes, se fico aqui por muito tempo, consigo imaginar a presença deles. Ouço a voz brusca do meu pai, repleta de advertências e sermões. A desaprovação silenciosa da minha mãe.

Conseguo me lembrar da minha própria arrogância.

Quero sair desse castelo e me jogar de um penhasco.

Mas isso não funciona. Já tentei. Mais de uma vez.

Sempre acordo aqui, nessa sala, sob a luz do sol. O fogo da lareira sempre queima baixo, exatamente como agora, as chamas crepitando de um jeito familiar. O chão de pedra parece ter sido varrido há pouco, há vinho e cálices em uma mesa lateral. As armas de Grey estão apoiadas na cadeira à minha frente, aguardando seu retorno.

É sempre a mesma coisa.

Exceto pelos mortos. Eles nunca retornam.

O fogo estala, alguns gravetos deslizando para a base da lareira. Tudo acontecendo normalmente. Grey vai voltar em breve.

Suspiro. Espero com palavras ensaiadas na ponta da língua, mas às vezes as garotas levam bastante tempo para acordar do éter sonífero que Grey dá para elas. A princípio, ficam assustadas, mas aprendi como fazer para tranquilizar seus medos, a encantá-las e persuadi-las a confiar em mim.

Mas destruo essa confiança quando o outono se transforma em inverno. Quando elas veem a minha transformação.

O vento sopra e eu me endireito. Por mais que eu odeie a maldição – a repetição interminável da minha vida aqui –, as garotas são o único ponto de mudança. Apesar de tudo, estou curioso para ver que beleza inerte estará nos braços de Grey hoje.

Contudo, quando Grey aparece, ele está prendendo uma garota ao chão.

Ela não é uma beleza inerte. É magricela, está sem sapatos e cravando as unhas na lateral do pescoço dele.

Grey xinga e dá um tapa na mão dela. O sangue pisado está marcado em linhas pela garganta dele.

Eu me levanto da cadeira, quase sem entender aquela novidade.

– Comandante! Solte-a.

Ele lança o corpo para trás e firma os pés. A garota se afasta, segurando uma arma enferrujada. Sua movimentação é forçada e desajeitada.

– O que é isto? – Ela apoia uma mão na parede e se põe de pé com dificuldade. – O que você fez?

Grey pega sua espada da cadeira, tirando-a da bainha com uma fúria que eu não via há... há *séculos*.

– Não se preocupe. Essa talvez seja a estação mais curta de todas.

A garota levanta a barra enferrujada como se isso fosse proporcionar algum tipo de defesa contra um espadachim experiente. Cachos escuros escapam do capuz e seu rosto parece cansado, tenso e sujo. Eu me pergunto se Grey a feriu, pelo modo como ela evita apoiar o peso na perna esquerda.

– Quero ver tentar. – Ela olha para ele e para mim. – Sei de um bom local que ainda não acertei com *isto*.

– Eu vou mesmo. – Grey ergue a arma e dá um passo à frente. – Sei de um bom local que ainda não acertei com isto.

– Basta. – Nunca vi Grey atacar uma das garotas, mas quando ele não demonstra intenção de parar, engrosso a voz. – É uma *ordem*, comandante.

Ele para, mas a espada permanece em sua mão e ele não tira os olhos da garota.

– Não pense você – ele diz para ela, com ferocidade na voz – que

isso significa que vou permitir que me ataque de novo.

– Não se preocupe – dispara ela. – Tenho certeza de que terei outra chance.

– Ela atacou você? – Ergo as sobrancelhas. – Grey, ela tem metade do seu tamanho.

– O temperamento compensa essa diferença de tamanho. Pode ter certeza de que ela não foi minha primeira escolha.

– Onde estou? – Os olhos da garota continuam passando de mim para ele e para a arma na mão dele... e então para a porta atrás de nós. As juntas dos dedos dela estão brancas por causa da força com que segura a barra. – O que você fez?

Dou uma olhada para Grey e baixo a voz.

– Guarde sua espada. Você a está assustando.

A Guarda Real é treinada para obedecer sem hesitar, e Grey não é uma exceção. Ele enfia a espada na bainha, mas prende o cinturão no corpo.

Não consigo me lembrar da última vez que ele se armou por completo no primeiro dia da estação. Provavelmente isso não ocorria desde quando havia homens para comandar e ameaças para conter.

Tirar a arma de cena eliminou parte da tensão da sala. Estendo uma mão e digo com gentileza, no tom que uso para falar com cavalos assustadiços na estrebaria:

– Você está segura aqui. Posso pegar sua arma?

Ela olha para Grey, cuja mão continua no cabo da espada.

– De jeito nenhum – diz ela.

– Tem medo de Grey? Isso se resolve com facilidade. – Eu olho para ele. – Comandante, suas ordens são para não machucar esta garota.

Ele dá um passo para trás e cruza os braços.

A garota observa essa interação, respira fundo e dá um passo hesitante para a frente, com a barra esticada.

Pelo menos ela pode ser domada tão facilmente quanto as outras. Estico a mão e lanço a ela um olhar encorajador.

Ela dá outro passo... mas então sua expressão muda, seus olhos escurecem, e ela dá um golpe.

O aço duro bate na minha cintura, logo abaixo da caixa torácica. Minha nossa, *como dói*. Dobro o corpo para a frente, e mal tenho tempo de reagir quando ela tenta golpear minha cabeça.

Felizmente, meu treinamento é quase tão completo quanto o de Grey. Eu me abaixo e pego a barra antes que ela toque em mim.

Agora entendo por que Grey pegou a espada.

Os olhos dela são intensos, desafiadores. Empurro a garota para a frente, pronto para arrancar a barra dela.

Mas ela solta e me força a cair para trás. Ela cambaleia na direção da porta, mancando pelo corredor com a respiração ofegante.

Deixo que ela se vá. A barra de ferro cai no tapete e eu pressiono uma mão na lateral do meu corpo.

Grey não se moveu. Ele está ali parado, com os braços cruzados.

– Ainda deseja que eu não a machuque?

Houve um tempo em que ele jamais ousaria questionar minha decisão. Houve um tempo em que eu teria me importado com isso.

Suspiro e me retraio quando meus pulmões se expandem e alcançam o hematoma que já se formou na lateral do meu corpo. O que começou como uma novidade agora só dói. Se ela luta tanto para fugir agora, há pouca esperança para depois.

As sombras mudaram um pouco, traçando seu caminho familiar. Eu já vi isso centenas de vezes.

Quando essa estação acabar fracassada, vou ver de novo.

– Ela está ferida – diz Grey. – Não vai conseguir chegar longe.

Ele tem razão. Estou perdendo tempo.

Como se eu não tivesse *tempo* disponível.

– Vá – digo. – Vá buscá-la.

CAPÍTULO QUATRO



HARPER

Estou correndo por um corredor comprido, com a respiração retumbando nos ouvidos. Esse lugar deve ser um museu ou algum tipo de construção histórica. Com dificuldade por estar de meias, atravesso o tapete de veludo que reveste o chão de mármore. Painéis de madeira cobrem as paredes, com alvenaria de pedra subindo ao teto arqueado bem alto. Portas pesadas de madeira com alças de ferro forjado se dispõem em intervalos irregulares pelo corredor, mas nenhuma delas está aberta.

Não paro para verificar. Só corro. Preciso achar outra pessoa ou cair fora daqui.

Quando faço uma curva no corredor, dou de cara com uma escadaria enorme, comprida e iluminada pelo sol, que desce até uma grande entrada. O espaço é do tamanho do ginásio da minha escola, com o chão de pedra escura, imensas janelas com vitrais e duas portas de ferro. Tapeçarias se estendem pelas paredes, tecidas com roxos, verdes e vermelhos, bordadas com fios de ouro e prata que brilham à luz. As mesas ficam na parte lateral, dispostas com bolos, doces e dezenas de taças de champanhe. Meia dúzia de cadeiras brancas e douradas esperam no canto, com instrumentos musicais prontos.

O lugar parece arrumado para um casamento. Ou para uma festa. Definitivamente não combina com um sequestro.

Estou muito confusa... mas pelo menos achei uma porta.

Um bipe repentino corta o silêncio.

O cronômetro de Jake.

Tiro o telefone do bolso, fitando os zeros piscantes. Minha

garganta fecha. Não sei se ele conseguiu sair.

Preciso me recompor. Estou parada em uma área aberta e lágrimas não vão me oferecer nada além de um rosto molhado. Assim que achar um lugar seguro, posso ligar para a emergência.

Seguro no corrimão e desço os degraus correndo. Minha perna esquerda está atrapalhada e prestes a querer falhar, mas ameaço mentalmente cortá-la fora se ela não me tirar daqui. Ela escuta.

Quando passo pelo canto, os instrumentos se erguem das cadeiras em uníssono.

Tomo um susto e me abaixo, com medo de que um deles venha voando na minha direção... mas então, do nada, os instrumentos começam a tocar. Uma sinfonia enche o saguão, uma música rica repleta de flautas, trompetes e violinos.

Só pode ser um truque. Uma ilusão de ótica, como em um parque temático, de alguma maneira disparada pelo meu movimento.

Estendo a mão e pego uma flauta, esperando que estivesse presa com arames finos ou algum plástico transparente.

Mas não está. Minha mão envolve o metal como se eu estivesse pegando a flauta de uma prateleira. O aço vibra como se alguém o estivesse tocando. Não há nenhum peso nela... nenhuma bateria. Nenhuma caixa de som. Nada.

Quando a aproximo da orelha, o som está saindo de dentro do tubo.

Dou um passo para trás e a arremesso longe.

A flauta voa direto para seu lugar de origem, levitando acima da cadeira como se um músico invisível a estivesse segurando. As chaves descem e sobem.

Engulo em seco. Estou sonhando. Fui drogada. Algo do tipo. Estou perdendo tempo. Preciso dar o fora daqui.

Corro em direção à porta, preparada para encontrá-la trancada... porém não está. Cambaleio para fora, em uma plataforma de mármore, e um ar cálido rodopia ao meu redor. Paredes de pedra se elevam dos dois lados, e degraus descem até um caminho de paralelepípedos. Acres de grama aparada se estendem até onde minha visão alcança, manchados por árvores espaçadas aleatoriamente. Canteiros de flores. Uma enorme fonte jorrando

água. Ao longe, uma floresta densa, de vegetação vibrante.

Nenhuma estrada pavimentada, pelo que consigo ver.

A porta se movimenta atrás de mim, fechando-se com um barulho, abafando a música e criando um silêncio. Não há corrimão aqui, então desço devagar os degraus e chego aos paralelepípedos. O prédio se ergue acima de mim, grandes tijolos de cor creme espaçados por blocos de mármore e pedra.

Isto não é um museu. É um castelo. E dos grandes.

E, mesmo aqui, ainda não há pessoas. Não tem ninguém *em lugar nenhum...* e posso ver acres a distância. O silêncio é ensurdecedor. Não há carros. Não há cabos de energia vibrantes. Não há aviões.

Tiro o telefone do bolso e começo a ligar para a emergência.

O telefone apita em protesto. *Sem sinal.*

Eu o balanço, como se isso ajudasse de alguma forma. Tudo na parte superior está acinzentado.

Não há torres de celular. Não há internet sem fio. Não há *bluetooth*.

Um gemido escapa do meu peito.

Aqueles instrumentos estavam tocando sozinhos.

Não consigo racionalizar isso. Está emaranhado demais na grande preocupação com o meu irmão.

Um novo pensamento me ocorre, aumentando ainda mais a preocupação. Se algo aconteceu com Jake, não tem ninguém para ajudar minha mãe. Eu a imagino deitada na cama, tomada pela tosse com catarro provocada pelo câncer que assola seus pulmões. Precisando de comida. De remédio. Precisando de alguém para levá-la ao banheiro.

De repente, minha visão fica borrada. Seco o rosto e forço minhas pernas a correr. O suor se acumula dentro do meu moletom.

Espere. Suor. Está quente aqui.

Estava fazendo um frio congelante em Washington DC.

Todo o suor esfria.

Depois entro em pânico. Preciso seguir.

Um grande anexo fica logo atrás do castelo, além de um amplo pátio pontuado por mais paralelepípedos. As flores desabrocham

por toda parte, derramando-se em treliças de madeira, saindo de enormes vasos, florescendo ao longo de sebes e em jardins. Ainda não há pessoas.

Meus músculos estão tensos e cansados, e o suor escorre pela lateral do meu rosto. Rezo para que seja algum tipo de garagem, porque em breve vou precisar de um meio de transporte alternativo. Não posso continuar correndo para sempre. Fico colada contra a parede oposta do castelo, respirando com dificuldade, esperando. Atenta.

Não ouço nada, então vou para o prédio do outro lado do pátio, arrastando o pé esquerdo, que implora por uma pausa. Cambaleio porta adentro, escorregando um pouco com minhas meias úmidas.

Três cavalos levantam a cabeça e bufam.

Minha nossa. Não é uma garagem. É uma *estrebaria*.

É quase melhor. Não sei como fazer uma ligação direta, mas *sei* cavalgar.

Antes de nossas vidas desmoronarem, quando meu pai tinha um emprego e uma reputação, eu cavalgava. Começou como uma atividade terapêutica depois de todas as cirurgias relacionadas à paralisia cerebral, mas se transformou em uma paixão. Uma liberdade, pois as pernas equinas me davam força e poder. Durante anos, trabalhei em uma estrebaria em troca de tempo para cavalgar, até que tivemos de nos mudar para a cidade.

De todas as coisas de que tivemos de abrir mão, os cavalos são o que mais me faz falta.

Trinta baias flanqueiam cada lado do corredor, feitas de tábuas cheias de manchas que sobem metade do caminho até o teto, coberto por barras de ferro. Cavalos bem cuidados reluzem à luz do sol que invade pelas claraboias. Freios pendem espaçados ao longo da parede, pontas e fivelas cintilando, o couro com um brilho intenso. Não há tufo de feno pelo corredor, nem moscas se acumulando nos grãos derramados. Cada centímetro da estrebaria é impecável.

Um cavalo cor de camurça estica o focinho e bufa na minha mão. Ele está atado a um anel dentro da baia e já está selado. Ele não se agitou quando entrei no corredor e agora me olha com tranquilidade.

É grande e forte, com uma pele marrom e crina e cauda pretas. No detonado letreiro dourado na frente de sua baia está escrito *Ironwill*.

Passo a mão pela cara do animal.

– Vou chamar você de Will.

Um pequeno armário ao lado da porta abriga botas e capas... e um punhal pendurado em um cinturão.

Uma arma de verdade. *Ótimo*.

Ajeito-o em volta da cintura e aperto forte. As botas são muito grandes, mas sobem pelas minhas panturrilhas quase até os joelhos, dando aos tornozelos um apoio extra.

Entro na cabine e tranco a porta em seguida. Will prontamente aceita um freio, apesar de minhas mãos tremerem perto de sua boca quando tenho que apertar as fivelas.

– Desculpe – sussurro, acariciando sua cara. – Falta de prática.

Então ouço os passos, o som áspero de uma bota raspando na pedra.

Congelo... depois me abaixo do outro lado do cavalo, puxando-o para um canto escuro da baia. As rédeas ficaram escorregadias na minha mão, porém seguro firme para que ele me bloqueie aqui.

Alguém interage com cada cavalo, percorrendo a estrebaria. Uma palavra suave, um tapinha no pescoço. Outra pausa, depois mais passos.

Quem quer que seja, está conferindo as baias.

Uma prateleira de madeira se estende ao longo da lateral da baia, provavelmente para feno ou alimento. Inclino o corpo sobre ela, depois me ergo e fico apoiada nas mãos e nos joelhos. É uma posição difícil para montar, mas eu não conseguiria fazê-lo do chão. Tenho de me concentrar para passar o pé no estribo. O suor escorre pelas minhas costas quando agarro a sela.

Eu me controlo ao máximo para não emitir nenhum ruído. Esse é o animal mais paciente do mundo, porque fica absolutamente parado enquanto me puxo para o dorso dele.

Mas subi. Estou montada.

A exaustão é tanta que estou prestes a chorar. Não, *estou* chorando. Lágrimas silenciosas escorrem pelas minhas faces. Preciso sair daqui. *Preciso*.

Passos, então um arquejo baixo de surpresa. O ferrolho é solto. Vislumbro cabelos escuros e vejo um lampejo de aço enquanto o homem saca uma espada. A porta da baia começa a se abrir.

Bato os calcanhares nas ancas de Will, gritando de raiva, ainda por cima. O cavalo está aterrorizado... e com razão. Eu estou me aterrorizando. Mas ele pula para a frente, batendo na porta com força e abrindo-a, derrubando o homem armado.

– Vai! – grito. – Por favor, Will! Vai!

Bato com a espora no corpo dele. Will pula pelo corredor, firma as patas e dispara.

Lágrimas borram minha vista, mas a visão não vai me ajudar a continuar. Já perdi os dois estribos e estamos seguindo pelos paralelepípedos. Os dedos da minha mão esquerda se emaranham na crina de Will, e minha outra mão envolve seu pescoço. Quando atingimos a grama, o cavalo mais parece uma plataforma de petróleo, me fazendo saltar da sela a cada grande passada.

Um assobio agudo corta o ar atrás de mim, três sons curtos.

Will firma os cascos, derrapa até parar e gira. Não tenho chance: saio voando por cima do ombro dele e caio com tudo no gramado.

Por um momento, não sei nem se estou de cabeça para baixo ou não. Minha cabeça gira.

Foi por pouco. *Muito pouco.*

Aqueles homens estão vindo atrás de mim. São um borrão sob a luz do sol, seja por causa das lágrimas ou do meu ferimento na cabeça. Preciso me levantar. Preciso correr.

Consigo me endireitar, mas minhas pernas não querem trabalhar rápido. O homem loiro já chegou, se aproximando com o braço estendido para me agarrar. O espadachim de cabelos escuros está logo atrás dele.

– Não! – Um som baixo escapa do meu peito. Cambaleio e me afasto dele, e ergo o punhal.

O espadachim começa a desembainhar sua arma.

Recuo um pouco mais, tropeço nos meus próprios pés e caio sentada na grama.

– Comandante. Pare – diz o homem loiro. Ele ergue as mãos. – Fique calma. Não vou ferir você.

– Você me *perseguiu*.
– É o que fazemos com ladrões de cavalos – diz o espadachim.
– Grey. – O homem loiro lança um olhar ríspido na direção do outro, depois estende a mão para mim. – Por favor, você não tem nada a temer.

Ele só pode estar brincando.

Eu não olhei direito para ele antes, mas agora olho. Seu perfil é impressionante, com maçãs do rosto altas e um queixo angular. Olhos castanhos intensos. Não tem sardas, mas passou tempo suficiente sob o sol para que ninguém possa descrevê-lo como pálido. Ele está vestindo uma camisa branca por baixo de um casaco azul de gola alta salientada com detalhes em couro e bordados em dourado. Fivelas douradas cruzam seu peito e ele tem um punhal preso ao quadril.

Ele está olhando para mim como se tivesse que lidar com garotas meio loucas o tempo todo.

Mantenho o punhal empunhado à minha frente.

– Me diga onde estou.

– Você está na propriedade do Castelo Ironrose, na região central de Emberfall.

Quebro a cabeça tentando pensar em alguma atração com esses nomes que possam ser razoavelmente perto de Washington DC. Esse castelo é *enorme*. Eu teria ouvido falar dele. E o cronômetro de Jake é a única peça do quebra-cabeça que se recusa a encaixar. Não existe absolutamente lugar *nenhum* aonde o espadachim possa ter me levado tão depressa. Passo a língua pelos lábios.

– Qual é a cidade mais próxima?

– Porto Silvermoon. – Ele hesita, depois dá um passo à frente. – Você está confusa. Por favor... permita-me ajudá-la.

– Não. – Avanço meu punhal na direção dele, e ele para. – Vou dar o fora daqui. Vou pra casa.

– Você não vai conseguir achar o caminho de volta para casa.

Encaro o homem armado atrás dele.

– Ele me trouxe até aqui. Deve ter um jeito de voltar.

A expressão do espadachim é inescrutável, sem qualquer traço do charme do homem diante de mim.

– Não tem.

Encaro-o com mais firmeza.

– Precisa ter.

O rosto dele não se altera.

– Não tem.

– Basta. – O homem loiro estende a mão de novo. – Não vamos discutir essa questão no pátio. Venha. Vou acomodá-la num quarto. Está com fome?

Não consigo determinar se eles são loucos... ou se a louca sou eu. Ajusto a minha pegada no punhal.

– Não vou a *lugar nenhum* com vocês.

– Compreendo sua relutância, entretanto não posso permitir que você deixe os terrenos do castelo. Não é seguro. Não tenho soldados para patrulhar a Estrada Real.

– A Estrada Real – repito entorpecida. Tudo o que ele diz soa muito *lógico*. Não é como se ele estivesse tentando me convencer a segui-lo. É mais como se estivesse surpreso por eu considerar qualquer outra coisa.

Não consigo entender nada do que está acontecendo.

– Por favor – diz ele com mais delicadeza. – Certamente você percebe que poderíamos levá-la à força.

Meu coração para por um instante no peito. Eu sei disso. Não sei o que é pior: ser levada à força ou aceitar ir.

– Não ouse me ameaçar.

– *Ameaçá-la?* – Ele ergue as sobrancelhas. – Você acha que pretendo ameaçá-la oferecendo-lhe segurança, conforto e comida?

Ele parece ofendido. Conheço homens que tomam tudo o que querem. Eles não agem desta maneira.

Não sei onde estou, mas meu corpo já está doendo. Não tenho certeza se consigo me levantar do chão sem ajuda. Sem dúvida não consigo voltar a correr.

Ele tem razão: eles *poderiam* me levar à força. Devo conservar minha energia.

Posso descansar. Posso comer. Vou achar uma saída.

Prendo a respiração e enfio o punhal na bainha. aguardo os homens protestarem por eu manter minha arma, mas eles não o

fazem.

Apesar da minha determinação, a sensação é de ter desistido.
Me pergunto o que Jake diria.

Oh, Jake. Não sei se ele está bem. Não sei o que fazer.

Posso sobreviver a isto. Eu preciso.

Então cerro os dentes, enterro minhas emoções e estico o braço para pegar a mão dele.

CAPÍTULO CINCO



RHEN

Depois que devolvemos Ironwill à estrebaria, a garota caminha em silêncio ao meu lado, e sua marcha é irregular o suficiente para eu perceber que ela está mesmo ferida. Ela está mantendo distância tanto de mim quanto de Grey, de braços cruzados com força à frente da barriga, uma mão sobre o cabo do punhal.

Estou impressionado por ela ter encontrado uma arma – e mais ainda por ela ter ido até a estrebaria para fugir. A maioria das garotas que Grey busca no mundo dela não toca em lâminas nem em rédeas; voltam-se para a elegância encontrada dentro dos guarda-roupas luxuosamente abastecidos do Castelo Ironrose. No início de cada estação, as outras garotas sentavam-se ao lado da lareira e olhavam para mim sobre taças de cristal, enquanto eu servia vinho e contava histórias maliciosas a ponto de fazê-las corar.

Se eu der uma taça de cristal na mão desta garota, ela provavelmente vai quebrá-la e usará os cacos para me cortar.

– Consigo sentir você olhando para mim – diz ela. A luz do sol brilha em seus cachos escuros como a noite. – Pare.

Meia dúzia de elogios fica na ponta da minha língua, mas ela não é do tipo que se deixaria levar por belas mentiras.

– Gostaria de saber seu nome.

Ela hesita, como se pesasse os desdobramentos da pergunta.

– Harper.

Ah, é claro. Nada de Annabeth ou Isabella para ela. Um nome forte.

– Harper. – Meneio a cabeça. – É uma grande satisfação conhecê-la, *milady*.

Ela parece pensar que estou zombando.

– E você, quem é?

– Meu nome é Rhen.

À minha esquerda, Grey olha para mim, mas eu o ignoro. Em outros tempos, eu teria usado títulos para obter vantagens, deixando garotas deslumbradas com a promessa de riqueza e poder. Contudo, conforme o tempo passou e meu reino caiu na pobreza e no terror, sinto pouco orgulho de ser quem sou agora.

– Você vive num castelo – diz Harper. – Acho que tem mais aí do que apenas “Rhen”.

– Uma lista de títulos iria impressioná-la? – Acrescento um tom intrigado à minha voz, mas isso exige mais esforço do que antes. – Tenho certeza de que há mais em seu nome do que apenas “Harper”.

Ela me ignora e desvia o olhar, fitando Grey.

– E ele?

– Grey de Vale Wildthorne – digo. – Comandante da Guarda Real.

Grey meneia a cabeça para ela.

– *Milady*.

– Comandante. Significa que deveria ter pessoas para comandar.

– Os olhos dela estão semicerrados e pensativos. Não tenho ideia de onde Grey a encontrou, mas a desconfiança dela é maior do que a de qualquer outra garota que ele já trouxe para cá. – Cadê elas?

Várias fugiram e muitas mais morreram, mas não digo isso.

– Partiram. Estamos sozinhos.

– Não tem mais ninguém aqui?

– Você parece duvidar. Garanto que não encontrará mais ninguém na propriedade.

Aguardo mais perguntas, mas ela parece se retrair ainda mais. Está tão determinada a manter uma distância entre nós que está praticamente andando na beirada estreita do caminho.

– Não se esforce para manter distância – digo a ela. – Você não tem nada a temer de minha parte.

Bem. Ela não tem nada a temer *agora*.

– Ah, é? – O olhar dela é cortante. – Por que não me diz o que ia

fazer com aquela mulher que o comandante Grey *pretendia* sequestrar?

– Eu não a teria ferido.

Ao menos não a princípio, e não de propósito. Grey está bem treinado em mantê-las em segurança quando a transformação me assola e a violência é inevitável.

– Ela não estava consciente. E não estava vindo por vontade própria. – Suas palavras são firmes. – E, só para constar, eu também não.

Preciso desviar o olhar. Antes, o aperto em meu peito teria sido arrogância. Agora é vergonha.

Eu me recordo de uma época quando meu povo temia o dia em que me tornaria seu líder... porque eu era visto como mimado e egoísta e nem metade do homem que meu pai era.

Agora sou mimado e egoísta de outra maneira, e ainda não sirvo para reinar.

Chegamos aos degraus do castelo, e eu ofereço a mão, mas ela me ignora e sobe os degraus sozinha, mancando. Grey caminha à sua frente, alcançando a maçaneta de ouro ornamentada. Quando ele abre a porta, uma música animada vem do Salão Principal.

Harper para subitamente.

– É só música – eu digo. – Admito que já achei maravilhoso também.

Agora odeio tudo isso.

Em geral, as garotas ficam encantadas, até mesmo maravilhadas, porém Harper parece querer dar meia-volta e sair daqui.

Ela deve ter se acalmado, porque entra na sala e espia os instrumentos. Leva os dedos às cordas vibrantes de um violino.

– Deve ser um truque.

– Você pode jogá-los na lareira. Pode estilhaçá-los. Nada faz a música parar. Acredite, eu já tentei.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Você jogou instrumentos musicais... no *fogo da lareira*?

– Sim. – Na verdade, eu pus fogo no castelo inteiro. Mais de uma vez. A música continua a tocar das cinzas e dos destroços.

Foi bem fascinante da primeira vez.

Gesticulo na direção da escadaria antes que ela possa fazer outras perguntas.

– Seu quarto, *milady*?

Grey fica para trás enquanto Harper me segue pela escadaria principal e pelo corredor oeste. Eu sempre as levo ao quarto de Arabella porque os gostos de minha irmã mais velha eram calmos e convidativos: flores, borboletas e rendas. Arabella dormiria metade do dia se seus tutores permitissem, por isso sempre há comida sobre a mesa de canto: biscoitos, geleia e queijo fatiado, um bule de chá e uma jarra de água. Um potinho de manteiga meio derretida estará ao lado dos biscoitos.

Destranco a porta e a abro, depois gesticulo em direção ao fundo do dormitório.

– Atravessando aquela porta, você encontrará um banho quente. Naquela outra, uma sala de vestir. – Observo seu traje esfarrapado e úmido de suor. – Você encontrará roupas, se isso... for do seu agrado.

– E você vai me deixar sozinha?

Ela parece duvidar, mas eu confirmo com a cabeça.

– Se for o seu desejo.

Harper desliza devagar porta adentro, olhando ao redor. Um dedo traça a extensão da mesa lateral, parando só por um momento ao lado da comida... embora ela não pegue nada.

Franzo a testa e fito seus pés, suas pernas agora envoltas em imensas botas de um rapaz de libré. O tornozelo esquerdo parece torto, de modo que seus passos são irregulares.

– Tem certeza de que não posso ajudá-la de nenhuma maneira?

Ela se vira, surpresa.

– O quê?

– Você claramente está ferida.

– Eu não... – Ela hesita. – Eu estou bem.

Não sei dizer se é orgulho, medo ou uma mistura dos dois. Enquanto estou tentando resolver esse enigma, ela diz:

– Você disse que ia me deixar sozinha.

– Como desejar, *milady*. – Meneio a cabeça.

– Espere.

Paro com a mão na porta, surpreso.

– Pois não?

Ela morde o lábio, então analisa todas as peças luxuosas dos aposentos de Arabella.

– Este lugar. A música. É algum tipo de... – Sua voz some e ela parece acanhada. – Deixa pra lá.

– Encantamento? – sugiro, erguendo uma sobrancelha.

Ela puxa o ar quase esperançosa... mas então sua expressão ganha uma carranca sombria.

– Você está zombando. Esquece. Me deixe em paz.

– Como desejar. Voltarei ao meio-dia.

Eu fecho a porta, porém não saio da frente dela. Essa estação está começando muito equivocada. Ela jamais vai confiar em mim.

Vou falhar de novo.

Boto a mão na porta. Ela não se moveu do outro lado.

– Eu não estava zombando, *milady*. – Paro, mas ela não diz nada. – Ironrose não é encantado.

Ela fala logo do outro lado da madeira.

– E é o quê, então?

– Amaldiçoado.

Então, tranco a porta e levo a chave.



Como de costume, desconto minhas frustrações em Grey.

Ou talvez ele desconte as dele em mim. Sou bom com a espada, mas Grey é melhor.

Estamos na arena de treinamento, e o som de aço em contato soa através das vigas. Vejo uma abertura e parto em direção a seu abdome, contudo ele sai do caminho da lâmina, contorcendo-se para desviar e se esquivar. Seus ataques são rápidos e quase letais – o que é bom, pois preciso de algo que exija toda a minha atenção.

A espada de Grey bate na minha, me fazendo dar um passo para trás. Estamos nisso há uma hora, e suor escorre pelo meu cabelo. Eu me recupero o suficiente para contra-atacar, minhas botas deixam marcas perfeitas na poeira da arena. Movimento minha

lâmina com força e velocidade, na esperança de fazê-lo ficar na defensiva.

Funciona a princípio, e ele abre espaço, recuando. Porém, sei bem que não ganhei vantagem. Ele não cedeu; está aguardando uma abertura minha.

Sua paciência é sempre infinita. Invejo isso.

Eu me lembro do dia em que ele foi designado como meu guarda pessoal, embora não tenha certeza do motivo. Eu mal olhava para qualquer um deles. Era apenas outro súdito jurando dar a própria vida por mim. Se algo acontecia a um deles, outro logo assumia seu lugar.

Entretanto, Grey ansiara por provar seu valor. Acho que é isso do que me recordo mais claramente: a ansiedade.

Não demorei a destruir isso, assim como destruí todo o resto. Na arena, Grey simula um ataque. Penso ver uma abertura e dou uma investida forte, a lâmina fazendo um arco amplo. Ele se abaixa e salta para a frente para enfiar o cabo da espada no meu estômago. Em seguida, bate com um ombro.

Eu caio. Minha espada desliza para longe na terra.

– Que bela demonstração, vossa alteza. – Uma voz feminina fala de uma grade na lateral da arena, enfatizada por palmas lentas.

Por um momento bárbaro e insano, penso que Harper deve ter encontrado o caminho até nós.

Mas não é Harper. É Lilith. A última – e *única* – feiticeira em Emberfall. Meu pai as banuiu do reino muito tempo atrás.

Eu era idiota demais para saber que deveria ter feito o mesmo.

Pego minha espada e me levanto enquanto Lilith adentra a arena. Nem mesmo a poeira ousa agarrar-se às saias dela.

Eu me forço a embainhar minha arma em vez de erguer a lâmina e enfiar no peito dela.

Já tentei isso antes. Nunca termina bem.

Faço uma mesura baixa conforme ela se aproxima, tomando sua mão para roçar um beijo nas juntas de seus dedos. Encho minha voz de um charme fingido.

– Bom dia, *lady* Lilith.

A luz matinal a favorece, como sempre.

Ao menos isso é verdade. Pele macia, bochechas rosadas, lábios cor-de-rosa que sempre parecem guardar um segredo. Cabelos da cor da asa de um corvo, cachos perfeitos caindo sobre o ombro. Um vestido de seda esmeralda marca todas as suas curvas, acentuando sua cintura estreita, a suave elevação dos seios. A cor ressalta o verde em seus olhos. Sob a luz do sol que entra pelas janelas acima, ela é primorosa. Ela me fez perder a cabeça no passado, pelos motivos errados.

– Que belos modos – diz ela com um quê de zombaria na voz. – Alguém poderia pensar que você foi criado na realeza.

Sou experiente hoje e não mordo a isca, mas é um desafio cada vez mais difícil.

– Até poderia – concordo. – Talvez algumas lições demorem mais a serem aprendidas do que outras.

Lilith olha para Grey, que está parado atrás de mim, em silêncio.

– O comandante Grey achou mesmo que aquele arremedo de garota seria capaz de quebrar sua maldição?

– Pelo que entendi, ela não foi a primeira escolha dele.

– Ainda assim, você desperdiça uma oportunidade deixando-a definhar sozinha?

– Ela recusou minha companhia. Não posso forçar ninguém a me aceitar.

– Que cavalheiresco.

Ela diz isso como se não me considerasse nem um pouco cavalheiresco.

– Joguei seu jogo por bem mais que trezentas estações. Se eu permitir que uma *definhe*, para usar o seu termo, outra acabará vindo em seu lugar.

Ela franziu o cenho.

– Isso não é *jogar*. É desistir. Está mesmo tão cansado assim da nossa dancinha?

Sim. Estou. Absurdamente cansado.

– Jamais – digo. – Acho uma estação mais agradável que a anterior, *milady*.

Não é fácil enganá-la.

– Há cinco anos, seu reino tem caído na pobreza. Seu povo vive

aterrorizado por causa da criatura feroz que ceifa vidas com uma regularidade horrenda. E ainda assim você arruína uma oportunidade de salvar a todos?

Cinco anos. De algum modo, é mais tempo e menos tempo do que eu imaginava – não que eu tenha algum meio de rastrear os meandros de sua magia. Eu sabia que o tempo havia passado do lado de fora de Ironrose. Eu sabia que meu povo estava sofrendo. Eu não tinha percebido até que ponto.

A fúria aviva minhas palavras contra a minha vontade.

– Não vou levar a culpa toda por lançar pobreza e terror sobre meu povo.

– Pois deveria, meu príncipe. É preciso se perguntar quantas oportunidades o destino vai lhe oferecer. – Ela olha para Grey. – Está cansado do seu presente, comandante? Talvez a habilidade de cruzar até o outro lado no início de cada estação não seja valorizada por você.

Congelo. As palavras dela sempre carregam um elemento de ameaça. Antes, eu era tolo demais para notar isso, mas agora consigo ler perfeitamente nas entrelinhas.

– Nunca me canso da oportunidade de servir ao príncipe, *milady*.

– A voz dele não demonstra emoção. Grey tem grande prática em jamais responder além da pergunta que foi feita, em jamais oferecer uma chance de começar uma confusão.

Ele provavelmente aprendeu isso servindo a mim.

– O comandante Grey é grato pela sua generosidade – digo, tentando apelar à vaidade dela. Se ela remover a faixa dele, Grey não conseguirá atravessar. E minha chance de romper a maldição será ainda mais ínfima do que é agora. – Eu o ouvi comentar muitas vezes sobre sua magnanimidade e graça.

– Você é um mentiroso encantador, Rhen.

Ela estende a mão para dar um tapinha na minha bochecha.

Estremeço... e Lilith sorri. Ela vive para este momento, o espaço entre medo e ação. Quase prendo a respiração, pronto para a minha pele se separar e o sangue derramar.

Os olhos dela desviam e olham além de mim, no entanto, e ela franze o cenho, virando-se para fitar Grey.

– O que aconteceu com o seu pescoço?

Lilith levanta uma mão, mas hesita com os dedos a um centímetro da garganta dele.

Ele fica absolutamente parado.

– Um mal-entendido infeliz.

– Um mal-entendido? – Ela passa um dedo ao longo do arranhão mais alto e, à medida que o dedo se move, o corte fica vermelho brilhante. Uma gota de sangue escorre pelo pescoço dele. – Foi aquela garota quem fez isto?

Ele não se move, não há nem mesmo uma contração muscular em seu maxilar.

– Sim, *milady*.

Fico congelado, querendo impedi-la, sabendo que isso provavelmente pioraria a situação dele.

Ela desliza para mais perto.

– Se ela fez o grandioso comandante Grey sangrar, acredito que eu goste um pouco mais dela.

Então, ela traça outra linha, seu dedo brilhando vermelho desta vez. Mais sangue escorre.

Grey ainda não se move, mas não está respirando. Seus olhos estão firmes.

Contraio a mandíbula. Já pensei que a destruição monstruosa era a pior parte da maldição, mas faz tempo que aprendi que não. É isto, a humilhação e o castigo sem fim. A falta de poder para tomar de volta o que é meu. Ser forçado a assistir nossa dignidade ser arrancada.

Ela passa o dedo pelo pescoço dele uma terceira vez, com uma expressão intrigada.

Grey se encolhe e solta o ar. Sinto cheiro de carne queimada. Lilith sorri.

Dou um passo adiante e seguro o pulso dela.

– Pare com isso.

Ela ergue as sobrancelhas e parece satisfeita.

– Príncipe Rhen! Quanta coragem. Alguém poderia pensar que você tem alguma *preocupação* com seus súditos.

– Você me deixou com apenas um homem para comandar, e não

permitirei que ele seja ferido. Se precisa brincar, brinque comigo.

– Que assim seja.

Ela faz um movimento com a mão livre na frente do meu abdome.

Não sinto suas unhas. Não sinto nada.

Então sinto a dor, como se ela tivesse me cortado com fogo. Pontos tomam minha visão e meus joelhos atingem o chão de terra. Estou vagamente ciente de Grey tentando me pegar. Levo uma das mãos ao estômago, porém a lesão é provocada por magia e nada que eu faça poderá impedi-la. O fogo queima pelas minhas veias agora. As vigas giram no alto.

Desejo que a escuridão me subjugu. Desejo o esquecimento. Desejo *morrer*.

Eu me ajoelho, mal me sustento com Grey segurando meu ombro, lava derretida tomando minhas veias.

Pegue sua espada, comandante, quero dizer a ele. *Acabe com isto*.

Não daria certo. Eu acordaria de novo naquela sala amaldiçoada, esperando Grey retornar com uma garota nova.

Lilith fala de um ponto acima.

– Está mesmo tão cansado, meu príncipe querido? Deseja que eu acabe com seu tormento?

– Sim, *milady*.

Minha voz é apenas um sussurro. As palavras são um apelo. Uma oração. Ainda que o fim do tormento signifique meu próprio fim, significaria um fim para o sofrimento que o meu povo tem vivido. Significaria liberdade para Grey.

– Eu *sou* generosa, príncipe Rhen. Terei piedade de você. Essa será sua última estação. Seus dias marcharão em conjunto com o restante de Emberfall. Quando essa estação expirar, Ironrose retornará ao seu estado anterior.

O alívio começa a tomar meu peito, uma pequena gota de conforto em meio à dor implacável. Enfim, minha última estação. Vou suportar esses três meses e ser livre. Quero me libertar do apoio de Grey para poder beijar os pés dela e derramar lágrimas de gratidão.

– O que vai acontecer – pergunta Lilith, então – quando você

fracassar com esta garota e for condenado a viver por toda a eternidade como um monstro?

A pergunta quase faz meu coração parar.

– Eu não deixei somente um homem para comandar – diz ela, e sua voz se transformou no som de milhares de facas raspando-se umas nas outras. – Não mergulhei Emberfall em pobreza e terror. Não serei eu quem vai destruir todo o seu povo.

Um som sai engasgado da minha garganta. Quero chorar por uma razão totalmente nova. A dor ardente atingiu minha cabeça e meus olhos começaram a nublar-se com estrelas.

– Você é responsável – completa ela, sua voz terrível sumindo. – Você, Rhen. Você, e somente você, vai destruir a todos.

CAPÍTULO SEIS



HARPER

Estou tentando criar um plano de fuga.

Não está dando certo.

Esse quarto é deslumbrante e opulento como o restante do castelo, mas é como se fosse uma cela de aço. Não há nada aqui que eu possa usar para destrancar uma fechadura... como se eu tivesse alguma ideia de como fazer isso. Ainda assim, tenho certeza de que “encontrar coisas pontiagudas de metal” seria o primeiro passo, e já falhei. Não há grampos de cabelo na penteadeira, porém, se eu quiser montar um visual novo, há muitos cosméticos, fitas e frascos cheios de loções perfumadas.

Talvez depois.

A cama com dossel é imensa, coberta por camadas de cobertores pesados e lençóis de cetim. Tudo é rosa e branco, com florezinhas costuradas em todos os lugares, pequenas joias formando pétalas ao longo da borda da colcha. Já procurei pela extensão dos rodapés, mas não tem nenhuma tomada elétrica escondida em lugar nenhum. A luz brilha através das janelas, e arandelas de lâmpadas a óleo também cobrem as paredes. No banheiro tem água corrente – graças a Deus – com uma polia. Uma banheira cheia e fumegante parece ter sido preparada há pouco, embora o vapor esteja subindo há mais de uma hora, então ou faz parte desta “maldição” ou existe um aquecedor em algum lugar.

Para outra garota, a melhor parte desse quarto seria o guarda-roupa. É tão grande que poderia até ser um cômodo próprio, com centenas de vestidos pendurados de fora a fora. Seda, tafetá e renda brigam por espaço, tecidos de todas as cores do arco-íris. No

fundo do armário, embaixo de uma janelinha, há uma penteadeira com cinco gavetas. Esperava encontrar ali grampos de cabelo ou mesmo uma cópia de chaves, mas não.

Encontro um monte de joias.

Diamantes, safiras e esmeraldas brilham sob a luz do sol, cada peça aninhada em uma almofadinha de cetim que me faz lembrar uma joalheria de luxo. Brincos. Pulseiras. Colares. Anéis. De todos os estilos, desde grandes e espalhafatosos até simples e delicados. Essas coisas parecem verdadeiras... e caras.

Penso em minha mãe penhorando o anel de noivado para salvar a pele de meu pai, e uma raiva cresce e preenche meu peito.

Rhen não tem nada a ver com a doença dela, com as más escolhas de meu pai, com os “parceiros de negócios”, mas, mesmo assim, esse quarto é um soco na cara.

Preciso engolir a raiva antes que ela roube minha habilidade de pensar.

Siga em frente, Harper.

Na segunda gaveta, acho três aros, um mais enfeitado com joias do que os outros. Tiaras. Mas é claro.

Suspiro e abro a terceira. Roupas, embora estas sejam mais práticas do que os muitos vestidos pendurados nos cabines. Calças de equitação de camurça xadrez, pesados suéteres de malha, camisetas finas e leves.

Reflito sobre meus jeans surrados e meu moletom detonado. Se quero sair daqui a cavalo, vou precisar de roupas melhores.

Puxo um par de calças de montaria da gaveta, depois uma camiseta e um suéter verde-escuro fino. O suéter tem prendedores de couro nas laterais e nas extremidades das mangas, e eu os aperto.

A quarta gaveta tem meias de lã compridas e grossas. Calço-as, amarro as botas emprestadas e volto a prender o punhal ao redor da minha cintura.

O punhal. É outra peça do quebra-cabeça que não se encaixa. Se eles pretendiam me ferir, por que me deixaram ficar com o punhal?

Se eles *não* pretendem me ferir, por que me trancaram neste quarto?

Não entendo. Seja como for, preciso dar o fora daqui. Mas a única maneira de realmente fazer isso é pela janela. Há uma vista deslumbrante da estrebria e do bosque iluminado pelo sol – e uma visão clara do piso, dois andares abaixo. A menos que eu queira amarrar vestidos para fazer uma corda, só para fingir que meu corpo aguentaria lidar com uma coisa dessas, não vou a lugar nenhum.

Passei a manhã toda evitando a comida, mas o cheiro de biscoitos quentes e mel encheu o quarto. Não como desde a noite passada, porém o medo de a comida estar com drogas me impede. Eu me deito na cama, com bota e tudo, para pensar.

Só consigo pensar em comida.

Depois de um tempo, experimento uma bocada.

O biscoito se desmancha na minha boca. O mel é quente e suave na minha língua. O queijo derrete. É literalmente a melhor comida que já provei.

Nada acontece, por isso como até ficar satisfeita.

Meu pânico anterior desapareceu, deixando uma determinação fria em seu lugar. Assim que eu conseguir sair deste quarto, posso fugir desses homens.

Tiro o telefone de Jake do meu bolso. Já conferi o sinal dezenas de vezes, e o resultado é o mesmo: nada funciona.

Vejo na tela que é quase meio-dia. Rhen disse que retornaria agora.

Meus músculos estão tensos e rígidos, então eu não poderei correr rápido, mas talvez consiga pegá-lo de surpresa. Arrasto uma cadeira para perto da porta e me largo nela.

Essa solidão não me deixa alternativa a não ser me preocupar. Se Jake terminou o serviço em segurança, a essa altura sem dúvida vai ter percebido que tem algo errado.

Se ele *não* terminou em segurança...

– Oh, Jake – sussurro para a tela. – Queria te ver.

O telefone responde não fazendo absolutamente nada.

Tem *um* jeito de vê-lo, eu acho. Clico no aplicativo de fotos. Ele não é um cara de postar muitas selfies – nem sei se ele tem uma conta nas redes sociais –, mas tira fotos junto com a minha mãe quando ela pede.

Eu quero que você se lembre de mim, ela sempre diz. Não tem como recusar isso.

Como era óbvio, a imagem mais recente é de Jake e de nossa mãe. Ela não sai mais da cama, então ele está deitado ao lado dela, dando-lhe um beijo boboca na bochecha. Seu cabelo encaracolado escuro está comprido, caindo sobre seus olhos, e ela está com uma mão frágil no queixo dele. Os olhos dela estão virados para a câmera, seus cabelos escuros e finos no travesseiro.

Gostaria de saber. Gostaria de saber se eles estão bem. Engulo em seco para fazer descer o nó da minha garganta, e rapidamente deslizo para a próxima imagem. Outra foto com minha mãe. E outra. Então uma foto de minha mãe comigo, abraçando-a, aconchegada em seu ombro. Estamos vendo televisão, um brilho rosado espalhado em nosso rosto. Nem sequer me lembro de Jake ter tirado esta foto.

Deslizo. Jake e eu fazendo careta para a câmera. Eu estava tentando animá-lo depois de um trabalho.

Deslizo. Jake mostrando o dedo do meio para a câmera. Muito educado, irmãozão.

Deslizo. Jake aconchegando o rosto no pescoço de outro cara, seus olhos fechados, seus lábios um pouquinho abertos, o bastante para eu saber que é mais do que um beijinho entre amigos.

Meus dedos congelam na tela. O outro cara tem a pele negra e o cabelo aparado bem curto. Seu sorriso para a câmera é descomprometido. Alegre. Ele tem olhos gentis. Pelo ângulo da imagem, dá para saber que foi ele quem tirou a selfie.

Eu nunca o vi.

Devagar, deslizo a tela para a foto seguinte.

Eles estão juntos de novo, com as mesmas roupas. Jake está com um boné virado para trás, um braço ao redor do pescoço do cara.

Ele parece feliz. Não consigo me lembrar da última vez que vi meu irmão com cara de feliz.

Clico na foto para ver a data em que foi tirada.

Semana passada. Jake não me contou sobre ninguém, então talvez tenha sido um caso de apenas uma noite. Não posso criticar

meu irmão por ter um pouco de emoção. Ele provavelmente precisa aliviar o estresse.

Mas é estranho que ele não tenha comentado nada.

Deslizo. Outra foto dos dois, em outro dia. Meu irmão está dando risada, cobrindo os olhos. O outro cara está sorrindo.

Continuo deslizando. Mais fotos. Várias delas.

Elas seguem por *meses*.

Meu coração está batendo forte agora. Jake nunca contou que estava se relacionando com alguém. Nem uma vez. Nunquinha.

Não sei o que isso significa. Não sei nem se isso importa. Ainda estou presa nesse quarto. Jake pode estar ferido. Jake pode estar...

Minha respiração está ofegante. Não posso pensar desse jeito. Preciso me distrair.

Com a respiração trêmula, clico nas mensagens de texto do meu irmão. Nunca bisbilhotei as coisas dele, mas não tenho nada mais para fazer.

Quatro conversas aparecem na tela.

Lawrence, o “chefe” de Jake. Faço uma careta.

Minha mãe.

Eu.

Noah.

Noah. Eu não deveria clicar.

Eu clico.

A última troca de mensagens aconteceu uma hora antes do serviço.

NOAH: Meu turno acaba às sete. Você tá bem?

JAKE: Tô. Já vou ter terminado até lá.

NOAH: Por favor, me conta o que você tá fazendo.

JAKE: Vou contar. Logo mais.

NOAH: Por favor, toma cuidado. Promete?

JAKE: Prometo.

NOAH: Te amo.

JAKE: Também te amo.

Te amo. Ele ama alguém? Meu irmão está apaixonado?

Eu queria saber. Queria saber mais. Queria saber o que isso

significa. Nós sempre contamos tudo um ao outro. Ou, pelo menos, eu contei. Amigos se tornaram uma impossibilidade desde que nosso pai nos deixou enrolados com Lawrence, e agora nossa mãe passa a maior parte da vida dormindo. Faz tempo que somos apenas Jake e eu.

Alguém enfia uma chave na fechadura.

Minha respiração se acelera. Ele voltou.

A fechadura é destrancada. A porta se abre.

Pego meu punhal e me lanço para a frente. Não tenho um plano que envolva mais do que *esfaquear e fugir*, porém não chego tão longe. Uma mão bate no meu braço para afastá-lo, um pé puxa meu tornozelo e, sem equilíbrio, caio no piso duro de madeira. O punhal bate no chão de um lado. O telefone de Jake desliza de outro.

Não estou olhando para Rhen. Estou olhando para Grey.

Rolo para alcançar o punhal e o seguro na minha frente, mas ele não está vindo atrás de mim agora. Ele não saiu da porta. As batidas rápidas do meu coração ecoam em meus ouvidos, porém ele nem sequer respira mais rápido.

– Me ameace outra vez com uma arma – diz ele – e tenho certeza de que você não ficará satisfeita com o resultado.

Aperto mais forte o cabo do punhal.

– Eu me dei bem com a barra de ferro.

– Ah, é. A barra. – Ele gesticula ao redor do quarto. – Diga uma coisa: está satisfeita com o resultado *disso*?

– O que você quer? Onde está Rhen?

– Ele está indisposto.

Grey olha rápido para a esquerda, passa por mim, depois para o telefone de Jake, a dois metros dele.

Meu coração para. É minha única conexão com Jake e minha mãe. Ou quase.

Eu me lanço na direção do aparelho, porém Grey está mais perto – e, realmente, não dá para competir. Ele já está franzindo o cenho para a tela antes de eu chegar na metade do caminho.

Eu me levanto na frente dele, o punhal apontado em sua direção.

– Me devolva isso. Agora.

Minha voz está repleta de fúria e medo... mais do que estou

preparada. Os olhos dele se erguem até os meus. Perto assim, dá para ver que os vergões que eu provoquei no pescoço dele ficaram de um vermelho intenso, pior do que estavam antes. Que bom. Espero que estejam infeccionados.

Ele olha para a lâmina entre nós, e suas sobrancelhas se erguem um pouco.

– Você lutaria contra mim por isto?

O tom de Grey é gélido como aço. Rhen parece gostar muito de cavalheirismo e contemplação ponderada. Esse homem não. Esse é um homem de violência.

Aperto ainda mais o cabo do punhal.

– Sim. Vou lutar.

Do nada, ele estica a mão e agarra meu pulso.

Engasgo com minha respiração e tento me afastar.

Seu aperto é forte.

– Já sei que não posso subestimar você.

Estou lutando como um peixe preso em uma linha de pesca, mas ele está impassível. Minha respiração ecoa nos meus ouvidos. Sou muito *idiota*. Giro, erguendo um joelho de novo para enfiá-lo diretamente em sua virilha.

Ele atrapalha meu movimento, me impedindo de ganhar espaço para fazer algo, depois levanta meu braço para me manter parada no lugar. Bem quando tenho certeza de que ele vai me dar um tapa na cara ou cortar minha cabeça fora, ele diz:

– Aqui. Não tem necessidade de nada disso. Pegue.

Sua voz está calma, completamente diferente da tensão em que nos encontramos. Minha pulsação ecoa na minha cabeça e levo um segundo para perceber que ele está me devolvendo o telefone.

Pego-o com minha mão livre e o guardo no bolso. Que alívio!

E que dor estou sentido por ele estar prendendo meu braço para cima.

Ele o abaixa devagar, mas mantém o aperto.

– Esses aparelhos não funcionam aqui.

– Não ligo. Me solte.

Ele não solta. Mas começa a tirar meus dedos do punhal.

– Pare. – Tento agarrar o pulso dele, lutar para fazê-lo se afastar.

– Você não pode pegá-lo.

– Não vou pegar. – Ele liberta o punhal, gira-o na mão e o devolve à minha palma, com a ponta virada para baixo. – Assim.

Eu o encaro.

– O quê? – pergunto confusa.

– Continue segurando um punhal como se fosse uma espada e é provável que você perca a mão.

– Eu... *o quê?*

Grey fala como se estivéssemos no meio de uma conversa casual, e não como se eu fosse um peso morto que ele estivesse segurando.

– Você é rápida para lutar. Pensei que um pouco de técnica pudesse ser útil.

Ele não vai me matar. Meu coração começa a se acalmar.

Ele gira meu pulso e posiciona o cabo contra o centro do meu peito, e a ponta virada para o peito dele.

– Viu só? Agora você tem uma defesa quando um oponente te agarrar. Se tivesse sorte, poderia me acertar com sua lâmina.

Minha boca está se articulando, mas nenhum som sai dela. Não sei se estou impressionada ou com raiva.

– Posso fazer isso agora?

Ele sorri, e seus olhos brilham porque ele está mesmo se divertindo.

– Talvez numa próxima.

Depois ele dá um passo para trás e me solta. Estou sem ar e presa entre o terror e a empolgação. É um milagre eu não ter deixado o punhal cair.

Grey meneia a cabeça na direção da janela, por onde a luz do sol do meio-dia entra no quarto.

– O jantar será serviço quando estiver escuro. Sua alteza real falará com você então.

Eu me obrigo a assentir. A engolir. A falar.

– Certo. Claro.

Ele se vai, e a porta é trancada de novo.

CAPÍTULO SETE



RHEN

Acordo com a barriga ardendo. Meu corpo parece ter sido partido ao meio.

Passo a mão pelo meu abdome. Não há curativos, não há tensão ardente. Lilith não cortou a pele. Às vezes isso é pior – quando a dor é pura magia. Magia leva mais tempo para curar.

Um fogo crepitante lança sombras na parede. A música vem do Salão Principal, uma melodia de flauta mais lenta que indica faltar uma hora para o jantar. Estou no meu quarto, e uma brisa de outono sopra da janela até o meu rosto.

Também estou sozinho.

Eu me esforço para me endireitar, mas a dor ricocheteia pelo meu corpo. Solto o ar entre os dentes com um assobio e me lembro da advertência de Lilith. Ela disse que essa seria a última estação, o que deveria ser um alívio, mas que ela transformou em uma tortura ainda mais pesada.

Passo o braço à frente da barriga e consigo me sentar.

– Grey. – Pelo som da minha voz, parece que comi as cinzas da lareira.

Ele aparece na soleira da porta.

– Pois não, senhor?

Passo uma mão no rosto.

– O que aconteceu?

Ele se aproxima de uma mesa lateral e tira a rolha de uma garrafa. Um líquido vermelho brilha à luz enquanto ele serve.

– Lilith apareceu na arena.

– Eu me lembro disso.

Vou um pouco para a frente. A dor está diminuindo um pouco com a minha movimentação. As marcas na garganta dele escureceram e cicatrizaram.

– Ela feriu você depois que caí?

– Não.

Ele estende o copo e eu o pego. O primeiro gole queima minha garganta, depois meu estômago, contudo recebo de bom grado essa dor porque ela vai entorpecer a outra.

Grey não serve uma dose para si. Ele nunca faz isso. No passado, era proibido entre os membros da Guarda Real, mas não há mais ninguém aqui que se importe com isso.

Ainda assim, ele recusaria se eu oferecesse. Já passamos por isso antes.

– Você deu uma olhada na garota?

Ele assente.

– Sim.

Quando passei a tranca pela manhã, pensei que ela fosse bater na porta com raiva. Mas fez um silêncio que parecia carregado de uma resignação furiosa.

– E ela chegou a falar com você?

– Ela me ameaçou com um punhal e parecia disposta a lutar por um daqueles aparelhos que todas elas têm.

Suspiro. É claro.

– Mais alguma coisa?

– Ela é interessante.

Meu olhar se ergue, estou surpreso. Essa não é uma palavra que já ouvi Grey usar para descrever uma das garotas.

– Interessante?

– Ela é impulsiva, mas acredito que lutaria até a morte se ficasse acuada. Se houvesse algo que ela desejasse.

Isso é interessante.

Considerando que Harper só quer voltar para casa, isso também é desanimador.

Ela está com medo de mim *agora*. Que virada de jogo. Espere só até ela vir o monstro.

Esses pensamentos não são produtivos. Tomo todo o líquido do

copo. Grey se move para enchê-lo de novo, mas faço um gesto em recusa. Preciso sair.

Ele dá um passo para trás e fica encostado na parede, com a mão direita segurando o pulso esquerdo. Tem algo de diferente nele, e levo um momento para identificar o que é. Ele está totalmente armado, desde seu longo punhal até as facas de lançar e as braçadeiras de aço que cobrem seu antebraço.

Há séculos Grey não se arma por completo. É tão raro deixarmos os terrenos do castelo, e sem dúvida não há ninguém aqui que seja uma ameaça. Sorrio enquanto me sirvo de bebida.

– Essa garota o deixou assustado, comandante?

– Não, meu senhor.

Sua voz está calma, nada afetada. Ele nunca cai nas minhas provocações.

Assim como sua recusa em beber, isso faz parte do comprometimento inabalável de Grey para com o seu dever. É algo que invejo, mas que também detesto. Ele não é um amigo nem um confidente. Talvez ele pudesse ter se tornado isso, um dia, se a maldição tivesse começado de uma maneira diferente. Se eu não tivesse fracassado com minhas próprias obrigações – e se ele não tivesse fracassado com as dele.

Viro o segundo copo. Eu poderia *ordenar* que ele bebesse. Assim ele obedeceria.

Mas que graça tem um companheiro de bebedeira se você precisa ordenar que ele beba?

Grey também era assim no começo, antes que a maldição nos prendesse juntos neste inferno. Na época, ele sentia que tinha algo a provar. Teria carregado carvões em brasa com os dentes se eu ordenasse que assim fizesse. Ele tem sorte por eu não ter tido essa ideia naquela época, senão talvez tivesse ordenado.

Pensar nisso me faz estremecer. Não gosto de pensar no *antes*, porque memórias demais tumultuam minha mente, até que o peso da perda e da tristeza faz com que eu queira me jogar das muralhas. Mas Grey está emaranhado em muitas delas.

Grey, pegue água fresca para mim.

Não, eu disse água fresca. Traga da cachoeira, se precisar.

Grey, minha comida está fria. Busque outra na cozinha para mim.

Grey, minha comida está muito quente. Diga ao cozinheiro que farei você me trazer as mãos dele se ele não melhorar. Faça com que ele acredite nisso.

Grey, o duque de Aronson disse que os soldados dele conseguem passar um dia inteiro sem comida nem água e mesmo assim vencer uma luta de espadas ao pôr do sol. Você consegue fazer isso? Prove.

Grey conseguiria fazer isso. Ele fez isso. Eu o vi quase morrer tentando.

Sirvo um terceiro copo e dou um gole.

– Grey, tenho ordens para você.

– Sim, meu senhor.

– Quando eu começar a me transformar, quero que você me mate enquanto ainda pode.

Eu já lhe dei essa ordem antes. Às vezes funciona. Às vezes não. Desta vez é diferente.

Eu o observei o bastante para saber que ele está pensando no que eu disse.

– Se lady Lilith declarou que essa é a nossa última chance, matar você significaria uma morte verdadeira, e não um recomeço.

– Eu sei.

– Jurei que iria protegê-lo – diz ele. – Você não pode ordenar que eu quebre o juramento.

– Posso – disparo, então me retraio quando meu corpo dói por causa do movimento. – E vou.

– Você deixaria seu povo sem ninguém para governá-lo.

Quero jogar o copo no chão.

– Não há ninguém para governar *agora*, Grey. Se essa é a nossa última estação, não vou arriscar destruir mais gente. Eu me recuso.

Ele não diz nada.

– Você vai fazer isso – insisto.

– Posso conduzir o monstro pela floresta. Posso mantê-lo longe das pessoas. Tivemos sucesso durante muitas estações.

Ele. O monstro. Como se nós dois não soubéssemos em que eu me transformo. Do que eu sou capaz.

– Que diabo, Grey. Está preparado para me manter afastado das pessoas *para sempre*? – Faço um gesto na direção da janela, para a estrebaria ao longe iluminada pelo sol. – Está preparado para participar de uma caçada *toda noite* pelo resto de sua vida?

Ele não diz nada.

– Está preparado para morrer, Grey? – exijo saber. – Porque é só isso que existe no fim desse caminho. Tenho certeza. Essa nunca foi uma maldição passível de ser quebrada. É uma sentença de morte. A verdadeira maldição foi a ideia de que talvez pudéssemos achar uma saída.

Os olhos dele brilham, aparentemente desafiadores.

– Talvez ainda escapemos.

– Se eu não tiver obtido sucesso quando os sinais da transformação começarem a aparecer, você vai fazer isso, Grey. Pode acontecer rápido, por isso estou lhe dando essa ordem agora. Eu o libero do seu juramento.

– Então você está limitando sua última estação a quê? Seis semanas? Oito?

– Se eu não tiver quebrado a maldição até lá, não há chance de acontecer depois que eu estiver nas mãos da criatura.

Sua voz agora estava fria, irritada.

– E depois que estiver feito? Você tem ordens para depois?

– Encontrar uma vida nova. Esquecer Emberfall.

– Uma tarefa fácil, sem dúvida.

– Grey! – Bato o copo na mesa de cabeceira com tanta força que a base lasca e o vidro tilinta no chão de mármore. – Essa é a minha última chance. Não posso oferecer nada aqui a você. Mal me restou um reino para governar. Não me restou uma vida para viver. *Nada*. Posso lhe oferecer medo, dor e morte, ou posso lhe oferecer sua liberdade. Compreende?

– Compreendo. – Grey não se abalou com minha explosão. – Mas você não me deve nada. Você é tudo o que importa aqui. Só você pode quebrar essa maldição. Precisa encontrar uma mulher para amá-lo. *Você*, não eu. Se lady Lilith quiser me ferir de novo, eu pediria a você que deixasse.

– Eu não vou deixar que ela cause mais danos, Grey.

– E de novo ela descobre seu ponto fraco.

Desvio o olhar. Antes, eu o teria punido por ousar revelar minha vulnerabilidade.

Agora não sinto nada além de vergonha.

A escuridão começou a tomar o céu. Encontro os olhos dele.

– Você vai obedecer, comandante.

– Sim, meu senhor.

Ele não hesita. Ele disse o que queria dizer.

Suspiro. Estou muito cansado disso tudo.

Uma última estação.

Jogo o vidro lascado na lareira. Ele se desfaz em mil estilhaços, que brilham e se apagam.

– Vou me trocar para o jantar. Vamos jogar esse jogo uma última vez.

CAPÍTULO OITO



HARPER

Estou saindo pela janela.

Também estou tentando não pensar demais nisso, porque, se pensar, vou entrar em pânico e mudar de ideia.

Do lado de fora do castelo, as treliças de madeira ao longo do muro traseiro não pareciam tão altas – mas daqui, só consigo ver, no futuro, meu corpo inteiro engessado. Ou um caixão.

Flores e hera escalam as estruturas de treliça, dispostas em intervalos regulares entre as janelas. A maioria delas é muito espaçada para que isso tenha relevância – não tenho três metros de altura. Mas as janelas do banheiro e do guarda-roupa estão bem próximas, e a treliça fica quase perto o suficiente para eu alcançá-la.

Eu me desloco pelo parapeito da janela e não olho para o chão. Essa é a coisa mais imprudente que já fiz na vida.

Espere. Não. A coisa mais imprudente que já fiz na vida foi atacar um cara na rua com uma chave de roda. Então acho que isso aqui é tranquilo.

Encontrei uma bolsa de couro no armário e enfiei nela mais uma blusa e tudo o que havia na bandeja de comida, mas nada disso será útil se eu não conseguir sair desse quarto.

E, se eu não sair desse quarto, vai ficar ridiculamente óbvio que estava planejando fazer isso, e eles talvez me tranquem em outro lugar na próxima vez – em algum lugar de onde eu não vou ter a oportunidade de escapar.

Minha respiração ficou curta e ruidosa. A treliça está a quinze centímetros do meu alcance. Eu consigo pular quinze centímetros.

Meu coração bate forte e diz que eu não consigo pular quinze

centímetros. Ele diz que despencar nove metros vai doer. Diz que sou uma idiota por sequer pensar nisso.

Se Jake pudesse me ver, ele, sempre tão amoroso, estaria surtando.

Mas então penso na mamãe morrendo sozinha em seu quarto.

Do nada, meus olhos se enchem d'água. O dia foi longo demais. Minhas oportunidades continuam escorrendo pelas minhas mãos.

Certo, preciso me recompor. Passo a manga da blusa pelo rosto. Esses quinze centímetros talvez sejam o único obstáculo que eu precise saltar para ver meu irmão e minha mãe, e estou sentada aqui *chorando*? Deve anoitecer em cerca de quinze minutos, então preciso me apressar.

Confiro a fivela da minha bolsa, controlo meus nervos e salto.

Minhas mãos agarram madeira e trepadeiras emaranhadas. A bolsa sacode descontrolada no meu ombro e meu pé direito se esforça para encontrar um ponto onde se apoiar.

Achei! O alívio toma meu corpo, delicioso e puro. Pressiono o rosto contra a hera e quase começo a chorar. *Obrigada.*

A madeira na qual estou pisando estala.

Eu caio.

E me debato.

E grito.

Mas meu pé acha um apoio. Uma borda decorativa de pedra que se projeta três centímetros da parede do castelo. Consegui parar três metros abaixo da janela, agarrando-me à treliça. Meus dedos ardem como se os tivesse queimado, e meus joelhos bateram na pedra exposta, porém a dor significa que estou viva.

Estrelas giram acima da minha cabeça e, por um momento aterrorizante, acho que vou desmaiar.

Não. Eu não posso desmaiar. Eu, tipo, NÃO TENHO TEMPO, então meu corpo PRECISA FUNCIONAR.

A madeira estala. A treliça cede de novo.

Continuo tentando me segurar, lutando em busca de um apoio, mas meus músculos não respondem depressa. A madeira segue quebrando. Juntas raladas. Bíceps queimando. A madeira está se lascando por toda parte. A hera arranha minhas bochechas. Eu vou

cair no chão e morrer.

Não. Eu caio no chão e *dói*. Não consigo respirar.

Ah, que ideia péssima foi essa.

Fico deitada na grama por muito tempo, analisando o que seria pior: morrer ou aqueles caras me encontrarem assim.

Depois de um tempo, o ar volta a fluir pelos meus pulmões, trazendo clareza. Estou ferida, mas nada parece quebrado. A treliza foi amortecendo minha queda. É como cair de um cavalo, e eu já fiz isso uma vez hoje.

Enfim consigo rolar para ficar de barriga para baixo e depois de quatro. Está quase escuro. O tempo não está a meu favor. Preciso chegar à estrebaria antes que descubram que eu fugi.

Encontro o caminho. Will relincha para mim quando eu estendo a mão.

– Ei, parceiro – sussurro, e me sinto melhor assim que sua respiração quente faz cócegas na minha mão. – Está com vontade de dar outra volta?

Enquanto eu o selo na penumbra da sua baia, noto algo que não tinha visto antes: um grande mapa que se estende pela parede oposta, ocupando-a quase por completo, desde o chão até o teto. *Emberfall* está escrito em grandes letras cursivas no topo. Penduro o freio no ombro e sigo pelo corredor. Corro os dedos pela superfície do mapa, com manchas de tinta seca onde destacam-se cidades. *Vale Wildthorne*. *Forja Hutchins*. *Planícies Blackrock*. No centro do mapa, perto de *Porto Silvermoon*, há um castelo pintado, cheio de detalhes.

O mapa não parece ser dos Estados Unidos, com certeza. Atrás de mim, Will bate um casco no chão. Ele tem razão. Precisamos ir.

Consigo achar o bosque com facilidade, principalmente porque o cavalo parece conhecer o caminho. A escuridão encobre a trilha, mas uma brisa fresca sopra entre as árvores. Continuo lançando olhares cautelosos para o castelo, mas não vi nenhum movimento nem ouvi gritos atrás de mim. Uma explosão de adrenalina toma meu peito, e preciso reunir todas as forças para manter o cavalo em um ritmo calmo. Conseguimos. *Fugimos*.

Do nada, começa a nevar.

Suspiro e puxo as rédeas, fazendo Will parar. Flocos de neve flutuam ao nosso redor enquanto minha respiração sopra formando uma nuvem de vapor. Meu cérebro não quer processar essa mudança, mas não posso negar o repentino frio gelado nas bochechas nem os flocos de neve acumulados na crina do cavalo. A neve reveste as árvores ao nosso redor, e a trilha à frente está coberta por cristais brancos brilhando ao luar.

Olho para trás, e a trilha pela qual acabamos de passar está coberta de neve. Flocos grandes se infiltram por entre as árvores.

Não é possível.

Viro Will e o faço voltar na direção do castelo. Imediatamente a neve some. O calor alivia o frio de meu rosto. Os flocos se transformam em gotas de água na crina de Will.

O castelo parece grande ao longe, com suas janelas iluminadas pelo fogo piscando para mim entre as árvores.

Amaldiçoado.

Minha respiração fica rápida e superficial. Os instrumentos musicais poderiam ser um truque completo, porém não conheço nenhuma maneira de fazer o clima mudar de repente como aconteceu agora. Nem mesmo uma máquina de neve faria a temperatura do ar cair vinte graus.

Will balança a cabeça, lutando contra as rédeas, implorando para que eu tome uma decisão.

Amaldiçoados ou não, aqueles homens me sequestraram. De volta à neve, portanto.

A mudança rouba meu fôlego de novo, principalmente assim que percebo que não estou vestida para a ocasião. O vento atravessa o tecido fino da blusa, me fazendo estremecer. Depois de Will percorrer por um minuto os montes de neve, seguro as rédeas com uma mão e procuro a blusa mais grossa dentro da bolsa. Meus dedos tremem de frio.

A quantidade de árvores diminui e surgem campos abertos. A lua está enorme e branca, transformando as fortes e ininterruptas brisas repletas de flocos num invernal reino encantado. A neve se estende por quilômetros, sem nenhum sinal de luz artificial em qualquer direção. Nenhum sinal de civilização.

A neve está mais compactada aqui, indicando que pessoas já passaram por este caminho em algum momento. Tento fazer Will trotar, mas meu corpo já está meio congelado e a marcha me tira da sela. Eu o mantenho em um galope tranquilo.

O frio começa a fazer meus músculos enrijecerem. Conforme seguimos no galope, ainda não vejo sinais de... ninguém. Consegui fugir de dois homens armados e de um castelo amaldiçoado, para acabar morrendo de frio.

No instante em que começo a considerar dar meia-volta, um brilho laranja aparece ao longe. Sinto o cheiro de fumaça.

No mínimo é um sinal de vida depois de incontáveis quilômetros de neve ao luar. A esperança provoca uma explosão de calor dentro de mim. Impulsiono Will a seguir adiante, contudo os alertas de Rhen acerca das maldições e do fato de não haver soldados patrulhando a Estrada Real me assombram. Galopamos mais, e meus pensamentos começam a sussurrar alertas de contos de fadas sobre luzinhas noturnas, sobre pessoas que foram atrás de luzes de fadas e nunca mais foram vistas.

O brilho se transformou em plumas de chamas evidentes, derramando escuridão no céu. Por um segundo, imagino que seja uma fogueira enorme.

Mas então ouço os gritos. O choro de um bebê.

É uma casa. Uma casa pegando fogo.

Seguro as rédeas com mais firmeza e faço Will galopar rápido.

A neve cai do céu rodopiando, derretendo-se em gotas de chuva com o calor das chamas. Em frente à estrutura incendiada, três crianças estão chorando e tentando se esconder atrás de uma mulher que abraça forte um bebê histérico. Todos eles estão vestidos com largos trajes de dormir. As crianças estão descalças na neve.

Um homem de meia-idade e cabelos ruivos está parado em frente ao grupo, com a espada apontada para a mulher.

Puxo as rédeas, derrapando até parar, ainda encoberta pela escuridão.

O homem escarnece da mulher.

– Pensa que pode negar nossa entrada? Esta terra será

propriedade da coroa logo mais.

O sotaque dele é diferente do de Rhen e Grey, embora eu mal possa ouvi-lo por causa do furor do fogo.

De algum lugar perto da casa em chamas, outro homem grita:

– Mate as crianças, Dolff. Leve a mulher.

– Não! – grita a mulher, recuando e puxando as crianças junto.

O homem a segue até que a ponta da espada toca o peito dela, logo acima do bebê em prantos. Ela continua recuando, dizendo:

– Você não pode fazer isso. Você não pode *fazer* isso.

– Eu faço o que me mandarem. E quer saber? Talvez você goste.

Outro homem grita:

– Fique com a menina também! Eu gosto das novinhas.

A menina parece ter cerca de sete anos.

A mulher cospe em Dolff.

– Espero que o monstro apareça para caçar a sua família.

Ele balança a lâmina, e o choro do bebê se transforma num grito.

Bato na anca do cavalo com a espora. Não tenho ideia do que vou fazer, mas Will reage de imediato. Seus cascos rasgam o chão. Os olhos da mulher se arregalam quando os ultrapassamos, e eu vagamente noto a presença de uma criança pequena gritando:

– Vejam! Um cavalo!

Então trombamos com o homem.

O impacto quase me faz cair, porém tenho o prazer de vê-lo despencar no chão. A espada dele voa em um arco de aço brilhante, pousando com um barulho forte em algum lugar à minha esquerda. Eu me firmo na sela e dou meia-volta para galopar de novo.

O homem já está se levantando do chão. O sangue jorra de uma ferida na têmpora dele. Ele cambaleia. *Que bom.*

Pego meu punhal, com a ponta para baixo, com a intenção de atacar o homem nessa passagem. Só consigo ouvir a voz idiota de Grey dizendo *Continue segurando um punhal como se fosse uma espada e é provável que você perca a mão.*

É provável que eu perca bem mais que isso. Começo a bater as esporas em Will, mas ele já está galopando.

O homem está mais preparado agora. Quando tento alcançá-lo

para dar um golpe com a lâmina, ele salta na minha perna e me puxa para fora do cavalo. Ainda bem que tem trinta centímetros de neve no chão para amortecer minha queda – mas o homem pula em cima de mim.

De algum modo, o punhal ainda está firme na minha mão. Eu o levanto, pronta para enfiar no...

Plaft. Estou vendo estrelas. Levo um segundo para perceber que ele estapeou meu rosto com as costas da mão.

Leva outro segundo para a dor aparecer. Tem sangue na minha boca. A mão dele se afasta para me acertar de novo.

Golpeio as costas dele. Ele se remexe um pouco e sua mão cai.

Eu o esfaqueei. Eu o esfaqueei.

Uma parte de mim quer explodir em lágrimas.

Uma parte mais sombria de mim quer comemorar. *Eu consegui. Salvei a mim mesma.*

O rosto do homem fica inerte, e ele desliza para o lado, aterrissando na neve.

Olho para a frente. A mulher está ao meu lado, seu cabelo loiro soltando-se da trança e sua respiração acelerada formando nuvens no ar noturno. Ela recolheu a espada do homem, e parece que estava pronta para acabar com ele se eu não tivesse feito isso. A menina abraça forte o bebê. O sangue mancha o cobertor no qual ele está enrolado.

Não sei se pelo sangue ou se pelo corpo na neve. Não sei se pelo medo no rosto destas crianças. Mas a realidade me acerta como uma bala de revólver.

Isto é real.

– O bebê está bem? – pergunto.

A mulher assente.

– Os cobertores são grossos. Foi só um arranhão.

Homens estão berrando, e o som dá a entender que estão se aproximando.

– Dolfff! Cara, o que está acontecendo?

– Tem outros – diz a mulher apressadamente. – Eles vão ver. Precisamos correr. – Ela estende uma mão.

Eu aceito e começo a me levantar.

Ou tento. Está congelando aqui fora, e minha perna esquerda se recusa a cooperar. Eu mal consigo ficar de joelhos.

– Vá – digo, arfando. – Corra.

– Ei! – grita um homem.

A fumaça deixa o ar espesso, mas ele parece estar bem perto.

A mulher pega o bebê e se põe na minha frente, protegendo-me junto com seus filhos.

Se esta mulher consegue ser corajosa assim com uma criança no colo, meu corpo consegue se levantar. Forço minha perna a *funcionar*, então me movo para ficar ao lado da mulher.

Quatro homens nos encaram, todos com espadas, todos com vestimentas bordadas em verde, preto e prateado. Dois são mais jovens, provavelmente não muito mais velhos do que Rhen e Grey. Os outros dois são mais velhos.

Um deles está com meu cavalo, que fica meio empinando e sacodindo a cabeça para se libertar.

Atrás de nós, as crianças tremem e choram.

O homem mais velho olha para mim e seus olhos se estreitam.

– De onde você veio?

– Do seu pior pesadelo – disparo.

Ele ri como se tivesse achado divertido, então ergue a espada.

– Posso resolver isso.

Meu coração ruge na minha cabeça. É agora. Vou morrer bem aqui.

O vento assobia, e ouço um *zip*. Uma flecha emplumada aparece no peito do homem.

Depois outra, logo abaixo.

Ele cai aos meus pés. O sangue escorre nas minhas botas e na neve branca. Dou um grito de surpresa e um pulo para trás.

– Vocês devem deixar esta propriedade – avisa uma voz conhecida recentemente. – Por ordem do príncipe herdeiro de Emberfall.

Rhen e Grey. Eles estão a cavalo, logo atrás de mim. Rhen tem um arco nas mãos, e outra flecha já está preparada.

A mulher arqueja e se aproxima de mim. Sua mão de repente agarra a minha e seus dedos estão tremendo.

Os homens gritam e se movem como se fossem atacar com suas espadas.

A flecha de Rhen é lançada. O homem no meio a recebe no ombro. Então recebe outra em sua perna, tão rápido que é quase um borrão. Ele grita e cai.

O outro homem hesita.

– Tenho flechas em número suficiente para matar todos vocês duas vezes – avisa Rhen.

Outra está presa no fio.

Um homem cerra os dentes e dá um passo adiante, bem na frente da mulher. Ela solta um gritinho e cambaleia para trás, empurrando as crianças atrás de si.

Zip. Zip. O homem leva duas flechas no peito e cai.

É o suficiente. O último homem sai correndo.

O silêncio cai como uma guilhotina, quebrado apenas pela respiração irregular e aterrorizada das crianças.

E a minha.

Olho para Rhen e Grey, o rosto deles tremeluzindo com o dourado do fogo ainda feroz. Eles parecem furiosos.

Há cadáveres aos meus pés e crianças soluçando na neve. A qualquer minuto, meu cérebro vai processar o que aconteceu e vou cair em um choro convulsivo.

Mas digo a única coisa que a minha mente confusa consegue pensar.

– Obrigada.

CAPÍTULO NOVE



RHEN

Fico tentando imaginar que caminho a maldição teria tomado se eu tivesse chegado um minuto depois e encontrado Harper morta.

Estou tão furioso que me sinto tentado a pegar outra flecha e descobrir.

Chamas ondulam em direção ao céu, enfrentando o vento e a neve que açoitam à nossa volta. Eu me viro para Grey.

– Dê uma olhada nos homens. Descubra quem são.

Ele desce do cavalo.

Prendo o arco na minha sela, e apeio com mais cautela do que ele. Minhas entranhas ainda doem, e a cavalgada forte em busca de Harper não ajudou.

A dor tampouco está ajudando a melhorar meu humor.

Isso e o fato de Harper estar me encarando como se eu fosse o único responsável por tudo isto.

Grey para ao lado de um dos homens mortos, chutando-o para virá-lo de barriga para cima.

– Este homem usa um brasão – diz ele. – Mas eu não o reconheço.

É tão raro sairmos de Ironrose que não me surpreendo. Quer dizer, Grey saiu... mas só pelo esforço de conduzir o monstro para longe das pessoas.

Grey passa para o próximo homem e empurra a aba do casaco para o lado, tirando uma faca do cinturão dele.

– Armamento decente. São mais que ladrões comuns, penso eu.

A criança se agita à minha direita, e a mulher descalça empalidece e tenta silenciá-la quando eu olho para ela, que parece

estar segurando a mão de Harper. Considerando as roupas e a magreza da mulher, essa família não tem muitas coisas que possam ser tomadas – e agora menos ainda.

Quando me aproximo, a mulher arfa e cai de joelhos na neve.

– Crianças – sibila ela, e todas a imitam de imediato, embora se aproximem mais da mãe.

O bebê se pendura no ombro dela, seus imensos olhos escuros me fitando.

A mulher puxa a mão de Harper.

– Ele é o príncipe herdeiro – sussurra ela. – Você precisa se ajoelhar.

Harper me encara, e seus olhos estão atentos e desafiadores.

– Ele não é o meu príncipe.

Paro diante dela. A neve está se acumulando em seus cachos escuros, e lhe faltam roupas apropriadas para a excursão. Suas mãos estão manchadas de sangue seco.

Também há sangue no lábio dela, e sua bochecha está inchando. Estreito os olhos para observá-la e estendo a mão para erguer seu queixo.

– Ainda afirma que não está ferida, *milady*?

A mulher arqueja e solta a mão de Harper.

– *Milady* – sussurra ela. – Me perdoe.

Harper afasta a minha mão.

– Estou bem.

Ao nosso lado, a respiração do menino menor está ruidosa e ele estremece na neve próximo à mãe. Eu olho para a mulher.

– Levantem-se. Não quero crianças se ajoelhando na neve.

Ela hesita, então se levanta do chão, mantendo a cabeça baixa. Toda vez que o olhar dela desvia para a estrutura em chamas atrás de mim, sua respiração se acelera.

– Estamos em dívida – diz ela. – Leve tudo o que temos.

– Não tomarei daqueles que nada têm – eu lhe respondo. – Qual é seu nome?

– Freya. – Ela engole em seco. Seus olhos estão muito arregalados. – Vossa alteza.

– Freya. Quem são esses homens? O que eles querem com

você?

– Não sei. – Ela vacila. – Ouvi boatos sobre uma invasão ao norte, mas... – A voz dela falha. – Minha irmã e o marido estão mortos. Isso é tudo... isso é tudo o que tínhamos...

Duas das crianças começam a chorar, agarrando-se às saias da mãe.

Harper se aproxima de Freya.

– Está tudo bem – diz ela com delicadeza. – Vamos dar um jeito.

Seus olhos severos se voltam para mim. Claramente, sou eu quem vai dar um jeito.

– Antes havia uma estalagem um pouco ao norte daqui – digo. – Você conhece?

A mulher arrisca olhar para cima.

– Crooked Boar? Sim, é claro, mas... – Ela espia as chamas de novo. – Não tenho nada. Não tenho dinheiro... nada com que pagar.

Freya puxa a criança mais para perto. Uma mão trêmula limpa sua bochecha.

A garota se aproxima e fala por cima das próprias lágrimas.

– Mas estamos juntos. Você sempre diz que tudo está bem se estivermos juntos.

Pelo andar da carruagem, eles todos vão congelar até morrer. Mesmo se eu conseguir levá-los até a estalagem, eles não vão poder ficar lá para sempre. Reflito sobre as ameaças de Lilith e me pergunto se seria mais misericordioso matá-los agora, antes que o monstro os cace por toda a eternidade.

Essa mulher e seus filhos são muito magros. Meu reino caiu na pobreza, e sou incapaz de fazer alguma coisa a esse respeito. Um lembrete de que, se eu conseguir quebrar essa maldição, ainda assim não terei nada.

Harper me lança um olhar.

– Ficar encarando não ajuda.

Eu a imagino criticando meu pai dessa maneira.

Eu então o imagino dando um bofetão na outra face dela.

Se ele estivesse aqui agora, provavelmente me estapearia por não fazer o mesmo.

Ela está aqui há apenas um dia e já estou exausto.

– *Milady* – digo com firmeza. – Gostaria de lhe falar em particular.
– Está bem. – Ela sai pisando duro, mancando, deixando-me para trás.

Dez passos depois, alcanço seu braço e a viro. Olho para ela, incrédulo.

– Mas quem você pensa que é?

– Quem você pensa que é? – retruca ela. – Você tem um castelo enorme com centenas de quartos. Não pode ceder alguns para eles?

Ergo as sobrancelhas.

– Ah, então você foge do castelo, mas submeteria outra mulher ao seu destino?

– Prefere deixá-los congelar na neve? Que belo príncipe você é.

Ela se move para se afastar de mim, mas agarro a manga da blusa de lã dela e a mantenho no lugar.

– Você sabe por que aqueles homens estavam atrás dela? – Aponto os corpos na neve. – Sabe que eles pretendiam *matar* você? Deseja convidar outros?

Ela contrai o maxilar.

– Sei que eles teriam massacrado aquelas crianças se eu não tivesse aparecido. Sei que eles estavam tentando tomar as terras dela para a coroa. O que você sabe a esse respeito?

– Eles teriam massacrado aquelas crianças se *Grey e eu* não tivéssemos... – Paro de repente, meus pensamentos irritados apreendendo a segunda afirmação dela. – O que você acabou de dizer?

Ela se solta com vigor.

– Eu disse que aqueles homens estavam tentando tomar as terras dela para a coroa. É *você*, certo?

– Se foi isso o que eles disseram, estavam *mentindo*.

Uma das crianças ri, uma risada de pura alegria. Viro a cabeça.

Grey dispôs o manto dele na neve para as crianças se acomodarem em cima. Ele parece estar fazendo caretas ridículas para elas. Um menininho de cerca de quatro anos reuniu coragem e deu um passo à frente da mãe, e o bebê dá risadinhas entre calafrios e diz:

– De novo, de novo!

Quando percebe que estou vendo, Grey se endireita e fica sério.
Harper perdeu a paciência comigo.

– Eles estão congelando – diz ela. – Ou você os ajuda ou dá o fora daqui. Mas *eu* vou ajudar.

Ela retorna para o lado de Freya e tira a bolsa que levava no ombro.

– Tem comida aqui – diz Harper, disfarçando um tremor. – Talvez esteja um pouco esmagada, mas é alguma coisa.

Os olhos da mulher passam do rosto de Harper à bolsa.

– *Milady* – sussurra ela. – Não posso...

– Pode, sim. – Harper chacoalha um pouco a bolsa. – Pegue.

A mulher engole em seco e pega a bolsa como se dentro dela houvesse algo venenoso... mas as crianças começam a fuçar.

– Mamãe! – diz o bebê. – Doces!

– Crooked Boar não fica longe – digo. – Vamos na frente, a cavalo, e providenciaremos um quarto para você e para as crianças.

Harper parece chocada.

– Você vai nos deixar sozinhos?

Eu a ignoro e solto meu próprio manto.

– Grey, divida as crianças entre os dois cavalos.

Paro diante de Freya e cubro seus ombros com meu manto.

Ela enrijece de surpresa e recua, balançando a cabeça.

– Vossa alteza... não posso...

– Você está congelando. – Olho para Grey, que está acomodando o menino mais velho em seu cavalo. – Meu comandante da guarda vai garantir a segurança de vocês na estrada.

Harper observa tudo isso com uma expressão intrigada.

– Você acabou de dizer que você e Grey vão a cavalo na frente.

– Não, *milady*. – Eu me viro para fitá-la. – Eu quis dizer você e eu vamos.

Ela abre a boca. Fecha.

Xeque-mate.

Mas então ela contrai os lábios.

– Não tem nenhum outro cavalo.

– Tem um. – Eu viro a cabeça e assovio, três chilros curtos que

atravessam o ar noturno. Cascos batem no chão e Ironwill parece surgir da fumaça. O cavalo avança até parar na minha frente e carinhosamente bate sua cara no meu ombro. Seguro o freio e acaricio o ponto que ele gosta, logo abaixo da crina.

Os olhos de Harper se arregalam e ela abre um sorriso.

– Ele não fugiu! – Ela esfrega a ponta do nariz dele, então abraça sua cara. – Esse é um truque legal. Todos os cavalos se aproximam quando você assovia?

– Não todos – digo, tranquilo. – Só o meu mesmo.

Seu sorriso some.

– O... seu...

– Você sabe escolher bem. – Ajeito as rédeas, agarro o pito e subo na sela. Então estendo a mão para ela.

Ela me encara. A indecisão em seu rosto é evidente.

Meneio a cabeça na direção de Freya e das crianças.

– Eles estão passando frio, *milady*. Não podemos demorar. – Eu a encaro de cima. – Mas, ora, me esqueci de que você deixou Ironrose em uma jornada particular. Deseja seguir seu próprio caminho?

Isso chama a atenção de Freya, porque ela hesita antes de erguer o bebê para ajustá-lo sentado na frente da menina. Seus olhos se alternam preocupados entre mim e Harper.

Harper também nota isso. Ela contrai o maxilar.

– Não. Eu vou.

E estica o braço para aceitar minha ajuda.



Em outra época e outro lugar, eu ficaria contente por estar cavalgando acompanhado na neve, com o peso de uma garota contra as minhas costas enquanto percorrêssemos uma estrada silenciosa. O ar está puro e frio, e fazia séculos que eu não sentia a neve tocar diretamente a minha pele.

Hoje à noite, porém, as feridas mágicas em meu abdome doem, repuxando-se a cada tranco. Harper se segura no meu cinturão em vez de envolver meu corpo com os braços, uma recusa evidente de

ficar mais próxima do que o necessário. Um silêncio frio nos rodeia, rompido apenas pelos cascos de Ironwill batendo no chão com uma cadência familiar.

Em dado momento, a dor fastidiosa se transforma em uma lâmina quente, e o suor começa a se acumular sob minhas roupas. Desacelero o cavalo para um ritmo de passeio.

– Qual é o problema? – pergunta Harper. – Não tem nada aqui.

Um toque de tensão esconde-se na voz dela, e viro a cabeça apenas o suficiente para ver o contorno do seu perfil.

– O cavalo está sem ar.

– Parece que é você quem está sem ar.

Verdade. Mas percebo que ela também está. Sua respiração forma nuvens tão depressa quanto a minha. Fico me perguntando se a teimosia dela a impediu de solicitar que eu parasse antes.

Como a minha própria teimosia.

– Você parece ter um talento para encontrar problema – digo a ela.

Ela fica em silêncio por um tempo, mas sei que está pensando, por isso aguardo.

Por fim, ela diz:

– Eu estava tentando achar um caminho para casa. Ou ao menos... alguém que pudesse me ajudar.

– Não existe ninguém em Emberfall que ajudaria você a ir para sua casa. – Ergo uma mão para apontar. – Mas você deveria seguir em direção ao sul se busca uma companhia diferente. Viagens a oeste de Ironrose atravessam esparsas áreas agrícolas, como você pode ver.

– Só consigo ver neve, Rhen. – Ela pausa. – *Príncipe* Rhen.

Ela fala com a intenção de tornar a palavra um ataque, mas não mordo a isca.

– Neva muito nessa estação – concordo.

– Devo chamá-lo de *vossa alteza* agora?

– Só se conseguir dizer isso sem esse desprezo todo.

– Ainda não entendo por que não posso ir para casa.

– Existe um véu entre os nossos mundos. Eu não tenho o poder de atravessá-lo.

– Mas Grey tem.

– A maldição dá a ele a habilidade por uma hora por estação. Nem mais, nem menos. – Viro a cabeça para olhar para trás e espiá-la. – No passado, banuiu-se a magia em Emberfall. Você não encontrará ninguém que possa ajudá-la.

Harper fica em silêncio de novo. O vento assovia entre nós, abrindo caminho debaixo do meu casaco. Às minhas costas, ela estremece. Seus dedos tremem no meu cinturão.

Rapidamente, desafivelas as tiras no meu peito e solto os braços das mangas, depois ofereço meu casaco para ela.

– Por favor, *milady*. Você está congelando.

Ela fica em silêncio por um momento, contudo o frio deve ser bem convincente, porque ela pega a peça da minha mão. Quando fala, sua voz sai baixa:

– Obrigada. – Ela para. – Você também vai congelar.

Com sorte, eu vou congelar e morrer.

– Já sobrevivi a coisa pior.

– Você não mandou mesmo aqueles homens para queimar a casa daquela mulher? Para tomar a terra dela?

– Não. – Não consigo nem organizar minha indignação. Lembro-me de uma época em que teria feito isso sem pensar duas vezes. Para ser sincero, eu não deveria me surpreender que os vândalos estejam reivindicando esses atos em meu nome.

– Por que está tão frio aqui se no castelo faz calor?

– Ironrose, tanto o castelo como seus terrenos, está amaldiçoado para repetir a mesma estação diversas vezes, até que eu... – Busco as palavras corretas. Quase nunca sou direto quando falo sobre a maldição. – Até que eu complete a tarefa. O tempo do lado de fora da área do castelo passa mais devagar, mas passa.

Harper fica em silêncio como se fosse um fantasma atrás de mim, exceto quando um arrepio faz sua respiração oscilar. A neve corre pelas minhas mãos, acumulando-se na crina do cavalo.

– *Milady* – digo –, você ainda está tremendo. Não fique longe.

O vento se agita entre nós, acentuando a recusa silenciosa dela.

– Nossa viagem não vai demorar muito mais – acrescento. – Não seria...

Ela se move para a frente e desliza os braços em volta da minha cintura tão de repente que me faz ofegar. Sua cabeça pousa no meio das minhas costas. Tremores tomam seu corpo, e ela puxa o casaco para cobrir nós dois.

Ela me aperta o suficiente para ser doloroso, mas eu não me mexo.

Isto tem mais relação com o clima do que com confiança, sem dúvida. Mas conforme seu corpo se aquece e ela relaxa apoiada em mim, percebo que existe *certa* confiança aqui. Pensar isso me dá esperança, migalha por migalha.

Ela ajusta os braços ao redor do meu corpo, eu me remexo e agarro seu pulso.

– Um pouquinho mais para cima, *milady*. Se não se importa.

Ela afasta as mãos.

– Por quê? Você está machucado?

– Não – respondo. – É uma ferida antiga.

Ela aceita a mentira prontamente, mas eu não gosto. Conquistar esse momento parece mil vezes mais satisfatório do que oferecer às mulheres belas falsidades e promessas vazias. Na escuridão, juntos no dorso de um cavalo, é tentador me esquecer da maldição e fingir que minha vida não existe para além deste momento.

– O que você teria feito – pergunto baixinho – se nós não tivéssemos chegado?

– Você viu as espadas deles? – diz ela apoiada nas minhas costas. – Tenho certeza de que eu teria morrido.

Sua voz é tão sincera que eu dou risada.

– Estou começando a achar que não conseguiria encontrar um meio de escapar nem mesmo daquilo. Como fez para deixar Ironrose sem que Grey notasse?

– Pelo visto você não viu suas *treliças*.

– Você desceu pendurada nas treliças? – Ela mal consegue montar um cavalo. Com certeza é doida. – Elas ficam afastadas das suas janelas!

– Pode acreditar que percebi isso quando caí no chão.

Não à toa eu a encontrei cara a cara com um grupo de espadachins em frente a uma casa em chamas. Na próxima vez,

provavelmente será um exército.

– Ferida assim, você optou por *saltar*...

– Eu não estou *ferida*!

– Então o que você tem? – exige saber. – Existe uma diferença entre orgulho e negação, *milady*.

Ela não diz nada, mas seu silêncio parece resignação, em vez de raiva. Fico achando que ela vai afastar o corpo do meu, mas ela não faz isso.

– Eu tenho paralisia cerebral – ela responde baixinho. – Sabe o que é?

– Não.

– Deu alguma coisa errada quando eu nasci. O cordão estava enrolado no meu pescoço, e eu fiquei presa no canal do parto. Não recebi ar suficiente. Isso causa problemas no cérebro. Alguns músculos não se desenvolvem da maneira esperada.

Ela para de falar, mas sinto que há mais, então aguardo.

– Cada um é afetado de um jeito diferente – continua ela. – Tem gente que não consegue andar, ou não consegue falar, ou precisa usar cadeira de rodas. Minha situação era bem pior quando eu era mais nova, mas passei por uma cirurgia para corrigir minha perna esquerda. Ainda tenho dificuldade para me equilibrar, e ando mancando, mas sou bem sortuda, na verdade.

Franzo o cenho.

– Você tem uma definição incomum de *sorte*.

Ela se empertiga.

– Olha quem fala, uma pessoa que mora num castelo com comida e vinho à vontade, mas se considera *amaldiçoado*.

Fico incomodado, com o orgulho atingido.

– Você não sabe nada sobre mim.

– E você não sabe nada sobre mim.

Um silêncio irritante cai entre nós.

– Recuperou o fôlego? – pergunto, por fim.

– Sim. E você?

– Sim. – E, sem dizer mais nada, pressiono o cavalo para um galope.

É só depois, quando chegamos à estalagem, que percebo que

ela não deixou de se segurar em mim, apesar das palavras cortantes.

CAPÍTULO DEZ



HARPER

Por algum motivo, pensei que uma “estalagem” seria algo maior do que uma casa de dois andares com janelinhas apertadas, venezianas e uma fina pluma de fumaça subindo da chaminé. Se há uma placa, a escuridão e a neve a mantiveram escondida.

Quando Rhen puxa as rédeas e faz o cavalo parar, endireito o corpo e solto sua cintura. Tínhamos formado um pequeno casulo de calor, e o casaco dele – de couro com arremates em pele – cheira a laranjas e cravos-da-índia. Meu corpo quer ficar *bem aqui*.

E exatamente por isso preciso soltá-lo. Ele pode ser belo e cavalheiresco e ter bons modos, mas, no fundo, é um sequestrador. Ele virou a chave naquela fechadura de manhã.

O clima entre nós dois de repente fica estranho.

– Tem certeza de que este é o lugar certo?

É a primeira coisa que falei desde que discutimos, e ele vira o rosto para trás para me olhar. Não consigo decifrar sua expressão, por isso não tenho a menor ideia se ele está furioso, se estabelecemos uma trégua ou se vou precisar encontrar um jeito de fugir de novo.

– Sim, *milady*.

– Pode parar de me chamar assim?

– A intenção é demonstrar respeito. Por estar viajando comigo, as pessoas supõem que você é uma dama, uma criada ou uma prostituta. – As sobrancelhas dele se erguem. – Prefere alguma das outras duas opções?

Agora eu quero dar um soco nele.

– Desce do cavalo, Rhen.

Ele passa uma perna por cima do pescoço de Will e salta para o chão, depois se vira para me oferecer a mão.

Não aceito.

– Você ofereceria sua mão para uma criada ou uma prostituta?

Ele não se mexe.

– Você fez uma pergunta. Eu respondi. Não pretendia ofender.

– Que tal prisioneira? E se eu contar a todos que você me sequestrou?

A mão dele permanece estendida.

– Sou o príncipe deles. Provavelmente eles iriam propor prendê-la ou trancá-la na estrebaria.

Ele é tão *arrogante*. Ignoro sua mão e escorrego uma perna pela garupa do cavalo. Faço isso depressa, só para contrariá-lo.

Eu contrario a mim mesma. Meu joelho esquerdo fraqueja quando piso no chão.

Ele dá um passo à frente e me ampara.

Ficamos bem próximos, suas mãos leves em minha cintura. No escuro, ele parece mais jovem do que deve ser, como se a vida tivesse injetado idade em seus olhos, mas o restante do corpo não tivesse acompanhado. Sua pele bronzeada está pálida sob as nuvens iluminadas pelo luar, e vejo os primeiros sinais de barba surgindo em suas bochechas.

– Consegue ficar de pé? – pergunta ele com suavidade.

Faço que sim com a cabeça. Por um milésimo de segundo, o mundo parece mudar, como se eu estivesse a ponto de compreender tudo. Quero que ele espere, que fique bem ali, só para me dar um instante a mais.

Porém ele se afasta, indo em direção à porta da estalagem, dando uma batida enérgica.

Nada acontece. Estremeço. Meu corpo está sentindo falta do calor dele, e preciso seguir me convencendo de que este companheirismo forçado é falso, que é ele o inimigo aqui.

Ele ergue um punho para bater na porta, e ela se abre desta vez. Um corpulento homem de meia-idade aparece com um lampião em uma mão e uma faca curta na outra. Um bigode grosso e barba emolduram sua boca, e um avental de couro manchado está

amarrado à cintura.

– Vão embora! – grita ele, gesticulando com o lampião com tanta força que Rhen dá um passo para trás. – Aqui é uma casa pacífica!

– Fico satisfeito por saber disso – diz Rhen. – Estamos à procura de um abrigo pacífico.

O homem levanta a faca.

– Ninguém que tenha boas intenções procura abrigo à noite. Vão *embora*.

Noto um movimento rápido atrás do homem. Uma mulher espia escondida, agarrando-se ao batente de uma porta.

Rhen dá um passo à frente, sua voz é ameaçadora com um quê de raiva.

– Você tem uma estalagem ou não?

Eu me posiciono ao lado dele.

– Rhen – digo baixinho. – Eles estão com medo. Vamos deixá-los em paz.

– Rhen? – O rosto do homem fica pálido. Ele estende o lampião para olhar Rhen de cima a baixo, então larga a faca. – Vossa alteza – grita ele. – Me perdoe. Nós não tínhamos visto... não tínhamos... – O joelho dele bate no chão tão forte que eu estremeço. – Eu não o reconheci. Me perdoe.

– Está perdoado. E em dobro se tiver quartos disponíveis.

– Tenho, sim – diz o homem, atabalhado. – Temos, sim. Minha família pode dormir na estrebaria, vossa alteza. – Ele cambaleia ao dar passagem, por estar fazendo um tipo de mesura. – Fique com nossa casa. Fique com nosso...

– Não preciso da sua casa – diz Rhen. – Uma mulher e seus filhos foram vítimas de um incêndio. Meu comandante da guarda deve chegar com eles em breve.

– É claro. É claro. Por favor, entrem. – O homem faz um gesto, depois olha para trás para gritar na direção da escadaria ao fundo da sala. – Bastian! Venha cuidar dos cavalos deles!

Atravessamos a porta de entrada, e o calor é tão convidativo que sinto vontade de me deitar bem ali no tapete.

– Cavalo – explico ao homem. – Apenas um.

Ele assente depressa, como se fosse a coisa mais normal do

mundo.

– Sim. Sim, é claro.

Rhen pega meu casaco gentilmente e se vira para encarar o homem.

– Vou cuidar dos preparativos. Aqueça-se perto do fogo, *milady* – diz ele, com uma ênfase sutil nas palavras.

Abro a boca para protestar, mas Rhen se inclina para mim. Ele sussurra perto do meu pescoço.

– Eu jamais viajaria sozinho com uma criada mulher. A escolha é sua.

Minha pele se arrepia ao toque da respiração dele. Serei “milady”, portanto.

– Bastian! – O homem berra de novo. – Os cavalos! – Lança um rápido olhar envergonhado para mim. – O cavalo!

Um menino que não deve ter mais do que nove anos desce as escadas tropeçando, esfregando os olhos, com o cabelo castanho-avermelhado todo arrepiado.

– Eu estava dormindo, pai. Que cavalo? O quê?

– Bastian. – A voz do homem sai baixa, e ele fala por entre os dentes. – Temos convidados da realeza. Vá cuidar do cavalo deles.

O menino ainda está esfregando os olhos. Ele dá uma olhada em mim e em Rhen, ainda mal desperto.

– Mas a família real fugiu anos atrás.

Ao meu lado, Rhen fica tenso.

– Bastian – sibila o homem.

– O que foi? Você sempre diz que eles são bons demais ou estão mortos demais pra se preocupar com gente como...

– Basta! – O homem estende as mãos a Rhen, como se pedisse desculpas. – Perdoe-o, por favor, vossa alteza. Ele é jovem, ainda não acordou...

– Nem somos bons, nem estamos mortos. – Rhen lança um olhar para o menino, que empalidece um pouco com a severidade de seu tom. – Mas estamos aqui agora.

– Vá! – o homem dispara para o filho.

Bastian desce o restante da escada e enfia os pés em botas. Ele passa por nós, pegando uma capa de um gancho perto da porta.

– Vou pôr uma sopa no fogo, vossa alteza – diz a mulher apressadamente, como se pretendesse compensar a grosseria do filho. – Tenho um pouco de pão fresco também, se for do seu agrado.

Ela nem sequer aguarda uma resposta, e logo some de vista.

Fico perto de Rhen e mantenho a voz baixa.

– As pessoas sempre fazem tudo o que você quer?

– Nem sempre. – Ele se vira para me olhar. Sua expressão é inescrutável. – *Como ficou claro.*

Minhas faces enrubescem de repente. Tenho que desviar o olhar.

– Vá – diz ele, e seu tom é um pouco mais gentil. – Sente-se.

Sentar parece melhor do que ficar aqui corada diante dele. Atravesso a sala para me acomodar na beirada de uma cadeira perto da lareira. O fogo é tão quente e o assento almofadado é tão fofo que afundo no assento quase contra a minha vontade.

A mulher reaparece com duas canecas grandes e fumegantes. Oferece primeiro uma para Rhen, depois traz a outra para mim.

– Hidromel de maçã, *milady* – diz ela com orgulho na voz. – Tivemos uma boa colheita na última estação.

– Obrigada. – A sensação do calor da caneca é muito boa para meus dedos sofridos. Tomo um gole grande. Por algum motivo, eu esperava algo parecido com sidra quente, mas hidromel tem o sabor de um balaio de maçãs afogado em um tonel de cerveja e mel. – É delicioso.

A mulher faz uma mesura.

– Meu menino cuidou do seu cavalo – diz ela. – Ele está acendendo as lareiras dos quartos do andar de cima. Sua alteza contou que tiveram um longo dia de viagem.

Passo uma mão no rosto.

– Pode-se dizer que sim. – Pisco para ela. – Desculpe... posso perguntar seu nome?

– Meu nome é Evalyn, *milady*. – Ela faz outra mesura. – Meu marido é Coale. E você já conheceu nosso filho, Bastian.

– Meu nome é Harper.

– Ah, *lady* Harper. Estamos muito honrados. – Ela para um instante. – Se eu estiver sendo muito atrevida, por favor, me diga.

Mas temos pouca realza hoje em dia. Não estou familiarizada com seu nome nem seu sotaque. Você é de fora de Emberfall?

Hesito.

– Pode-se dizer que sim.

– Oh, que maravilha! – A mulher bate palmas uma vez. – Durante anos, o rei manteve nossas fronteiras fechadas e muitos acreditam que nossas cidades sofreram sem a oportunidade do comércio. Tem havido poucos viajantes nos últimos dois anos. – O rosto dela empalidece. – Não que eu ousasse questionar o rei, *milady*.

– É claro que não – concordo.

A expressão dela suaviza com o alívio.

– Mas você está aqui com o príncipe, então deve significar que mudanças estão a caminho. Diga-me, qual é o nome do seu reino?

Olho para Rhen e quero que ele interrompa sua conversa com Coale e venha me ajudar a achar uma saída para essa conversa.

– DC – digo com a voz baixa.

– Lady Harper de Decê – diz Evalyn, a voz abafada pela reverência. – Que boas novas. – Então ela arqueja. – Você é *princesa* Harper? Vai haver um casamento?

Talvez o frio tenha congelado meus neurônios.

– Eu não... você disse *casamento*?

Evalyn se aproxima mais e levanta várias vezes as sobrancelhas.

– Sim, *milady*. Um casamento, talvez?

Levo um segundo para entender.

– Não! – Eu me sobressalto e quase derrubo a caneca. – Não. Não tem casamento.

– Ah. As negociações estão sendo feitas. – Evalyn assente, demonstrando entender. – Compreendo. – Ela pausa. – O povo vai ficar contente. Tem havido tanta preocupação. Os boatos sobre invasores do norte são mesmo terríveis. Temos que pôr barras nas portas à noite.

O que Rhen pode estar falando para demorar tanto assim?

Estico o pescoço.

Não quero nem pensar na rapidez com que ele se transformou de captor em carcereiro e em salvador.

– *Milady* – sussurra Evalyn. – Você sofreu uma queda durante

sua viagem? Posso oferecer um remédio de ervas para tirar esse machucado de seu rosto. Se você precisa prender a atenção dele, talvez possa ajudar...

– Sim. Claro. Obrigada. – Qualquer coisa, qualquer coisa no mundo, para interromper as perguntas desta mulher.

Depois que ela se vai, ouvimos uma batida forte na porta. Quando Coale a abre, um vento mordaz percorre a casa, fazendo o fogo tremular e provocando outro arrepio no meu corpo. Grey está parado na porta, e em seus ombros há uma criança meio coberta pela capa. Outra está em seus braços, profundamente adormecida e babando em seu uniforme. A neve cobriu os três. Atrás dele, Freya está carregando o bebê, seguida por sua filha mais velha. Freya e as crianças parecem estar abatidas e exaustas.

Eu me levanto da cadeira.

– Venha – digo. – Deixe-me ajudá-los.

Evalyn é mais rápida, aparecendo de repente.

– Freya! Ah, Freya, pobrezinha. Quando ele falou sobre as crianças, fiquei com muito medo de que fosse você. Venha, os quartos estão prontos. Vou ajudá-la a levar todos para cima. Tem sopa no fogo. – Com uma eficiência rápida e profissional, ela toma as crianças de Grey e as apressa escada acima, com Freya logo atrás.

Grey espana a neve de sua capa e a oferece a Coale, que a pendura.

– Por favor, aqueçam-se perto do fogo – diz Coale. – Trarei comida. Bastian vai cuidar dos outros cavalos.

Os homens se sentam à minha frente diante da lareira, bloqueando a maior parte da luz do fogo. O cabelo e as roupas de Grey estão úmidos por causa da neve derretida, e suas bochechas estão cor-de-rosa devido ao frio, mas seus olhos escuros estão brilhantes e alertas. Estou me sentindo cansada e dolorida, mas Grey parece quase energizado.

Algo pesado bate na porta da frente e eu quase pulo da cadeira. Grey se levanta imediatamente, sua espada já meio desembainhada. Contudo, a porta se abre e o menino entra, sacudindo a neve dos cabelos.

– Os cavalos estão na estrebaria.

Ele pendura a capa em um dos ganchos perto da porta.

Grey deixa a espada escorregar para dentro da bainha, então se apoia nas pedras da moldura da lareira.

Em outras condições, eu diria que ele ficou decepcionado.

– O que foi? – pergunto. – Você *quer* lutar contra alguém?

Os olhos dele encontram os meus.

– É um convite?

– Comandante. – A voz de Rhen está tomada por advertência.

A expressão de Grey, no entanto, não é hostil. Pelo contrário, há um indício de um humor sombrio em seus olhos. Penso na voz calma dele no quarto, quando eu estava pronta para brigar pelo meu celular. *Aqui. Não tem necessidade de nada disso.*

Penso nas caretas que ele fez para as crianças na neve. Ou em como ele as carregou até aqui.

– Está tudo bem – digo baixinho. – Ele está bem.

Este momento parece como o outro, quando atravessei o limite da minha cabeça e envolvi a cintura de Rhen com os braços. Uma voz cautelosa no fundo da minha mente diz que isso é perigoso... tudo isso. Eles me sequestraram. Eles me aprisionaram.

Mas então penso naqueles homens que atacaram os filhos de Freya. Como um deles estava pronto para usar a espada em uma criança. Como o outro falou *Fique com a menina também! Eu gosto das novinhas.* Penso em como Rhen disparou um monte de flechas e salvou minha vida.

Penso em como Rhen poderia ter direcionado aquele cavalo para nos levar a qualquer lugar, e eu só me daria conta quando fosse tarde demais... e ele manteve sua palavra e nos trouxe para cá.

Rhen está fitando Grey.

– Você não deve desejar violência.

Penso em como ele faz declarações como essa.

– Não é violência – diz Grey, sua expressão perdendo todo o humor. – Eu quase tinha me esquecido de como era.

Rhen não diz nada, então eu pergunto:

– Como *o que* era?

– Ser útil.

Coale ressurgiu da cozinha com três tigelas fumegantes sobre uma travessa, outra caneca e um cesto de pãezinhos. Ele me serve primeiro, e eu baixo os olhos para um tipo de ensopado marrom, com pedaços grandes de queijo começando a derreter.

Rhen e Grey pegam suas tigelas, mas Grey dispensa a caneca que Coale lhe oferece.

– É só chá quente – explica Coale. – Sei que a Guarda Real não bebe.

Grey assente e pega a caneca.

– Você tem minha gratidão.

Interessante. Olho para Coale.

– Você tem minha gratidão também.

– Não por isso. – Os olhos de Coale permanecem no meu rosto por um momento, e algo em sua expressão enrijece. – Minha esposa adicionou algumas ervas para aliviar a dor do seu rosto.

Ele lança um olhar frio para Rhen e Grey antes de nos deixar.

Levo um minuto para compreender o motivo... e, considerando minha vida fora deste lugar, não deveria ter demorado nada.

Arranco um pedaço de pão e o mergulho na sopa.

– Coale acha que você anda batendo em mim – comento baixinho.

Rhen levanta rápido a cabeça.

– Quem acha *o quê*?

– O homem. – Movo os olhos na direção da cozinha, onde Coale desapareceu. – Ele pensa que você fez isto. – Faço um gesto vago para o meu rosto, então arranco outro pedaço de pão. – A esposa dele acha que vamos nos casar como parte de alguma negociação entre nações rivais.

Rhen pousa sua tigela de sopa.

– O que exatamente você falou para essas pessoas?

– Nada! – Sinto o rosto esquentar. – Você estava conversando com o cara e eu não sabia o que dizer!

– Não estamos sozinhos – diz Grey, com a voz bem baixa.

Ele lança um olhar significativo para o canto mais afastado da sala, onde Bastian está sentado.

Falo mais baixo.

– Não sei de nada! – sibilo. – Como espera que responda às perguntas?

– Ah. Então você definiu que um noivado para fazer uma aliança entre reinos divididos era o melhor caminho. – Rhen pega a sopa de novo. – Perfeitamente razoável.

Faço uma careta.

– Por que estamos sussurrando? Você não pode simplesmente dizer que não estamos noivos?

– Não *agora*. Você não sabe como as fofocas são?

Não consigo saber se ele está bravo ou não.

– Quer dizer que, se falar que é mentira, vão acreditar mais?

Ele assente, depois arranca um pedaço de pão para si.

Sinto que ferrei com tudo sem querer.

– Bem. Você não me contou quase nada a seu respeito, por isso não tenho muita ideia do que fazer.

Ele mergulha o pão na sopa.

– Eu teria contado mais se você tivesse se juntado a mim para jantar em vez de fugir descendo pela *treliça*.

Grey me encara.

– Foi assim que você escapou? Descendo pela treliça?

– Caindo – corrijo. – Eu caí da treliça. E levei a maior parte dela comigo. – Olho para Rhen, depois espio Bastian no canto. – Ele disse que a realeza era boa demais ou estava morta demais para sair do castelo. O que isso significa?

– Vamos perguntar a ele. – Rhen pousa a tigela de sopa de novo.

– Garoto! – ele chama. – Venha aqui.

Bastian salta e olha ao redor, claramente em busca dos pais. Coale aparece na porta da cozinha e lança um olhar ao filho. O menino se aproxima devagar, porém mantém alguma distância, torcendo os dedos na bainha da camisa. Ele alterna o olhar entre Rhen e Grey, mas não diz nada.

– Você cuidou bem dos cavalos? – pergunta Rhen.

Bastian assente.

– Eu esfreguei as costas e as patas dele, como o pai me ensinou.

– E água?

Ele assente de novo.

– Tirei o gelo do cocho.

Rhen se mexe para enfiar a mão no bolso, de onde tira uma moeda de prata.

– Você tem minha gratidão.

Os olhos do menino se arregalam, mas a moeda o atrai para mais perto, e agora ele está entre os dois homens. Ele pega a moeda e a gira nos dedos.

– Nunca segurei uma de prata antes. – Ele olha para o pai na porta da cozinha, depois para Rhen. – Posso ficar com ela?

Rhen assente.

– Escove os cavalos e os alimente pela manhã que eu lhe darei outra.

– Vou fazer isso, sim. – Bastian dá um sorrisinho.

– Quando nós chegamos, você falou da família real. O que sabe?

O sorriso some do rosto do menino. Coale saiu da cozinha agora e está próximo da entrada, evidentemente dividido entre obedecer e proteger o filho. Com uma pergunta, Rhen triplicou a tensão do ambiente.

Ele deve saber disso, pois estende uma mão.

– Você não tem nada a temer se responder com franqueza.

Bastian engole em seco e olha de novo para o pai.

– Eu... eu não sei.

– O que ouviu?

– Meu pai diz...

Ele para e passa a língua nos lábios, como se percebesse que esse não é o melhor jeito de começar.

Coale atravessa a sala e para ao lado do filho. Pousa as mãos nos ombros dele e, pela primeira vez, sua voz não está deferente, mas resignada.

– O pai dele diz várias coisas. Muitas delas são ditas como brincadeira.

– Não quero discurso ensaiado, estalajadeiro. Quero a verdade.

– Então faça suas perguntas para *mim*, e não para o meu filho.

Rhen ergue as sobrancelhas. Estou imóvel na cadeira, presa por esse confronto. A tensão me lembra de como eu me sentia quando os agiotas vinham assediar meu pai. Quero tanto sair correndo

daqui que tento me tornar invisível.

Coale vacila, como se notasse que fez uma exigência.

– Por gentileza. Vossa alteza.

– Diga o que está pensando – fala Rhen.

O silêncio paira na sala por um momento enquanto os dois homens lutam com a verdade e o protocolo.

– Vocês estão todos se escondendo – diz o menino com a voz apressada. – Do monstro.

O monstro? Tem um *monstro*?

Então me recordo do que Freya disse. *Espero que o monstro apareça para caçar a sua família.*

Pigarreio.

– Monstro?

Rhen recosta-se de novo e pega sua caneca.

– Você entende agora por que pergunto para crianças.

– Sim – diz Coale com a voz séria. – Alguns acreditam que nossos governantes abandonaram Emberfall e estão vivendo em segurança em algum outro lugar, deixando as pessoas aqui para sofrer nas mãos daquela criatura que habita o castelo, o que quer que ela seja. Não é de se admirar que estamos vulneráveis a ataques de forasteiros. Durante cinco anos, imploramos por ajuda, mas nossos gritos não têm resposta, nosso povo tem fome, e nossos parentes estão morrendo. Então me perdoe pelas palavras descuidadas, mas parece que o rei não tem compaixão pelas pessoas que fazem parte do reino dele, e não se importa com ninguém além daqueles de seu próprio círculo.

O silêncio recai sobre a sala, a tensão tão sólida que parece um manto sufocando a todos nós.

Rhen pousa sua caneca e fica de pé. A emoção nubla seus olhos, mas ele assente para Coale.

– Agradeço sua honestidade. – Ele faz um carinho no queixo do menino. – Falei sério sobre a moeda pela manhã. Partiremos ao raiar do dia.

Ele se afasta, seguindo na direção da escadaria.

Eu me levanto da cadeira e vou atrás dele.

– Rhen. Pare. Espere.

Ele para, mas não olha para mim.

– Por favor, não fuja de novo, *milady*. Ao menos me permita dormir um pouco.

– O que acabou de acontecer?

– Você queria respostas. Agora as tem.

Sinto que sei menos agora do que antes. Falo mais baixo.

– É verdade? O seu pai realmente mantém a família segura em algum outro lugar, enquanto um tipo de monstro selvagem mata as pessoas?

– Não seja ridícula. – Ele enfim me encara. – É claro que não.

Prendo a respiração e o observo, sentindo que há mais coisas que ele não está dizendo.

Rhen põe as mãos nos meus braços e se inclina para a frente. Quando fala, sua voz está muito, muito baixa, só para os meus ouvidos.

– Meu pai está morto, *milady*. Toda a minha família está morta. – Ele se afasta, encontrando meu olhar, mas sua voz não se altera. – Aquele monstro matou todos eles.

CAPÍTULO ONZE



HARPER

A tensão na casa acaba dando espaço para a exaustão, levando a um silêncio denso quebrado apenas pelo vento lá fora e pelo fogo crepitando na sala de estar. Os fundos da estalagem estão divididos em três quartos no andar de cima, e a cozinha, a área de refeições e as acomodações da família do estalajadeiro ficam no andar térreo. Freya e seus filhos tomaram dois dos quartos do andar de cima.

Rhen me ofereceu o terceiro, porém não tenho desejo algum de ser trancada de novo, por isso disse que ele e Grey poderiam ficar lá.

Coale e Evalyn tentaram me fazer aceitar o quarto *deles* naquela noite, mas não ia forçá-los a deixar a própria cama... muito menos se para isso eles tivessem de dormir na estrebaria, como disse Coale logo que chegamos. Em vez disso, me encolhi em uma poltrona acolchoada na sala principal, com uma manta de malha pesada que peguei com Evalyn.

Quando Evalyn e Coale vão para seu quarto atrás da cozinha, vêm à minha mente as palavras *negociação* e *casamento real*, e suspiro. O dia deve ter acabado comigo, porque adormeço e repouso até um forte chiado e um estouro me acordarem.

Grey está parado na frente da lareira, alimentando o fogo com lenha.

Parece haver areia dentro dos meus olhos. As velas foram apagadas quando todos se deitaram, por isso a única luz na sala vem da lareira.

A expressão de Grey está oculta pela sombra, mas dá para ver que ele está inteiramente vestido. Inteiramente armado.

– Qual é o problema? – sussurro.

Sua voz também sai baixa.

– O fogo tinha virado apenas brasas, *milady*.

– Não... quero dizer, por que você não está dormindo?

Ele me olha.

– Você não sabe quais são as funções de um guarda?

Estou descobrindo que Grey tem um senso de humor sombrio escondido atrás de tanta formalidade. É subversivo. Eu gosto.

– Acha que Coale e Evalyn vão assassinar Rhen enquanto ele dorme?

Ele balança a cabeça, negando.

– Minha preocupação está mais nos homens que incendiaram a casa do sítio. – Ele olha na direção da porta, onde o vento sopra pela fechadura e pelas frestas da moldura. – A neve deve ter coberto nossos rastros, mas teria sido fácil nos seguir.

Eu me endireito. Nem sequer tinha considerado isso.

– E você acha que eles poderiam atacar a estalagem?

– Homens foram mortos. – A voz dele não tem emoção, é prática.

– Sem dúvida é possível.

– Certo. Não vou mais dormir.

– Fique à vontade.

Ele se afasta até o canto da escadaria, suas roupas pretas camuflando-o na escuridão. Se a luz da lareira não fizesse reluzir os contornos das armas dele, eu não saberia que ele está ali.

– Você ficou aí a noite toda? – sussurro.

– Sim.

Não quero me sentir mais segura por causa disso, mas me sinto.

Tiro o telefone do bolso e confiro as horas: 4h02 da manhã.

Faz quase vinte e quatro horas que sumi. De algum modo parece que se passou muito tempo, e ao mesmo tempo parece que não foi tempo nenhum.

Jake deve estar surtando.

Do nada, começo a me retrair. *Espero* que ele esteja surtando. Espero que não esteja morto, nem numa cela de prisão, nem observando um médico legista fechando um saco contendo o corpo da nossa mãe.

Fungo forte e aperto o botão para ver as imagens dele. Quero ver minha mãe, mas o telefone ainda está na última foto que olhei: Jake e Noah.

Eles parecem tão felizes. É estranho pensar que esse cara está em algum lugar do mundo, provavelmente tão preocupado com meu irmão quanto eu.

– O que você está fazendo? – A voz de Grey vem quase por cima de mim.

Eu me sobressalto e me apresso a apertar o botão para desligar a tela. Aperto o telefone contra o peito.

– Nada.

Ele fica atrás da poltrona, olhando para mim do alto. Semicerra os olhos.

Seguro o telefone com mais força.

– Você não pode pegar.

– Eu não tentei pegá-lo. – Ele para e noto algo diferente em sua voz. Não é exatamente preocupação, e sim, surpresa. – Você está chorando.

Que ótimo. Seco o rosto depressa, depois enfio o telefone embaixo da manta.

– Não se preocupe. – Minha voz sai alta e rouca.

Ele se afasta da poltrona e a princípio acho que vai voltar para o canto. Seus passos são leves e ele se move como uma sombra.

Mas ele dá a volta e se senta diante da lareira. Há uma mesinha baixa entre as poltronas, e ele a puxa para ficar entre nós. Então, desafivela uma pequena bolsa no cinturão e tira algo embrulhado em um tecido vermelho.

Mesmo sem querer, estou curiosa.

– O que está fazendo?

Ele abre o tecido, esticando-o na mesinha. Seus olhos se erguem e encontram os meus.

– Você disse que não vai dormir. Quer jogar?

Em suas mãos há um baralho.

Passo a língua pelos lábios.

– Você anda com um baralho?

Ele esboça um sorriso.

– Um guarda sempre tem um baralho.

O baralho é maior do que estou acostumada, e o papel parece mais grosso.

– Posso ver?

Ele assente e o põe nas minhas mãos.

É mais pesado do que eu esperava, o papel grosso com bordas douradas. Quando observo mais de perto, cada carta parece pintada a mão, sem números, mas quantidades óbvias de diferentes imagens. Não há paus nem copas aqui, no entanto.

– Que naipes são estes? – pergunto, segurando uma carta com seis formas circulares pretas.

Ele acena com a cabeça na direção da carta.

– Pedras. – Quando apresento a próxima, ele diz: – Coroas.

Acho outra.

– Não me conte. Espadas?

Ele assente, depois gesticula para a próxima carta do baralho.

– Corações, *milady*.

Espalho as cartas pela mesa, analisando os desenhos. As cartas numéricas são similares às do baralho que temos em casa, mas este só vai até o nove. As cartas de figuras têm um detalhamento impressionante, desde um rei franzindo o cenho com uma coroa que parece incrustada com verdadeiras joias cintilantes até uma rainha cujo vestido parece feito de cetim colado às cartas. Os naipes nestas cartas são identificados por uma marca no peitoral do rei e nas saias da rainha. Não há *K* nem *Q*, mas as figuras são óbvias.

Então minha mão para na carta que deveria ser o valete: um homem loiro segurando um escudo, com um coração grande e vermelho no meio.

– Rhen – sussurro.

Grey toca a ponta da carta que tenho nas mãos.

– O príncipe de corações. – Ele se estica para recolher as outras cartas, embaralhando-as tranquilamente.

– Ele está no próprio baralho – murmuro. Não é se de admirar que as pessoas o reconheçam à primeira vista. – Que doideira.

– Os seus líderes estão em suas moedas. – Grey gesticula para que eu entregue a carta que estou segurando, então, com

habilidade, ele a embaralha junto com as outras. – Isso é tão diferente assim?

Pisco para ele.

– Como você sabe disso?

– Não sou um completo ignorante do seu mundo. Como poderia ser?

– Não faço ideia. Ainda não entendo o que você estava fazendo lá. Por que estava sequestrando aquela garota. Rhen diz que ele precisa completar uma *tarefa*.

Ele começa a distribuir as cartas para nós dois.

– Existem muitas coisas sobre as quais sou proibido de falar.

Suspiro.

– É claro.

– No entanto, sobre muitas outras, não. – Ele termina de distribuir as cartas, deixando sete à minha frente, e sete diante dele. O restante do baralho fica no meio, com uma carta virada para cima: o cinco de espadas. – Faça suas perguntas.

– Minha primeira pergunta é: o que estamos jogando?

– Resgate do Rei. Faça par com o naipe ou com a figura. Rainhas e príncipes são coringas. A primeira pessoa que termina só com reis nas mãos ganha... mas, se você jogar uma carta de príncipe, pode roubar um dos reis do seu oponente.

Repito tudo para mim. Fazer pares com naipes ou números. Meu cérebro exausto consegue lidar com isso. Tenho um cinco de coroas na mão, e descarto.

– Você conhece nosso dinheiro. Então aquela não foi a primeira mulher que você tentou sequestrar.

– Não.

Ele descarta um sete de coroas no monte.

Abaixo um sete de pedras.

– Quantas foram?

Um três de pedras.

– *Centenas*. Devo admitir que perdi as contas.

Minhas mãos congelam em um três de espadas. Não faço ideia de que número eu estava esperando, mas não era esse.

– Centenas? Você sequestrou centenas de mulheres? – Estreito

os olhos e o encaro enquanto reflito. – Exatamente quantos anos você tem?

– *Exatamente?* Isso eu não sei dizer. A maldição começou no primeiro dia de outono no meu vigésimo aniversário, e ela dura uma estação. Quando não é quebrada, a estação recomeça.

– Então você tem vinte anos há... *desde sempre?*

– Mais tempo do que a maioria das pessoas, ao que parece. – Ele balança a cabeça sutilmente. – Quando a estação recomeça, não parece que o tempo passou. Não sinto como se eu tivesse envelhecido. É mais como um sonho do que uma lembrança.

Interessante.

– Quantos anos Rhen tem?

– Você chegou aqui no aniversário de dezoito anos dele.

– Dezoito... no dia do aniversário dele? Hoje era o aniversário dele? – Minha voz se eleva quando me recordo dos instrumentos, das mesas repletas de bolos, doces e iguarias. A festa sem pessoas. – Você sequestra uma *garota* para dar a ele como presente de *aniversário*?

O olhar que Grey me lança é rígido.

– Escolho uma garota para quebrar a maldição. Nada mais, nada menos.

Eu o observo.

– Certo, então o que eu preciso fazer?

– No passado eu conseguiria lhe dar uma resposta. Porém faz tanto tempo que vejo a maldição não se quebrar que não tenho certeza se há alguma coisa que você possa fazer conscientemente.

– Rhen disse que precisava completar uma tarefa.

– De certa forma. – A voz dele é cautelosa, e sinto que estamos alcançando perguntas que ele não pode responder.

– Então estou presa aqui.

Ele assente.

– Para sempre?

– Se a maldição não for quebrada, você retornará para casa quando a estação terminar. Não antes.

Três meses. Deslizo as cartas entre as minhas mãos e tento não deixar o pânico me consumir. Nada mudou. Nada está diferente.

Posso lidar com isto.

– O que aconteceu com todas as outras mulheres?

– Depende da estação e da garota.

– Elas morreram?

– Não todas. Mas algumas, sim. – Ele gesticula para o monte entre nós. – Jogue sua carta, por favor.

Eu a deposito no monte. Minha respiração de repente parece muito superficial.

Ele abaixa uma carta em cima da minha, e jogamos em silêncio por muito tempo, com o fogo estalando atrás dele.

Em dado momento, ele precisa comprar.

– Tão poucas perguntas, *milady*?

– Por que você faz isso?

Ele abaixa uma rainha de pedras.

– Fiz um juramento de proteger a família real, pelo bem de Emberfall. Somente a mim foi concedida a habilidade de cruzar para o seu lado. – Ele puxa uma tira de couro onde a armadura circunda seu antebraço, e uma faixa prateada brilha embaixo. – No início de cada estação, essa faixa me dá uma hora para cruzar até o seu mundo. Se eu não conseguir buscar uma garota, não há chance de quebrar a maldição. Precisamos esperar o fim da estação para recomeçar depois.

Reviro a informação na cabeça por um minuto.

– A estação recomeça para todo mundo?

– Não. Somente nas terras do Castelo Ironrose. Fora dele, o tempo corre normalmente.

Então foi por isso que as estações mudaram quando atravessamos o bosque.

– E quanto ao monstro de que as pessoas tanto falam?

– O que quer saber?

– Coale diz que ele vive no castelo.

Ele hesita.

– Esse é um boato para proteger as pessoas da maldição. Só isso.

– Que tipo de monstro é?

Suas mãos congelam nas cartas.

– É sempre diferente. Mas sempre horrível.

– Diferente como?

– Às vezes, a criatura é uma besta gigante com chifres e presas. Às vezes, é um reptiliano, com garras como facas. Às vezes... no pior caso... o monstro tem asas e pode voar.

Franzo o cenho.

– Mas todas são a mesma criatura? Como sabe que não são várias?

Seus olhos se erguem e encontram os meus, mas ele não fala nada.

Mordo o lábio e descarto outra carta. Todos estão dormindo, mas falo mais baixo, de qualquer modo.

– Rhen disse que a família dele foi morta pelo monstro. O rei e a rainha.

Ele assente devagar.

– E as irmãs dele também, *milady*.

Essa informação não deveria cutucar algo dentro de mim, mas é o que acontece. Não quero ter simpatia por Rhen, no entanto, pensar em Jake e na minha mãe me consome tanto que não posso evitar.

– Coale e Evalyn acham que o rei e a rainha estão escondidos em algum lugar longe daqui. Não sabem que eles estão mortos?

Grey hesita.

– Se o povo descobrisse que seus governantes estão mortos, os problemas seriam impensáveis. Rebelião. Guerra civil. O reino poderia ser atacado, e não temos exército para lutar.

Eu o observo.

– Então o rei fechou as fronteiras. Lacrou o castelo. É por isso que Evalyn disse que não existe comércio. É por isso que estão preocupados com invasores. O príncipe Rhen fechou as fronteiras. Usando o selo real do pai. Ele começou os boatos de possíveis invasões, estimulando as pessoas a entregarem outras. Recusou tentativas de comércio e justificou que eram ordens do pai. A princípio, foi sábio, uma manobra de proteção. Porém, conforme o tempo passou, você pode ver que as pessoas sofreram.

Sim. Posso ver isso. Vi em Freya e em seus filhos. E agora,

embora um pouco menos, vejo em Coale e Evalyn.

Jogamos em silêncio por um tempo até que fico somente com três cartas na mão, e tenho que começar a comprar. Acabo ganhando um príncipe de espadas.

Sorrio e viro a carta.

– Rá! Você não disse que posso sequestrar seus reis com esta?

– Só um.

Ele a joga na mesa.

Enfio o rei entre minhas outras cartas.

– Agora é só uma questão de tempo até eu vencer.

– Veremos.

– Você jogou baralho com as outras centenas de garotas?

– Não.

Isso me surpreende.

– Por que não?

Ele esfrega o queixo.

– Essa é uma pergunta complicada, *milady*. Provavelmente pelo mesmo motivo por que nunca tive a necessidade de enfrentá-las com uma arma.

Eu o observo.

– Está querendo me ofender?

– Não. – Ele abaixa um quatro de corações. – Bem o oposto, aliás.

Não sei o que fazer com isso. Palavras ditas na escuridão no meio da noite sempre parecem ter um peso muito maior do que teriam em qualquer outro horário.

– Você joga baralho com Rhen?

Ele assente.

– Com frequência.

– Posso perguntar outra coisa sobre a maldição?

– Sem dúvida, pode tentar.

Abaixo um dois de corações, restando apenas duas cartas na minha mão. O rei que sequestrei e um nove de espadas. Grey tem quatro cartas.

– Quem foi amaldiçoado? Só ele? Ou você também?

Ele respira fundo, e não acho que vai responder. Contudo, ele diz:

– Minha resposta para essa pergunta mudou ao longo do tempo, *milady*. Antes eu teria lhe dito que apenas sua alteza sofreu.

Ele põe um nove de corações no monte.

Um nove! Começo a pegar minha última carta livre.

Mas então Grey vira suas outras três cartas. Todas são reis.

Fico estupefata. Eu o vi pegar e abaixar cartas desde que começamos a jogar e jamais teria adivinhado que ele tinha sequer um, que dirá três.

– Você venceu.

Ele não comemora sua vitória. Em vez disso, começa a recolher as cartas.

– Outra rodada?

– Claro. – Agora quero vê-lo fazer de novo.

Enquanto ele distribui, eu digo:

– Você não terminou de contar quem é o amaldiçoado. Se não é Rhen, é você?

– Não. Nada é tão simples assim. – Ele pega suas cartas e me encara. – Ainda não compreendeu? A maldição atormenta a todos nós.

CAPÍTULO DOZE



RHEN

Assim como tantas outras coisas, o sono me escapa.

Ouço o vento assobiando pelas venezianas. O fogo se reduziu a quase nada, mas não me preocupo em alimentá-lo. O frio combina com meu humor.

A manhã não deve estar distante, porém luz nenhuma se esgueira pelas frestas das venezianas, portanto, ainda deve ser cedo.

Mal dormi. Gostaria de culpar os calombos no colchão ou o tecido áspero de lã dos cobertores, mas, na verdade, são as palavras de despedida de Coale que ficam retumbando nos meus pensamentos.

Durante cinco anos, imploramos por ajuda, mas nossos gritos não têm resposta, nosso povo tem fome e nossos parentes estão morrendo.

Gostaria de poder alegar ignorância, mas não posso. Independentemente de ter escolhido me isolar no castelo, eu sabia que isso estava acontecendo.

A culpa é minha. De tudo.

Fico pensando naqueles homens que incendiaram a casa. *Este homem usa um brasão.* Mas ele não o reconheceu. *Armamento decente. São mais do que ladrões comuns.*

Cinco homens. Organizados. Incendiando uma casa. Não consigo imaginar *por que* eles fariam tal coisa, a não ser que Freya esteja mentindo. Porém...

Interrompo essas ideias no meio do caminho. Esse tipo de pensamento é inútil. Todos os soldados sob meu comando foram enviados à fronteira anos atrás, e não tenho ninguém para aplicar

leis que evidentemente foram há muito esquecidas ou ignoradas. *Cinco anos*, disse o estalajadeiro. É mesmo um milagre que meus súditos ainda se ajoelhem à minha frente... especialmente visto que não tenho nada a lhes oferecer.

Uma rajada de vento faz as persianas baterem contra o vidro da janela, e eu me sobressalto.

Não vou conseguir dormir assim. Preciso de uma distração.

Calço minhas botas e prendo meu gibão, deixando a espada e o cinturão na cadeira. Não quero acordar nossos anfitriões nem arriscar que alguém escute algo escondido, por isso atravesso o quarto em silêncio para abrir a porta e chamar Grey.

Porém Grey não está ali.

Surpreso, abro a porta toda. Meu comandante da guarda está sentado perto da lareira, jogando baralho com Harper.

Ele me vê imediatamente e se levanta. Não há culpa nem penalização em seu semblante, e nem deveria.

Posto isso, não consigo identificar a sensação que se revira dentro de mim, quente e súbita. Não é bem raiva, não é bem amargura. Essas eu conheço bem.

Mas a de agora, não.

– O que está fazendo? – pergunto.

– Jogando baralho – responde Harper. – Fale baixo.

– Eu não estava falando com você.

– Não me importo. Tem gente dormindo.

Grey dá um passo para longe do fogo e se move até o meio da sala.

– Perdoe-me, meu senhor. Como posso servi-lo?

Sua voz é equilibrada, formal, ensaiada. É o modo como ele fala quando não sabe bem como está meu humor.

– A estalagem está protegida? – pergunto a ele. – Ou você estava ocupado demais para conferir?

A expressão dele não vacila.

– A estalagem está protegida.

– E os cavalos?

– Eu não queria sair enquanto o senhor estivesse dormindo.

– Agora estou acordado. Vá conferir.

Ele assente, vira-se e segue para a porta sem questionar. Quase não se detém para pegar a capa do gancho perto da porta, então se vai, desaparecendo na escuridão e na neve rodopiante. Um vento amargo chicoteia porta adentro, fazendo o fogo tremular. O arrepio me alcança do outro lado da sala.

Termino de descer os últimos degraus da escadaria e tomo o assento de Grey em frente à lareira. Suas seis cartas estão abandonadas em um pequeno monte sobre a mesa.

– Estávamos no meio de um jogo – diz Harper.

– Vejo que sim. – Analiso o conjunto das cartas e pego as de Grey. – Resgate do Rei?

– Grey me ensinou.

Ela junta suas próprias cartas e as joga em cima do monte de descarte, então se recosta e puxa a manta para cobrir o corpo.

Recolho as cartas e começo a embaralhar. Eu me sinto como se estivesse numa discussão, e não tenho muita certeza do motivo.

– Não quer mais jogar?

– Você mandou meu oponente para uma tempestade de neve.

– Grey tem deveres a cumprir.

– Claro que tem.

Minhas mãos param nas cartas. A sala está densa com o calor do fogo, e a luz brinca nos traços dela, fazendo seus olhos brilharem quando me olha. Ela tem um talento impressionante de tocar em todos os meus pontos fracos.

Sustento o olhar dela.

– Se pretende me dizer algo, insisto que diga.

– Não acho que eu precise.

Ficamos ali sentados em silêncio, um encarando o outro, até que Grey retorna, espanando neve da capa e do cabelo.

Ele percebe a tensão e escolhe ignorá-la.

– Os cavalos estão bem. Não encontrei vestígios.

– Que bom.

Eu não olho para ele. Não quero ser a pessoa que vai ceder nesse impasse.

Assim que penso nisso, me sinto infantil. Mesquinho, como eu me senti quando mandei Grey sair na neve.

De qualquer modo, Harper desvia o olhar, mas não por ter desistido. É mais por não se importar.

– Já usou o quarto, príncipe Rhen?

Como antes, ela faz meu nome parecer um insulto, e dessa vez fico ranzinza.

– Por quê?

– Porque eu gostaria de ter algumas poucas horas de sono em algum lugar que não seja esta poltrona.

Ela pendura a manta no braço e manca na direção da escadaria.

Seu modo de andar me pega de surpresa toda vez. Ela é tão determinada, tão segura de si, que espero que ela se mova com uma graça e firmeza que correspondam ao seu temperamento. Entendo por que Evalyn pensaria de imediato em um compromisso para alinhar nações distantes. Harper fala de uma maneira que não deixa espaço para desrespeito. Como uma governante, não uma súdita.

Ela deve estar tensa e com dor, porque está mancando mais agora, e se move lentamente, segurando o corrimão para subir as escadas. Quando ela entra no quarto, percebo que Grey está à minha esquerda.

Olho para baixo, para as cartas, e as embaralho com as duas mãos.

– Sente-se, comandante. Jogue.

Ele se senta. Eu distribuo as cartas. Jogamos em silêncio.

Gosto de jogar baralho. Gosto de jogos em geral, em especial jogos como esse: aparentemente simples, em que a verdadeira estratégia reside em desvendar o seu adversário. Isso era uma das poucas coisas que eu gostava de fazer com meu pai. Quando era bem novo, ele me disse que nos jogos as cartas que eu tinha na mão ou o dado sobre o tabuleiro não eram tão importantes quanto a oportunidade de compreender um oponente e sua maneira de pensar. Grey sempre joga como luta: direto, sem hesitação. Um homem treinado para fazer uma avaliação e agir de imediato. Ele joga bem, porém seus movimentos nunca são calculados antecipadamente, sempre respondem aos meus.

Gostaria de saber como Harper joga.

Parte de mim odeia que Grey já saiba.

– Como você fez ela jogar com você? – pergunto, por fim.

Ele abaixa uma carta no monte.

– Não fiz nada.

Faço uma careta, pensando nas palavras cuidadosamente escolhidas que a levaram a se aproximar mais de mim enquanto cavalgávamos.

– Isso nunca vai dar certo. Ela não confia em mim. Pior, ela me olha com desprezo.

Grey inspira como se fosse dizer algo, mas muda de ideia, porque não faz nada além de jogar outra carta no monte.

– Diga – eu peço. – O que quer que seja, Grey. Diga.

– Com todo o respeito, meu senhor, acredito que o senhor olha para si mesmo com desprezo.

Emito um som aborrecido.

– Será uma luta difícil com essa garota. Ela vai apresentar desafios a todo momento. Você não sente isso? Se não conseguirmos fazer progresso agora, não há esperança para o futuro.

Grey não diz absolutamente nada e apenas espera que eu jogue uma carta. Suspiro e coloco uma no monte.

– Sei que você tem pensamentos, comandante.

– Sim. Muitos.

– Bote-os para fora.

Ele ergue o olhar e me encara.

– Você é bom em descobrir meus movimentos muito antecipadamente. Às vezes, acho que sabe quais cartas vou jogar antes de eu mesmo saber. Antes mesmo de eu saber que cartas tenho.

Mas que inferno.

– Não sobre *cartas*. – Eu as jogo longe, cansei. – Quero saber o que pensa sobre a garota.

– É o que estou fazendo. – Ele pausa. – Você fala de progresso. Você fala de desafios no futuro. Seus pensamentos, como sempre, estão vinte movimentos à frente.

Eu o encaro.

Grey suspira e reúne as cartas.

– Você me perguntou como eu fiz para que ela jogasse comigo. Como se houvesse algum truque para tanto. – Ele organiza o baralho. – Meu senhor, eu não fiz nada. *Eu me sentei e a convidei.*

CAPÍTULO TREZE



HARPER

Voltamos a Ironrose na metade da manhã. Por um lado, quero resistir, mas não posso ficar na estalagem com todo mundo pensando que faço parte de um noivado real... e os eventos nas últimas vinte e quatro horas me convenceram de que estou bem longe de achar um telefone.

Tão logo chegamos ao castelo, Rhen me conduz além das mesas de comida e da música no saguão de entrada, que hoje está lenta e sóbria, até o mesmo quarto.

Eu me recuso a entrar.

– Se pensa que vou deixar você me trancar de novo aí dentro, está muito enganado.

Seus olhos estão cansados, mas ele tira a chave da fechadura e a oferece para mim.

– A refeição do meio-dia será servida em poucas horas. Posso confiar que você não vai descer pela treliça desta vez?

Minhas juntas já estão tão tensas que cheguei a ponto de sentir dor ao andar. Não vou descer por treliças tão cedo. Pego a chave da mão dele.

– Não vai ser necessário.

A expressão dele *não* é de satisfação.

– Mas *vou* enviar Grey para vigiar esta porta.

– Acho que Grey precisa dormir um pouco.

– De fato. Devo, então, vigiar a porta pessoalmente?

Os olhos dele, escuros e intensos, dão peso às suas palavras. Lembro de sua respiração em meu pescoço na estalagem, quando me deu um alerta quase tocando minha pele. Ele tem a habilidade

sinistra de fazer com que suas palavras sejam uma ameaça velada e uma promessa sussurrada ao mesmo tempo.

Prendo uma mecha de cabelo solta atrás da orelha e desvio o olhar.

– Você não precisa vigiar meu quarto.

Eu me viro para atravessar a porta.

Então paro de repente.

A cama está arrumada, com os travesseiros ajeitados. O fogo ruge na lareira. As manchas de sujeira e poeira que deixei nos lençóis ontem sumiram sem deixar rastros. Há um novo vaso na mesinha lateral, repleto de flores brancas. Os aromas de jasmim e madressilva pairam intensos no ar.

Rhen fala atrás de mim.

– Assim como a música e a comida, o castelo segue uma ordem predeterminada de eventos. Você encontrará seu quarto arrumado todos os dias.

Dou meia-volta e o encaro.

– E se eu o destruir? – Minha voz está tomada de sarcasmo... mas também estou curiosa de verdade.

Ele não entra na brincadeira.

– Pode tentar e verá.

Eu me aproximo das flores, me inclinando para cheirá-las. Cada pétala é perfeita. Não há sequer uma folha seca.

– São lindas.

Ele assente.

– Arabella amava flores. Você vai ver novos arranjos com frequência. – Sua voz é estável, sem nem um pouco de emoção.

– Arabella?

– Minha irmã mais velha.

Fico paralisada. Não quero sentir empatia... porém, em pé neste quarto, cercada pelas coisas da sua falecida irmã, não consigo ignorar. Pela primeira vez, tento imaginar como deve ser viver em um lugar que se reinicia tantas e tantas vezes... sem a família dele.

Rhen não se moveu. Não sei o que dizer. Uma coisa é sentir empatia... outra, bem diferente, é demonstrar.

Ele me poupa do silêncio desconfortável.

– Deixarei você descansar – diz ele.

– Obrigada.

Ele hesita antes de a porta se fechar, e, por um milésimo de segundo, espero que ele me engane e de alguma maneira a tranque, ou que tente tomar a chave de mim. Contudo, talvez esta seja a forma que ele encontra de oferecer um pouco de confiança. A porta clica ao se fechar, destrancada. E então ele se vai.

Estou aliviada. Preciso de um tempo. Prisioneira ou não, não quero ficar imunda. Entro na banheira.

A água está na temperatura perfeita, aliviando a dor dos meus músculos e lavando o sangue e a sujeira das minhas mãos. Vários frascos e garrafas estão dispostos em uma bandeja espelhada perto da janela. Não tenho ideia do que é o quê, mas tudo cheira bem, então pego um e o jogo na água. Quando sobe espuma, me afundo na água e esfrego o cabelo. Duas vezes, porque ele parece estar nojento. Depois fico ali deitada na água morna e encaro o teto.

Quando eu era mais nova e tinha pesadelos, minha mãe costumava dizer *É só pensar em mim que eu vou aparecer nos seus sonhos. Eu vou te ajudar a mandar esses pesadelos pra longe.*

Essa história sempre funcionava. Bem demais, aliás. Eu costumava pensar que era capaz de evocar minha mãe só com o pensamento, até ficar velha demais para acreditar nesse tipo de coisa.

Neste exato momento, eu daria qualquer coisa para ser capaz de evocá-la.

Saio da banheira antes que a emoção me faça engasgar.

Não quero pegar emprestadas mais roupas de uma garota falecida, muito menos da irmã de Rhen, mas a praticidade vence. Não dá para sair pelada por aí. As calças de camurça de hoje são pretas, e combinam confortavelmente com uma blusa soltinha vermelha, com laços de couro nas laterais. Sem produtos, meu cabelo cacheado está desgrehado, então eu o deixo secar naturalmente e o prendo em uma trança grossa e frouxa que desce pelo meu ombro. Uma dúzia de pares de botas estão alinhados no chão embaixo dos vestidos, e elas me servem melhor do que o par que peguei na estrebaria, por isso escolho botas pretas que sobem

até meus joelhos. Quando vejo meu reflexo no espelho, de relance, noto que pareço uma princesa guerreira ferida, inclusive com um hematoma arroxeadado e amarelado na face esquerda. Mas não está inchado nem dolorido. Devo isso a Evalyn.

Caio deitada na cama e fico encarando o teto. Penso em Jake e na minha mãe, pensamentos tomados pela preocupação até eu não suportar mais.

Preciso fazer alguma coisa. Preciso *agir*.

Rhen não falou que eu *precisava* ficar dentro do quarto. Abro a porta, certa de que ele havia deixado Grey ali a postos, mas fico contente ao ver que o corredor está vazio. A melodia do violino do andar de baixo torna impossível ouvir qualquer outra coisa, e atravesso o corredor.

Espio pelas portas abertas enquanto passo. Uma é mais extravagante do que a outra, com tapeçarias de veludo, tapetes de pele, bandejas de prata com copos de cristal. Há vinho em alguns quartos, junto com bandejas pequenas de comida.

O corredor culmina em uma escadaria ampla... e uma escolha. Posso descer para a escuridão ou subir para a luz.

Continuo subindo.

Os quartos do terceiro andar são maiores que os que acabei de ver; todos parecem mais apartamentos do que cômodos. As portas estão escancaradas, conduzindo primeiro a saletas, depois a portas duplas, e por fim, a camas decoradas com luxo e tapeçarias magníficas. Nesse corredor, há uma grande abertura na parede oposta a cada porta, mas os cômodos não estão mobiliados. Estranho.

Então eu compreendo. É um espaço para a guarda. Se houvesse guardas para ficarem ali. Se houvesse pessoas que precisassem de guardas.

No quarto cômodo, estou começando a me cansar de toda essa elegância e riqueza. É como explorar um museu sem placas.

Espio pela quinta porta.

Só vejo sangue.

Meu cérebro leva um segundo para processar... e um segundo a mais para meu nariz inalar o cheiro de cobre. O sangue mancha

todas as paredes, em todos os tons de vermelho: faixas escuras nas paredes brancas, manchas de ferrugem nas roupas de cama, grandes poças viscosas escarlate no chão de mármore.

Não tem só sangue ali. Há coisas mais espessas nas poças. Coisas mais sombrias. Coisas viscerais.

Cambaleio e me agarro à moldura da porta. Não consigo respirar. Minha visão dá voltas.

Ninguém poderia perder tanto sangue e sobreviver. Ninguém poderia perder tanto... tecido.

Estou gritando. Não sei há quanto tempo estou fazendo isso, mas de repente minha garganta parece arranhar.

O cheiro continua me atingindo, cobre úmido com um quê de algo mais amargo. Uma moedinha velha na minha língua. Eu engasgo. Minha visão está borrada de novo. Vou tombar para a frente e cair desmaiada em uma poça de sangue.

Alguém me agarra por trás, puxando-me de volta.

– Harper.

É a voz de Rhen. Seus braços estão firmes nos meus. Um peito sólido contra minhas costas.

Ainda estou com raiva. Meus gritos se dissolveram em um lamento fraco.

– Harper, olhe para mim. – Rhen vira meu corpo, forçando o movimento. Ele me dá um chacoalhão leve. – Olhe para mim.

Eu olho para ele.

Rhen. Sozinho.

Meu peito parece querer explodir. Se Rhen não estivesse me segurando, acho que eu não estaria de pé.

– Grey? – Minha voz falha. – É o Grey?

– Não. O comandante Grey está são e salvo. – A voz dele sai apressada, mas compassiva. – Acalme-se.

Inspiro... e sinto de novo o cheiro de sangue. É muito forte. Minha garganta se fecha e eu quase inclino o corpo para a frente.

O mundo gira novamente. Tudo fica de cabeça para baixo e depois se endireita. Estou desmaiando.

Mas não... não estou. Estou me movendo pelo corredor, envolvida no calor. O quarto de horror está encolhendo, tornando-se

nada além de uma porta.

Viro a cabeça para olhar para ele. O movimento faz meu rosto recostar em seu ombro nu, o que me pega de surpresa. Seu casaco e sua camisa sumiram, e ele veste algo confortável e uma pesada camiseta branca e sem manga. O decote está molhado, assim como a metade inferior de seu maxilar. Ele está quente e cheira a hortelã, e vejo uma linha fina e branca de creme.

Ele estava se barbeando.

É tão normal que fico desarmada. Eu poderia fechar os olhos e fingir que sou uma menininha, antes de nossas vidas terem virado uma merda, acolhida nos braços do meu pai, inalando o cheiro dele exatamente assim.

Mas não sou.

E este é Rhen.

Passo uma mão trêmula pelo rosto. Uma lembrança agradável de meu pai é menos bem-vinda do que a carnificina daquele quarto.

– Me põe no chão.

Espero que ele se recuse, mas ele para e desce minhas pernas até o chão. Estamos no topo da escadaria, e ele não se afasta. Sua calma é ao mesmo tempo tranquilizadora e assustadora.

– Está melhor? – pergunta ele, baixinho.

Não faço ideia.

– Aquilo é sangue de verdade?

– Sim. – A expressão dele fica sombria. – Você se lembra de ter dito que um guarda era desnecessário?

– Acredite, estou totalmente arrependida disso. – Ainda estou com medo de vomitar por todo o carpete de veludo. – Você sabia que isso estava lá?

– É claro. – Uma pausa. – Costumo pedir para Grey pôr barras nas portas, mas estivemos ocupados, de certa maneira, desde a sua chegada.

É um comentário mordaz, porém meus pensamentos tropeçam, tentando encontrar uma maneira de compreender tudo. Aquele sangue era fresco, real e vívido.

– Alguém se feriu?

– Não, *milady*. Não do jeito que você está imaginando.

Eu o encaro.

– E tem outro jeito?

Sua expressão não revela nada.

– Este andar não é local para pessoas de estômago fraco. Consegue andar?

– Consigo.

Agarro o corrimão e desço os degraus. Meus dedos tremem com adrenalina, e me sinto nervosa e instável.

Rhen caminha ao meu lado, aparentando muita calma.

Ele está tão relaxado que começa a me afetar, e tenho a impressão de que imaginei tudo.

Alcançamos o piso e eu me viro, pronta para seguir até meu quarto, mas Rhen continua depois da curva.

– Venha – diz ele, gesticulando com uma mão. – Não há nada de assustador nas cozinhas.

Não sinto fome nenhuma depois de ver aquela carnificina no quarto, mas o sigo mesmo assim. Ele pode comer. Quero informação.

– Foi o monstro? – pergunto com uma voz abafada. – O monstro está aqui?

– Não. O sangue naquele quarto é terrível de ver, mas não é motivo de preocupação real.

Ele continua a seguir pela escuridão, e me deixa para trás.

Faço o melhor possível para correr atrás dele. No final da escada, luzes piscam pelo corredor escuro e aromas quentes de farinha e fermento chegam ao meu nariz. Eu deveria ter escolhido este caminho desde o começo.

– O sangue faz parte da maldição? – sussurro.

Ele se vira e faz um gesto amplo, com uma expressão incrédula.

– Tudo o que você vê é parte da maldição.

Hesito, pensando em sua família morta, embora não consiga entender que sangue úmido tenha a ver com pessoas mortas há tantas estações.

Eu não deveria ter me preocupado, pois sua voz permaneceu casual e relaxada.

– Gostaria de beber um pouco de vinho? Posso buscar uma

garrafa na adega.

– Não. Rhen... – Engulo em seco, e minha voz fica rouca. Grey me contou sobre as centenas de garotas, e que algumas sobreviveram e outras não. – Quem morreu naquele quarto?

– Ninguém.

– Impossível. – Pauso e me pergunto se deveria tentar fugir de novo. Vou em direção à porta. – Foi... era da última garota que estive aqui? Ela morreu no castelo?

– Não. Ela voltou para casa quando a estação recomeçou. Se não quer vinho, prefere hidromel, ou talvez...

– Não quero saber de bebidas! – Paro na frente dele. Minha pulsação ressoa em meus ouvidos e tenho certeza de que minha expressão é feroz. – Como pode falar de almoço quando tem um quarto cheio de sangue lá em cima? – Bato uma mão na parede de pedra. – Pare de desconversar.

Ele me encara com firmeza. A luz dos lampiões a óleo cintila em seus olhos.

– Só lhe dei respostas diretas. Se pensa o contrário, é porque está fazendo as perguntas erradas. O que você quer saber?

– De quem é aquele sangue?

Um pouco de raiva surge em sua voz, mas é contida por resignação.

– Aquele sangue que você viu era meu.

CAPÍTULO CATORZE



RHEN

Estou reconsiderando minha decisão de deixá-la livre. Se ela achou que meu antigo quarto era aterrorizante, não é um bom presságio para o que está por vir. Na verdade, provavelmente eu deveria estar de joelhos, agradecendo por ela não ter fugido do castelo de novo, mas me seguido por vontade própria até as profundezas cálidas das cozinhas do palácio.

Tenho lembranças boas desta parte do castelo. Eu costumava vir aqui com frequência quando criança, e as moças da confeitaria me davam pedaços de massa e copinhos de creme doce. Minha ama era amiga da cozinheira, e elas fofocavam e davam risada enquanto eu riscava desenhos na farinha que parecia cobrir tudo.

Minhas visitas à cozinha pararam – e minha ama desapareceu – quando perguntei ao meu pai por que nenhuma garota conseguia manter sua atenção por mais de quinze dias, ou por que isso deixava minha mãe arrasada.

As lembranças, porém, permaneceram intactas. Depois que Lilith me amaldiçoou, depois que o vazio ecoante do castelo começou a me assombrar, eu buscava refúgio aqui embaixo. O calor e o cheiro forte de açúcar e fermento me fazem recordar da infância.

Quando eu era inofensivo.

Sem funcionários, a cozinha parece imensa. Há comida por toda parte, quase escorrendo das sombras. Dúzias de pães fatiados estão nas prateleiras ao lado da lareira, onde um fogo enorme ruge. A sopa borbulha em um grande caldeirão, uma sopa de milho cozido que o cozinheiro teria servido no jantar. Seis faisões estão sendo assados num espeto girando lentamente acima de um fogo do outro

lado do cômodo. Os legumes foram fatiados e assados, depois alinhados na bandeja. Queijo. Castanhas. Doces. Por todo lado.

O único espaço disponível é uma mesa grande no meio da cozinha, polvilhada com açúcar e canela sobre a qual se alinham porções de massa.

Harper para na entrada e olha ao redor.

– Cacet... uau.

Vou até a mesa, afasto as tiras de massa para o lado e puxo um banquinho.

– Sente-se, *milady*. Vinho?

– Tenho certeza de que vou precisar beber um pouco.

Busco uma garrafa na despensa no fundo da cozinha, depois sirvo. Harper observa.

O peso de seus olhos me deixa inquieto. Perdi a habilidade de sentir constrangimento muito tempo atrás... ou ao menos pensava que tinha perdido. Estou acostumado com o peso de olhos curiosos e olhares críticos.

A avaliação de Harper é diferente. Ela é minha última chance. As apostas parecem absurdamente altas.

Assim que os cálices estão cheios, entrego um a Harper, então bebo todo o meu vinho em um só gole. Sirvo mais.

Ela toma um golinho, me observando.

– Então você *está* chateado.

Isso me faz parar.

– Por que acha isso?

– Pela minha experiência, os homens bebem desse jeito quando estão chateados.

Não gosto do fato de ela me enxergar com tanta clareza.

– É mesmo? E qual é a sua experiência?

Ela se retrai quase imperceptivelmente. Agita o vinho no cálice e mantém a voz leve.

– Não quero falar sobre mim.

Tomo um gole mais lento do meu cálice.

– Quer falar sobre mim?

Assim como em qualquer outro momento em que eu a desafio, uma faísca acende em seus olhos.

– Sim, eu quero. O que aconteceu de verdade naquele quarto?
– Eu cometi um erro. – Tomo um gole mais longo de vinho. Já estou sentindo os efeitos do primeiro cálice. – O primeiro de muitos, aliás.

Ela se inclina sobre a mesa e me analisa.

– Que tipo de erro?

Hesito. Meço minhas palavras. Tomo outro gole, ainda mais longo.

– Desfrutei da companhia da mulher errada.

– E o que aconteceu? Ela destruiu você?

– Sim.

Sua pergunta foi descontraída, e ela claramente não esperava essa resposta. Sua voz fica mais baixa.

– Então como é que você está aqui? Onde estão suas cicatrizes?

– Nem toda cicatriz é visível, *milady*. – Seco o cálice de novo. – Penso que de algum modo você mesma já aprendeu essa lição.

Ela fica parada. Eu a surpreendi. Ou a ofendi. Ou algo totalmente diferente.

– O que fazia dela a mulher errada? – ela pergunta por fim.

– Para compreender isso, é preciso compreender nossa história.

– Pauso. – Durante o reinado do meu avô, uma pequena colônia de feiticeiros da colônia ocidental de Verin se refugiou em Emberfall, próximo à nossa fronteira norte. Pelo que me recorde das minhas aulas, eram os últimos feiticeiros remanescentes, e o rei de Verin havia tentado destruir todos, por isso eles fugiram para o leste. Juraram aliança ao meu avô e causaram poucos problemas. Eles vendiam seus feitiços às pessoas, e meu avô entendia que permitir isso era uma indulgência. A magia deles era pequena, inofensiva. Ele cobrava impostos muito altos por esse privilégio. Sem dúvida havia tensões ali, mas ele as ignorava... ou não se importava. Quando meu pai alcançou a idade de se casar, uma moça visitou o castelo, apresentando-se como uma pretendente. Contudo, ela era uma feiticeira disfarçada, e, assim que pisou aqui, enfeitiçou meu pai. Tentou enganá-lo para que ele se casasse com ela.

Prossigo:

– Ela não era muito poderosa. Os guardas conseguiram prendê-la

e executá-la depois que ela confessou. Porém, meu avô descontou sua raiva nos feiticeiros que restaram. Ele enviou um exército, porque dizia-se que, cada vez que um feiticeiro era morto, sua magia passava aos outros, tornando os demais feiticeiros mais e mais poderosos. Para evitar isso, eles tinham de ser abatidos todos ao mesmo tempo... e foi assim que aconteceu. – Estremeço, então continuo: – Aquele quarto não chega nem aos pés das histórias da morte deles.

A expressão de Harper perdeu qualquer vestígio de suspeita ou desconfiança.

– E o que aconteceu depois?

– Uma escapou – respondo. – Ou se escondeu. – Pauso. – E ela apareceu na noite do meu aniversário de dezoito anos. Vestida como uma cortesã, pronta para seduzir um príncipe.

– E ela tinha a magia mais poderosa... porque tinha absorvido toda a magia dos outros, daqueles que morreram.

– Sim.

– Por que ela amaldiçoou você, se foi o seu avô quem matou todos eles?

Desvio o olhar para o meu cálice.

– Ela não buscava apenas vingança. Queria mesmo se aliar à família real. Ela é bem poderosa, mas sua magia tem alcance limitado. Atinge a mim, Grey, o território de Ironrose. Ela não é capaz de jogar sua rede por todo o meu reino. Deseja poder verdadeiro. E por isso precisa de mim.

– E você a dispensou.

– Sim.

Não digo mais nada, e, depois de um momento, os olhos de Harper brilham com compreensão.

– Você a dispensou depois de passar a noite com ela.

– Sim.

– Provavelmente depois de prometer a ela o mundo em uma bandeja.

– Eu não prometi nada. – Hesito. – Mas deixei que ela acreditasse que nossa noite teve mais importância do que teve de verdade.

– Que galã.

Sirvo outra traça de vinho e a encaro.

– Apreendi minha lição, *milady*. Isso eu lhe garanto.

Ela vira o cálice nas mãos e me observa. Gostaria de poder ler a emoção em seus olhos. Depois de incontáveis estações escondendo a verdade por meio de belas mentiras e histórias extravagantes, estendi a verdade aos pés de Harper, e não tenho certeza se ela vai aceitá-la.

Sou alfinetado pela culpa. Estou mentindo para mim mesmo agora. Eu não estendi a verdade *completa* aos pés dela. Não falei sobre o que me tornarei.

– Não posso lhe oferecer nenhuma prova – digo a ela –, se é o que você está procurando.

– Então ela amaldiçoou você para cumprir uma tarefa. – Seu tom é meditativo. – Por que não me conta o que é?

– Descobri que revelar a natureza da tarefa é o modo mais rápido de garantir o fracasso.

– Por quê? O que eu deveria fazer? – pergunta ela com uma expressão penetrante. – Deveria me apaixonar por você?

Quase derrubo meu cálice.

– Não fique tão surpreso – diz ela. – Tenho pensado sobre o que exigiria que você sequestrasse alguém toda estação, e essa é a única coisa que faz sentido. Agora entendo o que Grey queria dizer quando falou que não era nada que eu pudesse fazer conscientemente.

Suspiro.

Ela continua me fitando com os olhos estreitos.

– Agora entendo por que você está sem camisa.

– Você gritou – digo. – Muitas vezes, e bem alto. Teria preferido que eu aguardasse até estar totalmente vestido? Foi sorte eu não tê-la encontrado desmaiada com a cabeça em um monte de entranhas.

Ela faz uma careta.

– Podemos não usar palavras como *entranhas*?

– Ver-me com pouca roupa a agita com tanta facilidade?

Aquele rubor em suas bochechas se intensifica e ela desvia o

olhar e cutuca uma massa retorcida no canto da mesa.

– Grey disse que você tentou quebrar essa maldição com centenas de mulheres.

– Tentei.

– Ele também disse que vocês não sentem que estão envelhecendo. Que é mais parecido com um sonho do que com uma lembrança.

– Ele não está errado. – Encho o cálice dela. – Cinco anos se passaram em Emberfall. Estou surpreso por não ser mais, mas não tenho como acompanhar. E muitas estações não chegam ao seu fim.

Ela me analisa com uma expressão inescrutável.

– Por que a estação começaria mais cedo?

– A estação recomeça se eu morro.

Ela quase engasga com um pedaço da massa.

– Se você *morre*?

– Sim.

– Mas... como?

– A essa altura, tentei de tudo. Queda de uma altura grande. Empalamento com tudo o que você pode imaginar. Afogamento. Ordenei que Grey me decapitasse uma vez, porque eu estava curioso, mas ele se recusou...

– Certo, certo, entendi. – Ela parece um pouco enjoada de novo.

– Então você apenas... volta à vida?

– Toda estação começa no quarto onde você apareceu pela primeira vez, não importa como a estação anterior termine.

– O que acontece com a garota quando você se mata?

– Ela é devolvida à sua casa. Pelo que eu saiba.

Harper fica parada com a mão em um novo pedaço de massa.

– Ou seja, eu poderia matar você e isso me levaria pra casa?

– Não tenho como saber com certeza. As estações recomeçam.

As garotas somem.

Ela está me observando. Imaginando a minha morte. Planejando-a, provavelmente. Tentando calcular se valeria o risco.

Dou de ombros e tomo um golinho do vinho.

– Em qualquer outra estação, eu lhe entregaria uma arma e a

convidaria a tentar.

– Qual é a diferença dessa vez?

– Essa é minha última estação – respondo baixinho. – Minha última chance. Se você me matasse, eu morreria de verdade. – Ergo os olhos para encontrar os dela. – Não tenho ideia do que aconteceria com você.

Ela fica em silêncio. Nós dois comemos pedaços da massa.

Em dado momento, quando ela fala, não é a pergunta que eu estava esperando.

– Você também ficou pelado com essas centenas de mulheres?

Ela é tão direta que, sob outras circunstâncias, seria intimidadora.

– Você faz cada pergunta!

Ela revira os olhos.

– Bem, com certeza isso não é um não.

– Na verdade, é. – Penso até que ponto devo ser sincero. – Eu atraí todas elas para a minha vida. Abomino a ideia de atraí-las para a minha cama... e sem dúvida eu não as forçaria. Na verdade, não existe crime maior em Emberfall.

– E assassinato?

– Na morte, o crime termina.

Ela me avalia por muito tempo.

– Eu acredito em você.

– Não tenho motivo para mentir.

– Por que está me contando tudo isso? – pergunta ela. – Achei que não pudesse.

– Por que pensaria algo assim?

Eu me inclino sobre a mesa e arranco outro pedaço de massa. Canela e açúcar derretem na minha língua. As comidas perfeitas do Salão Principal e dos meus aposentos se tornaram infinitamente sem graça, porém comer pedaços de massa na cozinha me lembra demais da infância para eu me aferrar a tanto rancor.

Enquanto levo o pedaço à boca, os olhos de Harper desviam para o meu peito, seguindo o movimento do meu braço.

Interessante. Em especial depois do olhar repleto de censura que ela me deu quando pensou que eu levava para a cama todas as garotas que Grey arrasta para o castelo.

Ela puxa um pedaço de massa para si. Seus olhos agora fogem dos meus.

– Porque Grey não podia contar.

– Ele recebeu ordens para manter silêncio.

Agora estou curioso para saber quanto ele falou.

– E você, não.

– Sou o príncipe herdeiro. – Puxo um pedaço maior de massa do monte e o torço ao meio, partindo-o em dois. Ofereço uma porção para ela. – Não recebo ordens.

– Você sempre apanha mulheres de DC?

– No começo, não. Mas agora, sim.

– Por quê?

Estendo a mão para pegar outro pedaço de massa.

– No começo, eu buscava cortesãs entre as mulheres nobres de Emberfall. Pensei que uma maldição assim poderia ser facilmente desfeita. Afinal, quem não ama um príncipe? – Meu peito aperta quando me lembro. – No fim das contas, muitas mulheres não amam.

– Então, no fim, acabaram-se as nobres...

– Fui atrás de uma mulher do vilarejo – continuo. Sorvo o vinho de novo, e provavelmente precisarei de outra taça. – O nome dela era Corra. Uma garota muito gentil e simples. Entrei na cidade com muita fanfarra. A mãe dela chorou quando anunciei minha intenção de me casar com a filha dela. O vilarejo inteiro encheu um baú com oferendas, organizando um dote. Como se eu precisasse das riquezas deles.

Hesito.

– O que aconteceu com Corra? – Harper pergunta baixinho.

– O monstro arrancou cada membro do corpo dela. A mãe chorou na entrada do castelo e exigiu saber por que o rei não tinha sido capaz de oferecer proteção à sua filha.

Harper para de mastigar.

– E o rei estava morto.

– Sim. O rei estava morto. Eu dispensei a mãe dela.

– E aí?

– Declarei que não mais colocaria meu próprio povo em risco.

Àquela altura eu havia perdido muita gente. Recusei-me a sacrificar outras.

– Ah, mas podia sacrificar o meu povo?

Bato a mão na mesa.

– Você precisa entender que minha intenção com cada mulher era quebrar a maldição. E não prolongá-la.

Ela me encara. Eu a encaro. Ficamos em silêncio.

O fogo crepita na lareira, e a sopa ameaça vazar. Não vai, sei disso. Um *chef* invisível vai mexer e diminuir a temperatura antes. O aroma de aves cozidas está começando a preencher a sala.

Então Harper ergue o olhar e encontra meus olhos.

– Declarou a quem?

– Perdão?

– Você disse que declarou que não mais arriscaria seu próprio povo. Para quem você fez essa declaração?

Congelo.

Ela estreita os olhos para mim.

– Quem é a feiticeira?

Bebo todo o vinho.

– O nome dela é Lilith.

– Então *ela* pode me enviar para casa.

– Não, *milady*.

– Talvez eu deva perguntar a ela. Como a encontro?

Meus olhos ficam ansiosos, como se essa conversa pudesse evocar a feiticeira.

– Você não quer encontrá-la.

– Mas...

– Não entende que ela é a causadora da destruição que você encontrou no terceiro andar? – Minha voz está baixa, rancorosa e repleta da dor da qual me lembro.

Harper empalidece.

Respiro fundo. Minha cabeça está emaranhada demais com memórias de morte e sofrimento. As centenas de garotas giram na minha mente, cada uma delas uma lembrança de como falhei com elas e com meu povo.

Grey estava errado. As estações fracassadas não são como

sonhos. São como pesadelos.

Giro na banquetta para ficar de pé.

– Perdoe-me, *milady*. Eu a estou impedindo de descansar. Posso acompanhá-la até seu quarto?

– Tem alguma outra surpresa no castelo?

– Hoje não.

– Então quero ficar aqui.

Ela agarra a beirada da mesa como se temesse que eu a fosse arrastar fisicamente para fora da cozinha.

Meneio a cabeça e me viro na direção da porta.

– Rhen – ela me chama.

Paro na soleira da porta e olho para ela.

– Eu não vou me apaixonar por você – diz ela.

Suas palavras não são uma surpresa. Eu suspiro.

– Você não será a primeira.

CAPÍTULO QUINZE



HARPER

Vasculho a cozinha até encontrar uma tigela e uma colher, depois vou até o caldeirão pendurado sobre o fogo. Há uma concha grande pendurada em um gancho preso à alvenaria. Pego uma porção generosa e, em seguida, puxo um pedaço da ponta de um pão sobre o balcão.

Imagens do quarto encharcado de sangue ameaçam se repetir em minha mente, e eu as afasto.

Meu cérebro então se contenta em focar no que ele disse sobre pedir a Grey que o decapitasse. Como ele estava *curioso*.

Ontem, ele falou sobre jogar instrumentos musicais no fogo. Hoje cedo, mencionou empalamento e afogamento. E centenas de mulheres, centenas que não se apaixonaram por ele.

Se ele tivesse que encontrar uma mulher para *cobiçá-lo*, provavelmente teria se libertado da maldição em um dia. Não posso negar que ele é bonito. As maçãs do rosto altas, o cabelo loiro escuro que fica dourado à luz do fogo, os olhos castanhos que nada revelam. Músculos dos ombros aos pulsos, um caminhar decidido. As pessoas se ajoelham com avidez aos seus pés, mas ele também espera com avidez que façam isso.

Quando abre a boca, no entanto, Rhen é arrogante e premeditado. Não há nenhum traço de vulnerabilidade ou mesmo de fraqueza. Na verdade, se o príncipe Rhen tem alguma fraqueza, é a evidente frustração de não poder simplesmente acenar e ordenar que uma mulher comece a amá-lo.

Algo nisso tudo me deixa muito triste. Faz dois dias que estou presa aqui, apartada da minha família. Ele e Grey estão presos pelo

que deve parecer uma eternidade. Eles parecem menos perigosos e mais desesperados.

É quase pior.

Amor. Eu nunca me apaixonei por ninguém, muito menos por alguém que me pegou na rua. Minha mãe sempre diz que ainda ama meu pai, apesar dos erros dele, apesar do fato de ele ter *ido embora*, e isso deixa Jake e a mim doidos. O relacionamento deles com certeza não é refência de amor verdadeiro. Conheço a Síndrome de Estocolmo. Mesmo se algo do tipo entra em ação, se essa linha de pensamento já não é prova suficiente, então seria amor verdadeiro? Qualquer outra coisa claramente não basta para quebrar a maldição. Ele não sequestrou Corra, a moça pobre do vilarejo, mas ela não deve tê-lo amado, ou a maldição teria se quebrado. Talvez ela amasse a ideia de ser uma princesa.

Eles me prenderam, mas aquela Lilith os prendeu. E agora, ao que parece, o reino todo está sofrendo enquanto ele fica no castelo só deixando rolar.

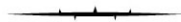
Arranco outro pedaço do pão.

Dessa vez, hesito antes de levá-lo à boca.

Freya e seus filhos estavam tremendo na neve, magros como varetas. Evalyn, Coale e o jovem Bastian claramente batalhavam para sobreviver com o que tinham, apesar de ser o auge do inverno.

Olho em volta da cozinha com um novo olhar. Observo as prateleiras repletas de comida que ninguém está comendo.

Então jogo a tigela longe e volto para o meu quarto para pegar uma bolsa.



Dessa vez, é fácil achar a trilha pelo bosque.

Considereei pegar um cavalo diferente, mas Will me cutucou com suas orelhas e parecia ansioso para sair de novo. Os alforjes estão com a carga dobrada: pão, carnes e doces de um lado, maços de legumes bem amarrados e peças de queijos do outro. Estou usando uma capa e duas blusas de lã, e achei luvas e um manto de cavalo na estrebaria.

Ninguém me impede.

Mas também não pedi permissão.

Quando o sol quente dá lugar a árvores cobertas de neve, eu me preparo para o ar gelado, mas o inverno dessa tarde parece mais ameno. O vento não sopra através das árvores, e o sol pulsa acima, causando um gotejamento constante ao nosso redor.

Começo a me preocupar com o fato de estar desviando do caminho, então encontro os restos da casa de Freya. A construção foi incendiada até não restar nada, exceto uma chaminé de pedra enegrecida, como uma sentinela sobre uma pilha de madeira carbonizada e cinzas. Os corpos se foram – enterrados na neve ou queimados no fogo. Não vou verificar.

Uma colina se assoma adiante, e me lembro de que, a partir daí, é uma reta até a estalagem. Vai dar para ver a estrada inteira. Impulsiono Will a um galope e subimos a colina.

Uma carroça coberta puxada a cavalo está subindo do outro lado.

– Epa! – grita um homem. – Epa! – Dois cavalos de tração de cor bege se assustam e empinam de lado. Barro e lama espirram.

Puxo as rédeas para a lateral, tentando evitar uma colisão. O cavalo desliza na lama e quase me derruba. A carroça dá um rangido e quase tomba, mas o homem estala o chicote e os cavalos rapidamente a endireitam.

A carga dele sofre as consequências. Vários caixotes saem pela traseira, caindo na neve molhada com um *plá*.

Will morde o freio e balança a cabeça, mas continuo segurando as rédeas com firmeza.

– Desculpe – digo. – Não vi você.

– Desculpar? – resmunga o homem. Ele amarra as rédeas em torno de um gancho e pula da carroça, suas botas espirrando lama. O capuz da capa cai para trás, revelando que ele é de meia-idade, com pele oliva e cabelos escuros. Sombras descem de seus olhos e se acumulam nas faces.

– Sim. Desculpe.

Agarro o cabo do meu punhal sob a capa, caso a situação azede, mas ele nem sequer olha para mim. Apenas corre para a parte de trás da carroça para olhar os caixotes caídos.

Ele xinga baixinho, então pega um deles.

O peso deve ser grande, porque, quando ele tenta arrastar o caixote até a parte de trás da carroça, não consegue fazê-lo atravessar o anteparo. O caixote desajeitadamente escapa de sua mão e cai na lama de novo. Ele xinga novamente, e dessa vez não em voz baixa.

Quando começo a tentar entender por que ele não está usando as duas mãos, sua capa cai para trás e percebo que ele não tem o braço esquerdo.

Desmonto de Will e me aproximo do homem.

– Pronto. Eu ajudo.

Ele me ignora e se esforça para manejar sobre o anteparo. Mais uma vez, o caixote cai na lama. A madeira racha e se abre no canto.

– Porcaria – dispara ele.

Compreendo que ele queira fazer isso sozinho, mas meio que cansei de homens orgulhosos. Jogo a capa sobre os ombros e sigo para pegar outro caixote.

É mais pesado do que eu esperava. Não consigo acreditar que ele os está tirando do chão com apenas uma mão. Cambaleio na lama e quase o derrubo.

Mas o homem pega o outro lado e, juntos, erguemos o caixote pela lateral da carroça, depois vamos buscar os outros.

Ao terminar, a lama cobre nossas botas, e estamos sem ar. Eu me esforço para ajeitar a capa.

O homem passa o antebraço na testa.

– Suponho que você pense que lhe devo um agradecimento, garota. Não vai ganhar. Vou perder algumas moedas pelo prejuízo...

– Ele para de repente quando seus olhos recaem sobre a insígnia real de um leão e uma rosa que está voltando ao lugar no meu peito. Ele hesita e dá um passo atrás. A irritação some de sua voz, substituída por certa surpresa. – Você é... eu não...

– Peço desculpas *sinceramente* – digo. – Não espero que me agradeça. Mas, se não se importar, posso usar a traseira da sua carroça para subir no meu cavalo?

– É claro. – Ele se adianta e pega o freio de Will. – Permita-me, *milady*.

Agarro a carroça e me puxo para a borda. Não é tão precário quanto agarrar-se à treliça, mas ainda é uma façanha de força e equilíbrio, e eu sempre duvido do meu corpo. Meus músculos contraídos levam um momento para retornar à sela, mas, se o homem percebe, não diz nada.

Rhen estava tão confiante quando lançou uma moeda de prata para o filho do estalajadeiro que gostaria de poder fazer a mesma coisa agora. Não tenho moedas para oferecer.

Mas me lembro dos alforjes.

– Está com fome? – pergunto. – Tenho bastante comida.

Ele franze o cenho e balança a cabeça depressa.

– Não posso aceitar comida de uma dama viajando sozinha.

– Não estou indo longe. – Desafivelo um alforje e tiro algumas tortas de carne embrulhadas em um tecido. Ainda estão quentes. – Pegue.

Ele parece estupefato, mas as aceita, levando-as para perto do corpo.

– Obrigado.

Pego as rédeas.

– De nada.

Ele dá um passo à frente.

– Perdão. – Ele hesita. – Eu deveria pedir desculpas. Não esperava encontrar uma dama da corte viajando sem proteção.

– Não preciso de proteção – digo.

Um homem fala atrás de mim.

– Tem certeza disso, *milady*?

Giro o corpo na sela, mas agora consigo reconhecer a voz. Rhen e Grey. Suas expressões não revelam nada. Nem raiva. Nem humor.

– Achou que não viríamos atrás de você? – pergunta Rhen.

Eu me forço a manter a expressão igualmente neutra.

– Você disse que eu não era sua prisioneira.

O homem da carroça nos observa completamente surpreso. Seu olhar se alterna entre os dois e eu.

– Vossa alteza – diz ele com a voz repleta de reverência, apoiando o joelho direito no barro.

– Levante-se – diz Rhen com um tom baixo e controlado, e estou começando a aprender que essa é uma pista melhor de seu humor.

Ele está mais armado do que ontem à noite. Traz uma espada pendurada no quadril e uma aljava cheia de flechas está presa à sela perto do seu joelho. Sob a capa, todo o peito está coberto de couro, com fivelas na cintura, e a insígnia com o leão e a rosa está gravada em ouro sobre o seu coração.

Ele estava bonito ontem, mas não era nada comparado a agora. Só falta a coroa.

Mas também pode ser para me fazer esquecer que ele tem outro motivo para me perseguir. Detesto o fato de meu coração palpitar um pouco, esquentando meu rosto.

– Você tem outra moeda daquelas? – pergunto. – Um dos caixotes desse homem quebrou quando eu o atropelei.

Rhen ergue as sobrancelhas, mas suspira e impele o cavalo adiante.

O homem fica de pé e balança a cabeça com vigor.

– Não... não, *milady*. – Ele segura as tortas de carne embrulhadas. – A comida é mais do que suficiente.

Ainda assim, Rhen tira moedas de uma algibeira no cinto e estende a mão. Os antebraços estão cobertos por punhos de metal e couro, atados até os cotovelos.

– Duas moedas de prata cobrem o dano?

O homem engole em seco. Ele olha para as moedas entre os dedos de Rhen, porém não estende a mão para pegá-las.

– Agradeço muito, mas o dano foi pequeno.

– Pelo incômodo, então – insiste Rhen.

– Com todo o respeito... não posso aceitar. – Ele olha de Rhen para Grey, depois para mim. Parece querer beliscar a si mesmo. – Levo metade de um ano para ganhar esse valor, vossa alteza. – Ele pausa. – Jam me chamar de mentiroso ou ladrão.

– Por quê? – indago.

O homem parece querer subir na carroça e partir.

– Ninguém vê a família real há anos. – Ele desvia o olhar e há vergonha em sua expressão. – Mal consigo achar serviço como carregador. Ninguém acreditaria que ganhei essas moedas com

trabalho honesto.

Grey avança e tira uma bolsinha da algibeira da cintura.

– Veja. Vinte e cinco moedas de cobre. Consegue gastar isso?

O homem hesita.

– Sim... mas...

Grey joga a bolsinha para ele.

A mão do homem está ocupada segurando a comida, e penso, preocupada, que as moedas vão voar direto para a lama, mas ele é mais ágil do que parece. Agarra a bolsinha no ar com a mesma mão que segura a comida.

Ele faz uma medida desajeitada.

– Agradeço muito. Vossa alteza. *Milady*.

Então, ele se afasta e sobe na carroça. Mal se senta e já atíça os cavalos, conduzindo-os colina abaixo.

Gostaria de poder ir atrás dele. O peso do olhar de Rhen é quase doloroso. Sua expressão está repleta de desaprovação, assim como seu tom de voz.

– Quanto mais a conheço, menos vejo seus atos como bravura. Esqueceu-se do ataque de ontem à noite?

– Você se esqueceu de que seu povo está sofrendo?

Ele contrai o maxilar.

– Você fala de coisas que desconhece.

– Acho que já vi o bastante.

Sua expressão escurece como nuvens de trovoada deslizando pelo céu de verão. Ele não diz nada.

Grey fala, rompendo o silêncio.

– Você mencionou que não é uma prisioneira. Então essa não é uma tentativa de fuga?

– É claro que não. – Dou um tapinha em um alforje. – Estou levando comida para Freya e as crianças.

– Você está levando comida – repete Rhen. – Para a estalagem.

– Parecia que eles tinham pouco e nós deixamos mais cinco pessoas lá.

Ele parece incrédulo.

– Mas por que não pediu?

Recuo e o encaro.

– *Pedir?* Está de brincadeira? Você tem uma cozinha cheia de comida que é substituída todos os dias...

– Você não entendeu. – Ele ergue uma mão. – Por que não pediu *ajuda*?

Ah.

– Achei que você não fosse querer ajudar – digo baixinho.

Ele me encara de volta. Fico tentando entender se vai questionar o porquê. Pela sua expressão, pelo traço de resignação que brilha em seus olhos, não acho que ele precise.

– Muito bem – diz ele, por fim. Então vira o cavalo.

– Vai me deixar ir? – Eu talvez caia do cavalo de tão chocada.

– Vou acompanhá-la até a estalagem – explica ele, como se eu fosse burra demais para descobrir sozinha. – A não ser que tenha mudado de ideia.

Suspiro e viro meu cavalo para segui-lo.

CAPÍTULO DEZESSEIS



RHEN

Estou acostumado com a solidão. Com o desespero. O lamento. A decepção.

Não estou acostumado com o *medo*, ao menos não desse tipo. Jamais conheci alguém tão imprudente.

Ela não é a primeira garota a fugir, ou a me temer, ou a questionar meus motivos. É a primeira a me forçar a enfrentar situações que requerem armadura e armamento.

Seguimos em silêncio, Grey cavalcando atrás, aguardando no cume da colina enquanto descemos até o vale. As palavras dela continuam me incomodando. *Você se esqueceu de que seu povo está sofrendo?*

– Eu não me esqueci – digo a ela.

Faz um tempo desde que falamos, mas ela não exige explicação.

– Bem, você não faz muita coisa pra melhorar a situação.

– Um dia em Emberfall e você já sabe tanto sobre os meus fracassos. Suponho que acredite estar fazendo uma boa ação com uma visita de caridade ao povo sofredor.

Seus olhos estão gélidos, mas consigo ver que ela pensa exatamente isso.

Balanço a cabeça.

– Mesmo se retirarmos do castelo a comida de todas as refeições, todos os dias, não bastaria para alimentar todos os meus súditos.

A voz dela sai baixa:

– Alimentaria alguns deles, Rhen.

– Sim, mas não todos. – Olho para ela. – Como você escolheria?

A frustração toma todo o rosto dela.

– Por que eu *teria* que escolher?

– Por que não teria? O povo de Emberfall teme Ironrose. Eles acreditam que uma criatura monstruosa dorme nas muralhas, esperando uma oportunidade de destruir todos que se aproximarem. Meu povo não virá até mim por sua própria vontade. E, mesmo se eu contratasse uma carroça para pegar tudo o que possuo, como você determinaria quem está mais necessitado?

– Eu...

– E, antes que responda a isso – pressiono –, o que você diria para aqueles a quem não pudesse fornecer nada? Imagine que chegamos à estalagem e há meia dúzia de hóspedes a mais. O que você guardou nos alforjes não vai alimentar todos. O que dirá, então?

– Eu volto para buscar mais.

Caramba, ela é muito *teimosa*.

– Digamos que você os visitasse todos os dias com uma doação de alimentos. A notícia se espalharia. As pessoas formariam filas. Haveria pequenos conflitos entre o povo, e gradualmente tumultos se formariam...

– Acho que você explicou seu ponto.

– Haveria luta, e sem guardas para reprimir a violência...

– Está bem, já entendi! – As bochechas dela estão vermelhas, sua respiração está rápida. – Não ligo. Mesmo assim vou trazer alguma coisa. É melhor que nada.

– É mesmo? – pergunto. – Tem certeza, *milady*? – Estendo o braço para pegar as rédeas dela e faço os dois cavalos pararem.

Ela vira a cabeça para me encarar, brigando pelo controle das rédeas. Seus olhos estão quentes de raiva.

– Solta.

Mantenho minha voz inabalável.

– Você sabe que não me importo com honestidade e modo de falar educado. Eu esperava ter deixado isso claro. Porém não tolerarei um desrespeito tão direto.

– Mas é aceitável você *me* desrespeitar?

O cavalo dela... o *meu* cavalo, embora ela pareça não hesitar em

considerá-lo dela, balança a cabeça e bate as patas no barro, mas mantenho o aperto firme das rédeas. A habilidade que ela tem de me provocar e me derrotar é realmente admirável.

– Eu pedi que você examinasse as consequências de suas ações – digo com firmeza. – Se entende isso como desrespeito, está equivocada.

– Tá.

Ela desvia o olhar.

E eu engulo um fôlego curto.

– Há razões para eu ter me confinado no castelo por tanto tempo. Se você me forçar a interagir com meu povo, deve estar ciente do que significa para...

– Ninguém está forçando você a fazer nada. Agora *solta*.

Espero um momento para reunir coragem, depois olho para o céu. É claro que minha última chance seria com uma garota determinada a me reduzir e a criar novos obstáculos a todo instante. Cada passo adiante parece destinado a terminar em dois passos para trás.

– Olha aqui, Rhen. Eu não sou sua súdita. E você não é *meu* príncipe.

Minha voz sai bem baixa:

– Posso não ser seu príncipe, mas você está no *meu* reino. Não no seu.

– E o culpado por isso é quem?

– Você não compreende o controle tênue que tenho aqui. Não tem consideração pelo que eu fiz para prover a segurança do meu reino. – Meu maxilar está tenso, emprestando frieza para cobrir minhas palavras. Houve um tempo em que esse tom na minha voz fazia as pessoas debandarem. O mesmo tom na voz do meu pai significava que as pessoas morreriam. No entanto, ela me olha em desafio, e preciso de todo o autocontrole para manter a voz inalterada. – Você fala comigo com desprezo e desdém, como se eu não sentisse o peso do que o meu povo precisa suportar. Você fala como se *você* governasse a *mim*. Devo lembrá-la dos nossos papéis aqui.

– Quais? Sequestrador e sequestrada?

Ergo minhas sobrancelhas.

– Deseja que sejam esses os nossos papéis? Muito bem. – Viro a cabeça. – Comandante!

– O que está fazendo? Rhen, solta. – Ela tenta tirar minhas mãos das rédeas. Deve estar batendo os calcanhares, porque Ironwill dança na ponta das rédeas e luta contra meu puxão. – Me solta...

– Meu senhor.

O cavalo de Grey derrapa até parar ao lado de Harper, espirrando barro e soltando fumaça no ar.

– Leve *lady* Harper de volta ao castelo. Pode amarrar as mãos dela, se necessário. Prenda-a no...

– Não!

Ela pega o punhal e aponta para o meu pulso.

A espada de Grey aparece na dobra do cotovelo dela. Ele está segurando a capa, puxando-a para trás e para longe de mim.

Ela não se move, está com o rosto pálido, os olhos arregalados de medo e fúria.

Eu deveria sentir remorso; mas sinto satisfação. Enfim *alguma coisa* a atinge.

– Ele arrancaria seu braço se eu ordenasse. – Olho para o punhal na mão dela. – Eu não a ameacei com armas, *milady*.

– As rédeas. – A voz dela fica mais tensa, quase esganiçada, e me pergunto que tipo de pressão Grey está fazendo no pescoço dela. – Eu ia cortar as rédeas.

– Ah. – Eu olho para o comandante. – Solte-a.

Grey obedece. Ela desliza o punhal de volta à bainha, então dá um puxão na capa para ajeitá-la. Sua respiração ainda está estremecida e lágrimas brilham em seus cílios.

Agora eu sinto remorso.

Ela não olha para mim.

– Só quero ir até a estalagem. – Suas bochechas estão rosadas. Ela engole em seco e sua voz sai baixinho: – Não... não quero joguinhos. Só quero ajudá-los. – Com isso, ela olha para cima e um pouco da força de sempre retorna à sua voz. – Você entende?

Suas palavras se alojam em meus pensamentos, entrelaçando-se com a quase advertência de Grey sobre o jogo de baralho. Não faço

nada antes de pensar cuidadosamente no impacto. Ele tinha razão: planejo meus movimentos com muita antecedência.

Talvez ela também tenha razão.

Olho para Grey.

– Acompanhe-a até a estalagem. Eu os seguirei em um momento.

Grey ergue as sobrancelhas.

– Meu senhor...

– Vá. Cuide para que ela não se desvie do caminho de novo.

Harper arranca as rédeas da minha mão. Sem dizer nada, dá uma pancada firme no cavalo, então desce a colina com rapidez. Grey a segue sem hesitar.

Assim que eles partem, viro meu cavalo na direção oposta e bato as esporas nos dois lados do animal.

CAPÍTULO DEZESSETE



HARPER

Que merda. A sensação é como se eu tivesse levado um soco no pulso.

Grey fica grudado ao meu lado, galopando com facilidade pela lama, e logo percorremos a distância. Eu esperava alguma tensão entre nós dois, especialmente após o incidente com o punhal, porém não há. Ele pode ser dez vezes mais perigoso que Rhen, mas é cem vezes mais fácil de lidar.

Isso tudo é muito confuso. *Rhen* é muito confuso. Ele não age como um homem que está tentando se apaixonar. Ele faz tudo como se fosse um jogo, como se por baixo de suas belas palavras houvesse um homem cheio de astúcia e malícia. Ele age como um animal amarrado que descobriu os limites de sua corrente, mas sabe como atrair presas para a morte.

É por esse *motivo* que eu não confio nele.

Após o confronto na neve, percebo que ele também não confia em mim.

De alguma maneira, apesar do fato de *ele* ter aprisionado a *mim* em Emberfall, a desconfiança *dele* parece ser mais profunda.

Quando a estalagem aparece à vista, reduzo a velocidade do cavalo para uma caminhada. Olho para trás e vejo um céu azul sobre uma paisagem lamacenta. Rhen não está por perto.

Grey desacelerou para acompanhar meu passo.

– Você teria cortado meu braço de verdade? – pergunto.

Ele me lança um olhar.

– Eu a teria impedido de causar algum dano – responde ele.

– Então a resposta é sim.

– Eu sigo ordens – diz ele sem se afetar. – Não tenho por você nenhuma antipatia.

De certo modo, isso é completamente tranquilizador e, ao mesmo tempo, nem um pouco.

– Aonde você acha que ele foi?

Grey suspira e há certa irritação em sua voz.

– Sei tanto quanto você.

Enquanto desmontamos no pátio da estalagem, a porta da frente é escancarada. Porções pequenas de neve escorregam do telhado e caem com um *ploc*. Os cavalos balançam as cabeças e bufam.

Coale está parado na entrada.

– *Milady!* – ele grita, surpreso. – Você voltou?

– Sim. Trouxe... – Me interrompo quando os alertas de Rhen a respeito de tumultos e conflitos ecoam em meus ouvidos. – Ahn...

– *Lady Harper* trouxe donativos – propõe Grey, movendo-se adiante para me estender os alforjes lotados.

– Ah. Sim. Aqui.

Estou completamente desequilibrada. Entrego sem jeito os alforjes para Coale.

Ele parece pasmo.

A voz de Evalyn fala atrás dele.

– Temos hóspedes? Por que você... oh, minha nossa! – Ela aparece ao lado do marido e faz uma mesura pronunciada. – *Lady Harper*. Você voltou.

– Com donativos – diz Coale, paralisado.

– Não é nada. – Sinto um rubor subindo para as minhas bochechas. – É só um pouco de comida. Sei que deixamos Freya e a família dela aqui de repente.

– Mas... sua alteza pagou adiantado o valor de seis meses de alojamento. É muito longe de ser uma inconveniência.

Fico paralisada. Não sabia que ele tinha pagado alguma coisa.

Evalyn fala depressa, interpretando mal o meu silêncio.

– Você deve nos considerar gananciosos. Tentamos recusar.

Ela retorce as mãos.

– Não! Não. Eu... eu entendi mal. Quis trazer alguma coisinha para as crianças.

– Oh! – O rosto dela se abre em um sorriso. Ela bate as mãos. – Entre, por favor.

Somos levados a atravessar a porta. O fogo está aceso e baixo, as brasas brilhando. Sinto cheiro de pão assado. Coale pega nossas capas e grita para os fundos da estalagem:

– Crianças! *Lady Harper* voltou para ver vocês.

Eu me aproximo de Grey.

– Você sabia que ele tinha pagado essa quantia? – sussurro bem baixo.

Ele franze o cenho.

– Você pensou algo diferente disso?

– Eu não... eu não...

– *Lady Harper*!

Pés trovejam descendo as escadas e cruzando o chão de madeira. Três crianças vêm correndo, com uma alegria óbvia no rosto. Freya desce os degraus mais devagar, com o bebê nos braços, mas até ela está sorrindo.

Não tenho certeza se mereço. A casa deles foi destruída.

A menina corre até me abraçar na altura da cintura. Os dois meninos abraçam as pernas de Grey. A alegria deles é contagiante. Estou contente por ter biscoitos congelados nos alforjes.

Até Bastian vem da cozinha, atraído pela comoção. Todos se apertam na beirada da mesa, ansiosos para ver o que eu trouxe.

A menina estende uma mão e passa a ponta do dedo na costura amarela, enquanto os meninos mais velhos cutucam as joias cravejadas de um dos alforjes. Seus olhos castanhos estão arregalados.

Freya se aproxima e os afasta.

– Dahlia. Davin. Não toquem.

– Não, tudo bem – digo. – Dahlia pode abrir.

Os dedos compridos da menina mexem na fivela, que por fim cede, e doces e queijos embrulhados rolam sobre a mesa. Ela ri com prazer. As outras crianças arfam e se apertam mais contra a mesa.

– É um exagero – sussurra Freya.

O que eu trouxe mal basta para uma refeição para alimentar a

família dela. Contudo, o silêncio toma o ambiente enquanto todos observam. Ninguém toca em nada.

– Vejam – sussurra o menino mais velho, que deve ser Davin. – Bolos doces.

Eu me sinto estranha, como se tivesse dado um passo em falso. Percebo que estou desejando a presença de Rhen aqui, para lidar com a política da situação, e quero me dar um chute por isso.

Todos os alertas de Rhen estão ecoando na minha cabeça.

– Eu... ofendi vocês? – sussurro.

– *Milady*. – A voz de Coale é pesada. – Nunca tivemos contato com uma realeza que faz donativos ao povo. Estamos... estamos admirados.

– E agradecidos – emenda Evalyn, depressa. – Muito agradecidos, *milady*.

– Talvez eu deva buscar um bom cálice de hidromel para todos – diz Coale.

Uma batida forte é ouvida na porta, e Evalyn corre para atender. Quando abre a porta, Rhen está ali, seu cabelo loiro brilhando na luz. Sua aparência é incrível, com a capa e a armadura ajustadas perfeitamente.

– Vossa alteza – diz Evalyn, depressa. – Estamos duplamente honrados. Por favor, entre.

– Têm minha gratidão. – A voz dele soa suave, e ele atravessa a soleira.

Encontro seus olhos sem querer. Ele ergue as sobrancelhas levemente, e com esse pequeno movimento percebo que ele sabe que estou perdida, sem saber como proceder. Meia hora atrás, eu gritei com ele, e agora há uma pequena parte de mim que quer que ele me salve desta situação. Fico me perguntando se ele planejou isso. Será que ele sabe?

Eu me forço a sustentar seu olhar e me manter firme.

– Coale – digo. – Hidromel é uma ótima ideia.



Rhen e eu acabamos sentados diante da lareira de novo. Recuperei

minha poltrona, e ele se acomoda sobre as pedras da lareira, bebericando de sua caneca. Grey fica parado na ponta da cornija, perto do canto, com a luz do fogo cintilando em suas armas.

Desde que chegou à estalagem, Rhen não disse uma única palavra para mim além do aceno de cabeça e de um rápido “*Milady*”.

O ar parece pesado e incerto. O fogo crepita atrás dele, e as crianças comem e brincam na parte principal da sala, mas o silêncio paira como um manto de lã pendurado entre nós.

A única criança com coragem de chegar perto é o pequeno Davin... e ele parece fascinado por Grey. Não deve ter mais do que quatro anos, tem cabelo grosso e grandes olhos castanhos, e fica se escondendo para espiar o guarda. Grey está imóvel, ignorando-o impassível. Está tão parado que parece fazer parte da lareira.

Porém, quando Davin se esgueira bem para perto e se arrisca a pôr uma mão no cabo da espada de Grey, o guarda finge que vai correr atrás dele.

O menino dá um salto e dispara um pouco para trás, mas depois dá uma risada solta. Grey sorri e acaricia o cabelo da criança.

– Vá – diz ele, com a voz gentil, porém sem dar espaço para desobediência. – Vá brincar.

Davin foge, mas olha para trás com cara maliciosa, sinal de que vai voltar.

Olho para Grey, me lembrando de como ele fez caretas para as crianças na neve.

– Você tem jeito com crianças – comento. – É a coisa mais... incongruente a seu respeito.

– É? – pergunta ele com a voz seca. – Acha mesmo, *milady*?

– Na verdade... – hesito. Rhen está olhando para a sala e para as pessoas que ali estão, mas eu sei que está ouvindo cada palavra que digo. Volto minha atenção para Grey. – Sim. Acho mesmo. – Faço minha voz assumir um tom cauteloso, pois não desejo feri-lo. – Você tem filhos? – Pauso. – Teve filhos?

– Não. Para entrar na Guarda Real é preciso renunciar à família por dez anos. Uma esposa e filhos são distrações da obrigação e do dever.

Evalyn nos escuta e dá um passo em direção à lareira.

– Não é assim também na Terra de Decê, *milady*?

Ai, certo. A Terra de Decê.

Rhen está olhando para mim com as sobrancelhas erguidas de novo, claramente também aguardando minha resposta.

– Não – digo, as engrenagens girando na minha cabeça. – Não é igual. As pessoas do Serviço Secreto podem se casar e ter filhos.

– Oh. – A voz dela sai abafada. – Serviço Secreto. Que nome misterioso.

– E é uma honra entrar para o Serviço Secreto? – pergunta Coale.

De repente, me tornei o centro das atenções.

– Eu... acho que sim.

– Aqui, é considerada uma grande honra até mesmo se candidatar. – Coale para ao lado do filho, que está pegando um doce da bandeja sobre a mesa, e pousa as mãos grandes nos ombros do garoto. – E um benefício para a família se a criança for admitida na Guarda Real. Nunca nem sequer ousamos sonhar que Bastian pudesse um dia ser considerado, mas talvez as coisas estejam mudando para melhor.

– Sem dúvida existem vagas a preencher – comenta Grey.

– Comandante – diz Rhen, lançando a ele um olhar afiado.

– *Existem?* – pergunta Evalyn, com espanto na voz. – Então há *mesmo* uma promessa de mudança.

Engulo em seco. Ela pensa que *eu* vou trazer mudanças. Com um noivado para aliar Emberfall a um país que nem existe. Se a única esperança dessas pessoas é que eu me apaixone por Rhen, então elas perderam todas as esperanças no instante em que ataquei Grey com aquele pé de cabra.

– Não quero lutar contra o monstro – diz Bastian.

O pai dele o silencia.

Freya desvia o olhar do bebê.

– Talvez o monstro já tenha sido derrotado quando você chegar à idade – sugere ela, esperançosa. – Se o povo da *Lady Harper* puder unir forças com as nossas.

– Conte-me uma coisa, *milady* – pede Evalyn. – A criatura também aterroriza suas terras?

Lanço um olhar para Rhen, incerta sobre como prosseguir. Ele me olha de volta.

– Sim, conte-nos.

– Não há monstro nas minhas terras – digo simplesmente.

Então, olho para dentro da minha caneca e tomo um longo gole, só para evitar ter de dizer mais alguma coisa. O líquido queima minha garganta ao descer.

– O seu país fica longe daqui? – quer saber Coale. – Admito, nunca ouvi falar de Decê, apesar de fazer bastante tempo que não recebemos viajantes de fora de Emberfall.

– Não tenho muita certeza acerca da distância exata – respondo.

– Parece que cheguei aqui em um segundo.

Uma batida à porta.

– Estalajadeiro! – grita um homem lá fora.

– Mais hóspedes? – fala Evalyn. Ela alisa as saias. – É bem incomum tão cedo na estação. – Ela me oferece um sorriso. – Você nos traz sorte, *milady*.

Coale vai até a porta e a abre.

– Cavalheiros! Sejam bem-v...

A alegria em sua voz some. Não consigo ver muito além de sua forma, mas noto pés com botas. A ponta de espadas embainhadas. Cinco homens. No mínimo. Eu me levanto sem perceber. Rhen se aproxima e para ao meu lado, e Grey se posta à nossa frente. Uma de suas mãos pousa no cabo da espada, mas ele ainda não puxou uma arma.

– Bem-vindos – Coale termina de falar, inquieto. Seu corpo bloqueia a maior parte da entrada. – Precisam de quartos? Temos um disponível, se estiverem dispostos a compartilhar...

– Estamos aqui para tomar esta propriedade para a coroa.

– Tomar esta propriedade? – Coale dá um passo atrás. – Pagamos impostos a cada estação ao grão-marechal. Não devemos nada...

– Vocês têm uma hora para desocupar.

Coale arqueja.

– Isso é um absurdo! É a nossa casa!

O homem dá um passo ameaçador à frente.

– Você vai sair, ou sua casa vai queimar.

Evalyn se aproxima de mim e de Rhen.

– Garanto-lhe, vossa alteza – sussurra ela, depressa – que pagamos em todas as estações. Com certeza há algum engano...

– Esses homens não trabalham para mim – diz Rhen com a voz baixa.

– Eles usam as mesmas cores dos homens de ontem – observa Grey.

Rhen olha para o comandante, então se move para a frente, na direção de Coale.

– Crianças – Freya sussurra rápido. Dá para notar o medo em sua voz. – Crianças, vão para o quarto.

Elas disparam na direção da escadaria.

– Saia da frente, estalajadeiro – grunhe o homem à porta. – Se não sair de boa vontade, nós o deixaremos sobre um monte de cinzas.

Coale não se move.

– Vocês não vão ameaçar a minha família...

– Eu disse *saia*. – O homem puxa a espada e tudo mais, porém empurra para entrar. – Reúna suas coisas e vá embora.

Ao lado de Rhen, Grey faz menção de puxar a própria arma, contudo, Rhen faz um breve movimento negativo com a cabeça.

Outros quatro homens seguem o primeiro, e eles se aglomeram na entrada. Usam roupas escuras decoradas em verde, preto e prateado, como os homens da noite passada. Suas expressões são ferozes e intransigentes. Afiadas.

Seus olhos vasculham a sala. Param quando encontram Rhen e Grey, e vejo dois dos homens trocarem um olhar.

Reconheço um deles. É o homem que fugiu na noite passada. Ele se inclina para o líder do grupo e sussurra algo bem baixinho.

Os olhos do líder se demoram em Freya por um momento, mas, quando escuta o que quer que seu compatriota sussurra, seus olhos se voltam para mim, depois para Grey e, por fim, param em Rhen.

– Quem são vocês?

Rhen dá um passo à frente.

– Lorde Vincent Aldrhen, príncipe de Emberfall, filho de Broderick,

rei das Terras Orientais. – Seus olhos se estreitam. – Uma pergunta melhor é: quem são vocês?

O homem cospe no chão.

– O príncipe está morto.

Os outros atrás dele dão risada.

Evalyn arfa e põe uma mão no peito.

Rhen sorri, mas não há nada de amigável nisso.

– Eu lhes garanto que estou bem vivo. – Ele pausa e sua voz fica mais afiada. – E vocês vão deixar essas boas pessoas em paz.

– Se você é o príncipe, onde está sua guarda? Sua comitiva? – O homem observa ao redor da sala, parando em mim desta vez. – Essa terra estará sob o governo de Karin Luran muito em breve. E vou pegar o que vim buscar. – Ele dá um passo adiante. – Queime tudo. Mate todos.

A mão de Rhen pousa no cabo da própria espada.

– Espere!

Ergo meu queixo e pouso uma mão no antebraço dele.

Certa vez, os agiotas foram até a nossa porta, procurando meu pai. Fazia tempo que ele tinha ido embora. Eu era mais nova, mas não era tão idiota para não notar o brilho da luz no aço sob um dos casacos masculinos. Minha mãe os tratou com atenção e ofereceu biscoitos e café. Ainda me lembro de seus dedos tremendo quando ela levantou a cafeteira.

Ao que parece, mel realmente atrai mais moscas do que vinagre, porque os homens acreditaram quando ela contou que o marido estava viajando a negócios, e que ela não passava de uma esposa tonta, deixada em casa com as crianças, ignorante sobre as dívidas do marido.

Não posso lutar, mas sei blefar.

Dou um passo à frente.

– Vocês *ousariam* ameaçar a primeira filha do rei de Decê? – Sem esperar uma resposta, me viro para Rhen, que está me olhando como se tivesse nascido uma segunda cabeça no meu corpo. – Você nunca especificou que suas terras estão sob o controle de outro monarca. Isso deveria ser uma aliança. Quando eu alertar meu pai, o exército dele vai imediatamente tomar este

território...

– Que exército? – pergunta o homem. Ele parece desconfiado, porém impede os outros de entrarem ainda mais na estalagem. – Quem é você?

– Sou a princesa Harper de Decê – anuncio. – Não ouviu falar sobre mim? Os soldados do meu reino somam milhares.

– Por regimento – acrescenta Rhen depressa. – Estamos ansiosos por unir nossas forças ao lendário exército de Decê.

– Sim, por regimento. Obviamente. – Quase vacilo. – E meu pai tem *centenas* de regimentos...

– Dezenas – corrige Rhen.

– Sim, *dezenas* de regimentos, e eles estão prontos para invadir Emberfall sob as minhas ordens se essa aliança falhar...

– Que aliança? – questiona o homem. Ele parece exasperado. – Quem... o que... onde fica *Decê*?

– Você não está em posição de fazer exigências. – Digo de forma muito firme e eloquente ao me lembrar do modo como aqueles homens falaram sobre Freya e a pequena Dahlia. – Já enviei notícias ao meu pai sobre os homens que me ameaçaram na noite passada. Identifiquem-se e depois deixem essas pessoas. Gostaria de saber o nome dos homens que meu pai vai executar primeiro. Inclusive, acredito que eu iria gostar de assistir.

O homem hesita.

Rhen aproveita o momento.

– Princesa Harper – ele diz para mim. – Esses homens estão claramente seguindo ordens. Não houve nenhum prejuízo hoje. Sem dúvida deve haver algum engano. Dê-lhes tempo para retornar ao general deles antes de dar início a um incidente internacional.

Os olhos do homem se estreitam.

Rhen se inclina para mim.

– Tenha piedade, *milady*. Sei que seus soldados são conhecidos por gostar de arrancar os membros de homens, mas...

– Minha nossa – arqueja Evalyn. – O Serviço Secreto parece muito perverso.

O homem olha em meus olhos. Ele não é um imbecil.

– Não acredito em você. Vamos queimar esta estalagem *inteira*,

garota.

Sustento o olhar dele e me recuso a desviar.

– Comandante Grey. Comprove que estou falando sério.

A mão de Grey se move. O homem grita e cai no chão. O cabo de uma faca projeta-se do joelho dele.

Caramba. Eu não tinha ideia do que esperava que ele fizesse, mas isso foi ainda melhor.

O homem está gritando com voz rouca. O sangue escorre ao redor do punhal, lentamente manchando a perna da calça dele. Seus homens vacilam e parecem confusos, olhando para seu líder, para mim e depois para Grey. Ninguém puxou uma arma.

Há uma espada na mão de Grey agora.

– Devo arrancar a perna dele para você, *milady*?

– Sim – respondo. – Um troféu para o meu pai.

Grey dá um passo adiante sem hesitação. Tomo fôlego. Acho que ele vai mesmo fazer isso.

– Não! – grita o homem. – Não! – Ele encara seus homens. – Me ajudem, seus malditos! Me tirem daqui!

Eles se apressam para arrastá-lo para fora.

– A rainha vai saber disso! – ele grita. – Ouçam minhas palavras, a nossa rainha vai...

Coale bate a porta na cara dele.

Então, ele se vira para mim. Seu rosto normalmente corado ficou pálido.

– *Milady*. Mais uma vez, tem nossa gratidão.

– Sim. – Evalyn contorna a mesa e fica de joelhos. Ela agarra minha mão e a beija. – Sua gentileza não tem limites.

É com muito esforço que me contenho para não me afastar dela.

– Não. Por favor. – Agora que os homens foram embora, minha adrenalina está subindo, e meu coração bate num ritmo rápido no peito. – Não foi nada...

– Pelo contrário. – Quando Evalyn ergue o olhar para mim, lágrimas se formam em seus olhos. – A estalagem é tudo o que temos.

Freya se junta a ela. Pega minha outra mão e a beija.

– Mais uma vez, você protegeu as crianças. Eu ofereço meus

serviços, *milady*, como dama de companhia, ou criada, ou...

– Não! Não. Não, obrigada.

Eu não sei o que fazer com isto. Elas estão sendo genuínas, depois de eu ter inventado tudo: o reino, o exército. Não tenho nada a lhes oferecer de verdade.

Desesperada, olho para Rhen em busca de ajuda.

Ele está me observando. Parece espantado, mas também divertido.

– *Milady*. – Ele faz uma medida. – Também ofereço minha gratidão.

Vou dar um soco nele. *Pare*, articulo a palavra sem emitir som. *Me ajude*.

Ele olha para o outro lado, para Coale.

– Estalajadeiro – chama. – A princesa viajou demais nos últimos dois dias. Acredito que ela precise de um local para descansar. Posso incomodá-lo e solicitar um quarto por um breve período?

– Sim! – exclama Evalyn, ficando de pé em um salto sem sequer esperar pela resposta do marido. – Sim. *Milady*, permita-me aprontar um quarto imediatamente.

– Vou preparar um prato para levar ao seu quarto – diz Coale. Ele hesita. – Vossa alteza... vai se juntar à princesa?

Abro a boca para dizer não, porém Rhen é mais rápido.

– Sim. – Ele sorri. – A princesa Harper e eu temos muito a conversar.

CAPÍTULO DEZOITO



RHEN

O destino, sem dúvida, está pregando uma peça em mim. Fúria e fascinação travam guerra em meus pensamentos.

Fúria por homens armados estarem aterrorizando meu povo.

Fascinação por essa garota imprudente e enlouquecedora tê-los enfrentado.

Estamos no quarto que usei na noite passada. Um fogo foi recém-aceso na lareira, e Coale deixou uma bandeja de comida ao lado de um jarro na cômoda.

O rosto de Harper está um tom mais pálido do que o habitual, e seus olhos estão um pouco arregalados.

– Aquilo... aquilo foi... – Ela solta o ar e se deixa cair na lateral da cama. Suas palmas, uma sobre a outra, cobrem a boca. – Não acredito que funcionou.

Nem eu. Tudo o que ela faz é inesperado. Mesmo agora, depois de com tanta coragem enfrentar aqueles homens, ela me surpreende, como se um barulho alto pudesse fazer com que ela partisse em disparada desse quarto.

– Se eu não soubesse a verdade – digo –, eu mesmo teria acreditado. – Lanço um olhar de lado para ela. – Você *nasceu* na realeza? No seu mundo?

– Não. – Ela dá uma risada curta e sem graça. – Definitivamente não. – Ela ergueu a cabeça para mim, quase como se ela tivesse acabado de perceber que estou aqui. Seus olhos se estreitam. – Ainda estou brava com você.

– De verdade? – Cruzo os braços e me recosto na parede. – Então vamos resolver isso.

Ela fica em pé, com a expressão feroz.

- Você falou para Grey cortar meu braço fora...
- Eu não falei.
- ...depois de me dizer que trazer um pouco de comida daria início a um incidente internacional...
- *Milady*.
- ...e *então* saiu cavalgando sem nem nos contar para onde ia...

Suspiro.

- Já terminou?
- Não! E, quando chegou aqui, você se sentou na frente da lareira e nem sequer falou comigo até uns homens armados chegarem invadindo...
- E você os impediu.
- E quase *estraguei* tudo porque não sei que idiotice é um *regimento*. – Suas bochechas estão coradas e a respiração, rápida. Ela afasta do rosto uma mecha de cabelo, que logo volta a cair. – Mil soldados não é um número alto?
- Em um exército? Não. – Pauso, fixado na parte do discurso dela que se enraizou na minha cabeça.

Você se sentou na frente da lareira e nem sequer falou comigo.

Para se incomodar, Harper teria que se importar, pelo menos um pouquinho.

Ela ainda está me encarando.

- O seu nome é mesmo Vincent Aldrhen ou também foi invenção?
- Cada pergunta que você faz. – Eu ficaria ofendido se ela não fosse tão franca. – Por que eu precisaria inventar um nome? Sou de fato o príncipe herdeiro de Emberfall.
- Então quem eram aqueles homens? O que é Karis Luran?
- Karis Luran não é uma coisa. É a rainha de Syhl Shallow.

Meus ombros estão rígidos. Esse dia já foi longo e exaustivo, e parece não terminar nunca.

- Certo, e o que é Syhl Shallow?
- É um país distante, a noroeste daqui. Do outro lado da cordilheira.

As montanhas devem estar intransitáveis nessa época do ano.

Meu pai nunca brigou com Karis Luran, contudo, antes ele estava vivo para impedir isso. Harper fez uma bela cena ao apresentar o rei de Decê como um tirano sanguinário, porém Karis Luran realmente é isso. Em seu país não há litoral, só invernos brutais e perigosos animais de caça. Não é de admirar que os homens destruíram a casa de Freya e ameaçaram seus filhos. Teriam feito a mesma coisa aqui se Harper não os tivesse enganado.

– O que eles querem? – pergunta Harper.

Eu franzo o cenho.

– Não faço ideia.

Ela olha para mim com cinismo.

– Você não faz ideia de por que uma rainha mandaria soldados para cá?

Meu maxilar está travado.

– Você não compreendeu ainda que todo o meu pessoal, toda a minha força armada, consiste somente no comandante Grey? Não tenho conselheiros. Nem mensageiros. Já tive soldados postados nas cidades fronteiriças, mas não tenho como saber se eles ainda estão lá. As montanhas deveriam ser uma barreira natural a oeste, e o mar aberto a leste, mas... dada uma força intensa o bastante, *pode* muito bem haver dezenas de regimentos por trás daqueles homens que vieram aqui.

Isso parece fazê-la cair em um silêncio chocado.

A frustração armou acampamento em meu peito. Passei mais de trezentas estações tentando salvar meu povo de uma criatura impiedosa, e isso me deixou incapaz de salvá-lo de forasteiros.

Talvez seja essa a razão para Lilith declarar que essa estação é minha última chance. Talvez ela saiba. Meu país cairá sob as forças inimigas.

Talvez seja essa a verdadeira maldição. Ela não está destruindo a mim. Está destruindo Emberfall.

– E o que você vai fazer a respeito disso? – questiona Harper.

Ergo minhas sobrelanceiras.

– A não ser que você seja *realmente* a princesa de Decê e seu pai *de fato* tenha milhares de soldados de prontidão, não tenho certeza de que posso fazer *alguma coisa*.

– Mas talvez você tenha soldados postados em cidades nas fronteiras? É o mesmo que um exército? Poderia...

– Não é o mesmo que um exército. – Há esperança em sua voz, e é quase tão surpreendente quanto todo o resto. Detesto ter que destruir isso, mas evidentemente é onde está todo o meu talento. – Talvez haja soldados fazendo a guarda, porém, sem uma maneira de me comunicar rapidamente com eles, não tenho como saber se esses postos ainda estão ativos.

– Mas... mas você não pode pagar para alguém levar mensagens...

– Sem dúvida você compreende que não posso simplesmente botar uma pessoa em cima de um cavalo com uma mensagem importante sobre movimentação militar. Muito menos agora.

Ela morde o canto do lábio.

– O que vai acontecer se Karis Luran tomar o poder?

– Não sei. Minhas terras não sofrem ameaça de uma tomada hostil desde o reinado do meu bisavô, e ele derrotou os invasores e expandiu o território de Emberfall.

– Bem, você tecnicamente é o rei agora, não é? Não pode fazer alguma coisa?

Desvio o olhar. Todo o meu amor por estratégia está se provando inútil agora.

– Não tenho nada, *milady*. Nada a oferecer. – Pauso. – Embora tenhamos sido capazes de espantar aqueles homens dessa vez, isso não vai impedir que retornem. Temo o que acontecerá quando eles voltarem.

Ela engole em seco.

– Eu sei. Pensei nisso também. – Suas mãos pressionam as bochechas de novo. – Ah, coitadas dessas pessoas.

O tom de voz dela me perfura e alcança meu âmagô. Ela não sabe nada sobre meus súditos. Nada. Por tudo o que aconteceu, ela deveria odiar a mim e tudo o que represento.

– Nós podemos ficar? – pergunta ela.

Suas palavras me deixam inerte de tão chocada, e percebo que estou separando-as na minha cabeça. *Nós podemos ficar. Nós podemos.*

Nós.

Eu me afasto da porta e a observo com olhos apertados.

– Você deseja ficar aqui? Na estalagem?

Ela assente.

– Só essa noite.

Nesse exato momento, eu não lhe negaria nada.

– É claro.

Seus olhos brilham aliviados, mas dura pouco e ela faz uma careta.

– Sei que é bobo. Como o lance com a comida. Não podemos ficar aqui para sempre. Só porque eles não estão incendiando *esta* estalagem, não significa que não estão incendiando uma estalagem a dois quilômetros daqui...

– *Milady.*

Ela deve notar a seriedade em minha voz, porque pisca, surpresa.

– O quê?

Eu me aproximo até ficar bem diante dela.

– Por ora, podemos ajudar algumas pessoas. Não todas, mas algumas.

Ela inspira bruscamente enquanto lhe devolvo suas próprias palavras.

– Rhen...

Sua voz some, e percebo que gostaria que ela realmente fosse uma princesa guerreira de uma terra distante. Acredito que teria sido uma aliada formidável. Encarou aqueles homens sem medo. Ela *me* encara sem medo.

Estendo a mão para prender aquela mecha solta atrás de sua orelha.

– Eu não tinha a intenção de chateá-la antes.

Quando meus dedos roçam sua têmpora, a respiração dela para um pouquinho, mas ela não recua.

– Qual vez?

Isso me faz sorrir.

– Quando não nos falamos. Na lareira.

– E quando você disse para Grey me matar?

– Eu não disse nada disso.

O cabelo dela se solta de novo, e dessa vez, quando estendo o braço para devolvê-lo ao lugar, deixo minha mão se demorar. Seus lábios se abrem conforme meus dedos roçam a curva de sua orelha.

De repente, a mão dela agarra meu pulso. Ela está sem ar e brava.

– Sei o que está fazendo. Você já teve trezentas mulheres com quem praticar. Pare.

As palavras me acertam como uma dúzia de flechas, perfurando a carne e atingindo todos os nervos. Eu me solto e me afasto. Meus punhos estão cerrados e minha voz está cheia de frieza.

– Como quiser, *milady*.

– Você não vai conseguir fazer eu me apaixonar por você.

Eu a encaro.

– Você deixou isso bem claro.

– Não confio em você, Rhen.

Cada palavra traz outra rajada de dor seguida de resignação.

– Você também deixou isso bem claro.

Ela escancara a porta.

– Bem, você também não confia em mim, então acho que estamos quites. Não faça isso de novo.

Então, ela sai pisando duro.

Suspiro e me sento na beirada da cama, depois passo as mãos pelos cabelos. Devia ter deixado os homens de Karis Luran me esfaquearem. Teria sido menos torturante.

Eu a toquei sem pensar. Muito descuidado. Ela tem razão: eu de fato tive outras trezentas mulheres com as quais pratiquei. Devia ser mais esperto.

Contudo, por um breve momento, eu me esqueci da maldição. Eu me esqueci de que ela não é uma garota qualquer que instiga intrigas a cada duas palavras que saem de sua boca.

E, por um breve momento, eu me *lembrei*. Eu me lembrei de como é querer tocar uma garota, não como parte de uma sedução cuidadosamente planejada, para atraí-la, para quebrar a maldição.

Caramba. Isso é terrível.

Grey aparece à porta.

– Meu senhor?

– Diga.

Ele fica em silêncio por um instante.

– Tem algo em que possa servi-lo?

Sim. Ele pode acabar com esse tormento.

A ideia agora parece incrivelmente egoísta. Ele pode me matar, mas isso não ajudará a poupar meus súditos de uma força invasora. Minha morte encerra meu sofrimento. Não o ajuda, nem ajuda meu povo.

Na verdade, minha sobrevivência tampouco ajuda. A criatura vai destruir a todos com a mesma facilidade.

Olho para a frente.

– *Lady...* a princesa Harper pediu para ficar aqui essa noite. Você pode informar o estalajadeiro?

– Posso.

Ele não se afasta da porta.

Eu o observo, mais uma vez desejando que Harper tivesse um batalhão de soldados à disposição. No mínimo, desejando que eu tivesse uma guarda real inteiramente ativa, para dar a impressão de haver uma defesa. Alguma coisa. Qualquer coisa.

Eu não tenho nada. Eu tenho Grey.

– Por que ainda está aqui? – pergunto a ele.

– Meu senhor?

– Por que não fugiu com os outros na primeira vez?

Ele não precisa de mais esclarecimentos.

– Eu fiz um juramento. Ao fazê-lo, pretendia cumpri-lo.

Abro um sorriso amarelo.

– Tenho certeza de que os outros também pretendiam, Grey.

– Não posso responder por eles. – Ele pausa. – Talvez eu tenha levado mais a sério.

Talvez eles tenham levado menos a sério.

– Você se arrepende do juramento? – questiono.

– Não.

A resposta dele é rápida, ensaiada. Não vou facilitar.

– Alguma vez já se arrependeu?

– Não.

– Essa é sua última estação, comandante. Deve saber que pode falar com franqueza sem grandes consequências.

Ele hesita, o que é raro. Quando retoma, percebo que a pausa não foi pelo motivo que eu imaginava. Sua voz está baixinha.

– Estou sendo franco, meu senhor.

Sua lealdade deveria me inspirar. Mas não me inspira. Não fiz nada para merecê-la.

Descubro que *eu* me arrependo do juramento dele.

– Vá – digo.

A porta se fecha com cuidado. Grey sempre foi bom em seguir ordens.

Pela primeira vez, gostaria que não fosse.

CAPÍTULO DEZENOVE



HARPER

Eu me escondi na estrebaria.

No começo, tentei me juntar a Evalyn e Freya na cozinha, na esperança de me distrair com a conversa das duas, mas elas estavam ocupadas demais me bajulando.

– O poder do seu pai deve ser imensurável, *milady*. Conte-nos como é a vida na sua corte.

– Sua beleza não tem limites. Não surpreende que tenha conquistado os olhos do príncipe. Cabelos cacheados são típicos no seu povo?

– *Milady*, as mulheres de sua terra são conhecidas por serem guerreiras? Você fala com muita ferocidade.

Eu tinha que cair fora dali.

A estrebaria é pequena, com seis baias, uma cobertura baixa e um corredor estreito no meio. O estalajadeiro – ou Bastian – mantém tudo organizado, as baias limpas. Feno e suor preenchem o ar, sublinhados pelo aroma frio e úmido de neve derretida. Eu daria qualquer coisa para montar em um cavalo e sair daqui, mas agora homens armados estarão atrás da “princesa Harper de Decê”.

O cavalo sopra seu hálito quente nas minhas mãos, em busca de comida, então ergue a cabeça para cheirar meu rosto.

– Vou te trazer uma maçã na próxima vez – sussurro. – Prometo.

Não faço ideia do que acabou de acontecer com Rhen.

Talvez eu estivesse confusa por ter expulsado os homens da estalagem. Talvez tenha sido a discussão. Talvez ele tenha entendido errado. Talvez eu tenha.

Conheço bem a rapidez com que um trapaceiro qualificado pode

entrar na sua cabeça e convencê-lo de que o caminho dele é o melhor caminho. Vi isso acontecer com meu pai. Jake e eu estávamos pagando o preço.

Bem, nesse exato momento, Jake está pagando o preço.

Tiro o telefone do bolso. O relógio diz que são três e meia da tarde em Washington DC.

A bateria está acabando, e eu não tenho como recarregá-la.

A emoção cresce em meu peito, apertando minha garganta. Mal olhei para as fotos, mas acho que deixar o aparelho ligado drena a bateria.

Quando desligar, não terei mais nenhuma conexão com eles.

Fungo para impedir que as lágrimas caiam, e o cavalo toca meus dedos de novo, passando seu focinho aveludado no canto do celular.

– Apreendi que, quando você some, devo primeiro conferir a estrebaria, *milady*.

Viro a cabeça e vejo Grey no fim do corredor.

Volto a olhar para o cavalo e enfio o telefone no bolso. É difícil expulsar os pensamentos sobre Jake da minha cabeça, mas, em pé nessa estrebaria, ouvindo a neve pingando do telhado lá fora, tenho a impressão bizarra e desorientadora de que *aqui* é a realidade, e *lá* não.

– Fingimento não é comigo – digo baixinho.

– Fingimento?

– Agir como uma pessoa que eu não sou.

Ele percorre o corredor até parar ao meu lado.

– Não vi muito *fingimento*, princesa Harper de Decê.

Enrubesco. O cavalo lambe meus dedos, e eu os tiro da frente dele antes que ele pare de lamber e passe a morder.

– Quando falei para você comprovar que eu estava falando sério

– digo –, eu não tinha tanta certeza de que você faria alguma coisa.

– Você é boa em dar ordens.

– Estou surpresa por você ter acatado. – Ele me olha, por isso complemento: – Porque quem pediu fui eu, quero dizer. E não Rhen.

Ele não responde. Mas depois fala:

– Você é a primeira garota trazida do outro lado que tem

familiaridade com cavalos. Por quê?

– Eu costumava cavalgar bastante. Quando era mais nova. Minha mãe me levava... – Minha voz oscila com a menção à minha mãe. – No começo era só terapia, depois da cirurgia na minha perna. Quando cresci, se tornou uma paixão. – Pauso e acaricio a cara do cavalo. – Não tinha percebido a falta que sentia disso até... até vir aqui.

– Mas sem armamento?

A pergunta arranca de mim uma risada.

– Essas duas coisas não andam juntas onde eu venho. – Pauso.

– Como você aprendeu a lançar uma faca daquele jeito?

– Prática e repetição.

– O seu pai também era da guarda?

– Não. Meu pai era agricultor. – Ele hesita. – Minha mãe foi camareira no castelo, e meu tio foi um soldado no Exército do Rei. Quando eu era criança, meu tio me mostrou o que sabia. Eu aprendia rápido. Tornou-se um passatempo divertido.

– Então você cresceu querendo ser soldado?

Ele faz que sim com a cabeça.

– Eu cresci pretendendo herdar o sítio. – Uma pausa. – Quando era novo, meu pai se feriu gravemente. Ele foi pego no debulhador e depois foi arrastado pelo cavalo. Não podia mais trabalhar. Não podia mais *andar*. Eu tinha nove irmãos e irmãs...

– Nove! – Não à toa ele é bom com crianças.

Grey assente. O cavalo dá uma cabeçada de leve nas mãos dele; ele diz uma palavra suave ao animal e acaricia seu focinho.

– Ajudei da melhor maneira possível, mas eu era um menino tentando fazer o serviço de um homem. Com o passar do tempo, a maior parte das nossas terras e rebanho foi vendida. Nossas colheitas sofreram. *Nós* sofremos. Todo ano, o castelo recebia dez novos guardas. Como você ouviu, é um benefício significativo para a família. Eu teria que renunciar a qualquer conexão com ela, mas sabia que isso poria um fim no sofrimento. Quando atingi a idade, me candidatei.

Eu o observo, encantada por sua história. Meus olhos percorrem seus ombros largos, as armas embainhadas, a armadura que ele

ainda não tirou. Tento imaginá-lo de jeans e camisa de flanela, jogando fardos de feno em uma carroça.

Fracasso completamente.

Eu me recosto na porta da baia.

– Então quer dizer que por baixo do temível Grey tem um molenga grandão que sabe lidar com crianças e animais?

Ele ergue as sobrancelhas levemente.

– Temível Grey?

– Ora, por favor. Você sabe que bota medo. – O cavalo pressiona sua cara contra meu peito, e eu gentilmente envolvo seu focinho com meus braços. – E assim você entrou pra guarda do castelo e ficou preso a Rhen.

Com isso, ganho um olhar pesaroso, e levo um segundo para descobrir por quê.

Suspiro.

– Está bem. Você entrou pra guarda do castelo e teve o privilégio incrível de ser a guarda do Rhen.

– A Guarda Real. E não foi assim a princípio. Ser guarda da família real era mesmo um privilégio adquirido. Passei muitos meses em treinamento. – A voz dele fica séria. – E depois muitos meses como guarda de portas fechadas.

– Não deu pra usar muito o talento de lançar facas, né?

Ele esboça um sorriso sombrio.

– Como mencionei, eu preferia ser útil.

– Pode me ensinar? A lançar daquele jeito?

O sorriso dele some. Uma linha aparece entre suas sobrancelhas.

– *Milady?*

Observo a estalagem.

– Não quero entrar lá. Não quero ter que falar com Rhen. Não quero ir embora. Eu só... – Solto um grunhido frustrado. – Eu também preferia ser útil.

Ele não diz nada. Seus olhos estão intensos e inescrutáveis.

Olho para ele e entendo. Alguma coisa dentro de mim se contorce um pouquinho. Lembro de Jake dizendo para eu me esconder no beco, sempre um alerta sobre como eu era vulnerável. Grey nunca me tratou assim, e não gosto da ideia de ele começar a

fazer isso.

– Você acha que eu não consigo?

– Não tenho dúvida de que você consegue. Acho que sua alteza não iria gostar.

– Ah! Bem, então *sem mais delongas*, ou o que quer que vocês dizem por aqui.

Ele não se move.

Se eu tiver que ficar nessa estrebaria me preocupando com a minha mãe e o meu irmão, sem falar das pessoas dessa estalagem, vou ficar maluca.

– *Por favor!* – Junto as mãos em frente ao rosto, do jeito como costumava fazer quando queria que Jake me acompanhasse na rua para comprar sorvete. – Eu te imploro, temível Grey! – provoco.

Ele suspira e ergue as mãos para o céu... exatamente o que Jake costumava fazer também, e era como eu sabia que tinha vencido.

– Como quiser – diz ele.



Na minha cabeça, espero me sentir forte e letal.

Na realidade, mal consigo fazer uma faca ficar presa ao chão.

Mais de metade dos meus lançamentos resulta na faca caindo no chão ou deslizando pelo barro. Os demais mal enfincam, depois tombam. Me sinto uma idiota.

Gostaria de poder culpar a terra congelada. Porém, quando Grey fez a demonstração, suas lâminas atravessaram a neve derretendo e se enterraram na relva amolecida embaixo.

O suor se acumula entre as minhas omoplatas, e estou pronta para tirar a capa, apesar do ar frio. Meu braço direito dói inteiro, até o ombro. As lâminas são mais pesadas do que parecem. Faz só vinte minutos que estamos treinando, mas eu não esperava tanto esforço físico.

Olho para Grey.

– Tem certeza de que eu não devia estar lançando em um pedaço de madeira ou algo do tipo?

Ele se recosta na lateral da estrebaria, à minha esquerda.

– Você preferiria ver suas facas caírem de outro lugar, *milady*?

Ha, ha. Faço uma careta e flexiono o pulso, esfregando os músculos e os tendões.

– Eu não fazia ideia de que seria tão difícil.

– Quando você conseguir fincar uma faca no chão, vai conseguir em qualquer alvo. – Ele meneia a cabeça na direção da última faca que tenho na mão. – Tente de novo.

Meus dedos deslizam pela ranhura curva do cabo, incrustado com prata e estampado com o mesmo brasão de leão e rosa que decora todas as outras coisas. Apesar de seu poder letal, as armas são lindas, com marcas de um trabalho habilidoso. Muito diferente da minha vida em DC, onde tudo parece descartável. Até as pessoas.

– Sabe o que é realmente a merda dessa maldição? Quem quer que tenha feito isso, ferrou com várias pessoas que não fizeram nada de errado. – Ponho meu dedão contra a lâmina e pressiono o suficiente para sentir o toque, sem me cortar. – Eu não passei a noite com a mulher errada.

– Nem eu.

Isso me faz parar e olhar para ele.

– Como *foi* que você acabou preso nisso?

Na verdade, não imagino que ele vá responder, mas ele diz:

– Eu me esforcei o máximo possível para defendê-lo. Sem sucesso. – Uma pausa. – Então talvez você não devesse me incluir na lista daqueles que não fizeram nada de errado.

– Como pode defendê-lo se ele te fez ficar preso na maldição?

– Jurei que defenderia a coroa com a minha vida. Que faria parte de algo maior do que eu mesmo.

Espero ele dizer mais alguma coisa, porém ele não fala nada, e percebo que a questão para ele é simples assim.

– Você tem bem mais fé nele do que eu.

– Eu também tenho fé em você, *milady*. Finque a lâmina no chão.

Cerro os dentes e levo o braço para trás, repassando tudo o que ele me disse sobre pegar e soltar e tempo... e estico o braço para a frente e deixo a faca voar.

Ela derrapa na lama e gira.

Suspiro.

Sigo adiante para recolher as facas do chão, mas Grey é mais rápido. Ele as limpa em um pano que pegou com Evalyn.

– Relaxe sua pegada. Só deixe a faca ir, ela vai terminar o movimento para você.

– Me mostra de novo?

Ele assente. Sua faca finca direto no chão. Sem esforço. Então ele se vira e me estende as outras duas.

Pego uma. Meus dedos envolvem o cabo, e levo o braço para trás.

Grey segura meu pulso.

– Relaxe. Sua mão é o guia. A lâmina é a arma. Entende?

– Talvez...

Ele fica atrás de mim, com a mão sobre a minha, ajustando meus dedos na posição correta. Sua mão esquerda se apoia no meu ombro, me fixando no lugar.

– Relaxe a pegada – ele diz.

Engulo em seco. Seu corpo não está encostando nas minhas costas, mas ele está perto o bastante para algumas inspiradas profundas me fazerem roçar nele. Todo o meu braço se apoia no dele, desde a fivela de couro que envolve o antebraço até o músculo firme de seu bíceps.

– Relaxe mais – insiste ele.

Forço meus dedos a relaxarem até parecer que deixarei a faca cair.

– Isso – afirma ele. – Agora respire.

Puxo bem o ar. Minhas costas tocam sua armadura.

Ele me solta. Dá um passo para trás.

– Lance.

Eu lanço. Meu braço parece mais rápido, de algum modo. A lâmina sai *voando*.

Então cai e finca direto no chão com um *poc* alto.

Ergo os braços, vitoriosa, e ignoro o fato de minha faca ter pousado pelo menos três metros mais perto do que a faca usada por Grey na demonstração.

– Consegui!

Ele me oferece outra lâmina.

– Faça de novo. – Mas ele parece satisfeito.

Aceito a próxima e tento recriar a mesma pegada.

– É muito esquisito. Ontem eu queria te matar.

– Verdade. Isso me dá esperanças.

– Por quê?

– Se passou a confiar em mim, significa que pode vir a confiar nele.

Penso nos dedos de Rhen roçando minha têmpora. Um calor começa a subir pelo meu pescoço, contra a minha vontade.

– Acho que não.

– Você não dizia o mesmo sobre mim?

Certo, talvez ele tenha um pouco de razão.

Levo o braço para trás de novo. Neste lançamento, a faca quica no chão, e eu suspiro.

– Espero nunca ter que me defender desse jeito.

Ele recolhe as armas e as limpa mais uma vez.

– Se precisar defender a *si mesma*, não jogue suas armas. Jamais arme seu oponente.

– O que você teria feito se tivesse errado a perna daquele cara?

Grey me encara, depois pega uma faca, que gira na mão e lança com força. As outras duas seguem em uma sucessão rápida. Todas as três fincam no chão, uma a um centímetro de distância da outra.
Poc. Poc. Poc.

Caramba. Eu me viro para ele com olhos arregalados.

– Agora quero saber por que não empalou todos, temível Grey.

Ele dá um sorrisinho, provavelmente o primeiro sorriso verdadeiro que vejo. A expressão rouba qualquer tensão que havia em seus olhos.

– Alguém tinha que carregá-lo para fora, *milady*.

Lembro da manhã de ontem no quarto de Arabella, quando ele me mostrou como segurar corretamente um punhal. Será que ele era assim antes da maldição? Mais despreocupado, menos sobrecarregado?

No instante em que me vem esse pensamento, fico tentando imaginar como Rhen era antes da maldição.

Grey busca as facas e as limpa.

– Foi assim que conseguiu o seu posto? – pergunto. – Lançando facas?

– Nenhum tipo de habilidade faria um homem conquistar um posto na Guarda Real. É possível aprender a lidar com facas. Técnicas podem ser aperfeiçoadas. Para servir à família real, a pessoa precisa estar disposta a doar sua vida para o outro. É isso que precisa ser provado.

– Acha que vale a pena?

Ele ergue as sobrancelhas.

– Vale a pena o quê?

– Ser guarda de Rhen. Sei que você fez um juramento. Você acha que ele vale o sacrifício?

Ele hesita. O sorriso desaparece. Ele estende as facas para mim.

– O tempo dirá.

CAPÍTULO VINTE



RHEN

Fico perto da janela, escondido pela cortina translúcida, observando. Minha capa e minha armadura estão abandonadas sobre a mesa perto da porta, e a brisa gelada atinge minha pele. Eu a ignoro. Eu a aprecio, na verdade. Depois de tantas estações de calor ameno, o ar frio segue sendo uma novidade.

A janela aberta me permite escutar.

Não consigo ouvir todas as palavras, mas entendo o suficiente.
Ser guarda de Rhen. Você acha que ele vale o sacrifício?

O tempo dirá.

– Príncipe Rhen. – É a voz de Lilith, leve e quase zombeteira, falando atrás de mim. – O que está acontecendo lá fora que tanto o arreбата?

Eu não deveria me surpreender por ela ter me seguido até aqui, por ela ter escolhido esse exato momento, quando minhas chances de sucesso parecem ainda mais ínfimas.

Tenho pouca paciência com ela. Como falei para Grey, essa é nossa última estação, o que encoraja a audácia.

Contudo, falar francamente com Lilith provavelmente vai provocar bem mais consequências do que Grey falar abertamente comigo. Eu me arrependo por ter retirado a armadura.

Não me afasto da janela.

– Veja você mesma.

Ela se move e para ao meu lado. Seu perfume é elegante, um pouco exótico e atraente. Um aroma que pretende chamar atenção. Já caí nessa armadilha antes.

Ela une as palmas das mãos.

– Uma aula de armamento. Que encantador da parte de Grey auxiliá-la.

Meu maxilar está tenso. Ela não precisa me provocar. Meus próprios pensamentos estão fazendo isso com bastante sucesso. Fico me perguntando se Grey se ofereceu para ensinar Harper a lançar ou se foi ela quem pediu.

As palavras do meu comandante da guarda dessa manhã me assombram agora. *Meu senhor, eu não fiz nada. Eu me sentei e a convidei.*

Quero fechar a janela com força.

– Ah, veja! – Lilith bate palmas, feliz. – Sua garota está melhorando. O comandante Grey deve ser um professor excelente.

Isso não escapou ao meu olhar. Harper parece ter descoberto o gosto pelo lançamento de facas, porque agora acerta mais do que erra. Grey parece satisfeito. Harper parece satisfeita.

Eu não estou satisfeito.

– Ah! Eu tive uma ideia maravilhosa, vossa alteza. – Lilith finge arfar. – Se você não for capaz de conquistar o amor dela, talvez possa lhe oferecer uma posição na Guarda Real. Ela não tem experiência, mas o comandante Grey parece capaz de ensiná-la. – Lilith põe um dedo na boca. – Mas eu me esqueci. Ao fim dessa estação, talvez não haja mais Guarda Real. Ah. Que pena.

– Você tem algum propósito aqui, *lady* Lilith?

– Não entendo por que você está desperdiçando sua última estação nesta pequena estalagem, sendo que tem um palácio inteiro à sua disposição.

Eu tenho um palácio inteiro onde sou obrigado a ouvir a mesma música incontáveis vezes, a ver as mesmas sombras arrastarem-se pelas paredes, a sentir o cheiro e o sabor das mesmas comidas.

A estalagem pode ser pequena e simples, mas agora prefiro ficar aqui do que em Ironrose.

Lilith passa um dedo pelo peitoril da janela. Nenhuma sujeira gruda em seu dedo.

– Devo dizer que o estalajadeiro faz um trabalho maravilhoso com a limpeza destas acomodações.

– Dispenso seus comentários, *milady*.

– Você está com um humor muito azedo. – Ela dá um suspiro decepcionado. – Não admira que ela busque a companhia do seu guarda.

– Não admira mesmo – concordo.

Lilith não diz nada, e ficamos em silêncio por um tempo. Harper realmente melhorou. Ela consegue fincar três facas em sequência.

– Vossa alteza – diz Lilith baixinho, inclinando-se na minha direção, com um tom conspiratório. – O que pretende fazer a respeito dos terríveis boatos sobre uma invasão do norte?

Meus ombros ficam tensos.

– Você sabe como são boatos. É bem difícil separar o rumor do fato.

– Verdade. – Ela suspira. – Embora eu acredite que seja um fato que seus soldados postados na passagem da montanha tenham sido eviscerados meses atrás. Foi realmente algo bem brutal de assistir, ainda mais no verão. Você sabe o que o calor faz com um corpo morto... Mas devo admitir que os soldados de Syhl Shallow não suportam desperdiçar nenhum tipo de carne, e logo resolveram...

Eu me viro para ela.

– Você está por trás disso?

– Eu? – Ela dá risada. – Não. Por que estaria? Quando soldados caem, seu rei deve enviar reforços. Quando um rei não faz isso, como culpar uma força rival de explorar tal fraqueza?

A verdadeira tragédia aqui é que ela tem razão. Suponho que devo me considerar sortudo por não estarmos sob ataque de todos os lados.

Pensando bem, talvez estejamos.

– Você realmente me detesta tanto assim? – eu pergunto. – Acha divertida a destruição do meu reino?

Ela ergue o olhar e não resta traço de zombaria em sua expressão.

– Príncipe Rhen, é isso o que você pensa? – Ela estende o braço e põe a mão no meu rosto. – Eu queria que você me amasse. Teríamos sido um par formidável.

No passado, meus súditos temiam as atitudes que meu pai

poderia tomar contra eles. Não posso imaginar submetê-los à violência frívola que Lilith parece apreciar.

– Com certeza você seria mais feliz com alguém do seu grupo. – Suspiro com melancolia. – Pena que estão todos mortos.

Ela puxa a mão, afastando-a de mim.

– Você tenta me ferir.

Se ao menos eu conseguisse. Minha voz sai sem emoção:

– Perdoe-me.

– Suas palavras são inúteis, de qualquer modo. Não sou a única que restou do meu grupo.

Eu viro a cabeça para encará-la.

– Você acha que conseguiria encontrá-los? – Ela dá risada. – Que de alguma maneira eles o libertariam da minha maldição?

Antes que essa ideia possa se enraizar na minha mente, ela suspira.

– Eu fracassei nas tentativas de localizá-los, então você não tem nenhuma chance. – Ela flexiona a mão no ar diante de si. – Entretanto, consigo sentir a teia da magia. Não acaba em mim.

Em algum lugar em Emberfall, outro feiticeiro ou feiticeira aguarda uma oportunidade para se vingar da minha família. Eles todos precisarão entrar na fila... se é que vai sobrar algo de mim.

– Você me decepciona – diz Lilith. – Jamais imaginei que deixaria essa maldição se arrastar por tanto tempo assim.

Não consigo retrucar. Eu decepciono a mim mesmo.

– Mal posso esperar para ver como seu monstro vai se manifestar nesta estação – comenta ela. – Talvez eu o prenda com correntes e deixe-o em exposição para os meus inimigos.

Um arrepio repentino percorre minha coluna. Esse é um final que eu nunca considerei.

– Você gostaria que isso acontecesse? – pergunta ela, aproximando-se de novo. – Todo meu, por toda a eternidade, príncipe Rhen?

– Não – respondo. – Não gostaria.

Tenho bem pouco senso de quem eu sou depois que a transformação ocorre, porém a ideia de ficar à mercê dela mesmo como um monstro quase basta para me destruir.

Ela suspira.

– Você já foi tão divertido. Sinceramente, visitá-lo tem parecido mais uma obrigação nos últimos tempos.

– Eu não ficaria ofendido se você parasse.

Ela ri baixinho. O som parece com o barulho de cacos de vidro sendo pisados e moídos.

– Até depois, vossa alteza. – Faz uma medida e desaparece.

Faço uma careta e volto a olhar pela janela. Harper está conseguindo fincar todos os seus lançamentos agora. Grey é um bom professor.

Isso me dá uma ideia.



Minhas botas fazem barulho pisando na neve derretida quando atravesso o pátio da estalagem em direção à estrebaria, com as provocações de Lilith ecoando na cabeça.

Grey me nota primeiro e se endireita. Sua expressão não revela nada, mas não há nada de diferente nisso.

– Meu senhor.

– Comandante – digo, olhando para ele.

Harper se vira, com duas facas ainda nas mãos. Seus olhos me atravessam.

– Acho que estou pronta para um alvo, Grey.

Claramente, ela ainda está aborrecida.

Meu temperamento nesse instante combina com o dela.

– Acha que eu teria motivo para me preocupar, *milady*?

Sua expressão fica sombria.

– Fique parado. Vamos ver. – Então ela leva o braço para trás.

Grey agarra o pulso dela. Ele parece irritado.

Os olhos de Harper estão fixos nos meus. A raiva neles é nítida, mas está misturada com mágoa, que é bem maior.

– Solte-a. – Sustento o olhar dela. – Ela não vai jogar uma faca em mim.

Grey obedece. Harper abaixa o braço.

Sei reconhecer blefe.

Ela franze o cenho e junta os cabos das facas na mão.

– Você veio aqui só pra me ofender?

– Não – digo.

– Ah, então ordene a Grey que faça alguma coisa idiota só pra ele parar de falar comigo. Entendi.

Bem, com certeza não vou fazer isso *agora*. Eu me recordo dos comentários de Grey sobre o jogo de baralho e me pergunto se eu estava observando esse momento da maneira errada.

– Não, *milady*. Posso me juntar a vocês?

Ela vacila, surpresa. Ela se recupera depressa e estende as duas facas para mim. Um pouco da raiva e mágoa sumiu de seu comportamento.

– Claro. Pegue.

Agora sou eu quem está surpreso. E contente.

Mas então ela diz:

– Meu braço parece que vai cair. Vou voltar lá para dentro. Tudo bem se eu ficar no quarto um pouquinho?

Uma parte de mim quer exigir que ela fique. Essa parte se sente apequenada e tomada pela inveja, e não gosto disso.

Eu me obrigo a assentir.

– Certamente.

Ela se vira para o meu comandante da guarda e lhe dá um sorriso.

– Obrigada pela aula, temível Grey.

Ele não fala nada. Grey não é tolo.

Então, sem nem olhar para trás, ela se vira e caminha até a estalagem, seu pé esquerdo mancando pela neve derretida.

Cada palavra que desejo dizer é mesquinha.

O silêncio é preenchido com uma tensão aguda. Eu me lembro dessa tensão de antigamente, quando meus guardas antecipavam uma reprimenda... ou algo pior. Penso sobre o modo como minha aia falou certa vez sobre meu pai, e me pergunto o que meus guardas disseram sobre mim então.

Não teria sido algo bom. Disso eu sei.

– Comandante – chamo.

– Meu senhor.

Sua voz não denuncia nada, mas ele espera uma ordem para fazer algo extenuante ou torturante. Consigo perceber.

– Levando em conta o que nós vimos, se você tivesse que organizar um contingente de guardas, de quantos precisaria?

Eu estendo as facas de lançar que Harper me entregou.

Ele franze o cenho e as enfia nas bainhas de suas braçadeiras, como se tentasse mapear a direção da pergunta.

– Para qual propósito?

– Para eu ser capaz de andar em meio ao povo. Para tornar conhecida a minha presença. – Pauso. – A presença de Harper também.

Ele não responde. Acredita ser uma armadilha.

– Você tem um número ou não? – insisto.

– Tenho. Quarenta e oito.

– Quarenta e oito!

– Sua guarda pessoal já foi metade disso, sem contar os guardas do castelo. – Seu tom beira a frustração e a curiosidade. – É preciso ceder tempo para treinamento e exercícios, além de horários alternados para garantir a vigilância...

– Certo. – Ergo uma mão. – Você poderia encontrar e treinar quarenta e oito novos guardas antes da transformação se completar?

– Seriam... o quê? Seis semanas? Sete? Se eu tivesse um exército e pudesse escolher entre guerreiros habilidosos... talvez. Como as coisas estão agora, é improvável. – Ele pausa. – Por quê?

– Quantos você acha que *conseguiria* encontrar e treinar?

– Se deseja ordenar que eu me afaste de *lady* Harper, não precisa criar distrações...

– Não é isso que estou fazendo. Quantos?

– Não faço ideia. – Sua expressão se torna incrédula. – Eu estive confinado no castelo com você. Não tenho noção do estado das pessoas além das poucas que encontramos. – Ele ergue uma mão e aponta para a estalagem. – Deseja que eu convoque crianças? Talvez o pequeno demonstre talento para esgrima.

Eu o recordo de sua posição com um olhar.

– Modere o tom, comandante. Busco o seu conselho, não seu

desdém.

– Se busca meu conselho, preciso entender o que espera conquistar.

– Aqueles homens presumiram que eu estava morto. As pessoas acham que a família real as abandonou. Quero ser capaz de andar entre meu povo para mostrar que ainda estou vivo, que este ainda é meu reino.

– Mas... para qual propósito? Sua obrigação é com Harper...

– Não. Minha obrigação é com o povo de Emberfall. – Dou um passo à frente. – E sua obrigação é *comigo*.

Ele não recua.

– Como sempre – afirma ele.

O vento assovia entre nós, e contendo um arrepio.

– Você conseguiria fazer isso ou não?

– Mesmo se eu encontrasse indivíduos dispostos a servir, o que é duvidoso, pelo que observamos, e mesmo se cortasse esse número pela *metade*, não seria possível torná-los capazes de prover qualquer tipo de defesa unificada em questão de semanas.

Ele tem razão. É claro que tem razão.

– E se não nos preocupássemos com defesa?

Ele franze o cenho.

– Perdão, mas...

– E se fingíssemos?

Grey me olha como se eu tivesse enlouquecido totalmente. Talvez ele não esteja tão errado assim.

– Então, para ser claro: você deseja que eu recrute indivíduos para a Guarda Real, que os equipe com armas e uniformes. Permita que eles o acompanhem por entre as massas com um mínimo de treinamento?

– Sim! Exatamente.

Os olhos dele se estreitam.

– E isso não é uma distração?

– Eu *preciso* criar uma distração, comandante?

Grey não desvia o olhar.

– Não. – Ele pausa. – Você tem um plano, então?

Eu tenho um esboço de plano. Uma ideia de um plano.

– Sim. Pode fazer isso? Pode criar a impressão de uma guarda funcional?

– Creio que sim. – Suas palavras são cautelosas. – E o que vai acontecer se você estiver verdadeiramente em perigo?

Imagino a cena, cavalgando em cidades mais populosas, as pessoas se aglomerando ao meu redor. Não faço isso há tempos. O povo de Emberfall está faminto e desesperado. A ideia em si beira a insanidade. O suicídio.

Que diferença faz? Não tenho mais nada a perder.

– É por isso que tenho você.

Ele parece surpreso.

Bato uma mão no ombro dele antes de me virar de volta à estalagem.

– Você disse que preferia ser útil, não disse?

CAPÍTULO VINTE E UM



HARPER

Coale e Evalyn estão brigando.

Minhas mãos e meu rosto estão congelados depois de ter passado a maior parte da tarde no frio, mas entreouvir uma discussão sobre o que servir para hóspedes reais me convence a subir de fininho.

O quarto está congelante, apesar das chamas estalando na lareira. Quando vou conferir a janela, está fechada, mas lá embaixo, no pátio, Rhen e Grey estão envolvidos em uma conversa tensa.

Acho que sua alteza não iria gostar.

Bem, isso ficou patente.

Suspiro e fecho as cortinas, e sigo para me deitar em um lado da cama. Esfrego as coxas com as mãos, tentando aquecê-las. A costura volumosa da calça de equitação pega nos nós de meus dedos. Me pergunto como é possível que eu esteja aqui apenas há um dia e meio.

Aquele momento na estrebaria, quando *aqui* pareceu real e *minha casa* pareceu um sonho, ficou mais forte, como um tipo estranho de vertigem. Ou talvez seja o contrário. Talvez tudo isso ainda pareça um sonho e não estou em pânico porque estou só esperando acordar.

Eu me belisco.

Isto não é um sonho.

Fecho os olhos e abraço meu corpo, pensando na minha mãe. Quando eu era pequena, ela me dizia que todos temos uma faísca dentro de nós, e nossas faíscas podem se encontrar, não importa onde estejamos. Isso me trazia muito conforto quando eu era

criança.

Está me trazendo conforto agora. Nunca perguntei a ela o que aconteceria com a sua faísca se ela morresse.

Quando ela morresse.

Preciso pressionar uma mão no peito e prender a respiração.

Não, eu preciso respirar. Puxo oxigênio e tento chorar sem fazer barulho.

Mas então passa. Consigo respirar. Consigo sobreviver.

Não sei por quanto tempo minha mãe consegue sobreviver. Uma estação dura três meses.

Tiro o telefone do bolso. Ainda tem seis por cento de bateria. Acesso de novo a galeria de fotos. Minha mãe. Jake. Noah. Eu. De novo.

O telefone pisca um alerta: *cinco por cento de bateria restante*. Não faz sentido, na verdade. O que isso significa? Cinco minutos? Dez? Um?

Meu rosto coça e passo a mão nas bochechas, e fico surpresa quando a ponta dos meus dedos fica molhada. Lembro-me de uma vez que li um artigo sobre a psicologia das faixas de pedestres, sobre como adicionar uma contagem regressiva torna tudo menos estressante para os motoristas, porque eles sabem quanto tempo precisam esperar no semáforo. Havia algo a respeito de saber por quanto tempo você vai sofrer, o que era melhor do que apenas esperar.

O artigo tinha razão.

Penso também em Rhen, na duração indeterminada de sua maldição. É quase um milagre que isso não o tenha destruído.

Sigo deslizando as imagens.

Quatro por cento.

Troco de aplicativo para ver as mensagens de texto de Jake. Nada mudou. Estão todas ali. Leio todo o histórico que o aplicativo já carregou das mensagens dele com Noah e com nossa mãe, mas não é muito. A tela só corre por cerca de doze horas, então vejo a rodinha girando. Com minha mãe, imagino a voz dela. Com Noah, estou só curiosa, mas as mensagens não têm muito contexto. Ele menciona um trabalho de turno noturno, só que poderia ser qualquer

coisa.

Pela primeira vez, clico nas mensagens de Lawrence.

LN: Se ele não tiver, cuida da situação

JAKE: Pode deixar

LN: Sem desculpas

JAKE: Eu sei

LN: Você vai cuidar, ou vamos atrás da sua irmã

JAKE: Eu vou fazer

Meu coração vira gelo. *Eu vou fazer.*

Não quero adivinhar. Não *preciso* adivinhar. Sei bem o que eles estavam querendo que ele fizesse.

– Não, Jake – sussurro.

Meu irmão amável.

O cronômetro terminou a contagem. Ele não saiu.

Vamos atrás da sua irmã.

Se ele conseguiu sair, não me encontrou lá. Deve ter ficado louco tentando me achar.

Se ele não saiu...

Aperto um braço contra o abdome, usando a outra mão para cobrir meu rosto. Não consigo impedir as lágrimas agora. Meus ombros chacoalham com força. Estou chorando copiosamente.

O telefone vibra. *Desligando.*

– Não! – grito.

Eu bato o dedo no botão. A tela se apaga mesmo assim.

A porta do quarto se escancara. Grey está na soleira, seus olhos em busca de uma ameaça.

– *Milady?*

Arquejo e aperto o telefone contra o peito. Meu coração está batendo tão rápido que mal consigo respirar. Minhas mãos estão tremendo a ponto de eu quase não conseguir segurar o aparelho.

E nem sei por quê. Não significa mais nada agora. Só um tijolo de vidro e plástico e circuitos.

– *Milady.* – A voz de Grey está baixinha e bem próxima.

Ele apoia um joelho no chão.

– O que aconteceu?

– Ele morreu.

– O seu aparelho? – Consigo notar a confusão na voz dele. – Mas eles não funcionam...

– Eu sei. – Fungo com força. – Eu sei. Mas tinha fotos. Minha mãe... meu irmão... É tudo o que eu tinha.

Não sei se ele compreende. Porém, ele diz:

– Devo chamar...

– Não. – Quase engasgo com minhas lágrimas. Não suporto a ideia de encarar a postura arrogante de Rhen quando estou me desmanchando em desespero. – Por favor.

Ele fica em silêncio por um momento, durante o qual choro muito alto.

– Você tem um modo de ver seu mundo? – ele pergunta, por fim.

– Não. Talvez. Mais ou menos. – Passo uma manga nos olhos. – Agora não tenho mais. Só... só imagens. Mas o telefone desligou. Não sei se eles estão bem. Eles não sabem se estou bem.

– Seu irmão. Sua mãe.

– Meu irmão estava numa enrascada. Antes... antes de você me levar. Eu estava vigiando para ele. E minha mãe está doente... ela pode estar morta...

Rhen aparece à porta. Observo enquanto ele registra nossas posições.

Ótimo. Era tudo que eu precisava. Fico olhando para ele.

– Vá embora. A culpa de tudo isso é sua.

Grey fica em pé. Ele se vira.

– Meu senhor. Uma palavra?

– Espero que seja mais de uma.

Grey atravessa a porta e a fecha.

Sento-me na beirada da cama e escuto minha própria respiração. Largo ali o telefone inútil.

Conto até dez. Até vinte. Quando chego a cinquenta, meu cérebro começa a funcionar de novo.

No cem, estou brava.

Espio pela faixa de janela visível entre as cortinas. O céu se transformou de um azul forte para nuvens com listras escarlate. Pôr do sol.

Fico em pé e caminho até a porta. Eu a abro de repente.

Rhen e Grey estão no meio do corredor.

Desta vez, os olhos de Rhen estão tomados por empatia. Falsa, não tenho dúvida. Ele se endireita e se aproxima até ficar na minha frente.

– *Milady*... eu não...

Ergo a mão e dou um tapa nele, o mais forte possível. Ele não esperava o golpe, que lança sua cabeça para o lado.

Não espero por uma reação. Entro de novo no quarto e bato a porta em sua cara.

Depois a tranco.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



RHEN

Mulher nenhuma jamais ousou me estapear no rosto. Meu maxilar dói como uma queimadura que precisa de bálsamo.

Quero arrombar a porta e confrontá-la, porém sigo vendo seu rosto marcado pelas lágrimas, a emoção intensa em seus olhos.

Mesmo agora, se eu prestar atenção, posso ouvi-la chorando do outro lado da porta.

A mãe dela está morrendo. O irmão está em perigo.

Sinto-me um grande tolo.

O estalajadeiro aparece na base da escadaria.

– Vossa alteza? – diz ele, hesitante. – Está tudo bem?

– Sim – respondo, minhas palavras entrecortadas. – Deixe-nos aqui.

Não desvio o olhar da porta. Eles vão fofocar sobre o que quer que tenham ouvido, e não vou alimentar esse moinho com uma face vermelha.

O homem faz uma reverência e se afasta.

À minha direita, Grey está imóvel. Também não posso olhar para ele. Nunca me senti tão impotente.

Estendo a mão e vivo a maçaneta, porém ela trancou a porta. Harper deve ter ouvido minha tentativa, pois grita:

– Vá embora!

Não tenho ideia de como solucionar isso.

Grey desafivela uma algibeira em seu cinto e tira dali um baralho. Sem dizer nada, ele o oferece para mim.

Sua intenção é clara.

– É mais provável que esta porta jogue comigo, Grey.

– Você poderia perguntar.

Suspiro, então pego o baralho.

– Vá. – Meneio a cabeça na direção da escadaria. – Jante com eles. Veja se consegue descobrir alguma coisa nova sobre Karis Luran.

Ele obedece, deixando-me no silêncio pesado do corredor. O silêncio não resolverá nada. Ergo uma mão e bato levemente à porta.

Ela não abre.

Pressiono a palma contra a madeira e me aproximo. A presença de Grey no andar de baixo vai impedir a aproximação de curiosos, mas ainda assim mantenho a voz baixa.

– *Milady*.

Nada.

– Não há treliças do lado de fora da sua janela – observo. – Por favor, não me diga que está descendo pela chaminé.

– Vá embora, Rhen.

Ela fala logo do outro lado da porta. Meu coração salta ao descobri-la tão perto.

– Gostaria de falar com você – digo.

– Uma coisa não acontece só porque você quer. A maioria das pessoas aprende isso aos seis anos de idade.

– Claramente, não a maioria dos príncipes. – Mantenho minha voz leve, na esperança de que ela abra a porta.

Ela não abre.

Suspiro. Giro as cartas nos dedos.

– Gostaria de jogar uma partida de Resgate do Rei?

Ela fica em silêncio. Quando enfim fala, sua voz sai baixa e aflita.

– Você tem alguma ideia do que fez comigo? – Ela funga, o que me faz pensar que está chorando de novo. – Com a minha família?

– Não – respondo. – Não tenho.

Silêncio de novo, mas dessa vez com um quê de ponderação.

– Minha mãe está com câncer – diz ela, por fim. – Está morrendo. Os médicos deram seis meses de vida, nove meses atrás. Os pulmões dela estão tomados por tumores. Ela diz que todo dia é uma bênção, mas na verdade todo dia é uma tortura. Ela mal

consegue respirar. Meu irmão e eu somos os únicos que cuidam dela.

Harper sente essa tortura. Posso ouvir isso em cada sílaba.

Ela funga de novo.

– Quando éramos mais novos, a gente se virava bem, mas ela ficou doente e acabamos sem dinheiro. Meu pai se envolveu com umas pessoas horríveis que emprestam dinheiro, e eu não sei como imaginou que algum dia conseguiríamos pagar, mas depois ele fugiu, e meu irmão... está fazendo coisas terríveis para tentar pagar... – A voz dela falha. – Se eu estivesse lá, poderia ajudá-los. Poderia ficar com minha mãe. Poderia ficar com meu irmão. Eles precisam de mim. Você consegue entender isso? Que eles precisam de mim? *Consegue?*

Pressiono a testa contra a porta. Sua dor me alcança através da madeira, apertando meu próprio peito e trazendo memórias da minha família.

– Sim. Consigo.

– Não! – A voz dela é feroz, sua fúria é explícita. – Você não consegue.

– Consigo – digo baixinho.

– Como?

– Porque *eu* preciso de você.

Novamente silêncio, que parece se estender para sempre. Até eu achar que ela desistiu de mim e se afastou da porta.

Mesmo assim eu falo.

– Quando a maldição começou, pensei que quebrá-la seria simples. – Hesito. Uma vergonha familiar se aloja na minha garganta e aperta. – Contudo... o monstro destruiu minha família. – Engulo em seco. É tão mais fácil pensar que meu monstro é algo separado. Algo que eu tenho a oportunidade de impedir. – Fui tão descuidado... e ele destruiu todos num piscar de olhos. Eu não tinha chance... Não posso... eu não posso trazê-los de volta. Não posso desfazer nada disso.

Minha respiração fica superficial. Não tenho lembrança das mortes... só a memória de seus corpos desmembrados e espalhados pelo Salão Principal. Do jeito como os encontrei quando

voltei a mim, uma hora antes de a estação reiniciar. Do jeito como encontrei a mim mesmo, coberto pelo sangue deles.

Então a estação reiniciou, e tudo sumiu. Tudo. O castelo retornou àquele primeiro dia, mas, exceto por Grey e eu, os mortos permaneceram mortos.

Há muito tranquei qualquer emoção a respeito da minha própria destruição, mas um calor se acumula na minha garganta, engrossando minhas palavras.

– Quando chegou o fim da segunda estação, o monstro se voltou contra o meu povo. No fim da terceira... *Milady*, por favor. Por favor, saiba que não desejei lhe fazer mal algum. Não desejei fazer mal à sua família. Tentei tudo o que posso imaginar para quebrar essa maldição. Tentei destruir a mim mesmo. Eu reverteria tudo, se pudesse. Juro.

Silêncio. De novo.

Não tenho nada mais para lhe oferecer. Nada mais que essa verdade.

A trinca gira. A porta se abre. Estamos cara a cara. Suas bochechas estão vermelhas e seus olhos, úmidos.

Minhas próprias lágrimas não parecem estar tão distantes.

Ela me observa.

– Nunca sei quando confiar em você. Tudo sempre parece muito calculado.

Recuo, magoado.

– Até você ter dito tudo isso.

Então, porque o destino parece feliz em me surpreender nessa estação, ela dá um passo à frente, pressiona o rosto contra meu peito e envolve minha cintura com os braços.

Fico tão espantado que não me mexo. Ela poderia puxar minhas armas e me golpear, e eu teria ficado menos chocado.

– Sinto muito pela sua família – diz ela.

– Sinto muito pela sua, *milady*. – Minha voz parece oca, até mesmo para mim.

Mantenho-me congelado, incerto sobre o que fazer com meus braços.

Ela ergue o rosto para mim. Não tenho certeza do que encontra

no meu rosto, pois dá um passo para trás.

Sua expressão é uma mistura de descontração e perplexidade.

– Qual é o problema? Ninguém nunca te deu um abraço?

Sinto-me muito desequilibrado.

– Não... não recentemente.

– Acredito nisso também. – Ela olha para minha mão. – Você tem mesmo um baralho.

– Sim.

Ela prende uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Podemos jogar. Entre.

Nós nos acomodamos perto da lareira. As cartas viram entre os meus dedos enquanto embaralho. Fico satisfeito por ter o que fazer com as mãos. Não faço ideia de como seguir em frente.

Distribuo as cartas com rapidez, depois ponho as demais sobre a mesa, virando uma para cima. Eu tenho dois príncipes, o que significa que posso roubar seus reis, mas jamais os uso cedo no jogo. Em geral, eu observaria os movimentos dela, tentando adivinhar quais cartas ela tem, mas minha mente está presa naquele momento em que seus braços envolveram minha cintura.

Em silêncio, ela abaixa uma carta no monte. Ao nosso lado, o fogo crepita. Descarto um cinco de pedras. Ela descarta um cinco de espadas.

Jogamos sem conversar, comprando cartas quando necessário.

Entro no ritmo do jogo. Lilith fez um comentário sobre como essa estalagem era deficiente, porém eu gosto da intimidade desse quarto, do calor desse fogo. A familiaridade do jogo, a novidade da minha oponente. O castelo era frio. Vazio. Esta estalagem, este momento, não é.

Por fim, Harper compra uma carta e ergue as sobrancelhas só um pouquinho. Ela move a carta para o lado mais à esquerda de sua mão e compra outra, adicionando-a ao lado direito até encontrar uma para descartar no monte.

Jogo uma carta de príncipe.

Os olhos dela buscam os meus, contudo, ela puxa a carta mais à esquerda de sua mão e me entrega seu rei de espadas.

– Acabei de comprar essa.

– Eu sei.

Ela pensa nisso, então abaixa um dez de pedras. Seu tom é contemplativo e baixo.

– Não acho que consigo continuar te odiando.

– Que palavras doces de afeição, *milady*. – Jogo um dez de corações. – Sinto-me honrado.

Sua expressão se torna estranhamente divertida, mas ela logo volta à seriedade.

– Fico pensando em todas aquelas mulheres que você sequestrou, como isso fazia você parecer um idiota arrogante cheio de si. Não tinha entendido que só estava fazendo isso porque precisava.

Acrescento uma carta ao monte.

– Meu pai, certa vez, disse que todos recebemos cartas de baralho ao nascer. Uma boa mão pode, no fim, perder, assim como uma mão ruim pode vencer, porém todos precisamos jogar com as cartas que o destino distribuiu. As escolhas que fazemos podem não ser as que desejamos, mas nem por isso deixam de ser escolhas.

Ela não diz nada, apenas abaixa outra carta no monte.

– Grey se especializou em encontrar garotas que não têm família, que não têm ninguém que sentiria falta delas. – Pauso e olho para ela. – Com frequência não é preciso nenhum truque: elas vêm por conta própria, com pouco mais que a promessa de um lugar seguro para dormir. Você, suspeito eu, não teria sido seduzida assim tão fácil.

– Não.

Seu olhar está duro.

– Por que você o atacou?

– Ele tinha pegado uma garota. Eu pensei que ele fosse um assassino psicopata. Tentei impedir.

É claro que tentou.

– Então, sua escolha a trouxe até aqui.

– Não tente jogar isso nas minhas costas.

– Não é isso. Estou dizendo que, por mais que eu tente planejar um meio de acabar com a maldição, o destino continua distribuindo novas cartas.

A expressão dela fica congelada. Mais uma vez, jogamos em silêncio por muito tempo.

Eu a observo comprar outro rei. Ela é mais discreta desta vez, porém foi mais lenta em adicioná-la à sua mão.

Jogo outro príncipe meu.

– Pare – diz ela.

Pego a carta que ela me entrega.

– Deixe de ser tão óbvia.

Ela compra até ter uma carta para jogar.

– Tenho uma pergunta para você – diz ela. – Sobre todas as outras garotas. Você alguma vez chegou perto?

Suspiro.

– Às vezes, a vitória parece bem próxima... outras vezes, parece estar a quilômetros de distância.

– Posso fazer uma observação?

Minha mão para sobre a próxima carta.

– Certamente.

Ela me olha, atenta.

– Você acabou de dizer “vitória”. Não disse “amor”.

Não tenho certeza se consigo responder. Minha primeira reação é perguntar por que isso importa.

Minha segunda reação é me perguntar por que algum dia achei que isso não importaria.

Harper não terminou.

– Alguma vez você já sentiu alguma coisa por essas garotas?

Desço um dois de espadas e tento não pensar no tanto que desejo afastar o cabelo dela de seu rosto de novo.

– Não é que eu não sinta *nada*. – Pauso. – Entretanto, o fracasso parece uma certeza tão grande que aprendi a me resguardar da decepção.

– Hmm.

Ela joga outra carta e cai novamente no silêncio. Da cozinha, abaixo de nós, ouço a risada ressonante do estalajadeiro.

Isso me deixa melancólico. Não me lembro da última vez que me sentei em uma mesa repleta de gente compartilhando histórias e risadas.

Então, Harper diz:

– Você não tem mesmo como entrar em contato com essa feiticeira que te amaldiçoou?

– Não. – Jogo uma carta. – E, mesmo se tivesse, eu não faria isso.

– Nem mesmo para me ajudar a voltar pra casa?

Paro. Olho para Harper. Ela não sabe o que está pedindo.

– *Lady* Lilith não faz nada sem cobrar um preço. Eu não tenho nada a oferecer. Você tem?

A boca dela se abre, por isso acrescento:

– Você viu meus aposentos do terceiro andar. independentemente do que pensa de mim, eu lhe recomendaria pensar com grande cuidado no que está pedindo.

Ela empalidece um pouco, mas sua voz é forte.

– Eu farei o que for necessário para voltar pra casa. Se tiver que encarar uma feiticeira, que assim seja.

Sua resposta me faz abrir um sorriso sombrio.

– Falou como a princesa de Decê.

Ela enrubesce e desvia o olhar, fitando as cartas em sua mão. Depois ergue os olhos para mim.

– Não estou brincando, Rhen. Você tem *algum* meio de entrar em contato com ela?

– Não. – Pauso, pesando o quanto devo dizer. Imagino a corajosa Harper encarando a caprichosa Lilith. Mesmo que Lilith a envie de volta para casa, qualquer cenário que eu possa imaginar parece repleto de perigo. – Ela vem de tempos em tempos, mas suas aparições são imprevisíveis.

– Você pediria a ela? – Não respondo, e Harper completa: – Ou me manteria como prisioneira?

Meu maxilar está tenso.

– Você não sabe o que está pedindo. Ela é perversa. Cruel.

– Mas ela *vai* aparecer.

– Ela vai.

Não tenho dúvida.

– Você poderia dizer a ela que quero ir pra casa. Poderia dizer que eu quero algo dela.

– Ela jurou que interferiria nas minhas tentativas de quebrar a maldição. Ela pode se recusar.

Harper engole em seco.

– Mas... mas essas são suas tentativas. – Quando ela fala, sua voz não parece tão cheia de certeza. – Se você prometer que vai marcar um encontro com *lady* Lilith para mim, posso prometer tentar quebrar a maldição para você.

Suspiro. Ela negocia como joga cartas: suas emoções estão todas à mostra.

– Não hesito porque desejo algo de você. Hesito porque reluto em sacrificar outra pessoa ao poder dela.

– Eu também não tenho nada a oferecer, Rhen. Mas isso também significa que não tenho nada a perder.

– Nada a perder? Seu irmão? Sua mãe?

Ela desvia o olhar de novo.

– Deve ter algo que você queira.

Sim. Há muitas coisas que eu quero. Porém, nada com tanta intensidade que, para conseguir, eu negociaria um encontro com Lilith. Ela já é má o suficiente quando aparece quando quer.

Abro minha boca para recusar, e então me lembro da rainha de Syhl Shallow. Lembro do meu plano. Me lembro da minha conversa com Grey.

Olho para Harper e jogo minha próxima carta.

– Na verdade, tem, sim.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



HARPER

Firmamos uma trégua. Mais ou menos.

Mesmo essa conversa sobre a feiticeira que o amaldiçoou não parece uma negociação. Não há riscos, nenhum perigo oculto, como quando meu pai tentou negociar mais dinheiro ou mais tempo. Isso está me deixando desequilibrada, porque eu estava pronta para enfrentar Rhen pelo que quero, e não há enfrentamento no homem sentado do outro lado da mesa.

Só que ele acabou de dizer que *há* algo que ele quer.

Seguro as cartas próximas ao meu colo.

– Eu disse que tentaria quebrar a maldição se você arranjar o encontro.

– Uma promessa vazia, considerando sua intenção de negociar uma passagem de volta para sua casa. – Ele dá de ombros e desce uma rainha de espadas. – E desnecessária. Não é o que eu quero.

Ergo uma sobancelha.

– Ah, vá.

– Não me entenda mal. Eu daria tudo para quebrar a maldição. Mas sei bem que negociar amor termina em decepção.

– Certo. – Adiciono uma rainha de pedras ao monte, que aumenta lentamente. – Então, o que você quer?

– Eu gostaria que você fosse a princesa Harper, primogênita do rei de Decê. Gostaria de espalhar a notícia da aliança de Emberfall com seu povo, em especial a promessa do seu pai de enviar um exército para expulsar Karis Luran das minhas terras.

Cada palavra me acerta como um tiro. Eu espero que ele abra um sorriso e diga “brincadeirinha”. Mas ele fala tudo isso com a mesma

seriedade presente em tudo o que diz.

Eu o encaro.

– Você... o quê?

– Precisa realmente que eu repita?

– Não... mas... – Talvez eu precise. – O quê?

– Se eu puder convencer meu povo, e Karis Luran, de que Emberfall não está indefesa, que conflitos futuros podem ocorrer, talvez eu consiga convencer o exército dela a partir. – Ele dá de ombros sutilmente. – Talvez tenhamos de negociar um comércio, ou possivelmente lhe ceder acesso ao nosso porto, mas, pelo que vi, nossas fronteiras fechadas trouxeram muito sofrimento, então talvez esse não seja um resultado infeliz.

Talvez eu precise lembrá-lo de que não sou uma princesa. Mal compreendo o que ele está falando.

– Mas...

– Não é um plano perfeito, admito. – Ele joga outra carta casualmente, como se estivéssemos discutindo sobre o clima. – Contudo, se fôssemos visitar as cidades maiores e fizéssemos um anúncio do nosso noivado...

– Opa! Espere.

Ele abre um sorriso pesaroso.

– Perdoe-me. Uma declaração da nossa *aliança*.

Como se fosse aquela palavra que tivesse me incomodado.

– Está dizendo que quer continuar com tudo isso? Eu só... Eu inventei tudo! Para aqueles caras deixarem a estalagem em paz! Não posso impedir um exército inteiro.

Os olhos dele se estreitam levemente.

– Tem certeza, *milady*? Você já me surpreendeu antes.

Enrubesco.

– Mas não temos um exército do nosso lado. E se eles não acreditarem em nós?

– Então não perdemos nada.

Sinto como se tivéssemos caído em um universo paralelo... e, considerando os últimos dias, isso não é dizer pouco.

– Você quer que eu finja ser uma princesa? Não sei nada sobre Emberfall... nem sobre a realeza... nem...

– É esse o seu charme – diz ele. Rhen deve notar minha expressão, porque acrescenta: – De verdade. Meu povo nunca ouviu falar de Decê. Significa que seus costumes, seus trejeitos, sua versão da realeza... nada disso está sujeito a questionamentos.

– Eles nunca ouviram falar de Decê porque *o lugar não existe* – sibilo.

– Meu pai sempre alertou que não era preciso um exército para derrotar um exército. Ele falava de insurreições dentro de Emberfall, mas o mesmo pode ser aplicado ao exército de Syhl Shallow. Se eles acreditarem que estão em menor número, talvez recuem para aguardar novas ordens em vez de cair em uma armadilha.

Não consigo evitar encará-lo.

– Você tem ideia do que está dizendo agora?

Ele hesita, então se senta de novo.

– Tem razão. – O tom dele é resignado. – Isso é imprudente. Eu me deixei levar. E você tem seus próprios problemas. Não há motivo para se arriscar pelos meus.

– Não... eu não...

Eu paro e passo a mão livre no rosto. Essa conversa virou do avesso depressa demais. Somado à minha preocupação com Jake, tudo isso é coisa demais para processar.

– *Milady* – chama ele, baixinho.

Lentamente abaixo minha mão e o encaro.

– Isso não é uma negociação – diz ele. – Você me pediu para marcar um encontro com a feiticeira; eu pedi para você arriscar sua vida pelo meu povo. Nenhuma dessas opções garante sua segurança, nem mesmo um caminho para o seu lar. Como sempre, nada tenho a lhe oferecer. Posso prometer que vou interceder com Lilith em seu nome, mas isso não compensa o que estou pedindo a você.

Sua voz é muito sincera. Do mesmo modo como quando ele falou no corredor, essas palavras parecem reais. Como se tivéssemos passado do fingimento e eu enfim estivesse vendo o verdadeiro Rhen. Talvez seja por ele ter parado de falar sobre ser amaldiçoado por alguma coisa e começado a falar sobre *fazer* alguma coisa.

– Este era o reino de meu pai – continua ele. – Agora é o *meu*

reino. Eu talvez não possa salvar a mim mesmo, mas talvez possa salvar meu povo.

Penso no que ele disse antes, como as escolhas que fazemos podem não ser as escolhas que desejamos, mas ainda assim são escolhas.

Eu tenho uma escolha aqui. Posso dizer não a tudo isso. Descer pela treliça foi arriscado, mas isso é insano. Não tem como dar certo. Fingir ser uma princesa por três minutos não significa que eu consiga fazer de novo.

Mas que opções eu tenho? Recusar? O que isso significaria para as pessoas lá embaixo? O que significaria para mim?

Minha mãe nunca recuou dos homens que vinham bater à nossa porta. Ela nunca deixou de ficar do lado do meu pai, nem mesmo quando deveria. Ela fez isso por mim. E por Jake. E pelo nosso pai também, de certa forma.

Engulo em seco.

– Está bem. – Pauso. – Eu topo.

– *Milady*.

Ele parece chocado, como quando eu o abracei. É quase cômico.

– Vou ajudá-lo a salvar seu país e você vai me ajudar a voltar pra casa. Trato feito? – Estendo uma mão.

Ele estende o braço e damos um aperto de mãos. Sua palma é quente, sua pegada é mais forte do que eu esperava.

– Trato feito.

A mão dele segura a minha como se não quisesse soltá-la. Se ele continuar me olhando assim, vou começar a enrubescer.

– Está na hora de soltar – digo, minha voz idiota sai num sussuro.

Ele solta minha mão, senta-se de novo e diz:

– Jogue sua próxima carta.

Sim. Nossa. O jogo. Certo.

Tenho sete cartas. Ele tem seis, duas das quais sei que são reis. Eu tenho um rei na mão que recebi no início do jogo, mas, se não achar outro, ele vai vencer.

Baixo um quatro de pedras no monte de descarte.

– O que vamos fazer agora?

Ele joga um quatro de espadas.

– Acho que você deveria aceitar a oferta de Freya.

– Freya? O quê?

– Ela ofereceu-se para servir a você como dama de companhia, não foi? Acredito que deveria aceitar. Pedirei ao comandante Grey para trancar os quartos problemáticos do castelo. Falei com ele sobre recriar a Guarda Real a fim de andarmos entre o povo para mostrar que estamos aqui.

Eu tinha ficado perdida pensando no que uma dama de companhia faz, mas seu último comentário me traz de volta.

– Você já falou com Grey sobre isto?

Os olhos dele encontram os meus.

– É claro.

É claro.

Jogo um dez de espadas.

– Como sabia que eu ia dizer sim?

– Eu não sabia.

Ele descarta um dez de pedras no monte.

Não consigo decidir se Rhen é revoltante ou incrível.

– Mas mesmo assim começou a fazer planos?

Ele olha para mim como se eu estivesse sendo obtusa de propósito.

– *Milady*, passei a acompanhar meu pai em questões de estado quando tinha dez anos de idade. Eu tinha meus próprios conselheiros aos dezesseis anos. Posso não ser capaz de encontrar uma saída para essa maldição, mas fui criado para governar este reino.

Algo nessa história é fascinante... e também um pouco triste. Quando eu tinha dez anos, *minha mãe* arrancava minhas cobertas para me acordar na hora da escola.

Minha mãe. Sinto a garganta apertar e pigarreio. Acrescento um seis de pedras no monte.

– Com dez anos, eu mal conseguia preparar uma tigela de cereal.

Ele põe uma carta no monte.

– Sem dúvida, sua coragem e tenacidade mais que compensaram isso.

Franzo o cenho.

– Eu já disse sim. Você pode economizar as palavras bonitas.
Ele recua.

– Acha que estou sendo falso? Acha que eu teria pedido isto a qualquer uma?

Eu o encaro, espantada.

– Não sei – respondo.

– Garanto-lhe: eu não faria isso.

Ele lança um olhar significativo para as minhas cartas.

Rhen é tão direto que sua voz não deixa espaço para argumentação. Rapidamente baixo uma carta, então fico remexendo as remanescentes na minha mão.

– Você... você acha que minha paralisia cerebral pode ser um problema?

– Você acha que pode ser um problema, *milady*?

– Não faça isso. Não devolva a pergunta pra mim.

Ele joga outra carta.

– Embora sua fraqueza seja uma desvantagem de certa forma, de outras pode ser uma vantagem. Seria possível usá-la para seu próprio benefício.

Essa é uma afirmação bastante franca. Não sei se me importo.

– Como?

– É fácil subestimá-la. – Ele pausa, não afasta o olhar do meu. – Eu mesmo fiz isso. Acredito que Grey também.

Estou enrubescendo de novo. Vasculho minhas cartas e compro uma.

– Por que quer que Freya seja minha dama de companhia?

– Porque acredito que ela será leal, e precisaremos de pessoas confiáveis. – Ele espera eu baixar uma carta, então joga uma de sua mão. Só tem três cartas agora. – Porto Silvermoon é a cidade grande mais próxima. Já houve lá um mercado de inverno que atraía mercadores de toda a Emberfall. Vamos perguntar ao estalajadeiro se o mercado ainda existe. Se existir, essa deve ser nossa primeira visita.

– O que Grey acha de tudo isso?

– Ele acredita que é um plano repleto de riscos desnecessários, mas não tenho nenhuma ideia melhor. – Ele dá uma risada sem

graça. – Se Porto Silvermoon ainda for tão densamente populosa quanto no passado, ele com certeza terá bastante dificuldade.

Uau, isso é mesmo tranquilizador. Paro de pensar e baixo um quatro de corações. Não faço ideia de que naipe ele tem na mão, mas, não importa o que eu jogue, imagino que tenha setenta e cinco por cento de chance de fazê-lo comprar.

– Qual é o próximo passo?

– Descer. Nós vamos jantar com eles. Conversamos sobre Karis Luran e contaremos um pouco da nossa intenção.

Passo a língua pelos lábios.

– E se *lady* Lilith aparecer amanhã e concordar em me levar para casa?

– Então você retorna para casa, *milady*. – Ele pausa. – Eu direi que você foi chamada de volta a Decê para tomar providências para liderar o exército de seu pai.

Ele parece mesmo ter pensado em tudo.

– Acha de verdade que vai funcionar?

– Nas questões do coração, sou totalmente perdido. – Ele baixa sua última carta: um príncipe. Um coringa.

Eu o encaro, espantada. Não importava que carta eu abaixasse. Ele teria ganhado de qualquer maneira.

– No que diz respeito à estratégia – termina ele –, não sou perdido.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



RHEN

Caiu a noite, e, junto com ela, um silêncio abafado tomou conta da estalagem. Freya pôs os filhos para dormir, e Evalyn está arrumando a cozinha. Harper se encolheu numa poltrona perto da lareira, com uma caneca de chá nas mãos. Seus olhos estão cansados, mas há certa beleza em sua expressão. Talvez seja o modo como a luz do fogo brilha prateada no cabelo dela ou como faz seus olhos cintilarem. Ou talvez seja o fato de que parte de seu cansaço seja por causa da sua defesa do meu povo.

Harper enfim confia em mim... e claramente não quer nada comigo.

– Grey está lá fora – ela diz baixinho. – Você ordenou que ele ficasse lá?

– Não – digo. – O comandante teme que aqueles homens tentem invadir a estalagem durante a noite. Confio no bom senso dele.

Ela olha para a porta e se encolhe mais na poltrona.

Eu a observo.

– Está com medo?

– Um pouco.

– Deveria temer mais *lady* Lilith. Grey não pode fazer nada contra ela.

– Eu não fiz nada pra ela. Não participei dessa maldição. Só quero ir pra casa.

Quero implorar que reconsidere. Harper desconhece o que está pedindo, mas também suspeita demais dos meus motivos. Eu temo que alertas pareçam uma armadilha para mantê-la aqui, e prefiro bem mais esse caminho de confiança que iniciamos.

– Você também deve estar preocupado – comenta Harper. – Trouxe suas flechas para cá.

Meu arco está sob meus pés.

– Preocupado, não. Preparado. Eles não serão capazes de surpreender Grey. Ele sabe como se manter oculto.

Ela não parece tranquila.

– Ele é apenas um homem.

– Não o subestime, *milady*.

– Você não mencionou algo em todo o seu plano.

Meus olhos se estreitam.

– O quê? – pergunto.

– O... o monstro.

Meus olhos desviam dos dela.

– Meu povo não tem nada a temer em relação à criatura agora. Ela não vai reaparecer até o fim da estação.

Coale se aproxima vindo da cozinha. Sua voz está baixa.

– Vossa alteza. Precisa de algo mais essa noite?

Começo a recusar, mas mudo de ideia.

– Estalajadeiro, gostaria de saber se a princesa e eu podíamos contar-lhe algo em confidência.

Os olhos de Harper não deixam o fogo, porém sei que está escutando. Ela é perfeita para este papel.

O homem parece surpreso.

– Sim, vossas altezas. Qualquer coisa.

– Precisaremos de sua descrição.

Ele põe uma mão no peito e fala mais baixo.

– É claro.

Eu me inclino um pouco.

– O que você ouviu está correto. A família real partiu de Emberfall.

Os olhos do estalajadeiro se arregalam, e eu prossigo:

– Anos atrás, depois que o monstro atacou o castelo e destruiu a maioria dos guardas, o rei de Decê ofereceu um santuário, o qual aceitamos com gratidão. Atualmente, estamos em negociações de modo a enfim livrarmos Emberfall dessa criatura horrível. – Pauso e dou uma olhada conspiratória ao redor. – Acreditamos que o

monstro está sob o controle de Karis Luran. Dizem que ela tem a habilidade de manipular magia oculta, algo que impediu que nossos guardas derrotassem a criatura.

Harper toma um golinho de sua caneca. Eu observo enquanto ela absorve cada palavra.

– Minha nossa – diz Coale. – Não fazíamos ideia.

– Na verdade – continuo –, eu não estava ciente de que a rainha de Syhl Shallow havia começado a avançar suas forças para dentro de Emberfall. Quando descobrimos que o monstro tinha abandonado Ironrose para retornar à sua casa com Karis Luran, a princesa e eu viemos verificar se o castelo era capaz de dar suporte a uma força vizinha. Decidimos ficar até que o exército de Decê esteja pronto para se movimentar. Tenho certeza de que você encontra muitos viajantes. Estaria disposto a divulgar que o castelo precisará de novos funcionários? Posso pagar com prata.

Sob a barba, o estalajadeiro empalideceu.

– Sim, vossa alteza. – Ele pausa. – Por favor... Sinto que devo pedir desculpas pelas minhas palavras duras de ontem à noite...

– Não tem necessidade – afirmo. – Prefiro um discurso sincero. Eu lhe peço que sempre diga a verdade.

– Sim. Sim, é claro.

O vento assovia por entre as venezianas. Gostaria de saber se começou a nevar de novo.

– Antes de você ir, queria pedir outras duas canecas de chá, por favor.

Ele faz uma reverência rápida e se afasta.

Harper está me encarando.

– Você é bom demais nisso.

– Veremos. É bom para o povo ter um inimigo em comum. Cria unidade... e precisaremos muito disso.

– Você talvez seja mais temível que Grey.

Quase sorrio, mas então penso que vai chegar uma hora, e logo, quando eu serei verdadeiramente mais assustador que meu comandante da guarda.

– Vá descansar. O quarto é seu, se quiser. Haverá muito a fazer amanhã.

Espero que ela recuse, porém faz uma careta e se levanta da poltrona.

– Toda essa cavalcada está começando a me afetar.

Eu fico em pé.

– Precisa de ajuda?

Ela me dá uma olhada.

– Já consegui me levantar. – Por um breve momento, ela hesita, e algo parecido com tristeza passa rápido pelo seu rosto. Antes que eu possa fazer qualquer comentário, ela diz: – Boa noite, Rhen.

Há muitas coisas que eu desejo lhe falar. Mais cedo, hoje, quando pedi a Freya que servisse como dama de companhia dela, a mulher quase caiu de joelhos para beijar as mãos de Harper de novo.

Depois do que Harper prometeu fazer, sinto a mesma vontade.

Mas não faço isso. Meneio a cabeça.

– Boa noite, *milady*.

Volto a me recostar nas pedras quentes da lareira. Outra rajada de vento bate nas venezianas e eu quase me sobressalto.

Quando Coale retorna com o chá, fica surpreso por não encontrar Harper.

– Devo levar uma das canecas lá para cima, para a princesa? – pergunta ele.

– Não precisa – respondo. – A segunda é para o comandante Grey.



O ar noturno me talha lá fora. O pouco calor da tarde desapareceu, deixando neve congelada sob nossos pés e um vento amargo se esgueirando na minha capa. Não quero que Grey ou eu mesmo nos tornemos alvos, por isso não levo um lampião. A escuridão é absoluta.

Quando disse a Harper que Grey sabe como se manter escondido, não estava brincando – e ele está provando isso. Olho para o trecho escuro de neve e fico feliz pelo arco que levo atado nas costas.

Uma sombra se move no canto da estalagem.

– Meu senhor. – Ele parece surpreso ou talvez preocupado.

– Está tudo bem – digo.

Grey para na minha frente, pouco mais que uma sombra.

Ofereço-lhe uma caneca.

– Chá quente – ofereço.

Ele hesita, depois pega a caneca pela alça. O vapor se enrola no ar entre nós. Seus olhos estão escuros e inescrutáveis, e sua expressão também é indecifrável.

– Beba – digo. – Você deve estar congelando. Está aqui fora há horas.

Ele toma um gole, e uma parte de mim se pergunta se ele só está fazendo isso porque eu ordenei.

– O frio não é nenhuma dificuldade – diz ele, tomando outro gole, maior, enquanto observa a noite.

Envolvo minha caneca com as mãos. Eu pretendia discutir os acontecimentos da noite com ele, mas descubro que a escuridão fria e silenciosa é um tanto inebriante. Pacífica.

Ficamos os dois ali, em pé, por muito tempo, até que ele pergunta:

– Posso servi-lo de algum modo, meu senhor?

– Não. – Acima, as estrelas estendem-se eternamente. Quando eu era criança, minha aia me contou uma história sobre como os mortos se tornam estrelas no céu. Na época, achei assustador... Lembro-me de temer que um dia elas caíssem na terra, que ficássemos cercados por cadáveres.

Agora sinto vergonha ao pensar que meu pai e minha mãe podem estar lá em cima, observando tantas estações fracassadas.

– Sempre foi assim? – pergunto.

– O quê?

Olho para ele e explico:

– Ficar de guarda.

Ele parece surpreso com a pergunta, mas não toma tempo para refletir.

– Não. Eu nunca ficava sozinho. As noites nunca eram silenciosas assim.

Há um tom em sua voz que levo um tempo para identificar.

– Você ainda sente falta deles.

– Considerava muitos deles meus amigos. Fiquei de luto por suas mortes. – Ele me olha. – Tal como você fica de luto pela sua família.

Sim. Tal como eu fico de luto pela minha família.

Grey e eu jamais conversamos sobre o passado. Está repleto de muitos erros de ambas as partes. Contudo, saber que esta é a nossa última estação talvez tenha afrouxado algo nele, do mesmo modo como mudou algo em mim.

– Quem teria ficado de guarda com você? – questiono.

– Qualquer um – diz ele. – Mudávamos com frequência. – Uma pausa. – Como você bem sabe.

Na verdade, eu nunca prestei atenção de fato nas operações da Guarda Real. Eles eram bons em se manter escondidos de mais de uma maneira. Ou talvez eu fosse bom em não notar o que estava diante do meu nariz.

– Quem teria sido o melhor?

– Marko.

Ele responde sem hesitar, o que deve significar que Grey o conhecia bem. Mal me recordo de Marko. Meu cérebro cria uma imagem de um guarda com cabelo loiro-acinzentado. Ele era um dos poucos que sobreviveram ao primeiro ataque da criatura... mas não ao segundo. O único guarda que sobreviveu ao segundo ataque está bem na minha frente.

– Por quê? – insisto.

Grey olha para o céu como se buscasse uma resposta.

– Não era possível encontrar alguém melhor para lutar ao seu lado. Era péssimo no baralho, mas sempre tinha uma boa história para contar. Nunca dormiu em serviço...

– Dormiu em serviço? – Eu o encaro, surpreso. – Isso acontecia?

Ele hesita, e vejo em seu silêncio que ele teme ter falado demais, mas deve perceber que não faz diferença.

– Às vezes. É por isso que o frio não é nenhuma dificuldade. Nada causa mais sono do que uma noite quente e uma barriga cheia.

Fascinante.

– Você já caiu no sono em serviço?

Mesmo se ele já dormiu, não espero que admita, mas eu deveria saber que Grey é sempre muito sincero.

– Uma vez – responde ele. – No meu primeiro verão.

– Comandante. – Minha voz se enche de uma advertência fingida. – Eu deveria açoitá-lo.

– O rei teria feito isso – diz ele, e não está provocando. – Se eu tivesse sido pego. – Ele pausa, então me olha. – Mas você não, não acho que faria.

Com esse comentário, meu bom humor azeda. Ele tem razão sobre as duas pessoas. Franzo o cenho, olho para a minha caneca e não digo nada.

– Eu o enraiveci – diz ele. – Perdoe-me.

– Não – replico. – Não estou com raiva. – Ou talvez esteja. Não tenho certeza. – Eu fui cruel de outras maneiras, Grey.

Ele não diz nada, o que me faz pensar que concorda. Quando volta a falar, sua voz é contemplativa.

– Você nunca foi cruel.

– Eu o fiz cavalgar um dia inteiro sem comida nem água, depois o forcei a lutar. – O vento chicoteia entre nós, batendo em minha capa, como se o clima em si tentasse me castigar. – Por diversão. Por orgulho. Você poderia ter morrido. Por *entretenimento*. Isso é crueldade.

Ele fica em silêncio por muito tempo, então franze o cenho e me encara.

– Está falando do combate do duque de Aronson? Quando lutamos nas Cataratas de Liberty?

– Sim.

– Você não me *forçou*.

Ele parece confuso, quase incrédulo.

– Eu *ordenei*. – Emito um som enojado. – Não é muito diferente.

– Você perguntou se eu poderia derrotá-lo. Eu disse que sim. – Ele para. – Não houve ordem.

Minha fúria aumenta.

– Não é preciso dissimular a verdade, comandante. Eu ordenei que provasse.

– Acha que eu faria tal alegação se não estivesse pronto para *provar*?

– Não importa o resultado, eu sei qual era minha intenção.

– Provar a superioridade da sua Guarda Real? Provar que seu orgulho não era sem mérito? – O primeiro quê de raiva aumenta o volume de sua voz também. – Não acha que minha intenção teria sido a mesma?

Dou um passo na direção dele, que não recua.

– Eu o desafiei diante de um salão lotado. Diante do seu oponente.

– Sim – dispara ele, suas palavras penetrantes –, o príncipe herdeiro me desafiou, entre todos da Guarda Real, e eu venci, diante do rei e da rainha e da maior parte da nobreza. Sua crueldade realmente não tem limites, meu senhor.

– *Basta*.

Ele fica imóvel, mas está tão escuro que não consigo ver a raiva em seus olhos.

Vinte minutos antes, eu disse a Coale que preferia um discurso sincero, e agora desejo ordenar que Grey cale a boca e retome suas obrigações.

Ao mesmo tempo, discutir é estranhamente satisfatório. Depois de tantas estações adulando mulheres e ouvindo a deferência silenciosa de Grey, é bom pressionar... e ser pressionado de volta.

– Eu não estava me referindo apenas àquele incidente. – Minha voz está tensa.

– Se deseja analisar todas as desfeitas – diz ele –, fique à vontade para prosseguir. Mas se pretende convencer a rainha de Syhl Shallow de que nossas forças são maiores do que as dela, agora parece um momento infeliz para se atolar em incerteza.

Não tenho nada para responder. O peso dos meus fracassos é grande demais.

– Permita-me lembrá-lo de outro momento – continua ele. – Quando acredito que suas lembranças devem diferir das minhas.

Eu não olho para ele.

– Vá em frente.

– Estou me referindo à primeira estação – diz ele. – Quando pela

primeira vez a criatura aterrorizou o castelo.

– Quando eu massacrei a minha família. – Minha voz fica inconstante. – Eu me lembro bem.

– Restaram poucos de nós – diz ele. – Tantas vidas perdidas... especialmente a família real...

– Minha nossa, Grey, eu *lembro*. Onde quer chegar?

Ele fica em silêncio por um tempo.

– Nós pensamos que isso destruiria você. – Ele pausa. – Não destruiu. Você tomou providências para proteger o reino. Sua primeira ordem foi fechar as fronteiras. Enviou cartas para que cada cidade se autogovernasse.

Não consigo compreender como ele pode falar dos meus fracassos como se fossem vitórias.

– Era só o que eu *podia* fazer.

– Você me perguntou por que eu mantenho meu juramento. Nunca o levei tão a sério quanto naquele momento.

– Eu não mereço sua lealdade, Grey.

– Merecendo ou não, você a tem.

Não tenho nada a dizer em relação a isso. O ar noturno parece aguardar uma resposta minha, mas nada que penso é suficiente.

Grey dá um passo para trás. Ele pousa a caneca vazia na neve.

– Já estamos aqui faz um tempo. Preciso dar uma volta pela propriedade.

Faço que sim com a cabeça.

– Como quiser.

Quando ele se afasta, penso em uma das primeiras coisas que ele disse. *Eu nunca ficava sozinho. As noites nunca eram silenciosas assim.*

– Comandante – chamo.

Ele para e se vira, aguardando uma ordem.

Não tenho nenhuma exigência.

– Espere. – Pouso a minha caneca na neve também. – Eu vou com você.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



HARPER

Sobrevivemos à noite sem incidentes, mas Rhen manda me chamarem bem cedo. Agora que ele tem um plano em mente, é um homem com uma missão. Com a promessa de enviar uma carroça de volta à estalagem para buscar Freya e seus filhos, Rhen e Grey selam os cavalos e os deixam de prontidão antes mesmo de eu ter terminado de amarrar minhas botas.

Quando estamos montados, o céu se estende azul e frio, e o vento é suficiente apenas para beliscar minhas bochechas conforme trotamos pela neve. Corremos pelo campo aberto, Grey galopando de colina a colina para atuar como vigia. Ao alcançarmos o último cume, fico aliviada quando Grey nos pede para parar... até notar que ele está preocupado.

– Um homem aguarda na fileira de árvores, meu senhor. Ele parece estar sozinho.

Olho para a frente. Há um homem com uma carroça grande e dois cavalos de tração, mas estão longe demais para ver detalhes.

– Que bom – diz Rhen. – Eu pedi que ele nos esperasse ali. É um carregador, e vamos precisar de sua carroça.

Grey franze o cenho e pergunta:

– Conhece esse homem?

– Você também o conhece – responde Rhen. – Deu a ele sua bolsa de moedas. – Ele me encara. – Se me lembro bem, você danificou a carga dele.

O homem de um braço só com todas aquelas caixas.

– Quando você pediu que ele nos esperasse?

– Depois do seu sermão sobre se eu sei fazer alguma boa ação.

Quando Rhen saiu cavalgando e fez Grey me acompanhar até a estalagem.

– Mas... por quê?

A expressão de Rhen é penetrante.

– Eu pedi que ele esperasse a fim de distribuir a comida infinita do castelo entre as pessoas. Tenho certeza de que também nos ajudará buscando Freya, se eu solicitar.

Abro a boca. Fecho.

Rhen não espera a minha resposta. Ele bate com a espada no cavalo e galopa colina abaixo.

Descobrimos que o nome do homem é Jamison. Sua perplexidade chocada de ontem se foi, e ele parece satisfeito por ter um serviço a oferecer. Seus cavalos parecem mais bem alimentados do que ele, e gosto do fato de ele ter jogado um manto sobre eles enquanto esperava. Rhen conta a mesma história que contou a Coale: que o castelo encantado foi amaldiçoado pela rainha perversa de Syhl Shallow, depois pede ao homem que não traia sua confiança.

Quando enfim seguimos pelo bosque, Rhen e eu vamos na frente, e logo atrás carroça de Jamison e, por fim, Grey.

Estamos no passo de caminhada agora, então olho para Rhen e mantenho a voz baixa.

– Você fica pedindo para as pessoas guardarem segredo. Acho que Coale e Evalyn vão fazer isso, mas você acabou de conhecer este cara. Como sabe que ele não vai contar tudo pra todo mundo?

– *Milady*. – Ele me encara, parecendo verdadeiramente espantado. – Estou contando com eles para divulgar a todos.

Sinto como se tivesse perdido algo importante.

– Então... espera.

– Mais uma vez devo perguntar. Você não sabe como são as fofocas?

– Você está fazendo parecer que é um grande segredo para eles *contarem* a todo mundo?

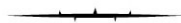
– É claro. – Ele me olha como se isso não devesse ser uma surpresa. – Acredita mesmo que eu revelaria segredos genuínos de modo tão descuidado?

Fecho a boca. Não, eu não acredito. Tudo o que ele faz é calculado. Eu devia ter imaginado que com isso não seria diferente.

– Você *já* foi imprudente na vida? – pergunto.

– Sim – responde ele. – Uma vez.

Então saímos da neve e entramos no calor amaldiçoado sob a luz do sol.



Jamison trabalha muito. Carregamos um monte de comida do saguão do castelo na última meia hora, e, mesmo com um braço só, ele trabalha rápido dispondo tudo em baús e enchendo sua carroça. Ele ficou um pouco impressionado com o calor e a comida abundante... para não falar da música soando por todo o castelo. É triste que eu esteja aqui há alguns dias e já tenha me cansado dela.

Jamison parece mais chocado por Rhen e Grey estarem trabalhando junto com ele, trazendo comida das cozinhas depois que as mesas do saguão foram esvaziadas.

Eu também estou um pouco chocada que Rhen esteja ajudando. Não sei muito bem o motivo, já que tampouco consigo imaginá-lo descansando num divã de seda. Ele só não me parece ser do tipo que arregança as mangas, mas foi exatamente o que fez. Há tempos ele tirou as armas, a armadura e seu casaco afivelado, e, quando precisou carregar as caixas, dobrou as mangas da camisa. Vê-lo sob o sol com os braços nus e suor na testa me dá vontade de fitá-lo mais um pouco.

Fixo o olhar no baú que estou carregando e mando meu cérebro deixar disso. Provavelmente tem algo de calculado nisso aí também. Ele deve esperar que Jamison espalhe a notícia de que ele é um cara bacana.

Rhen percebe que estou me aproximando e se vira para pegar o baú.

– Eu dou conta – digo, mas minha voz é rápida demais.

Eu posso estar enrubescendo.

Ele dá um passo para trás e estende uma mão, dando passagem.

– *Milady*.

Coloco a caixa na parte de trás da carroça, onde Jamison espera para arrastá-la até o lugar apropriado. Rhen me observa o tempo todo. Meu rubor persiste.

Jamison pega o baú.

– Vossa alteza, se me permite perguntar...

Rhen enfim desvia o olhar.

– Permito.

– Você não teme distribuir comida encantada para o seu povo?

– Eu temo não alimentá-los com mais.

Meu coração palpita, só um pouquinho, e tenho de lembrar que Rhen não faz nada sem intenção, que tudo isso faz parte de um plano. Um meio para um fim. Um bom fim, que ajudará seu povo, mas nem por isso deixa de ser um efeito calculado. Ele está atuando. Assim como eu.

Jamison assente.

– Sim, vossa alteza.

Ele arrasta o baú na carroça e habilmente o empilha em cima dos outros.

Grey sai do castelo com outro baú e o joga na traseira da carroça, depois sobe para empilhá-lo. A única arma que ele pôs de lado é sua espada.

– Acredito que seja o último. Por ora.

Jamison se endireita e assente.

– Comandante. Tem minha gratidão.

– Não se preocupe – diz Rhen. – O comandante Grey gosta de se sentir útil.

Grey afasta o cabelo suado da testa e diz:

– O comandante Grey vai se arrepender de ter dito isso.

Talvez seja o propósito compartilhado, mas eles parecem diferentes hoje. Menos... algo. Não consigo identificar.

Os homens saltam para fora da carroça, e Jamison a fecha.

– Voltarei com *lady* Freya ao pôr do sol, vossa alteza.

– Ótimo – diz Rhen.

– Obrigada – eu acrescento.

Jamison faz uma leve reverência.

– Sim, *milady*. É claro. – Ele se vira para Grey e faz uma

saudação firme. – Comandante. – Então se vira para ir até a frente da carroça.

– Espere – diz Grey.

Jamison dá meia-volta.

– Pois não?

– Você me saudou. – Grey franze o cenho, parecendo incomodado. – Você não participava da Guarda Real.

– Eu era do Exército do Rei. Até perder meu braço defendendo Willminton no ano passado. – Jamison parece envergonhado. – Perdão. É difícil perder velhos hábitos.

– Qual era sua patente?

– Tenente.

– Ainda consegue segurar uma espada?

– Posso fazer mais do que segurá-la.

Grey assente.

– Quando voltar, ao pôr do sol, me procure.

– Sim, senhor. – Jamison hesita, então pergunta: – Por quê?

– Porque estou precisando de um tenente.

O homem começa a rir, mas a expressão de Grey não se altera, e ele logo fica sério.

– Sim, senhor. – Jamison faz outra saudação, depois sobe na carroça e faz os cavalos seguirem em frente.

Assim que ele se distancia, Rhen comenta:

– Comandante, o homem não tem um dos braços.

– Anotado.

Grey pega seu cinto com a espada dos degraus de mármore e o afivela na cintura.

– O que é Willminton? – quero saber.

– Uma das cidades da fronteira norte. – Grey olha para Rhen. – Se ele perdeu um braço defendendo a cidade, talvez tenha informação sobre o exército de Karis Luran.

– Pensei nisso. – Rhen o está encarando. – Não tenho certeza se isso o qualifica para atuar como seu tenente.

– Eu não ofereci a posição a ele. Apenas dei a informação. Você me pediu para organizar um contingente de guardas aceitável...

– Sim. Aceitável. Se a falta de um braço o mantém fora do

exército, *certamente* o manteria fora da Guarda Real.

– Ele tem experiência. – Grey pausa. – Isso tem relevância para mim. Eu gostaria de lhe oferecer a oportunidade de tentar.

– É essencial que pareçamos unidos e fortes...

– Contrate o homem – digo.

Rhen gira rápido a cabeça.

– O que foi que disse?

– Eu disse: contrate o homem. – Engulo em seco, mas me recuso a desviar o olhar. – Ou ao menos dê uma chance verdadeira. Não me importo se ele tem só um braço. Eu confio no bom senso de Grey. Como você diz que confia.

Ele suspira e se vira para me encarar.

– *Milady*, por favor. Você não sabe...

– Não fale assim comigo – exijo. – Isso aqui é ou não é uma aliança?

Isso faz com que ele pare de repente. Ele me analisa, depois inspira para falar.

Eu me aproximo mais.

– Eu sou ou não sou uma princesa?

Seus olhos se estreitam. Posso praticamente ver as engrenagens girando naquela cabecinha estratégica dele.

Eu me viro para olhar para Grey antes que meus nervos tomem conta de mim.

– Se achar que Jamison é adequado, teste. Se ele passar, contrate. Essa é a *minha* ordem, comandante.

Espero ver seus olhos se voltarem para Rhen, espero vê-lo aguardar uma ordem de seu príncipe.

Ele não faz isso. Seus olhos não deixam os meus.

– Sim, *milady*.

Eu me viro, subo os degraus de mármore e entro no castelo.

A adrenalina corre rápido pelas minhas veias, e estou temendo explodir em gargalhadas, ter uma crise histérica ou sofrer um colapso nervoso. Corro o mais depressa possível, seguindo para a escadaria que me levará até o meu quarto. O quarto de Arabella. Tanto faz.

Uma mão agarra meu braço e me faz virar.

Rhen. Seu toque é gentil, porém firme. O príncipe me pressiona contra a balaustrada, e sua expressão é uma combinação de irritação e descontração.

– O que está fazendo?

Eu me sinto um pouco sem ar de novo.

– Indo para o meu quarto. Preciso trocar de roupa.

Seus olhos estudam os meus.

– Está brincando comigo?

– Não sei bem como roupas suadas e sujas poderiam ser uma brincadeira.

Eu me movimento para me soltar dele.

Ele põe uma mão no corrimão, prendendo-me no lugar.

– Você me considera inflexível, *milady*?

Não é uma pergunta que eu estivesse esperando, e sua proximidade combinada com toda a adrenalina faz meu coração bater forte.

– Por quê?

– Porque me parece que você sente que todo movimento que faz deve ser um ato de agressão. Se tivesse mesmo um exército à sua disposição, eu ficaria preocupado. – Sua voz é leve, quase suave, mas as palavras têm peso.

Eu o observo.

– Não sei o que quer dizer com isso.

– Você age como se tivesse que tomar antes que eu possa dar. – Rhen balança a cabeça sutilmente. – Não precisa me contrariar com Grey. – Ele parece quase decepcionado. – Assim como ontem, quando guardou segredo sobre a comida. Não precisa esconder seus motivos se existe algo que deseja.

– Ainda não estou entendendo.

– *Milady*. Harper. Princesa – ele diz com ênfase. – Como você não está entendendo?

– Entendendo o *quê*?

Rhen pousa as mãos nos meus braços, e, mesmo através da minha blusa, sinto sua força. Arrepios tomam toda a minha pele.

Ele se inclina um pouco.

– Quer essa maldição se quebre ou não, você está disposta a

ajudar o meu povo. Eu sou o príncipe herdeiro de Emberfall. Se existe algo que está em meu poder que eu possa lhe dar, você só precisa pedir.

Eu o encaro. Meus lábios se abrem, mas não sai som nenhum. Ele me solta.

– Perdoe-me. Estou negando-lhe seu descanso.

Ainda não sei o que dizer.

Enquanto fico ali parada tentando compreender, ele se afasta, atravessa o grande saguão e segue na direção da luz do sol.

CAPÍTULO VINTE E SEIS



RHEN

Há crianças no castelo.

Elas são barulhentas.

E parecem estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Estão maravilhadas com a música que preenche os salões, admiradas com os doces e as sobremesas que aparecem no chá da tarde. Freya pareceu assustada a princípio, contudo logo também ficou encantada, seus olhos arregalados enquanto tentava conter as crianças.

Eu não achei que me importaria, porém a risada ressonante delas foi um lembrete intenso demais da minha vida anterior, e busquei o silêncio relativo da minha arena de treinamento, onde Grey luta com Jamison. A única coisa que ressoa aqui é aço contra aço.

O suor escorre pelos cabelos de Jamison e sua respiração está pesada, mas ele está aguentando. Eu pensei que o braço ausente afetasse seu equilíbrio, mas ele parece ter aprendido a compensar. Ele luta como um soldado, agressivo e letal no ataque. Os soldados do Exército do Rei são treinados para matar rápido. A Guarda Real é – *era* – treinada para desarmar e incapacitar primeiro. O confronto está interessante.

Grey atacou de leve no início, mas não há restrição agora. Quando Jamison recua, Grey tira vantagem, dirigindo-se para usar o cabo de sua própria espada para prender a do soldado. A arma cai da mão de Jamison. Espero que seja o fim, mas ele é rápido e pega seu punhal para bloquear o próximo ataque de Grey.

Grey ergue uma mão para interromper. Ele meneia a cabeça para a lâmina no chão.

– De novo.

Eles estão nisso há meia hora. A respiração ofegante de Jamison preenche a arena vazia, mas ele concorda e busca sua espada.

A voz de Lilith fala das sombras atrás de mim.

– Príncipe Rhen. Vejo que achou um novo brinquedinho para o comandante Grey. Ele deve estar bem contente.

Não me surpreendo de fato quando ela escolhe aparecer – muito menos agora, quando ousei me permitir ter uma pontinha de esperança.

Preciso lidar com isso cuidadosamente.

– E há crianças no castelo. – Lilith bate palmas com leveza. – Que divertido.

Eu me viro. Ela está parada no escuro, quase indistinguível, exceto pela faísca de luz em seus olhos.

– Você disse que não interferiria – digo.

– Não estou interferindo. Estou observando.

– Você está interferindo *comigo*.

Ela ergue as sobrancelhas, mas em seguida dá um sorriso zombeteiro.

– Vossa alteza, você parece fora de si hoje. Ainda não encontrou o amor verdadeiro com aquela maltrapilha?

– Você sabe que não. Se essa é minha última estação, não verei Emberfall ser destruída antes de tentar tudo o que estiver ao meu alcance.

– E quanto à sua querida e doce garota defeituosa? – Lilith pressiona um dedo sobre os lábios, e sua voz diminui para um sussurro. – Ah, vossa alteza, ela já se apaixonou pelo comandante Grey? Conte-me, você não acha uma ironia um pouco estranha que seu lutador experiente tenha encontrado uma garota que mal consegue andar com elegância?

– Não. – Minha voz fica entediada. – Ela me pediu para solicitar um encontro com você, para que possa apresentar um pedido para voltar mais cedo para casa.

– Um encontro *comigo*?

A voz de Lilith sai abafada, e não sei dizer se isso a impressiona ou a irrita. Se é raiva, eu preciso atrair sua ira. Melhor tê-la dirigida a

mim do que a Harper.

– Sim. – Eu dou de ombros sem muita ênfase. – Não vi motivo para manter você em segredo. – Espadas se chocam atrás de mim.

– Se não se importa, *milady*, tenho interesse em ver esse combate.

Sem esperar por uma resposta, volto à amurada da arena.

Meu peito está apertado. Prometi fazer isso por Harper, mas sinto como se tivesse jurado marcar um encontro entre um rato e um leão.

Lilith segue até a amurada ao meu lado, mas não diz nada. Grey e Jamison lutam no centro na arena, embora não haja mais elegância. O manejo da espada por parte do soldado ganhou um ar de desespero, mas ele ainda luta.

Por fim, Lilith diz:

– Você deveria ter misericórdia desse homem, príncipe Rhen. Grey vai destruí-lo.

Ela tem razão, porém não vou interferir. Estou travando minha própria batalha aqui à margem.

– Deseja falar de misericórdia, *lady* Lilith? Acho uma ironia um pouco estranha. – Eu a encaro. – Se não tem interesse em encontrar Harper, vá embora. Não tenho tempo para você.

– Você não vai determinar nada para mim, Rhen. Devo lembrá-lo de nossos papéis aqui?

Suas palavras me atingem em cheio. Eu falei algo similar para Harper. Ouvir isso de Lilith me faz desejar nunca tê-las dito.

– Não preciso de lembrete nenhum – disparo já me virando para encará-la. – Você amaldiçoou a mim e o meu reino. Se está cansada do seu joguinho, acabe com ele. Se não está disposta a enviar Harper de volta para casa, vá embora.

– Quanta ferocidade! Príncipe Rhen, há muito tempo eu não via esse seu temperamento. Devo dizer que senti falta do seu gênio.

Ela ergue uma mão e dá um passo à frente, como se fosse tocar meu peito.

A ponta de uma espada aparece contra ela.

– Mantenha distância – avisa Grey.

Sua respiração está um pouco rápida e, embora o suor umedeça seus cabelos, sua espada não vacila.

Lilith mal lhe dirige o olhar.

– Isto não é da sua conta, comandante – diz ela. – Mantenha distância.

Grey não se move. Tampouco a ponta da sua espada.

Agora ela olha para ele.

– Ainda não aprendeu que sua espadinha não pode me matar de fato?

– Eu aprendi que ela pode te machucar.

Lilith mexe a mão como se fosse tocar a lâmina. Não faço ideia do que ela planeja, se vai transformar a espada dele em aço derretido ou se vai invertê-la para apontar para ele, ou talvez fazê-la sair girando e cortando nós dois.

Contudo, a espada de Jamison aparece na garganta dela, forçando-a a erguer o queixo.

Ela congela. Seus olhos se direcionam para o soldado.

– Você não tem papel nisso. Não vai querer criar problema comigo.

Ele se mantém firme. Está cansado, porém sua espada também não treme.

– Sei reconhecer um inimigo quando vejo um.

Os olhos dela, tomados de fúria, prendem-se aos meus.

– Eu vou destruir os dois – sibila ela.

– Afastem-se – ordeno a eles prontamente. Não tiro meus olhos dela. – Você não vai ferir meu povo.

As espadas se abaixam. Jamison recua um passo, mas Grey permanece ao meu lado.

Lilith se aproxima mais de mim.

– Diga ao seu outro homem para nos dar privacidade, senão eu vou destruí-lo.

– Jamison – digo. – Vá. Espere no armeiro.

Ele hesita, então diz:

– Sim, vossa alteza. – E se afasta.

– Eu tenho o poder aqui – diz Lilith. – Deve se lembrar disso, príncipe Rhen.

– Eu não esqueci.

– Por que me pede para devolver a garota? Não é bom para você

que eu a leve embora.

– Ela não me ama. A mãe dela está morrendo. Você me amaldiçoou, não ela. Parece cruel negar-lhe os últimos dias com a mãe. – Mantenho a voz num tom entediado e desinteressado, pois qualquer coisa mais do que isso Lilith usará contra mim.

Ela reflete sobre o assunto por muito tempo.

Por fim, seus olhos se voltam para Grey.

– Busque a garota, comandante.

Grey não se move.

Lilith dá um passo à frente e seus dedos andam pelo peito dele.

– Eu não gosto de ser ignorada – sussurra ela conforme seus dedos alcançam a pele da garganta dele. – Eu poderia esculpir os ossos do seu pescoço enquanto ele assiste.

– Harper passou a confiar nele – digo a ela. – Ela não vai reagir bem à sua perda. E você jurou não interferir.

– Quem disse que ele precisa morrer?

A unha do dedo dela pressiona a pele dele, e um ponto vermelho aparece.

– Comandante – digo. – Vá.

– Sim, meu senhor.

Ele não gosta da ideia, mas vai obedecer. Grey segue para a passagem que conduz ao palácio.

Lilith se move para ficar na minha frente. A irritação toma seus olhos.

– Não gosto disso – afirma ela. – Você está tentando me enganar de alguma maneira.

– Este não é um pedido meu. Como você falou quando Harper chegou, ela é uma escolha incomum. Se o lar dela a chama com tanta força, não a prenderei aqui. Ela jamais vai me amar se eu a mantiver como prisioneira.

Lilith se aproxima tanto que sinto o peso de suas saias contra minhas pernas.

– Ah, virou altruísta agora? Já ouvi dizer que isso acontece aos homens cujo fim está próximo. Uma tentativa de corrigir os erros do passado, acredito eu.

Não digo nada.

Ela cruza os braços e me olha de baixo. Em qualquer outra pessoa, seria um gesto bem feminino.

– Um lado meu vai sentir saudade disso.

– Nenhum lado meu vai sentir saudade disso – retruco.

A mão dela se ergue preguiçosamente e ela traça um dedo de cima a baixo no meio do meu peito.

– Tem certeza, príncipe Rhen?

Com essas palavras, a dor começa.

CAPÍTULO VINTE E SETE



HARPER

Estou me escondendo da minha dama de companhia. Freya e seus filhos compartilham a suíte ao lado da minha, e ela bateu à minha porta ao menos três vezes na última hora.

- Devo escolher um vestido para a noite de hoje, *milady*?
- Precisa de ajuda no banho, *milady*?
- *Milady*, o chá está na saleta. Gostaria que eu o servisse?

A última proposta foi feita com uma mistura de admiração e medo.

Recusei todas. Não estou acostumada a ter pessoas me auxiliando... e fingir ser uma princesa para impedir a destruição da estalagem parece bem diferente de deixar alguém escovar meu cabelo.

Ouçõ uma batida à porta quando estou refazendo a trança dos meus cachos.

- Estou bem! – grito. – Não preciso de nada!
- *Milady*. – É a voz de Grey, baixa e séria, abafada pela madeira pesada da porta. – Sua alteza solicita sua presença.

Prendo a trança e vou até a porta. Ele é alto e agourento quase sempre, mas agora seu rosto está tomado pela tensão.

- Tem algo errado – comento.
- *Lady Lilith* concordou em falar com você.

A surpresa faz meu coração bater duas vezes mais rápido.

- Agora?
- Sim. – Sua voz indica que ele não está contente com isso, o que me deixa mais nervosa do que qualquer alerta feito por Rhen.

Engulo em seco.

– Vou só pegar minhas botas.

Grey desce à minha frente pela escadaria onde ontem segui Rhen. Preciso correr para acompanhar seu passo, mas não quero pedir que vá mais devagar.

– Eles estão na cozinha?

Ele me olha.

– Na arena de treinamento.

Medo e empolgação disputam um espaço no meu peito. Em dez minutos, eu posso ser enviada de volta a Washington DC. Posso estar com a minha mãe. Posso estar com Jake. Tudo isso pode acabar.

No fundo da minha mente, uma pontada de culpa me incomoda. Estou deixando essas pessoas. Estou deixando Emberfall à própria sorte, e nunca saberei o que aconteceu. A princesa Harper de Decê terá desaparecido. As pessoas daqui serão abandonadas à maldição e ao monstro.

Porém, essa maldição não é culpa minha. Não tenho nada a ver com esse lugar. Não tenho nenhuma obrigação com nenhum deles.

A culpa não vai embora. Na verdade, parece ficar mais forte.

– Grey. – Agarro seu braço, cravando meus dedos no couro amontoado em seu antebraço. Ele substituiu a faca que perdeu para o homem da estalagem. O aço do cabo está frio sob a minha palma.

– Rhen contou a ela o que eu quero?

Ele para e me olha. O corredor está silencioso ao nosso redor, sombreado por tremulantes luzes de vela.

– Ela sabe o que você pediu. Concordou em ouvir sua solicitação.

– Acha que ela vai me enviar pra casa?

– Acho que ela fará o que quer que cause maior dano.

Uma flecha de medo atinge direto qualquer esperança que eu tinha.

– A mim? Ou a Rhen?

– A ele. – Grey pausa, e sua voz parece resignada. – O que talvez funcione a seu favor.

O alerta em seu tom é frio, e nada nessas palavras é um alívio.

Há uma porta de aço ornamentada no final do corredor, ladeada por grandes lamparinas a óleo. Grey gira a maçaneta e a abre.

O chão vira terra, e saímos para um imenso espaço aberto. Nas paredes à minha esquerda alinham-se armas, desde espadas e machados a lanças e dardos. O teto estende-se dois andares acima, cruzado com vigas de madeira e pintado de branco. A luz do sol do fim da tarde atravessa o espaço do alto.

No meio da arena está a mulher mais bonita que eu já vi. Ela é quase deslumbrante demais para se olhar, desde o brilho de seu cabelo preto ao cetim incrustado de joias de suas saias.

Aos seus pés, de joelhos, com uma mão apoiada na terra, está Rhen.

Ele está cuspidando sangue no chão.

O quarto todo ensanguentado salta diante dos meus olhos. Tantas vezes ele tentou me alertar a respeito de Lilith, e eu não entendi.

– Pare! – grito. – O que está fazendo com ele? Pare!

Só percebo que estou correndo quando Grey me agarra. Seus braços envolvem minha cintura, puxando-me contra ele. Sua voz é baixa e sussurrada na minha orelha:

– Ela pode matar você sem qualquer culpa, *milady*.

Eu me debato. Minha voz está embargada.

– Ela está matando *ele*.

– Matando? – A mulher dá risada, e até mesmo isso é lindo, de uma maneira irritante e cintilante, como sinos de vento discordantes.
– Eu jamais o mataria.

Ela olha para baixo, para Rhen. Não a vejo se mover, mas ele se retrai e emite um som baixo e lamurioso, depois tosse mais sangue na terra.

Eu não fazia ideia de que Lilith seria assim.

Rhen leva a mão ao abdome agora. Sua respiração laboriosa ecoa pela arena.

– Pare – arquejo. – Por favor, pare.

– Lembre-se disto, garota. Lembre-se da facilidade com que ele cai.

Não tem perigo de eu me esquecer. Eu me esforço para me soltar do controle de Grey.

Lilith me observa. Seu rosto é jovem e seus olhos, límpidos e

vibrantes. Ela dá um passo na direção de Rhen e ele tenta se retrair.

– Não importa quanto poder o príncipe herdeiro fez você acreditar que ele possui. Na verdade, é totalmente inexpressivo.

Redobro meu esforço. Não tenho ideia do que posso fazer, mas sei que não posso mais só olhar.

– Grey – grito. – Temos que ajudá-lo.

Ele é grande demais. Forte demais. Seus braços me envolvem sob minhas costelas, e meus pés mal tocam o chão.

– Não podemos – diz ele.

– Você acredita que nosso príncipe não aguenta a dor? – pergunta Lilith. – Ouviu isso, Rhen? Ela acha que você é fraco.

Balanço a cabeça com força. Penso no que Jake precisou fazer para nos manter a salvo. Lembro-me dos homens que costumavam enviar “lembretes” ao meu pai. Nunca achei que veria algo ainda mais terrível. Eu estava errada.

– Por favor – imploro. – Ele não é fraco. Por favor, pare.

– Garanto a você, já tive tempo de descobrir os limites dele. Isto não é nada.

Eu não quero descobrir os limites dele.

Rhen tosse de novo, uma tosse úmida, e pressiona a testa no chão. Já tossiu tanto sangue que uma poça escura se formou embaixo de seu maxilar.

Lilith abaixa a mão e agarra um punhado do cabelo dele, puxando-o até ele quase ficar ereto. Imagino que ele esteja furioso. Desesperado. Aterrorizado, talvez.

Mas ele parece resignado. Seus olhos se focam no nada. Não em Grey. E com certeza não se focam em mim.

– Devo entender que você tem um pedido a me fazer? – pergunta Lilith.

Mal consigo processar suas palavras. Não sou capaz de desviar os olhos de Rhen.

– Por favor, pare. – Minha voz falha. – Por favor, pare de machucá-lo.

– É esse o seu pedido?

Congelo. Esse não é o meu pedido, porém agora eu farei qualquer coisa para interromper isso.

Lilith puxa mais a cabeça dele, e Rhen estremece.

– Ela *implora* por você, Rhen. E você me pediu para enviá-la para casa. É um tolo.

Não. A tola fui eu.

– Faça seu pedido – diz Lilith. – Eu me entedio rápido, garota. Rhen sabe o que acontece quando eu me entedio.

Ela puxa a cabeça dele para trás e ele emite um som que nunca mais quero ouvir.

Não sei o que está acontecendo com a minha mãe nem com o meu irmão, mas o desconhecido não é nada perto do que ela está fazendo na minha frente. Eu empurro o braço de Grey, tentando usar as fivelas como alavanca. Ele segura rápido.

Rhen tosse de novo. Lilith estende a mão livre. Uma mancha de sangue aparece onde seus dedos tocaram o pescoço dele. Ele recua, mas ela o segura firme.

Minha mão desliza pelo cabo de uma das facas de lançar de Grey. Eu solto a lâmina. Seguro-a como Grey me ensinou.

Relaxe mais.

Lanço-a diretamente em Lilith.

A lâmina voa corretamente, mas apenas roça suas saias antes de cair na terra mais adiante.

Lilith vira rápido a cabeça na minha direção. Espero encontrar fúria em seus olhos, porém há somente surpresa.

Ela larga Rhen e ele tomba no chão, com a respiração acelerada. Sua testa não está pressionada na terra agora.

Ele virou a cabeça para me olhar.

Lilith se afasta dele e pega a faca que joguei. A lâmina fica pendurada entre seus dedos, balançando devagar, capturando a luz.

– Você rasgou meu vestido – diz ela.

– Eu estava mirando mais para cima – digo. – Mas ainda estou aprendendo.

– Talvez precise de uma demonstração.

– Lilith – diz Rhen, com a voz rouca e falha. – Você não pode feri-la. Jurou nunca interferir com as garotas.

Lilith continua se aproximando de mim. É tão graciosa que poderia estar flutuando acima do chão de terra da arena.

– Ela atirou uma faca em mim, vossa alteza. Eu não interferi. Foi ela.

Rhen está deitado na terra, encolhido em cima de uma poça de seu próprio sangue, o que torna a aproximação de Lilith ainda mais assustadora. Penso na minha mãe enfrentando os intimidadores do meu pai... e depois os tratamentos contra o câncer. Conheço a dor. Assim como minha mãe. Já vivi isso. Já vi minha mãe vivendo isso. Sou capaz de encarar este momento.

Cerro os dentes.

– Grey, me solte.

Ele me libera, porém não sai do meu lado.

Lilith ergue as sobancelhas.

– Impressionante. O comandante Grey não escuta nem mesmo a mim. Vejo que você o fez ficar de quatro.

Sua voz faz com que eu queira recuar. Mas me recuso a lhe dar essa satisfação.

– Ele não é um cachorro.

– Se a pessoa não é o cachorro, é o mestre, e Grey com certeza não é o mestre. – Ela pausa. – Qual papel é o seu, garota?

– Sei lá, mas eu sei qual é o seu. – Eu a encaro. – Só que tenho outra palavra para descrevê-lo

Lilith para. A descontração some de seu rosto.

Rhen conseguiu se levantar.

– Você não pode feri-la – diz ele. – Você jurou.

– Eu *jurei* não matá-las – diz Lilith. – Jurei não interferir com suas tentativas de cortejá-las. – Ela dá mais um passo na minha direção.

– Isso – completa ela – foi tudo o que jurei.

Ao meu lado, Grey puxa sua espada.

Ela não olha para ele nem se move mais. Seus olhos estão fixados nos meus.

– Você desejava me pedir uma passagem para casa? É só isso?

Engulo em seco.

– Sim. – Mas agora não quero lhe pedir nada.

– E isso é tudo o que você quer?

– Sim. – Minha voz é suave.

– Não vê meus poderes? – Ela dá um passo à frente. – E se eu

pudesse eliminar o tormento do seu corpo defeituoso?

– Não – intervém Rhen. Ele cambaleia para a frente. – Harper, o que ela oferece virá com um preço.

– Meu corpo não é defeituoso – respondo.

– Você me diverte, garota. E quanto ao corpo da sua mãe? Consideraria o *dela* defeituoso?

Fico imóvel. Meus olhos se enchem de lágrimas contra a minha vontade.

– Você sabe da minha mãe?

– Eu fui vê-la. – Uma pausa pesada, cruel. – Ela pensa que sou um *anjo*. Acredita que sou capaz de aliviar sua dor. Talvez eu seja.

– Não – diz Rhen de novo. – Harper, o preço será mais alto do que perdê-la...

– E quanto ao meu irmão? – Uma lágrima escorre pelo meu rosto.

– O meu irmão está bem?

– Ah, seu irmão. O grande carrasco. Ele é um homem violento. Confesso que admiro seus talentos.

– Ele está vivo. – Minha voz falha.

– Oh, sim, ele está vivo – diz ela. – Mas está longe de estar bem.

– Por favor – sussurro. – Por favor, me deixe ajudá-los.

Ela dá mais um passo na minha direção. Sua mão livre se estica para tocar meu rosto. Estremeço e espero sentir uma rajada de dor, mas sua palma está fria. Quase maternal.

– Pobrezinha. Você não sabe nada deste lado. É injusto que o príncipe Rhen a tenha prendido nessa maldição.

Minha respiração retorna de repente.

– Então vai me ajudar?

– Não. – A expressão dela endurece. – Se deseja me pedir favores, seria bom aprender a me respeitar.

Então ergue a faca e a passa no outro lado do meu rosto.

O movimento é tão súbito e inesperado que só percebo que ela fez alguma coisa quando termina. Desaparece.

Então, sinto a pontada. A queimação no instante em que minhas lágrimas marcam seu caminho pela pele cortada. Cubro o rosto com a mão.

Há umidade. Viscosidade. Consigo sentir as bordas da minha

pele onde ela me cortou.

Choramingo. Não consigo respirar. Um fio molhado serpenteia pelo meu pescoço.

Rhen conseguiu chegar até mim.

– Precisamos levar você para dentro do palácio. – Sua voz está rouca e cansada.

– Ela me cortou – digo.

A dor está se instalando agora, um fogo que esquentava toda a minha bochecha.

Rhen agarra meu braço. Há linhas de sangue em seu rosto, em seu casaco. Há terra grudada em algumas partes. Ele parece tão pálido quanto eu me sinto.

– Por favor, *milady*. É muito sangue.

Estou tremendo. Tão forte que mal consigo ficar de pé. Minha palma inteira está melada e escarlate.

– Há suprimentos no armário – diz Grey.

– Suprimentos? – Minha própria voz parece estar vindo de longe.

– Precisa de pontos. – A voz de Rhen faz parecer que ele está embaixo d'água. Lenta e letárgica. – *Milady*, por favor, permita-me...

Não posso lhe dar permissão. Não posso fazer nada.

Minha vista escurece.

CAPÍTULO VINTE E OITO



RHEN

Jamais fiz vigília na cabeceira de uma cama.

Quando eu era novo, teria considerado isso uma coisa tediosa e chata... se é que consideraria fazê-la. Nunca precisei, e provavelmente não preciso agora. A ferida de Harper poderia ter sido bem pior: a faca poderia ter atingido o pescoço dela, ou cortado o músculo de seu braço. Ela poderia ter perdido um olho.

Harper vai acordar. E vai sobreviver. Ela tem uma dama de companhia que poderia se sentar ao lado de sua cama. Eu não preciso ficar aqui.

Descubro, porém, que não consigo deixá-la.

Ironrose nunca pareceu tão silencioso; o silêncio me oprime, rompido apenas pelo crepitar suave do fogo e pela respiração lenta e uniforme de Harper. A música do Salão Principal está baixa essa noite, o que acho bom. Observo a linha levemente arqueada que corta sua bochecha, os vinte pontos segurando a pele fechada. Uma ferida nervosa que parece deslocada na curva suave de seu rosto.

Suas palavras na arena ficam se repetindo na minha mente, somadas à emoção intensa em sua voz.

Por favor. Por favor, pare de machucá-lo.

E a resposta de Lilith.

Ela implora por você, Rhen.

Em vez de correr do que via, Harper pegou a arma de Grey.

Essa parece ser a estação mais cruel de todas, ver-me com uma garota com a coragem de permanecer ao meu lado... mas com um lar e uma família para a qual precisa tanto retornar.

Uma lenha na lareira estala, desfazendo-se em uma curta

explosão de cinzas. Harper se mexe, depois respira fundo e seus olhos se abrem. Ela pisca algumas vezes antes de se concentrar em mim.

– Rhen. – Sua voz está rouca e cansada. – O quê... onde... – Ela pisca e leva uma mão ao rosto.

Agarro seu pulso com delicadeza. Freya passou um unguento para a dor, porém alertou sobre infecções.

– Fique parada. Você não vai querer estourar os pontos.

– Então aquilo aconteceu mesmo. – A voz dela é miúda.

– Sim. – Ela não puxou o braço de volta, mantendo-o na minha mão, e sua pulsação bate suavemente contra meus dedos.

Ela me encara, e apenas sou capaz de fitá-la de volta. Meus encontros com Lilith foram uma fonte de humilhação particular desde... sempre. Um inferno eterno que eu compartilhava somente com Grey.

E mesmo assim Harper ainda não me viu no meu pior momento.

Quebro o contato visual e olho para o fogo. Agora que ela está acordada, esperar aqui parece um erro. Sinto-me nu demais, exposto demais.

– Devo chamar Freya?

– Não. – Ela se remexe e tenta rolar na minha direção. – Eu preciso... Preciso me sentar.

– Devagar. Você dormiu por muitas horas.

Ela solta meu pulso e se esforça para empurrar o tronco para cima. Pressiona o abdome com um dos braços e fecha os olhos.

Depois de um tempo, sua respiração se desacelera.

– Minha cabeça está latejando.

– É pela dose de éter sonífero – digo, embora também possa ser pela perda de sangue. A pele dela parece mais pálida do que o normal. – Nossa preocupação era que você acordasse enquanto dávamos os pontos.

Ela engole em seco e seus olhos se arregalam mais, disparando de mim para a lareira, para as janelas, para a tapeçaria nas paredes.

– Esse não é o quarto de Arabella.

– Não. É o meu. – Pauso. – Fiquei preocupado que você não

conseguisse dormir com as crianças tão perto.

Ela olha para o próprio corpo. Uma tensão súbita parece tomar conta dela.

– E isso... Eu não estava vestindo isso.

– Freya – explico. – Ela trouxe uma camisa nova. A sua estava... bem suja.

– Ah.

Por um momento, minhas emoções não sabem onde se acomodar. Quero me sentar ao lado dela e oferecer minha gratidão, dizer que nunca nenhuma garota se arriscou por mim. Quero me esconder por saber o que ela viu. Quero lutar... para provar que não sou vulnerável.

Ela viu a verdade.

Os olhos de Harper se erguem para encontrar os meus.

– Quero ver. Você tem um espelho?

– Tenho.

Eu me levanto devagar e depois, pela força do hábito, estendo a mão. Realmente espero que ela recuse.

Ela não recusa. Aceita minha oferta, seus dedos envolvendo os meus, então puxa-se para ficar de pé.

Após se levantar, ela não solta minha mão.

Ela fica a trinta centímetros de mim. Quero muito tocar seu rosto, sussurrar meus pensamentos contra sua pele. Essa tortura é quase tão ruim quanto a que suportei na arena.

– Firme? – pergunto suavemente.

– O bastante.

Seus passos se arrastam atrás de mim e eu a levo para a minha sala de vestir, onde há um espelho no canto.

Quando paramos na frente dele, ela fica ali em silêncio, com o semblante inexpressivo. Seu cabelo está solto, seus cachos caindo livres pelo ombro. Ela encara a imagem, os olhos fixos no ferimento. A incisão é de um vermelho vivo, mas não infeccionou. O medicamento que Freya aplicou evitou um inchaço.

Harper solta minha mão e se aproxima até sua respiração embaçar de leve o espelho. Ela engole em seco e toca a imagem com a ponta dos dedos.

– Os pontos são menores do que eu esperava.
– Sua dama de companhia tem a mão firme.
Ela se vira para me olhar.
– Foi Freya quem fez isso?
– Foi. – Pauso. – Ela foi bem enérgica, aliás. Gritou com o comandante Grey.
– Ela gritou com *Grey*? – Os olhos de Harper se arregalam.
– Arrancou a agulha da mão dele.
– O que foi que ela disse?
Começo a falar mais alto para imitar Freya:
– “Você não vai fazer pontos de guerra no *rosto* da minha ama! Ela não é um *soldado* qualquer!”
Harper esboça um sorriso.
– Que incrível.
– Ela é bem protetora. – Pauso. – Achei que ela fosse puxá-lo pela orelha.
Isso faz com que ela dê risada, mas então ela arqueja e leva a mão à bochecha. *Agora* seus olhos se enchem de lágrimas. Ela puxa o ar, trêmula e longamente, então se controla.
– Venha. – Pegue sua mão de novo, e fico igualmente chocado por ver que ela deixa. – Você deveria se sentar.
Levo-a até uma poltrona diante da lareira.
– Vinho?
Ela recusa balançando a cabeça.
– Água?
– Claro.
Há um jarro sobre uma mesa baixa ao lado da cama. Sirvo um copo para ela, depois um cálice de vinho para mim.
Meus movimentos são lentos, e ela me observa.
– Você... está bem? – pergunta Harper.
A pergunta é ao mesmo tempo tocante e humilhante. Eu me acomodo em uma poltrona ao lado dela.
– Lilith é muito boa em descobrir modos de causar muita dor sem causar danos duradouros.
Harper olha dentro do próprio copo.
– Eu pensei... pensei que ela fosse te matar.

– Me matar acabaria com o divertimento dela. – Tomo um gole do meu cálice e sinto a queimação descendo. Recebo de bom grado a dormência que se seguirá à bebida. – Ela prefere me fazer implorar para morrer.

Harper digere essa informação.

– Eu já vi... eu já vi coisas ruins antes. Mas não... – Ela vacila, então estremece. – Eu não poderia deixá-la... não poderia... – Sua voz engasga e para. – Eu não poderia assistir.

– *Milady*. – A emoção em sua voz faz a minha falhar. – O que você fez por mim... – Descubro que eu mesmo não tenho palavras, e desvio de seus olhos. – Lamento que você tenha sido ferida tão... permanentemente.

Isso parece acalmá-la, mas, ao mesmo tempo, ela se retrai um pouco.

– Por que Grey não fez nada? Por que ele ficou ali, parado?

– No início, Grey tentava fazê-la parar. Mas ela descobre maneiras criativas de obrigá-lo a assistir. Tendões rompidos, membros quebrados... Uma das favoritas foi prendê-lo à parede da arena com a espada dele...

– Pare. Por favor. – Harper ergue uma mão espalmada.

– Ah, perdoe-me. – Desvio o olhar. – Aprendi a atrair e fixar a atenção dela. O que ela faz comigo já é ruim o suficiente. Posso suportar. Não vou observá-la provocar dor no meu povo.

Caímos em silêncio de novo, fitando o fogo. Sigo esperando que ela me peça para sair do quarto, mas não acontece.

Depois de um tempo, percebo movimento à minha esquerda, e, ao olhar, vejo-a enxugando as faces. Lágrimas percorreram seu rosto, acumulando-se nos pontos e fazendo-os brilhar à luz do fogo.

– *Milady*. – Sento-me na ponta da cadeira.

Apesar das lágrimas, sua voz está firme.

– Sou tão idiota. Você me alertou, mas eu não entendi.

– Isso não é idiotice – digo.

– É quase. – A voz dela não tem emoção. – Desperdicei minha chance.

Por minha causa. Ela desperdiçou sua chance para tentar me ajudar.

– Você pode ter outra. Lilith vai retornar. Ela nunca demora muito.

– E pra quê? Pra vê-la fazer aquilo de novo? – Ela me encara, sua expressão mais feroz por causa do ferimento no rosto. – Não sei o que posso fazer com ela, mas não vou ficar de lado assistindo. Não consigo.

– O que você vai oferecer para fazê-la parar? O que vai oferecer pela passagem para casa?

– Qualquer coisa. – Ela de repente respira fundo. – Por Deus, Rhen. *Qualq...*

– Não! – Minha voz é cortante, e Harper dá um pulo. Ponho um dedo sobre seus lábios. – Sua oferta *já* pode ser aberta assim, *milady*. Nem pela sua família. Nem por você mesma. Muito menos por mim.

Ela me encara por cima da minha mão até eu me sentir um tolo e afastar o braço.

– Não me entenda mal – prossigo com a voz rouca. – Ao fazer uma barganha, é preciso saber o que está disposta a perder. Se oferecer tudo o que você tem, prepare-se, pois ela vai lhe tomar tudo.

– Foi isso o que você fez? – pergunta ela, baixinho.

Olho para o meu cálice e me recordo da primeira noite, quando pensei que Lilith fosse apenas outra cortesã. Da primeira manhã, quando Lilith me destruiu. Quando ela destruiu Grey.

Enquanto eu estava no chão, ferido e sangrando, ela ameaçou destruir minha família. Ela ameaçou começar com as minhas irmãs, membro por membro.

Pensando bem, eu deveria ter deixado. Agora a culpa é somente minha.

Harper me observa, aguardando uma resposta. Tomo o vinho com um único gole.

– Sim.

Ela pensa sobre o assunto por um bom tempo. Quando fala, sua voz sai baixa e estável.

– Então eu tenho uma pergunta.

Neste exato momento, eu lhe daria meu reino se ela pedisse.

– Vá em frente.

– Você ainda acha que nosso plano vai funcionar?
– Acho. Enviei Grey e Jamison à estalagem para ver se algum soldado de Syhl Shallow voltou.

Ela ergue as sobrancelhas.

– No fim das contas, Grey o contratou?
– Ainda não. Porém Jamison parece disposto. E leal. Ele acredita que Lilith está trabalhando com Karis Luran. Ele se ofereceu para vigiar a estalagem durante a noite, embora eu não preveja mais problemas com aqueles soldados.

– Por que não?

– Porque eles não atacaram na noite passada. Poderiam facilmente ter retornado com reforços. Suspeito, contudo, que recuaram para enviar um recado à rainha e aguardar novas ordens. Vai levar vários dias. Provavelmente semanas. Estamos no fim do inverno em Emberfall, e Syhl Shallow fica do outro lado de uma cordilheira.

Harper reflete sobre isso.

– Lilith pode atrapalhar tudo?

– Sem dúvida. Ela já suspeita que estou tentando enganá-la de alguma maneira.

Harper aponta para a própria bochecha.

– Como isto vai afetar o meu papel?

– Ainda deseja prosseguir como princesa de Decê?

– Com certeza não vou ficar aqui sentada sentindo pena de mim mesma. – Ela pausa e um pouco do brilho desaparece de seus olhos. – Toda vez que fico parada, penso na minha mãe.

– Se pudesse desfazer tudo... – digo suavemente. Quero esticar a mão e tocá-la, mas ela deixou bem claro quais são seus sentimentos. – Juro.

– Eu acredito em você. – Sua voz é igualmente branda, mas ela se endireita. – Mas chega. Falando sério. O que vamos fazer a respeito disto?

Franzo o cenho. Não consigo decidir se ela está sendo autodepreciativa ou prática.

Ela estreita os olhos.

– Tenho certeza de que você pensou em alguma coisa.

– Que podemos contar às pessoas como a princesa encarou a feiticeira má de Syhl Shallow e a fez recuar com um ferimento mínimo? Sim, *milady*. Eu pensei em alguma coisa. – Pauso. – Se você ainda estiver disposta.

– Eu estou.

– Então, quando Grey voltar, vou pedir para levar um recado a Porto Silvermoon anunciando nossa intenção de visitar a cidade. Eu gostaria de ir depois de amanhã, se concordar.

– Concordo.

Eu a analiso, pensando. Ela parece achar que seu ferimento a tornará menos convincente como princesa. Na verdade, olhando para ela agora, ela nunca se pareceu tanto com uma princesa.

– Eu a subestimei de novo – digo por fim.

– Como?

– Passei horas esperando você acordar – conto. – Eu tinha certeza de que isso iria... destruí-la.

Ela franze o cenho e olha para o fogo.

– Não é minha primeira cicatriz, Rhen. Eu não era perfeita antes. Vou superar. – Seus olhos voltam a se fixar nos meus. – Você disse que ficou sentado aqui por horas?

– Sim. – Pauso. – Você não está brava pelo que Lilith fez?

– Ah, estou furiosa. Mas não por causa do meu rosto.

– Então pelo quê?

A voz dela fica firme.

– Estou brava porque *errei a mira*.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



HARPER

Na manhã em que vamos para Silvermoon, finalmente deixei Freya arrumar meu cabelo. Ela entra no quarto com chá, e não tenho coragem de recusar sua oferta. Fico pensando no comentário de Rhen, de que ela foi muito protetora. Em meus esforços para ser autossuficiente, eu a tenho afastado. Até ouvir como ela enfrentou Grey, não percebi que era possível ser ao mesmo tempo forte e complacente.

Assim, me sento à penteadeira no quarto de Arabella, e Freya fica atrás de mim, silenciosamente escovando meus cachos. O bebê está enroladinho em sua manta, dormindo no quarto ao lado, mas eu não vi os outros filhos dela. Sua pele parece bem limpa, e seus olhos brilham. O quase pânico que havia em sua expressão quando a conheci foi embora. Ontem, ela ainda estava usando suas roupas da estalagem, porém hoje veste um vestido lilás e um corpete de renda branca, e seu cabelo está dividido em duas tranças, enroladas e presas atrás da cabeça com uma fivela.

– Você está muito bonita – elogio.

Suas mãos param e ela enrubesce.

– *Milady*. Obrigada. – Ela faz uma mesura. – Eu usei roupas emprestadas de Evalyn enquanto estava na Crooked Boar, mas não eram apropriadas para o palácio. Perguntei ao guarda onde as damas da rainha guardavam seus trajes.

Voltamos a fazer silêncio e ela volta a escovar. Pensei que isso deixaria meu cabelo todo arrepiado, mas ela usou algo da dúzia de frascos espalhados pela mesa, e meus cachos se soltam. O movimento da escova é relaxante. Remete à infância.

Quando minha mãe costumava fazer a mesma coisa.

De repente, meus olhos se enchem de lágrimas. Aperto os dedos contra meu rosto.

– Oh! – Freya para imediatamente de escovar. – Eu machuquei você?

– Não. – Mal reconheço minha própria voz. – Não. Estou bem.

Mas não estou. Não consigo parar de chorar. Quando me dou conta, estou soluçando, os ombros tremendo.

Freya pega minha mão. A dela está quente, ela segura com força.

– Devo chamar sua alteza?

– Não... estou bem. – Minha voz falha, e fica evidente que não estou.

Ela pousa uma mão no meu ombro e acaricia com gentileza, se aproximando. Minha mão ainda está agarrada à dela. Freya não diz nada, mas sua proximidade é a coisa mais reconfortante que sinto há dias.

Penso em minha casa e percebo que isso é mais reconfortante do que qualquer coisa que eu sinto há *meses*.

– Minha mãe está morrendo – conto. Tenho certeza de que isso não faz parte do plano de Rhen, mas se eu continuar com essa chuva de lágrimas, vou acabar me desintegrando. – Minha mãe está morrendo, e eu não posso estar com ela. Só fico pensando... fico pensando que ela vai morrer sem que eu possa me despedir.

– Oh... oh, *milady*. – Freya me envolve com seus braços, e caio no choro em suas saias como uma criança.

Não é a mesma coisa que com Rhen ou Grey. Na frente deles, consigo controlar minhas emoções. Mas Freya é só bondade e carinho, e é tão bom ser abraçada assim que me permito liberar tudo. Ela continua alisando meu cabelo, sussurrando alguma coisa.

Por fim, volto para a realidade. Não posso ser Harper hoje. Preciso ser a princesa de Decê.

Eu me afasto. Deixei uma mancha úmida enorme no vestido dela.

– Desculpe – digo.

Ela usa o polegar para afastar as lágrimas das minhas faces.

– Pronto – diz ela baixinho, embora sua voz esteja firme. Ela endireita meus ombros. – Sente-se. Deixe eu terminar.

Eu obedeco. A escova reencontra meu cabelo, suas mãos estão lentas e seguras.

– Quando minha irmã morreu – conta Freya – foi de repente. Eu não tive tempo de dizer adeus. Mas ela sabia que eu a amava. Eu sabia que ela me amava. Não é o momento da morte o mais importante. São todos os momentos que vieram antes.

Fito seus olhos pelo espelho.

– Sua irmã morreu?

Ela assente.

– Eu acolhi os filhos dela. A ideia de ter quatro bocas para alimentar foi difícil, mas nós sobrevivemos.

A surpresa expulsa parte da tristeza do meu peito.

– Esses são os filhos da sua irmã?

– A bebê, Olivia, é minha. Ela tinha acabado de nascer quando minha irmã foi morta. Eu morava com Dara e o marido dela, Petor, na casa do sítio para ajudar a cuidar de Dahlia, Davin e do pequeno Edgar. – Uma pausa. – Mas o monstro atacou Woven Hollow quando Dara e Petor estavam lá para trocar mercadorias, e de repente as crianças passaram a ser todas minhas.

– O monstro. – O medo é inegável na voz de quem fala dele.

– Sim, *milady*. – Freya hesita. – Quando os homens vieram assaltar a casa do sítio, pensei que o destino tinha enfim nos encontrado. Mas então você apareceu para nos ajudar, e agora aqui estamos, nesse lugar encantado. – Ela pausa. – Não consigo imaginar o que você enfrenta, *milady*. Não sei nada sobre sua terra nem seus costumes. Mas sei que sua coragem e gentileza parecem não ter limites. Não tenho dúvida de que sua mãe também sabe disso.

Minha garganta aperta.

– Você vai me fazer chorar de novo.

– Bem, ao menos fique parada para que eu possa trançar seu cabelo.

Isso me faz sorrir.

– Fico contente que você esteja aqui, Freya.

– Eu também, *milady*. – Ela começa a trançar e seus dedos são rápidos e certos. – Sempre me surpreendo ao descobrir que,

mesmo quando o mundo parece estar mais sombrio, ainda existe muita oportunidade para a luz.

O vestido que Freya escolheu para mim é azul-marinho, mas cada centímetro de costura é de linha prateada, e pedrinhas que parecem diamantes estão afixadas por todo o corpete. Uma sobressaia azul esparrama-se desde a minha cintura, fendida no quadril, revelando uma cascata de saíotes brancos. Por baixo do vestido estou usando perneiras de pele de bezerro e botinhas de salto amarradas nos joelhos. Ela penteou meus cachos em uma trança solta, livre, que cai por sobre meu ombro, com grampos incrustados de joias enfiados a intervalos regulares. Então, ela passa pó de carvão nas minhas pálpebras.

Quando paro diante do espelho, uma estranha me encara. Este é o tipo de vestido com que toda menininha sonha, mas meus olhos focam a linha costurada na minha bochecha. Sarou a ponto de ficar dolorido e coçar, mas não há mais inchaço. Agora a ferida é apenas feia. Um lembrete para mim mesma de que ações têm consequências.

Pouso uma mão sobre a bochecha, cobrindo a imperfeição.

Freya puxa meu pulso delicadamente.

– É prova da sua coragem – diz. – Nada menos que isso. – Ela segura um pequeno pedaço de arame torcido enfeitado com algumas joias. Penso que é um colar até que ela começa a deslizar-lo pelo meu cabelo.

– Freya – sussurro. – Isto é... é tudo um exagero.

Ela pega um pedaço de couro e de pele do baú ao pé da cama e me mostra.

– Está com calor? Pode esperar para vestir o casaco depois de cruzar o bosque.

Não foi isso o que eu quis dizer, nem de longe. Engulo em seco. Até este momento, a princesa Harper era algo que só existia na teoria.

Agora, a princesa Harper está me olhando de um espelho.

Ouvimos uma batida forte à porta.

– *Milady*, os cavalos foram trazidos para o pátio.

Grey. Ele tem feito diversas tarefas para Rhen, por isso não o vi desde que confrontamos Lilith na arena.

Freya vai até a porta e a abre.

– A princesa está pronta.

Ele entra no quarto, e sinto o instante em que seu olhar para em mim. Seus olhos não revelam nada.

Alguma dinâmica se alterou entre nós. Não tenho certeza se tem a ver com o fato de ele ter me segurado enquanto Lilith estava torturando Rhen, ou com o fato de eu ter roubado sua faca para impedi-la. Seja como for, parece espinhoso e eu não gosto disso.

Aliso o corpete com as mãos.

– Está razoavelmente bom?

– Razoavelmente bom? – A expressão dele não se altera. – Você está me fazendo desejar ter mais guardas. – Ele olha para Freya. – A princesa precisa de uma arma. Busque um cinto com um punhal. Há vários no baú.

– Sim, comandante. – Ela corre para o armário.

Eu franzo o cenho.

– Um punhal?

– Devemos dar às pessoas um motivo para pensarem duas vezes antes de abordarem você.

Isso é ao mesmo tempo incrível e assustador.

Freya volta com uma tira de couro preto atada a um punhal comum. Algumas flores de joias decoram o cabo, combinando com flores azuis costuradas na bainha. Assim que ela o entrega a mim, o bebê começa a chorar no quarto ao lado.

Ela me olha como se quisesse pedir desculpas.

– *Milady*...

– Vá – digo. – Não tem problema.

Começo a enrolar as tiras na cintura, mas elas são muito compridas e não há fivela.

Paro e olho para Grey.

– Você sabe que não tenho ideia do que estou fazendo com isto. Poderia me ajudar?

Ele assente e estende a mão para pegar o cinto, então se aproxima para deslizar o couro ao redor da minha cintura, envolvendo-a duas vezes. Seus dedos hábeis atam o couro em um nó que desce pelo meu quadril, deixando o leve peso do punhal na parte de cima da minha coxa.

A atividade o deixa perto o suficiente para compartilharmos a respiração, mas seus movimentos são rápidos e eficientes. Ele não fita meus olhos.

– Obrigada – digo baixinho.

– Sim, *milady*. – Ele pausa. – Recebi ordens para ficar ao seu lado hoje. Jamison vai acompanhar sua alteza.

Grey não parece aprovar essa decisão, mas não sei dizer qual parte o incomoda mais: ser meu guarda ou não ser o guarda de Rhen. De qualquer modo, não gosto dessa tensão entre nós.

– Você está bravo por eu ter roubado sua faca? – pergunto baixinho.

– Sinta-se convidada a usar qualquer arma que eu carregue. – Sua voz está calma. – Eu lhe ensinei a lançar facas porque você pediu. Não porque esperava que você as usasse.

– *Ainda bem* que me ensinou – digo. – Eu a fiz parar.

Os olhos dele disparam para a minha bochecha.

– A que custo?

O rubor aquece meu rosto.

– Grey... O que ela estava fazendo com ele... era horrível. Ninguém merece aquilo. – Minha voz fica tensa, uma mistura de raiva, medo e arrependimento. – Rhen me contou que te deu ordens de não impedi-la, mas não sei como você consegue. Eu faria de novo, e farei se precisar. Consigo lidar com uma cicatriz.

– E se ela cortar sua garganta?

Contraio meu maxilar.

– Não vou pedir desculpa pelo que fiz – digo.

– Não quero um pedido de desculpa. Eu entendo seus motivos.

– Então o que você quer?

– Sua confiança.

Não tenho uma resposta para dar.

Ele fala em meio ao meu silêncio e sua voz está tão tensa quanto

a minha.

– Sua alteza gostaria de chegar a Silvermoon no meio da manhã, *milady*.

Meu humor azedou e me sinto totalmente desequilibrada. Pego o casaco e gostaria de poder sair pisando duro do quarto, decidida, embora as botas que Freya achou no armário sejam melhores do que as que usei antes. O vestido oscila enquanto atravesso o corredor vazio, e os saltos das botas fazem um barulho irregular no mármore.

Grey segue ao meu lado, mas um pouquinho atrás. Ele se move como um fantasma.

Antes de alcançarmos a escadaria, não consigo mais aturar. Dou meia-volta.

– Olha só, eu confio em você. Eu confiei em você antes mesmo de confiar em Rhen. Você *sabe* disso.

Seus olhos não revelam nada.

– Você confia que eu não vou feri-la.

– *Sim*. – Obviamente.

– Você confia que vou mantê-la a salvo?

Puxo o ar, então hesito.

– É essa a confiança de que estou falando – diz Grey, e finalmente noto raiva em sua voz. – Você é a princesa de Decê. E, como vai se aliar à sua alteza, vou obedecer a suas ordens.

– Mas isso é diferente – digo. – Não é *de verdade*.

– É verdadeiro o bastante aqui em Emberfall – diz ele. – Minha obrigação... de fato o próprio juramento que fiz é oferecer minha vida para proteger a dele. E, agora, a *você* também, *milady*.

– Mas não com Lilith! Como pôde ficar parado *vendo* aquilo acontecer, Grey? Como?

– Pensa mesmo que não pago nenhum preço? – Sua voz é afiada, contudo, o sofrimento faísca em seus olhos. – Eu vi as ações dela incontáveis vezes. E com alcance muito maior.

– Eu tentaria impedi-la todas as vezes. – Para minha surpresa, a emoção cresce em meu peito. – Todas as vezes, Grey. Não me importaria com qualquer ordem que ele me desse. Não me importaria com o que ela fizesse comigo. Ele me contou o que ela

fez com você... Não tenho certeza nem se isso bastaria para me impedir.

– Se sua alteza permitisse, eu devolveria a provocação dela com dez vezes mais força. Eu a enfrentaria até que não houvesse mais ar para respirar. – Sua voz se torna quase letal, e na luz fraca do corredor, os olhos de Grey parecem se tornar mais intensos. – *Meu* dever é sangrar para que ele não sangre. E agora – completa ele –, meu dever é sangrar para que *você* não sangre.

Essas palavras são horríveis. Engulo em seco.

– O que você concordou em fazer é maior do que imagina – continua ele. – Sua vida não é mais sua para sacrificá-la.

– Eu sei – sussurro.

– Você *não* sabe. – Ele está bravo de verdade agora. – Ou não teria sido tão negligente ao arriscar sua vida, como se sua morte não tivesse consequências. Eu não...

– Comandante. – Vem a voz de Rhen ao pé da escada. Dou um pulo, assustada.

Seu tom não é cortante, mas Grey retoma o foco. Seu semblante volta à neutralidade tão rápido que ninguém jamais diria que estávamos em meio a uma discussão acalorada.

Não sei quanto Rhen escutou, mas, conforme ele se aproxima, suspeito que foi muito. Ou ao menos o *suficiente*.

A vergonha formou um nó em meu peito, especialmente porque sei que ele vai descontar em Grey, ou ordenar que ele peça desculpa a mim, ou alguma outra coisa que não vou conseguir suportar.

– Espere – digo a Rhen. Minha voz está um pouco embargada, e estou prestes a chorar. Olho para Grey. – Desculpe – digo. – Eu não tinha entendido. Desculpe.

Ele solta o ar e desvia o olhar. Sua voz é pesarosa.

– Uma princesa não deveria pedir desculpa a um guarda.

– Eu sou a Harper – digo. – E estou pedindo desculpa a você.

Ele hesita, então assente.

– Como quiser.

A tensão ainda oscila no espaço entre nós. Gostaria que tivéssemos mais cinco minutos para levar isto até o fim.

– Está tudo bem? – pergunta Rhen.

– Sim. – Inspiro e me viro para encará-lo, e todo o ar me escapa rapidamente.

Um momento atrás, eu estava envolvida na discussão com Grey. Agora estou olhando de verdade para Rhen, e é como se ele tivesse saído de um conto de fadas. Está sem armadura; usa um casaco de brocado azul e preto com colarinho alto. Pelo que consigo ver de seu pescoço, parece revestido com a mesma pelagem do casaco que estou levando no braço. Tiras finas de prata estão retorcidas em um desenho complexo ao longo de sua gola, combinadas com detalhes metálicos similares em suas manoplas de couro preto e no cabo de sua espada. É sutil, mas não há dúvida de que ele é o príncipe.

Ou talvez seja apenas como Rhen é. Ele poderia estar vestindo um saco de batatas que provavelmente ainda pareceria da realeza.

– Está tudo bem, sim – encerro, mas então percebo que ele também está me encarando. Um rubor sobe para minhas bochechas, e aliso minhas saias. – Estou parecendo uma princesa?

Ele dá um passo à frente e pega minha mão. Penso que ele vai me conduzir para a escadaria, contudo, ele faz uma reverência acentuada e beija minha mão.

– Você está parecendo uma rainha.

Parece que meu rosto está em chamas. Bem como o resto do meu corpo. Preciso pigarrear duas vezes para falar, e mesmo assim minha voz sai rouca.

– Imagino que você pretenda chegar a Silvermoon até o meio da manhã?

– Correto. – Ele olha para um ponto atrás de mim, e consigo ver que está refletindo se deve se intrometer. – Pedi ao comandante Grey para ficar ao seu lado hoje, porém posso pedir a Jamison, se você preferir.

– Não. – Engulo em seco e olho para trás, para o guarda. – Confio em Grey para me manter segura.



Seguimos para o sul, com o sol à nossa esquerda. A neve e a lama foram pisoteadas até revelar um sulco de cascalho que claramente já sofreu muito com o tráfego. Árvores se enfileiram nos dois lados da estrada, remanescentes da floresta que circunda Ironrose, mas adiante as árvores dão lugar a um longo vale em declive. A neve brilha em casas e fazendas que parecem pequenas a distância. Muito além disso, o sol cintila sobre o que deve ser água.

Rhen ficou em silêncio pela maior parte da viagem, mas estou com dificuldade de identificar seu humor. Mantenho a voz baixa e levo o meu cavalo para mais perto dele.

– Você acha que as pessoas ficarão felizes por você estar fazendo uma aliança com um país sobre o qual elas nunca ouviram falar?

– Acho que meu povo vai ficar feliz por eu estar tentando salvá-los de uma invasão. – Ele pausa e sua voz fica taciturna. – Jamison contou que a batalha em Willminton foi brutal, e que a maioria das pessoas lá perdeu a vida. O regimento deles foi destruído, o acampamento foi todo queimado. Parece que os soldados de Syhl Shallow não pretendem apenas tomar meu reino, e sim, arrasá-lo.

Engulo em seco.

– Você disse que havia mil soldados em um regimento.

Rhen me fita e a expressão em seus olhos me lembra da angústia na voz de Grey no corredor.

– Sim, *milady*.

– Eles não aceitaram rendição – conta Jamison. – Os homens que tentaram foram massacrados antes que pudessem erguer os braços.

Rhen olha para mim, e, pela primeira vez, começo a entender o peso do que ele espera conquistar.

– Sorte a nossa que asseguramos uma aliança com Decê – diz ele.

– Nossos soldados estão prontos – afirmo. Essas são palavras ensaiadas, sugestões de Rhen, contudo minha voz soa vazia quando confrontada com a morte de homens de verdade. – Meu pai aguarda minha ordem.

– Lutaremos lado a lado – diz Jamison. Ao contrário do pesar em

relação à morte de tantos soldados, seus companheiros, sua voz está repleta de ansiedade. Ele revolve o braço pelas rédeas e bate o punho no peito. – Pelo bem de Emberfall!

À minha direita, Grey faz o mesmo. Há intensidade em suas vozes, forte o suficiente para que eu sinta dentro do meu âmago.

Rhen também bate no peito.

– Pelo bem de todos.

Sua voz carrega um eco do mesmo ardor, porém com algo mais. Algo próximo de tristeza.

Antes que eu possa resolver isso, Grey franze a testa e aponta para a frente, sempre vigilante.

– Uma carroça coberta na estrada. Três cavalos. – Ele se vira para Jamison. – Vá conferir.

– Sim, senhor. – O cavalo de Jamison dispara adiante, cascos espirrando lama.

Grey mantém os olhos nele.

– Eu tinha quase me esquecido de como era.

– Ter alguém a quem dar ordens? – pergunto.

– Não. – Rhen olha para além de mim, para seu comandante da guarda. – Fazer parte de algo maior.

Grey assente.

– Sim. Exatamente.

Rhen balança a cabeça.

– Não tenho certeza se eu já tinha entendido. – Ele puxa as rédeas. – Não desejo tratar meu povo como uma ameaça. – Ele meneia a cabeça na direção da carroça. – Venham. Vamos cumprimentá-los.

CAPÍTULO TRINTA



RHEN

Sentimos o cheiro do porto muito antes de chegarmos a Silvermoon. O odor de peixe deixa um leve aroma metálico no ar. É dez vezes pior no verão, eu me recordo. Eu viajava com meu pai para inspecionar nossa frota naval ou receber dignitários de outros portos, e o cheiro de peixe, suor e sujeira está arraigado em meu cérebro. O porto fica no ponto mais ao norte da Baía Rushing, rodeado por terras que se estendem para o sul de cada lado por mais de cento e sessenta quilômetros, o que torna a baía – e Porto Silvermoon – facilmente defensável pelo sul. Quando a criatura se revelou e eu fechei nossas fronteiras, enviei a frota naval para o sul para ficar de guarda em Ponto Cobalt, onde a baía se abre para o oceano.

Não faço ideia se meus navios ainda mantêm a guarda em Cobalt. Entretanto, depois de enviar a mensagem sobre nossa visita, Grey reportou que Porto Silvermoon está melhor do que esperava. Sua proximidade com o mar os manteve bem alimentados e possibilitou recursos para o comércio com cidades distantes. Ainda assim, ofereço moedas de prata e boas-novas a todos que encontramos pela estrada. Para aqueles que necessitam de comida, digo para irem até o ponto onde a Via Sul encontra a Estrada Real dali a dois dias, pois terei enviado para lá uma carroça de alimentos e suprimentos.

Para aqueles que parecem bem alimentados e capazes, digo que nosso objetivo é reconstituir o exército de Emberfall.

Ao meu lado, Harper está silenciosa e reservada, recitando as frases que eu lhe sugeri à perfeição, e foi adicionando a elas seu

próprio estilo. O rei de Decê anseia por outra vitória. O povo de Decê está animado para estabelecer comércio com o de Emberfall. As crianças de Decê têm muito a aprender com a cultura rica e civilizada de Emberfall. A marca em seu rosto, o punhal na cintura, as arestas frias de suas palavras... ela é a perfeita princesa guerreira de um país diferente. O que sei ser uma incerteza inquieta aparece como uma postura distante.

Não demora para o muro da cidade se assomar à frente, com os portões fechados e vigiados. Uma sombra surge na torre da guarda no topo do muro, e, depois de um momento, sinos badalam, soando alto o seu repetido *bom, bom, bom*. Fomos vistos. Os portões se abrem.

– O que significam? – pergunta Harper. – Os sinos.

– Aproximação da realeza – explico. – Eles soam de modo diferente para coisas diferentes. Você vai ouvi-los em toda cidade que visitarmos.

Seu maxilar está tenso. Ela não diz nada.

– Está nervosa, *milady*? – Minha voz é leve, a pergunta é quase zombeteira, mas as palavras são sinceras. A tensão também iniciou um rastejar lento e preguiçoso pela minha espinha. Temos um guarda e um soldado que não foi testado. Eu tenho um arco amarrado à sela e uma espada no quadril. Já posso ver pelo menos uma centena de pessoas alinhadas na rua que corta Silvermoon, atraídas pelos sinos. Na minha vida pregressa, elas não seriam motivo de preocupação. Eu estaria viajando com pelo menos uma dúzia de guardas, talvez mais, caso estivesse na companhia do meu pai.

Agora, se essa multidão se voltar contra mim, se ela se revoltar por ter sido abandonada pela minha família, não seriam necessários muitos para sobrepujar nossas forças e nos largar mortos nos paralelepípedos.

– Não estou nervosa. – Harper obriga as palavras a saírem. – Mas encontrar as pessoas na estrada parece diferente de... *dísto*. – Ela meneia a cabeça indicando um ponto à frente, para a multidão que se aglomera.

Eu me inclino mais perto dela e falo baixo.

– Eu ficaria surpreso se alguém ousasse se aproximar. Costumavam dizer que se aproximar da família real sem convite era um bom jeito de perder a cabeça na rua.

Ela se vira rapidamente.

– O quê? Sêrio?

– A Guarda Real tinha uma reputação e tanto. – Eu olho para Grey. – Não é verdade, comandante?

– Arriscamos pouco. – Sua voz é quase entediada... ou talvez distraída. Seus olhos estão observando a multidão.

Quando nos aproximamos, três homens armados e uma mulher a cavalo se separam da multidão e cavalgam passando pelo arco, bloqueando a rua e, portanto, a entrada. Um homem e a mulher usam armadura e carregam tantas armas quanto Grey e Jamison. Os outros dois vêm na frente. À primeira vista, suas roupas parecem boas, exibindo fios de prata e ouro, contudo, à medida que nos aproximamos, os rostos dos homens parecem cansados e desconfiados. Eles podem não estar com armadura, mas estão armados.

Não reconheço nenhum dos dois. Muitos dos lordes locais fugiram (ou morreram) quando a criatura aterrorizou as terras vizinhas a Ironrose pela primeira vez.

– O grão-marechal, meu senhor – diz Grey com a voz baixa. – E o senescal dele.

Por um momento, me arrependo de ter avisado sobre nossa visita. Esse homem não deve carregar nada além de ressentimento pela coroa, por uma família real que aparentemente os abandonou durante anos. Aumenta a tensão entre o nosso grupo e o deles. Estou tentado a parar ali mesmo, ou exigir uma expressão de sua intenção. Estou tentado a enviar Grey pelos doze metros restantes da rua para perguntar qual será nossa recepção aqui. As pessoas atrás de seus representantes estão caladas, espiando pela abertura.

Claramente Harper não é a única tomada de incertezas.

À minha esquerda, a respiração de Jamison está estável, como um soldado acostumado a seguir seu oficial comandante na guerra. É tranquilizador. Tenho dois homens para lutar ao meu lado, e isso é cem por cento melhor do que eu tinha ontem. Seguimos

cavalgando.

A seis metros, os dois homens à frente desmontam de seus cavalos, seguidos pelos dois guardas. Eles avançam. Sacam suas espadas.

A mão de Grey encontra o cabo da espada dele. Harper prende a respiração.

Mas então os homens e seus guardas se ajoelham. Suas espadas são dispostas no chão de pedra à sua frente.

– Vossa alteza – diz um deles. – Seja bem-vindo. O povo de Silvermoon há muito espera pelo seu retorno.

– Saudamos vocês com grande alívio – diz o outro. – Você e sua dama.

Ao meu lado, Harper solta o ar lentamente. Faço o mesmo.

– Levante-se, marechal – digo. – Agradecemos a você e a seu senescal pela gentil recepção. – Preciso pausar para não deixar minha voz revelar nada. – Estamos ansiosos para passar um tempo com o povo de Silvermoon.

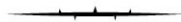
Eles se erguem e montam em seus cavalos, nos conduzindo na direção da cidade. O grão-marechal é um homem grande, da idade do meu pai, com cabelo grosso e grisalho e uma conduta severa, porém gentil. Ele elogia Harper, depois começa a listar as conquistas de Silvermoon nos últimos anos, o modo como reforçaram a defesa da cidade, inclusive a defesa contra a criatura, o que causa um aperto dentro de mim. Mas ele está ansioso por agradar. Sua recepção parece sincera.

Como naquele momento na estrada, eu me recordo de como era. Fazer parte de algo.

Conforme atravessamos os portões, as pessoas tomam a rua. Elas se ajoelham. Gritam “Recebam o príncipe herdeiro!”.

Não é a primeira vez que sou recebido assim.

É a primeira vez que isso guarda tanto significado.



Deixamos os cavalos na cocheira para caminhar a pé pela feira do porto. O grão-marechal se oferece para nos escoltar com seus

guardas, mas sem dúvida ele faria perguntas sobre a aliança, sobre o destino da família real, e ainda não estou pronto para alimentar tanto as fofocas da cidade.

Quando entramos na desordem, no entanto, quase me arrependo da decisão. Os corredores estão cheios de gente gritando sobre brigas, permutas e vendas. Os corpos se aproximam mais do que estou pronto para lidar. Um punhal perdido pode estar em qualquer lugar. Harper de repente agarra minha mão.

Grey, contudo, conhece bem o seu trabalho. Ele dá um passo à frente e diz:

– Abram caminho para o príncipe herdeiro e sua dama!

Um caminho se abre diante de nós. Os homens se curvam. As mulheres fazem mesuras. Mas nem todos. Alguns nos encaram. Os olhares não são amigáveis. Harper se inclina para perto.

– Desculpe-me por estar tão nervosa.

Compartilhar minha tensão não vai ajudar a acalmá-la. Encaro-a.

– Você parece forte como sempre.

– Não estou acostumada com tanta gente olhando pra mim.

– Uma lástima. Você com certeza merece a atenção. – Gentilmente tiro sua mão da minha e a posiciono na dobra do meu braço. Eu me aproximo para falar suavemente perto de seu rosto. – Preciso deixar livre a mão da espada. Você não é a única que está nervosa, *milady*.

A surpresa aparece em seus olhos, e ela solta uma pequena arfada. Meio que espero que ela se afaste, mas ela não faz isso. Sua mão fica firme na dobra interna do meu cotovelo.

A passagem de paralelepípedos entre filas de vendedores e comerciantes teve a neve varrida, e grandes barris de aço contendo carvão ardente estão dispostos a cada dez metros para aquecer o ar. Cada barraca apresenta algo diferente: lenços de seda, pingentes de prata martelada, pentes de cabelo com contas. Espadas em uma barraca, facas em outra. Flâmulas desbotadas anunciando os itens comerciais de cada artesão ondulam com a brisa fresca. Fico feliz pela área ao ar livre do mercado, porque o excesso de gente é mesmo bastante claustrofóbico. As pessoas continuam a abrir caminho, mas muitas o fazem de má vontade.

Homens olham em meus olhos e sustentam o olhar.

Sinto meu orgulho ferido. Meu pai jamais teria tolerado isso. Ele tomaria um como exemplo, e nenhum outro ousaria tamanha insolência.

Meu pai também teria vinte e quatro guardas atrás de si. Eu tenho dois.

Eu me inclino de novo para Harper, e mantenho a voz tranquila.

– O que acha de Silvermoon, *milady*?

– Estou tentando não encarar muito.

– Encare o quanto quiser. Alguma coisa chamou sua atenção?

– Todas as coisas.

– Escolha o que quiser e será seu. – Digo isso mais alto, e todos os mercadores viram a cabeça na nossa direção.

– Não precisa me comprar – sussurra Harper. – Já vim até aqui.

– Não estou comprando você. Estou comprando *eles*. Quero gastar prata. Dar confiança ao meu povo. – Pauso e volto a falar mais alto. – Você disse seda? Venha, vamos olhar.



Gastamos uma pequena fortuna. Os vendedores receberam ordens de entregar tecidos, dezenas de vestidos, infinitas bugigangas em prata e ouro, vidro soprado e uma pilha de brinquedos de madeira pintados que Harper escolheu para as crianças. Tudo o que ela toca, eu compro. Quando passamos por uma barraca que oferece cerveja e aguardente, pagamos uma rodada para todos que estão por perto. Os homens que torceram o nariz para mim antes desapareceram, e qualquer incerteza se dissolveu no ar.

Até Harper relaxou em seu papel. Os vendedores a bajulam. As mulheres sussurram atrás das mãos, mas seus olhos são curiosos, sem modos mesquinhos. As crianças oferecem cestas de nozes açucaradas e biscoitos quentes, e ninguém ousa atravessar nosso caminho agora. Grey e Jamison parecem mais à vontade, dando-nos mais espaço, não permanecem tão próximos.

Por baixo de tudo isso, a incerteza me atormenta. Olho para cada rosto e imagino soldados de Syhl Shallow cortando-os com um

sabre. Pior, olho cada rosto e imagino minha criatura cortando-os com garras.

No final da tarde, estamos nos aproximando da parte de trás do mercado, onde as bancas e o corredor são maiores, e muitos vendedores oferecem jogos de sorte e entretenimento. Os aromas de carnes salgadas e legumes assados vêm do próximo corredor, onde o mercado se estende em uma grande área aberta para as pessoas comerem e se reunirem. Armas maiores também são vendidas aqui: espadas, escudos, arcos longos e similares.

Meus olhos se demoram na tenda do arqueiro, os longos arcos de madeira variando de cor, desde âmbar polido e brilhante a um ébano escuro e intenso. A barraca é maior, com um longo corredor ao lado, onde os compradores podem testar os arcos antes da compra.

Harper segue meu olhar.

– Você não comprou nada para si.

– Não preciso de nada. – Exceto *tempo*, e ainda não vi para comprar.

– Bem, tecnicamente, eu também não preciso de nada do que você acabou de comprar.

O arqueiro percebe nossa atenção, vira-se e tira um arco longo e fino da parede. A madeira marrom-avermelhada brilha de ponta a ponta, a empunhadura está envolvida em couro trançado. Ele estende as mãos, oferecendo-o.

– Gostaria de atirar, vossa alteza? Ou talvez sua dama? Este é o melhor arco que tenho. Madeira da Floresta Vuduum.

Inspiro para recusar, mas Harper olha para mim.

– Posso tentar? Você me ensina?

– Sim, é claro.

Atraímos uma multidão quase imediatamente. Duas dúzias de pessoas formam um círculo. Grey fica ao nosso lado, com as costas viradas para a barraca, e pede para Jamison cuidar para que as pessoas mantenham distância.

– Todas essas pessoas vão ficar assistindo? – sussurra Harper.

O arqueiro oferece um protetor de pulso fino, e eu pego a mão dela para envolver seu antebraço com ele.

– Nada gera mais interesse do que a oportunidade de ver alguém da realeza falhar em algo.

Há flechas apoiadas na lateral do corredor, na frente; no lado oposto, a uns dez metros de distância, há um alvo de madeira.

Pego uma flecha, prendo-a na corda e pouso o fim dela no descanso de flecha.

– Observe – digo para Harper. – Braço reto, puxe para trás até o canto da sua boca e solte. – Eu faço o que digo. A corda estala forte, e a flecha voa direto para o meio do alvo.

Isso me rende aplausos. Os olhos de Harper estão arregalados.

– Que belo jeito de aliviar a pressão.

Dou um sorriso.

– Uma criança seria capaz de atingir o alvo a essa distância. – Estendo a ela o arco e outra flecha. – Tente.

Ela pega o arco e a flecha, depois respira fundo e lentamente. Seus olhos estão voltados para o alvo. Ela encontra o foco com facilidade. O encaixe da flecha prende na corda como se Harper tivesse atirado sua vida toda, e ela levanta o braço para ajustá-lo no arco.

Harper está tão confiante que quase me esqueço do fato de ela estar apoiando a flecha nos dedos e não no arco. Dou um passo para me posicionar atrás dela e seguro seu braço, que puxa a flecha antes de soltá-la.

– Eu estava fazendo isso errado? – pergunta ela.

– Se deseja decepar seus dedos da mão, estava fazendo certinho. – Ajusto o posicionamento da flecha, combinando minha postura com a sua. Meu braço fica abaixo do antebraço dela, meus dedos se fecham ao redor dos seus para segurar o arco. – Aqui. Toque sua boca com a corda.

Quando os dedos dela roçam seu lábio, os meus também o fazem. Seu corpo está quente e próximo no círculo dos meus braços. A multidão atrás sumiu, e o momento existe para essa única tarefa.

– Quando estiver pronta – digo suavemente –, solte a corda.

Os dedos dela soltam. A corda estala, e a flecha sai voando.

Ela se finca no quadrante superior esquerdo do alvo. A multidão

aplaude de novo.

Harper se vira para mim e sorri.

– Consegui! Gosto mais disto do que das facas. Me mostra de novo?

Acho divertido que ela continue pedindo, como se eu não estivesse disposto a fazer isso mil vezes mais. Ela pega outra flecha e a alinha no arco, mais segura dessa vez. Levanto seu cotovelo para endireitar sua mira.

Ela acerta mais perto do alvo agora. Seus olhos estão brilhantes, e ela está um pouco sem fôlego.

– De novo?

– É claro. – Eu daria tudo para tocar seu rosto novamente. Seu queixo, a curva suave de seu lábio. Fico satisfeito por apenas endireitar com delicadeza sua mira.

Ela acerta o alvo mais uma vez e sorri para mim.

– Adoro isto. De novo?

– Quantas vezes quiser, *milady*.

Quando ela se vira para atirar, fica mais perto de mim. Se foi sem querer ou por querer, não tenho certeza, mas consigo sentir seu calor. Ponho minha mão em seu braço e não tiro.

Ela não se afasta. Talvez o destino tenha enfim me considerado digno de compaixão.

No exato instante em que penso isso, um peso me acerta na barriga, e sou jogado contra a lateral da barraca do arqueiro.

E então ouço Harper gritar.

CAPÍTULO TRINTA E UM



HARPER

Um braço envolve minha cintura e eu não consigo me mexer. Sou muito idiota: primeiro pensei que era Rhen quem estava me agarrando, para ajustar minha postura de algum modo, e provavelmente perdi um momento para lutar. Porém, de canto de olho vejo Rhen sendo arremessado na lateral da barraca.

Uma respiração quente chamusca minha orelha, e o enorme peso de um homem está atrás de mim. O braço em volta da minha cintura aperta com força, me levantando do chão – e bloqueando o punhal que Grey prendeu em mim. Eu me debato, mas o aperto passa a me causar dor. Um braço envolve minha caixa torácica por trás, um punho pressiona meu pescoço.

– Fique parada, princesa – uma voz ligeiramente zombeteira diz no meu ouvido.

Dúzias de rostos nos cercam, mas não consigo mais ver Rhen. Não consigo ver Grey.

– Matem os guardas – grita um homem de algum lugar à minha esquerda. – Leve o príncipe vivo. Façam o que quiserem com a princesa.

O arco ainda está na minha mão, e eu bato com ele para trás, por cima do meu ombro. O homem grunhe surpreso, mas redobra a força do aperto. Seu pulso pressiona mais minha garganta. Forte. Não consigo respirar. Manchas tomam minha visão.

Um *finc* estala bem ao lado da minha cabeça, e a mão no meu pescoço cai. Desabo em uma piscina de seda e renda azul e branca. Meus joelhos batem nos paralelepípedos.

Há um homem no chão ao meu lado. Uma faca desponta de seu

olho. O outro está aberto, olhando para mim, morto.

Dou um grito rápido, porém o som se perde no caos da multidão ao redor. Meus olhos acham outro homem morto, com uma faca saindo de seu pescoço. Outro está caído a um metro e meio à minha direita, com sangue manchando a frente de suas roupas, desde o peito até a coxa. Cambaleio para trás nas pedras.

Enfim encontro Rhen. Ele está de pé, com a espada nas mãos. Seus olhos estão atentos, direcionados atrás de mim. Jamison está ao lado dele. O sangue corre de um corte fino sobre seu olho.

Nada de Grey. Cadê o Grey?

– Harper – diz Rhen. – Você está bem?

Antes que eu possa responder, outro homem se destaca rápido da multidão, com um punhal em cada mão. Ele salta na minha direção com uma lâmina estendida. Eu me abaixo e ergo um braço para me proteger, mas isso não vai conseguir impedir um punhal.

Grey aparece atrás de mim. Sua espada é um arco prateado à luz do sol.

O homem perde a mão.

Um golpe rápido do cabo da espada de Grey o lança para o chão.

De repente, há sangue por todo lado. Não consigo processar direito. Eu vou hiperventilar.

O homem também parece não conseguir processar. Ele fica pálido quase no mesmo instante. Olha para o toco do braço e começa a gritar. O sangue se acumula entre os paralelepípedos.

O que Grey falou de manhã? *Arriscamos pouco.*

A confusão nos rodeia, e não sei dizer se as pessoas estão tentando se aproximar ou tentando escapar. Talvez as duas coisas. Minha respiração ruge nos meus ouvidos, a adrenalina corre com cada batida do meu coração. Não consigo desviar o olhar do sangue espalhado na minha frente.

Rhen dá um passo adiante para me oferecer uma mão e eu aceito. Ele me ajuda a ficar de pé e me puxa para perto de si.

Sinto vontade de enterrar meu rosto em seu peito. Isso talvez não seja o que uma princesa faria, contudo tem sangue no ar e viscosidades nos paralelepípedos, e meu cérebro quer se retrair e se esconder. Mas estamos cercados. Não faço ideia se esta

multidão é hostil ou amigável ou se temos algum jeito de nos libertarmos.

Grey põe um pé calçado com bota no braço decepado do homem e leva a ponta da espada à garganta dele. O guarda deve aplicar alguma pressão, pois os gritos agudos dele se transformam em choramingsos sufocados.

Grey olha para Rhen, claramente aguardando uma ordem.

– Ainda não – diz Rhen. Ele olha ao redor, para a multidão de pessoas. – Alguém mais? – grita.

Sua voz não soa arrogante... está tomada por fúria. Uma voz que diz que qualquer outra pessoa receberá um tratamento rápido.

A multidão também parece ver isso. As pessoas recuam, afastando-se da carnificina no chão.

A expressão de Grey não tem flexibilidade nenhuma agora. Esse não é o homem que conquistou sorrisos de crianças na neve. Esse não é o homem que falou apaixonadamente sobre honra e dever no corredor. Esse é o espadachim letal que me sequestrou. Esse é o Grey mais temível de todos.

– Ele vai sangrar até a morte – digo para Rhen, com a voz frágil.

– Ele ainda tem tempo. – Rhen observa o homem, olhando para baixo. – Ele ia matar você, *milady*. Deixe-o refletir sobre o próprio destino.

O rosto do homem está pálido agora, mas ele cospe em Rhen.

– Você nos abandonou. *Sua família nos abandonou com aquele monstro.*

O odor metálico de seu sangue se mistura com o cheiro de neve e peixe no ar, fazendo meu estômago revirar. Eu fui muito descuidada na estalagem, ordenando que Grey mostrasse aos soldados que eu estava falando sério. Toda vez que algo acontece aqui, as consequências parecem aumentar.

Sua família nos abandonou com aquele monstro.

Enquanto estou ali olhando para ele com a boca seca e as mãos trêmulas, o homem está sangrando até a morte nos paralelepípedos.

– Mate-o – diz Rhen. – Faça dele um exemplo.

– Não! – grita uma mulher na multidão.

Grey ergue a espada. Eu me afasto de Rhen cambaleando e ponho uma mão em seu braço.

– Espere. – Minha voz quase falha de novo. – Espere.

Grey espera.

– Não o mate. – Minha voz treme com a adrenalina, e tenho de lutar para fazer as palavras saírem. – Vocês têm um médico aqui? Um... um curandeiro? Ele precisa... ele precisa de um torniquete.

Uma mulher mais velha vai abrindo caminho para se aproximar, mas para na beirada. Seu rosto está vermelho e marcado pelas lágrimas. Deve ter sido ela quem gritou. Ela faz uma mesura brusca.

– Vossa alteza. Consigo atar o braço dele.

– Faça isso – digo. A mão de Rhen ainda está presa na minha, mas seus dedos estão como aço. Não posso olhar para ele. Receio que seu rosto mostre que estou tomando a decisão errada, mas não quero ver outro homem morrer na minha frente.

A mulher dá um passo hesitante para a frente, então olha para Grey.

– Comandante. – Preciso pigarrear. Meus olhos estão úmidos. – Deixe a mulher trabalhar.

Ele dá um passo para trás. Ele não guarda a espada na bainha.

A mulher se agacha ao lado do homem caído e puxa tiras de musselina de uma bolsa de couro. Ela fala com o homem no chão, e sua voz treme tanto quanto a minha.

– Allin, Allin, por que fez isso?

A voz dele sai rouca e irregular.

– Eles vão trazer guerra... guerra para Silvermoon. Por causa do... por causa do egoísmo deles.

Um murmúrio alto corre pela multidão.

Eu hesito. A rainha de Syhl Shallow trará guerra... uma guerra que estou prometendo lutar com um exército invisível.

Rhen encara o povo de novo.

– Silêncio!

O silêncio cai como uma pedra. O medo paira no ar, mais potente do que antes. Consigo sentir a incerteza na multidão. Os gemidos do homem se misturam com a respiração em pânico da mulher.

– Não permitirei que mais sangue seja derramado em Silvermoon

– declara Rhen. – Vocês são meu povo e eu jurei protegê-los. – Ele olha para mim. – A princesa de Decê jurou protegê-los e, mesmo hoje, demonstra misericórdia por um homem que não merece.

Um murmúrio baixo se espalha pela multidão.

– Silêncio! – grita Rhen de novo.

Eles obedecem.

Rhen os observa.

– No passado, vocês juraram lealdade ao meu pai. A mim. Sei que estão com medo. Sei que a rainha de Syhl Shallow começou um ataque a Emberfall. Sei que vocês se preocupam. Sei que vocês foram abandonados e tiveram que se defender sozinhos por muito tempo.

Um ardor ressoa em cada palavra. Eles estão escutando.

Rhen dá um passo à frente.

– Estou aqui agora. E vou lutar por vocês. Vou lutar *com* vocês. Vou dar minha vida por vocês. Minha pergunta é: Vocês farão o mesmo por Silvermoon? Por Emberfall?

O silêncio perdura por muito tempo.

Rhen bate no próprio peito e dá mais um passo à frente.

– Vocês farão o mesmo por mim?

O povo parece congelado.

Mas a mulher agachada perto de Allin dá um último nó em sua bandagem, então se endireita e fica ajoelhada.

– Eu vou, vossa alteza.

– Não – grunhe Allin. – Marna. Não.

Marna põe uma mão sobre o peito. Sua voz tremeu antes, mas agora seu tom é claro e sólido.

– Pelo bem de Emberfall.

Um homem mais velho e grandalhão com uma barba cheia e uma barriga que cai sobre seu cinto avança para se destacar da multidão. Ele se ajoelha.

– Eu vou, vossa alteza.

Outro homem, mais novo, com o rosto pálido fixo na carnificina, à esquerda no círculo, também diz com uma voz clara:

– Eu vou, vossa alteza.

Lentamente a princípio, depois rapidamente, as demais pessoas

no mercado se ajoelham. Seus gritos de “Eu vou” se tornam ensurdecedores.

Rhen ergue a espada.

– Pelo bem de Emberfall!

– Pelo bem de todos! – gritam eles.

Eu encaro Rhen. Ele transformou a energia da multidão de tensão e dúvida em lealdade. Eles formariam um exército e se posicionariam contra essa rainha invasora agora mesmo, se ele pedisse. Posso sentir.

– Levantem-se – diz ele. – Recolham os mortos. Peça ao seu oficial que prenda esse homem.

Ele então guarda a espada na bainha e se vira para Marna.

– A princesa decretou que esse homem deve viver. Se fizer uma lista do que você precisa para tratar o ferimento dele, eu vou providenciar.

A mulher parece um pouco espantada.

– Sim, vossa alteza.

– Qual é a sua relação com ele? – pergunta Rhen.

– É meu irmão. – Marna passa uma mão trêmula na face. – A... a criatura matou a filha dele. Dois anos atrás.

Ao meu lado, Rhen fica imóvel.

– Meus sentimentos. – Ele pausa. – Você foi a primeira a jurar. Por quê?

A mulher prende uma mecha de cabelo grisalho atrás da orelha.

– Eu me lembro das visitas do rei a Silvermoon, vossa alteza. Ele não teria deixado esse homem viver.

Rhen olha para mim.

– A princesa de Decê permitiu que ele vivesse.

– Mas... você permitiu a escolha. – Marna hesita de novo, então parece se controlar. – Há muito tempo pensávamos que a família real tinha abandonado Emberfall. Se os rumores forem verdadeiros, eles fugiram para se salvar, nos deixando à mercê da criatura. E, agora, à mercê de Karis Luran.

Rhen franze o cenho.

– E ainda assim você jurou lealdade a mim.

– Sim, vossa alteza. – A mulher abaixa a cabeça. – Você voltou

sozinho.



Quero ir para casa.

Ou ao menos voltar para o castelo.

Estou ferrada de qualquer jeito. Rhen diz que não podemos partir. Ele não quer dar a impressão de que somos facilmente intimidados.

Mas eu sou. Estou intimidada.

Toda vez que pisco, vejo o sangue de Allin escorrendo pelos paralelepípedos.

Mas a pior parte foi ouvir Rhen dizer: “Mate-o”.

E ver Grey erguer o braço.

Agora, estamos no Refeitório, uma área aberta nos fundos do mercado, onde a comida é preparada e vendida. Está cheio, mas sem o excesso de corpos que lotavam os corredores do mercado. Os aromas de cerveja e carne cozida enchem o ar, cortados pela doçura cálida de pão assado.

O anoitecer caiu, pintando o céu com faixas de rosa e amarelo, trazendo de volta um frio à atmosfera. Mais barris de fogo foram dispostos perto das mesas. Rostos estranhos bruxuleiam à luz da chama. Todo mundo olha para mim. Antes era um pouco perturbador. Agora que sei que as pessoas nos querem mortos, é aterrorizante.

O grão-marechal e seu senescal vieram nos encontrar depois do ataque. Não conseguiam parar de pedir desculpa e insistiram em ceder um contingente de guarda para acompanhar Grey e Jamison.

Rhen recusou. Mais uma demonstração de confiança, ele me explicou, ainda que, sinceramente, àquela altura eu meio que tinha parado de ouvir o que ele dizia. É o que consigo fazer para manter essa expressão ligeiramente entediada estampada no rosto.

— *Milady*.

Pisco e olho para a frente. Rhen estava falando comigo de novo.

— Desculpe, o quê?

Seus olhos estão preocupados.

— Aqui. Sente-se. Vou pedir para trazerem um pouco de comida.

– Acho que não vou conseguir comer nada.

– Você não come nada desde cedo.

Mantenho a voz baixa.

– Se pensa que consigo comer depois do que aconteceu, está doido.

– Sente-se, então. Os guardas também precisam comer.

Isso me convence a me sentar. Eu não tinha pensado em Grey e Jamison.

– Volto em um instante – diz Rhen. Sua mão roça meu ombro antes de ele se afastar a passos largos, com Jamison bem próximo ao seu lado. Estou sozinha em uma mesa grande de pedra, sentada em um largo banco de madeira. Grey está de pé perto de mim, a luz do fogo cintilando nas fivelas polidas de seu uniforme.

– Não quer se sentar? – ofereço.

Ele me olha, mas só por um instante. Penso que sua voz vai ser curta e grossa, refletindo o estado de espírito em que ele parece estar, mas seu tom é baixo e tranquilo.

– Eu não devo.

Sigo seu olhar para onde Rhen está falando com uma mulher assando uma carne. Ela ri e faz uma mesura, e uma moeda brilha à luz quando Rhen a entrega.

A voz tranquila de Grey me dá coragem de fazer uma pergunta cuja resposta não sei se quero saber.

– Você acha que vai haver outro ataque?

– Estamos em número muito menor. Eles quase nos venceram mais cedo. Se houvesse um agressor a mais, talvez tivéssemos um resultado diferente.

Lembro do *finc* de suas facas de lançar, o modo como nossos agressores caíram no chão.

– Você pareceu dar conta.

– Fico satisfeito por ter passado essa impressão. Não deveria sequer ter acontecido. – Ele meneia a cabeça na direção de Rhen, que está dando as costas à lareira, com Jamison atrás. – É perigoso nos separarmos, mesmo que por um momento. Jamison é um soldado, não um guarda. Eu me esqueci disso antes. Não me esquecerei de novo.

Reviro essas palavras em minha mente até compreender. Grey está bravo *consigo mesmo*.

Rhen foi até outro vendedor. Observo mais moedas trocarem de mãos.

– Eu tomei a decisão errada? – Quero saber, e minha voz sai rouca e baixa. – Quando Rhen te falou para matar aquele homem. Eu deveria ter deixado você fazer isso?

Ele olha para as pessoas que circulam pelo Refeitório e, por muito tempo, me pergunto se ele não responderá a essa pergunta também. Nosso relacionamento parece avançar como os ponteiros de um relógio, um sempre mudando em relação ao outro.

Por fim, Grey diz:

– Você é misericordiosa e gentil. Mas gentileza e misericórdia sempre encontram um limite, e depois dele se transformam em fraqueza e medo.

– E onde é esse limite? – pergunto baixinho.

Os olhos dele encontram os meus.

– A resposta varia de pessoa para pessoa.

Rhen retorna, trazendo duas canecas de barro. Ele põe uma delas sobre a mesa na minha frente.

– Se não vai comer – diz –, por favor, beba.

Hesito, então envolvo a caneca com as mãos.

– Obrigada.

Ele parece encorajado e se senta no banco à minha frente.

– A comida chegará em breve. – Rhen olha para o soldado. – Jamison. Grey. Juntem-se a nós.

Atrás dele, Jamison se adianta e pousa sobre a mesa as duas canecas com alça que carrega com uma mão, depois passa uma perna por cima do banco. Ele empurra uma caneca sobre a mesa, com a expressão tranquila, dizendo:

– Comandante?

Grey permanece próximo a mim. Pelo canto do olho, consigo vê-lo lançando um olhar para Jamison.

O soldado vacila, então começa a se levantar.

– Não – intervém Rhen. – Sente-se. – Ele olha para Grey. – É uma ordem.

Grey se senta. Ele não toca a caneca.

– Acredito que estamos conquistando o povo – comenta Rhen. – Quero que saibam que estamos confiantes, apesar do ataque. Que eles têm nossa confiança. – Ele encara Grey. – Discorda, comandante?

Grey pode estar sentado à mesa, mas seus olhos ainda estão focados nas pessoas ao redor.

– Permita-me responder quando eu tiver saído de Silvermoon sem uma flecha nas costas.

– Olhe à nossa volta. O grão-marechal enviou seus próprios guardas, de todo modo. Qualquer um seria estúpido de agir agora.

Ele fez isso? Olho ao redor e vejo homens e mulheres uniformizados à espreita nas sombras. Me sinto melhor. Um pouquinho.

Rhen me observa e sua voz sai baixa:

– Nossa visita foi um sucesso, *milady*.

Não tenho certeza se concordo. Tomo um golinho da caneca que ele trouxe.

Uma mulher se aproxima com uma bandeja repleta de pratos de carne assada. Ela coloca tudo na mesa entre nós.

– Coma. – Rhen empurra um prato na minha direção. – *Por favor*.

É o “por favor” que me convence. Poucas coisas que Rhen fala não são ordens. Cautelosamente provo um pedacinho da comida, que me lembra um ensopado de frango, embora um pouco diferente. Em vez de salgado, há uma doçura na minha língua.

Uma moça se aproxima da mesa, e Grey se levanta com um movimento rápido e fluido. A garota para de repente. Ela usa tranças que descem até sua cintura e um vestido vermelho que fica incrível em contraste com sua pele marrom.

Seus olhos escuros e preocupados se alternam entre Grey e Rhen, e ela faz uma mesura acentuada.

– Perdoe-me, vossa alteza. Sou Zo, aprendiz do Mestre da Canção para Silvermoon. Gostaria de solicitar uma audiência com você.

Rhen assente.

– Está tudo bem, comandante.

– O rei sempre abria uma dança noturna – diz Zo. – Gostaria de saber se você e a princesa poderiam fazer a mesma coisa.

Rhen olha para mim.

– Gostaria de dançar, *milady*?

Ele só pode estar brincando.

– Não – respondo com firmeza. – Obrigada.

Rhen me observa por muito tempo, então se volta para a garota.

– Outra hora, talvez.

Ela hesita antes de se virar.

– É verdade que a Guarda Real está de novo aceitando candidatos?

– Sim – diz Rhen. – Se você conhecer alguém...

– Seria eu mesma.

Rhen inspira fundo para falar. Não tenho ideia do que vai dizer, mas me lembro de como ele reagiu a Jamison, e só consigo imaginar como será com uma garota do meu tamanho. Já estou irritada, por isso digo:

– Sim. Vá ao castelo se candidatar.

Seu rosto acende com um sorriso, e ela faz uma mesura antes de se afastar depressa.

Como mais do meu ensopado e mantenho os olhos no prato. Meus ombros estão rígidos por um motivo totalmente novo. Comemos em silêncio por muito tempo. Homens e mulheres começam a se movimentar na direção da parte de trás do Refeitório, reunindo-se em um espaço aberto que deve estar reservado para danças.

Em dado momento, Rhen olha para Jamison e Grey.

– Deixem-nos a sós.

Eles obedecem, afastando-se, mas se mantêm a uma curta distância.

Ainda não olho para Rhen.

– Você parece descontente – diz ele, e sua voz carrega um tom cortante o suficiente que me faz pensar que é ele quem está descontente.

– Por que você me convidou pra dançar? – exijo saber. – Acabamos de matar pessoas. Não é apropriado.

– Pessoas *nos* atacaram e perderam a vida. Não matamos gente aleatória na rua. Não podemos nos dar ao luxo de parecer fracos, *milady*.

Eu me pergunto se isso foi uma cutucada sobre o homem que permiti viver... ou uma cutucada sobre a garota que acabei de convidar para se candidatar à Guarda Real. Grey tinha razão sobre limites. Eu não faço ideia de quais são os meus. E não faço ideia de quais são os de Rhen, para ser sincera.

– Certo – digo. – Mesmo se *fosse* apropriado, eu mal consigo andar sem mancar. Acha que sou capaz de deslizar por um salão de dança? Tenho a marca de um fracasso na minha bochecha. Não quero dar às pessoas outra evidência.

Os olhos de Rhen se estreitam um pouco.

– Você acha que eu a convidei como uma forma de... humilhação?

– Não faço ideia. Mas você está refletindo de verdade sobre o que está pedindo? Acha que as pessoas vão me ver como uma corajosa rainha guerreira quando eu cair de cara no chão?

– Basta. – Seu tom é cortante. – Você consegue cavalgar. Enfrentou um espadachim para salvar a família de Freya. Enfrentou outro na estalagem. E ainda outro ataque esta manhã. – Ele se inclina sobre a mesa. Seus olhos ficaram intensos e furiosos. – Você pediu para Grey lhe ensinar a lançar facas e me pediu para mostrar como atirar com arco e flecha. Convinceu meu povo que governa uma nação vizinha, e acho que você não compreende a magnitude e não vê como tudo isso é impressionante.

– Está bem. O que quer dizer?

Ele parece tão irritado quanto eu.

– Tudo isso, e de alguma forma você acredita que desejo humilhá-la por dançar? – Ele bate a caneca de cerveja na mesa. – *Milady*, devo perguntar: você está refletindo de verdade sobre o que está pedindo?

Antes que eu possa responder, ele se levanta do banco e sai pisando duro.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



RHEN

Saio batendo o pé até a beirada do Refeitório, onde o chão se torna uma descida bem acentuada, revelando o porto abaixo, docas e navios brilhando à luz da lua que sobe no céu. Pesqueiros pequenos e barcos maiores de pescar caranguejos estão ancorados para o inverno, e o gelo se agarra às estacas fixas na água. A luz das velas ilumina algumas janelas, mas a maioria das construções está escura e silenciosa. Lanternas se balançam alegremente enquanto marinheiros e estivadores vão para casa.

Ao longo de uma doca gelada e deserta, vejo um casal que se abraça amorosamente.

Tão fácil. Tão injusto.

A música passa através da clareira, e os casais se juntam para dançar no outro lado do Refeitório. Tochas ardem ao longo de postes altos ao redor da banda. Apesar da alegria, posso sentir o peso dos olhos nas minhas costas. Gerei fofoca o bastante para ocupar as pessoas de Silvermoon por dias. Assumi o controle impedindo um ataque e exigindo lealdade – e agora estou prestes a desfazer tudo por causa de um momento de irritação.

Eu nunca devia ter ficado irritado do jeito que fiquei. Imagino a voz do meu pai.

As pessoas podem criar um escândalo a partir de uma palavra. De um olhar. Você, filho, não deixe faltar nenhum dos dois.

Harper se aproxima. Eu não olho para ela. Não tenho certeza do que quero dizer.

Ela deve sentir meu mau humor, porque não diz nada.

É como se eu lhe devesse um pedido de desculpa, mas

possivelmente ela também me deve um. Ficamos juntos, olhando a água, o céu noturno polvilhado de estrelas. O vento sopra do porto para sussurrar entre nós, bagunçando meu cabelo e levantando as saias dela. O silêncio se estende por muito tempo, até que minha irritação começa a se dissipar, transformando o silêncio em algo mais cálido. Mais fácil.

– No castelo – digo, por fim –, a música nunca muda. Toda temporada, as músicas começam de novo, não importa o que eu faça.

Ela está silenciosa. A música sobe do lado oposto da clareira, abafada porque estamos muito perto da água, e o rangido dos barcos e as ondas batendo suavemente cria uma corrente de som.

– Eu costumava amar música – conto. – Minha família também. É por isso que os instrumentos tocam todos os dias, porque meu pai ordenou no passado. Música em todas as festas, em todos os eventos, ao amanhecer. Eu já amei isso.

Ela ainda não fala nada, mas consigo ver o desenho do seu perfil. Ela se virou para me fitar um pouco.

Mantenho meu olhar no porto.

– Agora odeio.

Ela solta um suspiro. Um som de aquiescência... ou de derrota.

– Mas a música aqui é nova. – Uma pausa. – Diferente.

– Sim.

– Me convidar para dançar não fazia parte de um esforço calculado para conquistar seu povo. Era para se distrair da maldição.

Ela está certa, mas, falando assim, meus motivos parecem infantis, especialmente considerando nossos objetivos aqui. Franzo a testa.

– Certo – diz ela. – Me mostre.

Olho para Harper e levanto uma sobrancelha.

Ela passa a língua pelos lábios.

– Eu não vou conseguir ser boa. Quando era mais nova, meu fisioterapeuta recomendou balé para ajudar a alongar meus músculos e melhorar o equilíbrio, mas eu odiava. Era péssima. Minha mãe teve que usar passeios a cavalo como suborno para que

eu fosse às aulas.

Suborno. Para *dançar*, quem diria? É a cara de Harper.

Estendo a mão.

– Me concede a honra?

Ela olha para a minha mão e hesita.

Eu espero.

Sua mão enfim pousa na minha, e sinto seus dedos macios e leves contra os meus. Viro-a para ficarmos frente a frente e ponho a mão dela no meu ombro.

Ela respira fundo. Está tão quieta que parece nem respirar.

Chego mais perto, até que as saias dela roçam minhas pernas, e pouso a mão em sua cintura.

– Estou fazendo um convite para uma dança, não arrastando você, presa a um cavalo. – Suspiro de um jeito exagerado. – Você precisa fazer uma cara tão *sofrida*?

Isso faz ela sorrir. A expressão deve puxar os pontos ao longo de sua bochecha, porque o sorriso logo desaparece. Sua mão livre se ergue e para sobre a minha, como se ela estivesse decidindo se deve me afastar.

Ela está muito tensa. A garota que desceu pela treliça do castelo e atirou uma faca em Lilith tem medo de *dançar*.

– Estão olhando para nós? – indaga ela em um sussurro.

É bem provável, mas não me viro para ver.

– Duvido – respondo. – Está escurecendo. – Minha voz fica calorosa. – Mas eu só tenho olhos para você.

Ela enrubesce, depois balança a cabeça um pouco e olha para o porto.

– Você é muito bom nisso. Com quantas outras garotas já dançou?

– Qual quantidade a deixaria mais tranquila? Uma dúzia? Uma centena? – Faço uma pausa. – Nenhuma? Todas?

– Você está se esquivando da pergunta.

– Eu não tenho uma resposta. Quem é que ficaria contando? Além disso, você deve estar ciente de que eu dancei com outras mulheres antes mesmo da maldição. – Paro e chego mais perto. – Posso dizer com certeza que nunca ensinei ninguém a dançar na

beira de um penhasco em Silvermoon.

– Estou de pé. Não estou dançando.

– Tudo parte da aula. Feche os olhos.

Ela faz uma careta, mas seus olhos se fecham. Aproximo-me ainda mais, até estarmos quase unidos. Ficamos parados, simplesmente de pé, presos entre os barulhos silenciosos do porto e a melodia mais alta que vem do Refeitório.

O momento traz à tona uma lembrança e permaneço imóvel.

– Antes da maldição – digo lentamente –, às vezes eu dançava com a minha irmã...

– Arabella?

Estou surpreso por ela se lembrar do nome.

– Não. Nunca com Arabella. Não lhe faltavam pretendentes... nem temperamento para mantê-los na linha. Com minha irmã caçula, Isadore. – Minha voz fica embargada pela emoção, o que me pega de surpresa. Preciso pigarrear. – Ela mal tinha completado catorze anos e o grão-marechal de Rio Boone manifestou interesse em casamento. O homem tinha três vezes a idade dela. Quando ele chegava à corte, Isa inventava desculpas dizendo ter obrigações familiares, depois me procurava e ficava ao meu lado. – Minha voz se torna mais baixa. Não sei ao certo por que comecei essa conversa.

Harper abre os olhos. Seus dedos relaxaram no meu ombro, e agora seu antebraço descansa ao longo do meu bíceps. Sinto sua cintura macia sob a minha mão.

– Você era próximo de Isa.

– Não. – Nego com a cabeça. – Eu era o príncipe herdeiro. Fui criado separado das minhas irmãs. Na verdade, eu raramente a via.

Pisco e imagino Isa, do jeito que a encontrei após minha primeira transformação. Seu corpo não estava nem perto do restante da família.

Até hoje, ainda me pergunto se Isa estava tentando me encontrar. Como se não fosse eu a causa da destruição da qual ela tentava escapar.

Os olhos de Harper se tornam mais intensos com empatia.

– Sinto muito, Rhen.

– Foi há bastante tempo. Nem sei o que me fez falar disso. – Meus pensamentos se misturam com remorso, e sinto como se tivesse me perdido. Hesito e balanço a cabeça, desejando que as lembranças pudessem ser apagadas de uma maneira mais fácil. – Onde estávamos?

– Aula de dança.

– Ah. Sim. – Chego mais perto de novo. – Feche os olhos.

Ela fecha. Ainda não nos mexemos, mas a conversa, ou talvez a pena, a distraiu. Dou um passo à frente, empurrando suavemente com a mão, e ela cede, recuando rápido demais.

– Calma – digo baixinho, segurando sua cintura. – Não fuja de mim.

– Desculpe. – Os olhos dela se abrem. – Eu disse que era péssima.

Balanço a cabeça, negando.

– Olhos fechados.

Ela obedece, o que deve ser um milagre.

– Outro passo – digo –, e depois três para o lado, depois três para trás.

Embora seus movimentos sejam lentos e indecisos, ela fica dentro do círculo dos meus braços e me permite conduzir. Gradualmente, pouco a pouco, músculo por músculo, ela relaxa os movimentos. Nossos passos começam a sincronizar com a música do outro lado da clareira. Por um instante, permito-me esquecer a maldição. Dançamos sob o luar na beira do penhasco, cercados pela atmosfera da noite.

A música termina, e logo é substituída por algo rápido e animado.

Eu paro, e Harper também. Ela abre os olhos e me encara.

– Essa é muito rápida – comenta ela, baixinho.

– Podemos esperar outra.

Espero que ela se afaste, mas não é o que acontece.

– Acho que a parte de ficar parados é a melhor.

Abro um sorriso.

– E você faz isso muito bem.

Seus olhos se semicerram um pouco, captando faíscas ao luar.

– Você não é tão arrogante quanto finge ser.

Fico imóvel.

– Você é bom jogando charme – diz ela. – Mas gosto mais desse Rhen aqui.

– “Desse Rhen aqui”?

– Quando você não está planejando e está apenas *fazendo*. – Ela pausa. – Como sua história sobre Isadore. Você fez parecer que ela era uma irmã mais nova irritante, mas acho que você gostava da dinâmica. Ou seu jeito de não deixar Grey ir atrás de Lilith. No começo, pensei que fosse um lance de orgulho, mas não é. Você o está protegendo.

A avaliação dela me lembra a de Grey quando estávamos na neve do lado de fora da pousada. Quando eu o provoquei a respeito da punição por cair no sono em guarda. Quando ele disse: *O rei teria feito isso... Mas você não, não acho que faria*.

Na época, seu comentário fez com que eu me sentisse fraco.

O comentário de Harper, não.

– E você é surpreendentemente paciente – observa ela. – Para alguém que espera que tudo seja feito sob seu comando.

Ela está errada. Meus ombros ficam tensos; ao mesmo tempo, não quero que ela pare. Como sempre, suas palavras me tocam fundo, mas não parecem censura; ao contrário, me aquecem.

– Ninguém nunca me chamaria de paciente.

– Você é. De um jeito diferente.

– Que jeito?

– Do jeito está aqui comigo, sem fazer eu me sentir uma idiota por não saber dançar. – Ela faz uma pausa. – Por não fazer com que eu me sinta uma idiota por pedir para você me ensinar a atirar uma flecha.

– Você foi muito bem – digo, e falo sério.

Ela fica quieta.

– Por não me tratar como se eu não fosse capaz de fazer algo.

– Sério? – Solto a mão dela para afastar aquela mecha de cabelo errante do rosto. – Você me convenceu de que pode fazer qualquer coisa.

Ela enrubesce.

– Não comece com os elogios.

– Não é um elogio. – Meus dedos se demoram em seu queixo, traçando a suavidade de sua pele.

– Agora mesmo – diz ela –, você está aqui arriscando nossas vidas, confiando em mim para ajudá-lo a salvar seu povo, sendo que não sabe nada sobre mim. Você provavelmente deveria estar de volta ao castelo, me alimentando com uvas e tentando fazer eu me apaixonar por você.

– Uvas? – pergunto. – É disso que preciso para convencê-la?

– As vermelhas são o caminho secreto para o meu coração.

Meu polegar acaricia a curva do lábio dela. Sua respiração falha.

Sua mão livre segura meu pulso.

Congelo. Ela vai me afastar de novo, como fez na estalagem.

– Espere – ela sussurra. – Espere um pouco. – Então seu lábio treme e ela repete minha fala de antes. – Não fuja de mim.

– Não vou fugir.

Para minha surpresa, lágrimas se formam em seus olhos, um brilho de diamantes em seus cílios.

– Eu quero confiar em você – diz ela, tão baixinho que a sua voz poderia se perder no vento. – Quero... *Eu quero saber se isto é real.* Não que você está tentando me enganar para quebrar a maldição.

Não entendo como ela pode, ao mesmo tempo, me encher de tanta esperança e medo. Puxo a mão dela para o meu peito e me inclino até compartilharmos o mesmo ar. Meus lábios roçam os seus.

Quase não é um beijo, mas ela está de alguma forma mais perto de mim, seu corpo é uma fonte de calor contra o meu.

Desejo desesperadamente transformá-lo em mais, para ver aonde essa atração fluorescente levará.

Mas eu já cheguei perto antes. Já encontrei esse momento antes.

A única diferença é que nunca o desejei tanto.

Afasto-me e pressiono meus lábios na testa dela.

– Também quero saber se é real – afirmo.

O corpo dela fica parado contra o meu, então ela assente. Sua cabeça cai no meu ombro, seu rosto está perto o suficiente para soprar calor no meu pescoço. Ponho a mão na parte inferior das costas dela, a outra em seu ombro.

Falo baixinho, contra sua têmpora.

– Devo mandar os guardas trazerem os cavalos?

– Ainda não – ela responde. – Tudo bem?

– Sempre.

Ficamos em p  e eu a seguro nos braços até a música desaparecer e a noite ficar muito fria.

Contudo, por dentro, estou aquecido e meu coração quer cantar.



Chegamos tarde em Ironrose. Estrelas iluminam o céu e tochas estão acesas ao longo da frente do castelo, iluminando os espaços onde no passado ficavam os guardas.

Grey e Jamison pegam os cavalos, e eu acompa ho Harper através do Salão Principal e pela escadaria. O ar está denso com o silêncio da exaustão, e nenhum de nós o quebra, porém, pela primeira vez, não há nenhum muro de tensão entre nós.

Paramos na frente da porta dela, e Harper olha para mim.

– Faremos isso de novo amanhã?

Não posso dizer pelo tom de sua voz se ela está ansiosa ou apreensiva... ou apenas cansada.

– Não. Vou mandar Grey avisar ao grão-marechal de Colina Sillery que visitaremos a cidade dentro de três dias. Quero dar tempo para as notícias se espalharem.

– Então vamos ficar aqui.

– Se for aceitável para você.

– Talvez possamos terminar nossa aula, já que não aprendi muito.

– De dança? – pergunto, surpreso.

Ela d  um tapa em meu braço.

– De arco e flecha. – Um leve rubor toma suas bochechas, e ela acrescenta: – Mas também seria legal dançar.

– O que você deseja.

– Eu devia ir pra cama – diz ela.

Mas ela não se move nem faz nenhum movimento para abrir a porta.

Então *eu* me demoro, e fico me perguntando se é um convite para terminar o que começamos à beira do penhasco em Silvermoon. Não sei exatamente o que mudou entre nós, se foi a confiança, o respeito ou simplesmente a capacidade de nos ver sob uma luz diferente. Não sei se importa. Tudo o que sei é que desejo pegar sua mão e levá-la até seus aposentos, sentar-me ao seu lado e compartilhar segredos. Passar os dedos pelos cabelos dela e descobrir o sabor da sua pele.

Não me lembro da última vez que senti esse desejo.

Na verdade, não tenho certeza se já o senti antes.

A porta do quarto de Freya se abre. Harper se sobressalta e dá um passo para trás.

Os olhos de Freya brilham.

– Oh! – Ela faz uma reverência e fala baixo. – Vossa alteza. *Milady*. Perdoem-me. Eu ia acender o fogo no quarto.

Que coincidência, penso. Eu estava pensando na mesma coisa.

Eu me viro para Harper antes que meus pensamentos possam se adiantar.

– Devo deixar você descansar. – Faço uma reverência e depois pego a mão dela para dar um beijo em seus dedos. – Até amanhã, *milady*.

Ir embora exige cada fração de autocontrole que há em mim.

Meus aposentos são um poço de escuridão, o fogo queimando baixo na lareira. Na primeira estação, eu estava dormindo a essa hora, bem alimentado e cansado após um longo dia de caça com o rei e outros nobres – homens que não tinham ideia do que os esperava. Hoje, a exaustão também pesa em minhas costas, mas não é páreo para a ansiedade pulsando em minhas veias.

Apago minhas velas, aproveitando o silêncio depois do barulho do dia. Largo minhas armas, braçadeiras e grevas, depois começo a desafivelar o casaco.

Um longo suspiro escapa do meu peito. A esperança é um luxo que não posso pagar. Uma emoção que não ousa sentir.

De qualquer forma, a esperança floresce no meu peito, um pequeno broto dando lugar à primeira luz da primavera, pétalas ousando se abrir para revelar a cor por dentro.

Eu quero saber se isso é real.

Deve significar que é real para ela.

A última fivela cede e jogo o casaco na cadeira. Quando meus dedos encontram os laços da minha camisa, mãos pousam nos meus ombros. Eu congelo.

– Príncipe Rhen – diz Lilith. – Eu havia me esquecido do belo físico que você tem.

Eu me afasto e me viro para encará-la. Quero pegar o casaco da cadeira.

– O que está fazendo aqui?

Ela se aproxima, seus olhos escuros brilham na sala iluminada pelo fogo.

– Você já apreciou minha companhia em seus aposentos antes – ironiza ela. – O que mudou?

– Você sabe bem o que mudou.

Ela se aproxima, e fica a uma distância que uma simples respiração uniria meu peito ao dela.

– Foi boa a visita a Silvermoon? Estou adorando suas tentativas de convencer o povo de que você garantiu uma aliança misteriosa. Diga-me, o que fará quando descobrirem que sua família não está no exílio, e sim morta? – Ela finge arfar. – Vai revelar que tudo aconteceu por sua própria mão?

– Se eu puder salvar Emberfall do exército de Karis Luran, vou me preocupar com isso depois. – Aponto em direção à porta. – Deixe meu quarto, *lady* Lilith. Você não é bem-vinda aqui.

Ela levanta a mão para acariciar meu peito, seus dedos traçando uma linha tortuosa de desconforto ao longo da minha pele que me faz ofegar e me afastar sem que eu consiga evitar.

Isso não levará a nada de bom. Eu agarro seu pulso.

– O que você quer?

Ela dá um passo mais para perto de mim, pressionando nossas mãos juntas entre nossos corpos. É como segurar uma brasa contra minha caixa torácica, e arranca um som baixo da minha garganta. Tento dar outro passo para trás, mas agora ela se segura.

– Posso pôr fim a tudo isso muito facilmente – arqueja ela. – Você nunca pensou em *me* cortejar para quebrar a maldição?

– Saia de perto de mim. – Quero que as palavras sejam uma ameaça, mas mais parecem um apelo.

Ela se levanta na ponta dos pés para roçar os lábios nos meus, uma perversão cruel do momento que compartilhei com Harper. Eu viro meu rosto, e sinto a dor roubando meu fôlego.

– Você... não vai interferir.

– Não estou interferindo em nada – sussurra ela contra meu rosto. – Sua garota defeituosa não está por perto. – Uma pausa. – Você quer chamá-la? Talvez ela queira implorar por mais...

– Não!

Lilith ri, e sua respiração é uma onda de calor ao longo do meu pescoço.

– É tão fácil com você, Rhen. É por isso que você nunca vai reivindicar Emberfall. É por isso que seu reino teria caído mesmo sem a minha interferência. Você sabia que primeiro tentei seduzir seu pai, mas ele me recusou? – Ela se inclina para perto de novo. – O rei de Emberfall sabia, mesmo naquela época, que sucumbir à tentação errada poderia arruinar um homem.

Meu pai, o grande galanteador, que levava para a cama qualquer cortesã que visse, conseguiu dizer não a Lilith.

Sempre tolo, caí como um pato na armadilha dela.

Outro aperto pelo fracasso por me juntar aos outros tomou meu coração. Fecho os olhos com força.

– Você vai deixar Harper em paz. E vai deixar Grey em paz.

Sua língua traça o contorno da minha mandíbula, e eu estremeço.

– Claro, vossa alteza. Você sabe que prefiro muito mais brincar com você.

A mão dela pega meu queixo. Vira minha cabeça. Seus lábios pressionam os meus.

Minha mandíbula está travada, mas não importa. Esse é o pior tipo de tortura. Algo pior do que dor.

Penso em Harper parada na clareira, com a mão no meu ombro, dedos gentis passando pelos meus. Eu quero saber se isto é real.

Penso em Harper arremessando a faca em Lilith. *Por favor, pare de machucá-lo.*

A humilhação queima meus olhos, minha garganta. Quando ela

interrompe o beijo, o alívio quase *me* quebra. Quero empurrá-la para longe, mas estou preso à parede. Minha respiração é forte e irregular.

Não consigo olhar para ela. Mal posso me mover. Minhas mãos ainda estão fechadas em punhos, meus músculos estão tão tensos que estou tremendo. Qualquer esperança que floresceu no meu peito agora secou e morreu.

– Você não deseja minhas atenções? – pergunta ela.

Tenho que engolir em seco para formar uma palavra.

– Não. Nunca.

– Que desperdício. – Ela pousa a palma da mão na minha bochecha e estremeço. Ela sorri. – Como propõe reunir seu povo se você se intimida tão facilmente?

– Farei o que puder para salvá-los. – Um pensamento arrepiante toma meu peito. – Você vai arruinar isto, Lilith? Está trabalhando com Karis Luran?

– Eu já disse que não tenho dedo nisso. Posso até jurar que vou permitir que sua farsa se desenvolva.

Pisco. É raro obter um juramento tão direto dela.

– Você não vai interferir em meu povo.

– Não vou interferir em seu povo.

Estou quase sem fôlego.

– E Karis Luran. Você não vai revelar nossos planos...

– Não vou revelar os seus planos. – Sua palma ainda está pressionando meu rosto, e ela se inclina. – Eu realmente desejo vê-la tirar Emberfall de você, Rhen. Vou gostar de assistir.

Essa promessa me dá força. Eu me endireito.

– Você vai se decepcionar.

– Vossa alteza. Considere o estado do seu povo.

– Eu considere...

Uma luz branca rouba minha visão. De repente estou no meio de uma vila. Está chovendo. Há corpos espalhados por toda parte. Homens. Mulheres. Crianças. Alguns foram desmembrados. Há flechas fincadas em outros. O sangue se mistura com a chuva e forma poças brilhantes ao longo da estrada. À distância, as casas estão queimando, soltando uma fumaça espessa subindo para o

céu.

Meus joelhos ameaçam fraquejar, mas hesito e estou olhando para Lilith novamente.

– Está me mostrando o futuro? – pergunto.

– Não. Estou mostrando a você o que os soldados de Syhl Shallow fizeram com sua cidade fronteiriça.

Minha boca se abre, mas meu quarto desaparece de novo. Uma cidade, dessa vez maior. Vale Wildthorne. Uma briga começou. Homens magros demais para lutar estão batalhando pelos restos de um cervo assado. Um soco é desferido, e uma mulher acaba na lama. Homens passam por cima dela tentando chegar ao animal morto. Uma criança berra de algum lugar distante.

Grito, mas já estou de volta aos meus aposentos.

– Eu lhe mostrei o presente – afirma Lilith, e sua voz é baixa e cruel.

– Pare – digo num sussurro. – Pare com isso.

Meu quarto desaparece outra vez. Estamos no meio de uma vila ensolarada. O cheiro de peixe enche o ar, mas não é Silvermoon. É outra cidade dependente da água, porém, e as pessoas parecem mais bem alimentadas. Um rapaz carrega uma prancha cheia de peixes nos ombros. Ele está assoviando, e uma mulher de uma cabana próxima grita:

– Jared! Leve logo isso para o peixeiro! Metade do dia já se foi!

– Estou indo, mãe! Estou indo!

Consigo respirar. Essa cena não é tão terrível.

Um rosnado baixo enche o ar. O assovio do garoto é interrompido. Ele se vira, com um olhar de pânico repentino no rosto.

– Jared! – grita a mulher. – Não!

Uma forma escura corre do canto da minha visão e ataca o garoto. A criatura tem três vezes o tamanho dele. Meio gato selvagem e meio urso, só garras, dentes e raiva. A coisa o destrói num piscar de olhos. Em um momento, era um garoto. No seguinte, não era nada além de muito sangue, carne e vísceras.

A mulher grita por tanto tempo e tão alto que nem percebo que voltei aos meus aposentos. Estou de joelhos, com os braços

cruzados à frente do abdome. Mordi meu lábio, e o sangue queima na minha língua.

Sei o que minha criatura faz. Ouvi as histórias que Grey me contou. Que o meu próprio povo contou.

Eu nunca tinha *visto*. Nunca com olhos humanos.

– Por favor – imploro. – Por favor, pare.

– Oh. Mas, vossa alteza, acredito que você merece conhecer o verdadeiro estado do seu povo. – Os olhos de Lilith se arregalam. – Antes de levá-los à guerra, deve conhecer todos eles. Antes de rasgar Harper membro a membro, deve saber do que é capaz.

– Não. – Uma lágrima escorre pelo meu rosto. – Por favor.

Ela não tem piedade. Meu quarto desaparece. Lilith continua seu ataque.

Por mais que eu implore, ela não para.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



HARPER

Acordo, ainda grogue. A luz do sol brilha através das janelas abertas, o ar quente do outono carregando os aromas de madressilva e grama cortada. Meio que espero que borboletas de desenhos animados comecem a voar.

Eu o teria beijado. Eu *queria*. Entendo por que ele falhou nessa maldição tantas vezes: ele mantém muito de si escondido. Mesmo agora, sinto que mal arranhei a superfície. Essa fachada arrogante me faz pensar no que era esperado dele antes que a maldição destruísse sua vida. As pessoas aqui parecem ter medo da realeza. Elas parecem ter medo *dele*. Com base nos meus primeiros dias aqui, eu entendo. Mas agora vi a verdade. Sob a distância arrogante, ele se importa. É muito leal. É gentil. Inesperadamente paciente. Ele parece ter medo de mostrar esse lado de si mesmo, como se seu povo fosse abandoná-lo se o visse.

Ele se preocupa mesmo em protegê-los. Acredito que isso pesa mais sobre ele do que a maldição.

A ideia de encontrá-lo hoje cedo me deixa um pouco tonta. Até Freya comenta quando chega para trançar meu cabelo.

– Teve uma noite agradável com o príncipe? – pergunta ela timidamente, depois bate em meu ombro com o quadril.

Enrubesco tanto que minha bochecha chega a doer.

Freya amarra a trança.

– Acredito que ele está na arena com o comandante Grey. – Uma pausa provocadora. – Se estiver curiosa, *milady*.

Estou curiosa.

Espero encontrar mais do que Rhen e Grey no círculo

empoeirado, mas eles estão sozinhos, armas balançando com uma velocidade quase ofusante. Eles estão atacando rápido, e cada choque de aço me faz estremecer. O suor molha os cabelos dos dois, indicando que estão nisso há um tempo.

Reduzo o ritmo quando me aproximo. O ar parece diferente. Errado, de alguma forma. O rubor desaparece do meu rosto enquanto tento descobrir.

Rhen se abaixa e corre para Grey, enganchando sua espada para desarmá-lo. Grey cai no chão e Rhen o persegue, com a arma apontada no pescoço do outro homem.

Grey saca um punhal para deter a lâmina a tempo, e a outra mão apoia o antebraço de Rhen, segurando-o. A respiração irregular deles ecoa pela arena.

Algo ali parece muito pessoal. Como se eu tivesse entrado no meio de uma discussão. Quero me afastar e sair da arena.

Mas então escuto a voz de Grey, baixa e tomada pela tensão.

– Sua luta não é comigo, meu senhor.

Rhen xinga e se afasta com vigor, virando-se para embainhar a espada. Sua expressão é firme, seus olhos sérios e fixos. Quando ele me nota diante da grade, parece assustado.

A tensão em seu rosto não diminui ao me ver. Ele está tão frio e distante quanto no dia em que cheguei. O frio que eu estava sentindo na barriga se dissolve até sumir.

Ele oferece um curto e grosso “*Milady*”, depois se vira e caminha para o outro lado da arena, onde há uma mesinha com uma jarra de água. Ele se serve, com movimentos tensos e forçados.

Aconteceu alguma coisa.

– O que houve? – pergunto.

– Nada. – Ele toma todo o líquido do copo e se abaixa para passar pela grade. Ainda não olhou para mim. – Pode acontecer outro ataque como em Silvermoon. Temos que estar preparados.

Olho de esguelha para Grey, mas ele também está observando Rhen. O guarda recuperou sua espada, mas não embainhou a arma.

Ele observa Rhen como se estivesse esperando outro ataque.

Provavelmente é uma boa ideia, porque Rhen saca a espada.

Eu passo debaixo da grade e me enfio na sua frente antes que ele ataque. Ele cerra os dentes.

– Saia.

– Não. Me conte o que aconteceu.

Ele se aproxima de mim, todos os movimentos cheios de raiva mal contida. Enfim seus olhos encontram os meus.

– Você vai sair da frente. Senão eu vou...

– Meu senhor. – A voz de Grey soa baixinho atrás de mim.

Por um momento, não sei ao certo se Rhen vai parar, mas então ele para. E desvia o olhar.

– Por favor, *milady*. Deixe-nos a sós.

– Se algo aconteceu – digo lentamente –, eu preciso saber. Se estamos em uma aliança, preciso...

– Não estamos – interrompe ele.

Sua voz é tão suave que penso tê-lo ouvido mal.

– O quê?

– Não há aliança, Harper. Era tolice pensar que eu tinha uma chance de sucesso aqui. Meu povo foi pisoteado. O seu exército é uma farsa. Se tivermos que lutar por Emberfall, quem se posicionará contra o exército de Karis Luran? Não há ninguém.

Fico muito confusa. Nada disso é diferente do que dois dias atrás.

A porta da arena se abre. Freya aparece, um pouco sem fôlego.

– Vossa alteza. *Milady*.

Rhen não desvia os olhos de mim.

– O quê?

– Jamison e eu levamos a comida para a encruzilhada como você indicou, mas chegaram pessoas demais para alimentar...

– Como eu suspeitava – diz Rhen. Sua expressão é de cansaço e ele suspira. – Peça a Jamison que avise que enviaremos mais amanhã.

– Fizemos isso. Mas eles seguiram a carroça de volta ao castelo. Dissemos a eles que devolveríamos a mensagem para você, mas havia muitos para recusar, e...

– Quantos?

– Centenas, vossa alteza.

– Eles os seguiram até aqui? – Rhen olha de lado para Grey e se

projeta para a porta. Ele me lança um olhar zangado, como se dissesse *eu avisei* melhor do que sua voz seria capaz.

Estremeço. Ele de fato me avisou.

Rhen caminha a passos largos para a saída. Cada palavra que pronuncia é tensa e cortada.

– Eu vou falar com eles. – Rhen olha para Freya. – Onde está Jamison?

– De guarda na porta do castelo.

– Contra *centenas*? – indaga Rhen. – Eles podem despedaçá-lo.

Ele dispara em uma corrida pelos degraus do Salão Principal, e faço o melhor que posso para segui-lo. Uma música triste está tocando, cordas graves puxadas em uma harpa. Espero que não seja um presságio.

Freya fica para trás, caminha comigo.

– A notícia deve ter se espalhado rapidamente – comenta ela, sua voz um sussurro. – Não são todos de Silvermoon. Pelo menos cem pessoas estavam na fila quando chegamos à encruzilhada. Logo mais apareceram.

– Elas estavam brigando? – pergunto quando chegamos ao topo da escadaria e corremos atrás de Rhen e Grey. Uma sensação de mal-estar toma meu estômago. Rhen não queria nada além de proteger seu povo, e agora a minha ideia pode estar fazendo mais mal do que bem.

– Brigando? – Ela está surpresa.

– Sim – digo. – Não é um tipo de protesto por não termos enviado comida suficiente?

Rhen alcança a porta e a escancara. A luz do sol entra no corredor. Apesar de ter se preocupado com centenas de pessoas destruindo Jamison, Rhen sai pisando duro, com Grey bem ao seu lado.

Um rugido sobe da multidão do lado de fora, e eu corro até a porta, certa de que estão prestes a cercar os dois e a atacar todos nós.

As pessoas lotaram os gramados e a passarela de paralelepípedos. Freya tinha razão: são centenas. Principalmente homens e meninos, mas também muitas mulheres e meninas.

Alguns estão armados e usando versões mais grosseiras da armadura que eu vi Rhen e Grey vestirem. Outros estão com roupas simples, muito pesadas para o clima temperado que circunda o castelo.

Eles não estão gritando.

Estão celebrando.

– Pelo bem de Emberfall! Vida longa ao príncipe herdeiro! – Suas vozes ressoam no pátio, ecoando nas pedras das muralhas do castelo.

Rhen está observando.

Jamison vai para a frente.

– Vossa alteza, eles estão aqui para lutar. Não conseguimos impedi-los de nos seguir.

– Para lutar – repete Rhen.

– Para lutar contra os soldados de Syhl Shallow – explica Jamison. – Para fazer parte do Exército do Rei.

Eu me aproximo de Rhen. Seus olhos ainda estão fixos na multidão à sua frente. Sua expressão é indecifrável.

Penso na sua raiva na arena. Pelo menos quando ele está em sua versão temível Grey, sei quem são seus alvos. Nunca sei o que está acontecendo dentro da cabeça de Rhen.

– Você quer saber quem vai enfrentar o exército de Karis Luran? – digo ao pé do ouvido. – Acho que essa é sua resposta.

A multidão ainda está gritando:

– Pelo bem de Emberfall! Vida longa ao príncipe herdeiro!

E, porque ele não é nada se não for enigmático e calculista, Rhen parece engolir sua raiva, depois se move para a beira da escada e ergue o punho.

– Pelo bem de Emberfall! Pelo bem de todos!

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



RHEN

Concentro meus pensamentos no que posso controlar. Estratégia. Tácticas. Planejamento.

Bloqueio o que não posso.

Lilith.

Ela saiu antes do amanhecer, mas eu não dormi. Mergulhei no banho por horas, afundando na água, prendendo a respiração até meus pulmões não aguentarem mais. Já me afoguei antes, mas nunca quis tanto me afogar como hoje cedo. Toda visão que ela me mostrou está disseminada em meus pensamentos, tão vívida que eu poderia ter presenciado cada tragédia.

Eu sabia que meu povo estava sofrendo. Não sabia o quanto, de uma só vez. Desejei esquecer.

Saí do banho pronto para matar alguma coisa. Tenho sorte de Grey ser muito habilidoso.

Ou talvez ele seja sortudo.

– Rhen.

– O quê? – pisco.

Harper abre a boca, volta a fechar, seus lábios formando uma careta. Não consegui fitar seus olhos a manhã toda, e agora não é diferente. Estamos na Biblioteca Geral, na sala de estratégia de meu pai, e estou à janela, observando as pessoas no pátio lá embaixo.

– Perguntei se você gostou – diz Harper. – As pessoas estão aparecendo para ser voluntárias. Você pode começar a construir seu próprio exército.

– Você se lembra da nossa discussão sobre regimentos? – Minha voz soa vazia e não sei como consertar isso. Continuo falando

mesmo assim. – Um regimento do exército de Syhl Shallow poderia eviscerar as pessoas no pátio.

– Você acabou de deixá-los bem animados! – exclama ela. – Se não queria que formassem um exército, por que disse “pelo bem de Emberfall” e tal?

– Eles já estavam “animados”, como você diz. – Mantenho meus olhos nas pessoas se arrastando lá embaixo. – Não desejo incitar uma multidão. Apenas dei a eles um grito de guerra.

– É um começo – insiste ela.

Não tenho nada para responder.

Gostaria de voltar a me afundar na água, prendendo a respiração, esperando o esquecimento.

Gostaria de voltar à arena, brandindo uma espada.

Mas não, estou aqui, cada músculo tenso como uma corda de arco. Em dado momento, Harper diz:

– Grey, o que você acha?

– Acho bom que as pessoas estejam dispostas a lutar. Que a lealdade delas não diminuiu. Elas parecem acreditar que a família real está no exílio. A maioria deixou de lado o medo da criatura e do próprio castelo para vir aqui. Lutar por si e por Emberfall. – Ele para, e sua voz fica um pouco mais agitada. – Eles precisarão de alguém para liderá-los.

Essas palavras são uma espécie de aviso. Um lembrete de que tenho um papel a desempenhar aqui.

Não contei para Grey nada do que aconteceu com Lilith, mas tenho certeza de que ele adivinhou algumas coisas. Eu não fui sutil na arena hoje cedo.

– Você pode liderá-los? – indaga Harper, e acho que ela está falando comigo.

Não, acho que não. Só consigo levar as pessoas para a morte. Não notou?

– Não sou um general – diz Grey. – Nem sequer sou um soldado. O Exército do Rei e a Guarda Real não treinaram juntos.

– Jamison era um soldado. Um tenente, certo?

– Era.

– Sei que ele errou em Silvermoon, mas um tenente seria algum

tipo de oficial, não é mesmo? Você não poderia conversar com ele e elaborar um plano sobre o que fazer com todas essas pessoas depois que elas forem divididas por habilidade?

– Sim, *milady*. – Ele sai, a porta se fecha lentamente quando ele passa. Nem esperou que eu desse uma ordem.

Ou talvez ele soubesse que eu precisava que ela desse uma ordem.

Harper aparece ao meu lado na janela, deixando um espaço de meio metro entre nós.

– Foi Lilith, não foi? – pergunta ela, baixinho.

Estremeço à menção do nome, e Harper olha para mim com preocupação.

– Eu não tinha certeza se havia sido ela quem o deixou tão chateado – diz ela –, mas nunca ouvi você falar de mais ninguém que tem o poder de tirá-lo do sério assim.

– Ela é boa em descobrir fraquezas – afirmo.

– Então ela voltou. Ontem à noite.

– Sim. – Eu me preparo para ela perguntar o que foi feito, ou para perguntar por que não a convidei para ir aos meus aposentos para outra sessão de barganha. Pensar nisso revira meu estômago.

Contudo, Harper não fala nada. Ela fica ao meu lado e respira, da mesma forma que no penhasco em Silvermoon. Muita coisa mudou da noite para o dia. Em vários aspectos.

– Quer conversar sobre isso? – pergunta ela.

– Não.

Observamos as pessoas no pátio por um tempo. Estou surpreso com a variedade de voluntários. Um garoto que não deve ter mais de seis anos está na fila. Ele olha maravilhado para o castelo, depois cutuca um garoto mais velho ao seu lado, possivelmente um irmão. Penso no jovem Jared sendo eviscerado na minha frente e desvio os olhos. Uma mulher mais velha se inclina sobre uma bengala mais abaixo, lembrando-me de um ancião da aldeia que foi empalado por uma lança de Syhl Shallow em outra visão. Emergindo da floresta, mais pessoas correm em direção ao pátio.

Uma jovem parece familiar, e demoro um pouco para identificá-la.

Zo. A aprendiz do músico. Ela é pequena em estatura, mas hoje,

em vez de vestido, usa calções e botas, um laço amarrado nas costas e um punhal no quadril. Uma caçadora, talvez.

Interessante. Fico tentando imaginar se Grey vai dispensá-la.

Ele deveria dispensar todos eles.

Eu me viro da janela e volto para a mesa que usamos para a estratégia, sentando-me na segunda cadeira – não na primeira, onde meu pai sempre se sentava. Mapas estão espalhados devido a alguma reunião que meu pai teve com seus conselheiros durante a primeira estação. Não me lembro mais. Esse não é um lugar que visito com frequência.

Harper também se afasta da janela.

– É como um grande tabuleiro de Risco – comenta ela, se aproximando para examinar o mapa maior, preso no centro da mesa. É das terras do norte, mostrando a cordilheira que faz fronteira com Syhl Shallow.

– Risco? – repito.

– É um jogo de estratégia de guerra. – Harper pega uma pequena estatueta de ferro. – Tem até os homenzinhos.

Dou uma risada curta, embora não ache graça.

– Um mundo onde a estratégia de guerra é um jogo.

– Ei. – Os olhos dela estão intensos. – Você sabe que minha vida não é moleza também.

Assinto, concordando.

– Realmente.

– Me mostra como funciona.

Hesito. Não quero pensar na desgraça iminente do meu povo a tal ponto de ter que mapeá-la, mas Harper está me observando com expectativa.

Suspiro e me levanto da cadeira, reunindo uma dúzia das figuras de ferro nas mãos.

– Syhl Shallow está aqui – digo, distribuindo seis estatuetas de cavalos e cavaleiros ao longo da cordilheira. – Jamison disse que há uma batalha em Willminton, onde seu regimento foi destruído, o que me faz supor que os soldados de Karis Luran controlam o acesso pela passagem da montanha.

– Qual é a largura da passagem da montanha? – pergunta ela. –

Poderíamos montar uma emboscada ou algo assim?

Olho para a frente, impressionado.

– Poderíamos... mas eles provavelmente controlam o suficiente da área ao redor da entrada do caminho para impedir exatamente isso. – Balanço a cabeça, refutando a ideia. – Nossa melhor aposta será dar a ilusão de força. Não se envolver em batalha. Dar a impressão de sermos um exército grande, não necessariamente poderoso. – Disponho mais figuras cercando Ironrose. – Se pudermos formar um batalhão ao redor do castelo...

– Você sabe que não sei o que significam exatamente esses termos militares.

– Se pudermos espalhar grupos de soldados ao redor do castelo e encontrar uma maneira de enviar mensageiros para as cidades fronteiriças, instruindo-os a fazer com que seus soldados se reúnam estrategicamente *aqui* e *aqui* – disponho mais figuras –, dará a ilusão de ser uma milícia bem preparada.

Harper dá a volta na mesa para ficar ao meu lado e examina o plano.

– Então por que você não parece muito feliz?

Vislumbro a imagem de uma casa queimando enquanto soldados trancam a porta, enfiando espadas pelas ripas para prender pessoas que tentam escapar. Estremeço e me afasto.

– Porque não faço ideia se ainda tenho soldados postados nas fronteiras. Não tenho ninguém em quem confiar para enviar uma mensagem segura.

– Grey?

– Precisamos dele aqui se quisermos continuar visitando as cidades mais próximas. Não vou mandá-lo para longe por várias semanas.

Algo em sua expressão muda e ela diz:

– Certo.

Franzo o cenho.

– O que foi?

– Você disse “semanas”. Eu só... Não tinha pensado no tempo que isso dura.

Ah. A mãe dela. Essa missão – essa maldição – só promete

sofrimento em todas as direções.

– Você ainda espera barganhar sua volta para casa. Não teria sido bom encontrar *lady* Lilith ontem à noite, *milady*. Eu lhe asseguro.

Harper me analisa, e o peso dos seus olhos se assoma sobre mim.

– Eu vi o que Lilith pode fazer – diz ela. – Não entendo o que mudou.

Não posso explicar sem contar tudo a ela. Eu me sento na cadeira e observo a série de figuras sobre a mesa. Uma permanece presa entre minhas mãos e eu a reviro de um lado para o outro.

Harper dá um passo na minha direção e essa estatueta fica parada. Meus músculos estão tensos, preciso me forçar a permanecer na cadeira.

Ela deve perceber, porque não se aproxima. Ela se senta na cadeira a três assentos de distância.

Mas, então, diz baixinho:

– Não fuja de mim.

Nossas palavras da noite passada. Muita coisa mudou desde então. Uma noite mudou muito, de muitas maneiras. Não posso oferecer nada além de fracasso. Essa maldição prova isso. Na verdade, tudo o que Lilith forneceu foi um lembrete.

Olho para Harper e respiro para garantir que minha voz esteja firme como sempre.

– Não vou fugir. – Paro e me levanto. – Mas, por enquanto, *milady*, talvez você possa me evitar.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



HARPER

Com o passar dos dias, os preparativos para a guerra – ou para a *impressão* de guerra – atingem o ápice. Um mensageiro chega de Serra North Loc, uma cidade ao sul da passagem da montanha, informando a Rhen que mais soldados de Syhl Shallow construíram um acampamento lá. De repente, há pessoas dentro e ao redor do castelo o tempo todo: treinando no pátio e na arena, exercitando os cavalos e consertando armas.

Rhen sempre está ocupado. Todos e tudo exigem sua atenção. O único tempo que passamos juntos é em nossas viagens para cidades vizinhas, mas, mesmo assim, ele está cercado. Desempenha muito bem o papel de príncipe dedicado, contudo, assim que estamos fora da vista de seu povo, ele fica distante e distraído.

Grey também está sempre ocupado. Selecionou dez guardas dentre os que se inscreveram, e agora seus dias são repletos de exercícios, treinamento e prática – quando não está protegendo Rhen.

Para a minha surpresa, Zo foi uma das escolhas de Grey... e a única mulher. Ele deve confiar nela, porque eu regularmente a encontro guardando minha porta quando acordo de manhã.

– Você escolheu Zo porque eu causei uma confusão a respeito disso em Silvermoon? – pergunto a Grey certa noite, em um raro momento em que nós dois ficamos sozinhos. Nós estamos na estrebaria, onde ele está avaliando quais cavalos serão os mais adequados para os guardas que ele mesmo selecionou.

– Eu a escolhi porque ela sabe lutar – responde ele. – É rápida

com um arco e tem os pés firmes. Seu jogo de espada é fraco, mas ela não se distrai com facilidade. Acredito que ela se sairá bem.

Eu a vi lutar com um dos outros candidatos, mas não entendi o que estava vendo, então isso não significava muito.

– Mas... ela não era aprendiz de músico?

– Sim, *milady*. – Ele prende uma sela em um grande cavalo castanho. – Assim como eu era um fazendeiro no passado.

Bem, acho que tem isso. Ele desliza um freio pela cabeça do cavalo.

Nos dias desde que as pessoas começaram a aparecer no castelo, Grey tem estado mais reservado; provavelmente é como ele deveria ser, por deferência à princesa de Decê. Ele é uma das duas pessoas que sabem a verdade sobre mim, e a única a quem posso perguntar sobre Rhen. Em um minuto, ele passará pela porta e vou perder outra chance de falar com ele.

– Grey – chamo baixinho. – Espere. Por favor.

Ele espera, é claro, e olha para mim, apesar de sua expressão não revelar nada. Sei que imagina que farei um pedido ou algum tipo de solicitação.

Não quero dar uma ordem. Preciso que ele seja meu amigo.

Talvez eu já tenha fechado essa porta.

– Deixa pra lá – digo. De repente, eu me sinto mais sozinha do que nunca. – Pode ir. Você está ocupado.

– *Milady* – diz ele com a voz baixa.

Quando volto, ele deu um passo para mais perto de mim. Seus olhos procuram os meus.

– Você está incomodada com algo.

– Rhen ainda não está falando comigo – digo baixinho.

Grey desvia o olhar. Ele sabe.

– Ele está falando com você? – pergunto.

Ele hesita.

– Não. Não está.

– Você acha que Lilith o está torturando secretamente à noite?

Grey olha para o outro lado do corredor, onde um ajudante de estrebaria está varrendo grãos espalhados. Mesmo quando estamos sozinhos, nunca estamos verdadeiramente sozinhos.

– Vamos para Forja Hutchins hoje à noite – diz ele.
– Eu lembro. – É um jantar com um grão-marechal que tem seu próprio exército particular. Rhen disse que eu não precisava ir.
– Acho que o príncipe Rhen não vai se incomodar se a jornada seguir noite adentro.

O que significa que Lilith não poderia incomodá-lo.

Engulo em seco.

– Não posso ajudá-lo se ele não falar comigo, Grey. Ele não está tentando quebrar a maldição, ele não a está impedindo... – Eu me interrompo, frustrada. – Tenho procurado dar espaço, mas... não sei o que fazer.

Grey chega mais perto, até que só eu possa escutar suas palavras.

– Ele não lhe negará nada, *milady*. Nem mesmo o que ele não quer dar.

Oh. Olho para ele.

Grey se afasta. Ele olha para a porta, para o céu que passa a escurecer lentamente.

– Perdoe-me. A luz do dia está acabando. – Ele se agarra ao cavalo e sai da estrebaria.

Zo aguarda do lado de fora, pronta para me escoltar de volta aos meus aposentos. Quando chegamos à minha porta, paro antes de fechar a porta.

– Zo, você poderia enviar uma mensagem ao príncipe, dizendo que eu gostaria de me juntar a ele em sua viagem para Forja Hutchins?

– Sim, *milady*. – Ela assente e se afasta.

Em sua ausência, troco de roupa e me lavo rapidamente no calor sempre presente da banheira, então encontro roupas adequadas para me encontrar com a nobreza.

Alguém bate à porta.

– Entre – digo. – Por favor.

Zo abre a porta e entra, mas sua expressão indica que ela não está voltando com boas notícias.

– Sua alteza diz que sua presença não é justificada nem necessária.

Fecho a boca. Isso porque ele não me negaria nada.

– Ótimo.

– Sinto muito – diz Zo, baixinho.

Rhen me pediu para não ir atrás dele. Eu tenho tentado. Mas isso não é mais uma aliança. É... não sei o que se tornou.

O que Grey disse? *Nem mesmo o que ele não quer dar.*

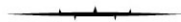
Olho para Zo e me pergunto se ela aceitará sobrepor uma ordem minha à de Rhen.

– Peça os cavalos – digo. – Vamos atrás dele.

Seus olhos estão surpresos. Espero que ela recuse.

Ela não recusa.

– Sim, *milady*. Agora mesmo.



Forja Hutchins é menor que Silvermoon, menos fortalecida, e o guarda cansado nos conduz pelo portão com apenas um olhar. Descobrimos que, nessas cidades, a segurança diz respeito apenas ao monstro e não às pessoas.

Estamos viajando devagar porque não quero que Rhen descubra que o estou seguindo e me mande voltar. Minha única opção aqui é me juntar a ele na frente de seus súditos, quando ele não arriscará um incidente.

É tarde o bastante para que as ruas não estejam lotadas, e os cascos dos cavalos batem nas pedras cobertas de lama.

– A residência do grão-marechal é ali – comenta Zo, baixinho, indicando com a cabeça uma grande casa que se ergue sobre o restante da cidade. Leva um arco preso nas costas, juntamente com uma aljava de flechas. – Devemos circundar para chegar pela direção oposta? – Ela hesita. – Se seu objetivo é não ser detectada?

Eu a encaro surpresa.

Ela sorri, mas é hesitante, como se não tivesse certeza de como vou responder.

– Eu não devia ter notado? – pergunta ela.

Depois da indiferença de Rhen e da austeridade de Grey, é bom ter uma companheira que saiba sorrir... e que não me diga o que

fazer. Retribuo o sorriso.

– Fico feliz que notou.

Passamos pelas ruas da cidade. Poucas pessoas estão na rua, mas os boatos se espalharam até aqui. As pessoas percebem o brasão na minha capa ou na armadura de Zo e se curvam ou fazem uma mesura quando passamos. Vamos até o lado mais distante da casa do grão-marechal, depois amarramos os cavalos no poste de lá. Um muro baixo circunda a construção, formando um pequeno pátio vazio na frente. Os convidados entraram.

Observo o edifício. Está muito silencioso aqui na neve que cai levemente. Velas tremeluzem em todas as janelas, mas não há sons que indiquem perigo. Não tenho ideia de onde Rhen e Grey estão, ou se esse silêncio é significativo ou ameaçador.

O pátio não é grande, e é evidente que estamos sozinhas.

– O grão-marechal deve ter guardas – observa Zo, em voz baixa.

– Estive aqui com o Mestre da Canção no fim do verão. Ele tinha quatro guardas no pátio.

Agora não tem nenhum. Já estive em muitas cidades para saber que isso é incomum.

Fiquei tão preocupada com Lilith torturando Rhen que realmente não pensei no que aconteceria se uma ameaça surgisse em uma das cidades. Muitos de nossos guardas são jovens ou ainda não foram testados – como ficou comprovado pela garota que me acompanhou com tanta ansiedade para uma jornada fora do castelo.

– Deveríamos entrar – digo por fim.

A neve abafa nossos passos. Quando seguimos pelo pátio, percebo que Zo sacou seu arco.

Ela para e sua voz baixa, até se tornar pouco mais do que uma respiração.

– *Milady*. Bem ali.

Há um corpo na neve, escondido no canto sombreado do pátio. Tem a garganta cortada, uma faixa carmesim na neve.

Está usando um uniforme da Guarda Real. Demoro um momento, mas reconheço a cabeleira ruiva. O nome dele é Mave. Está com uma faca fincada no pescoço. A neve se acumulou nas cavidades

do rosto, cobrindo seus olhos.

Minha respiração se acelera. Quase fomos mortos em Porto Silvermoon, e lá tínhamos Grey e Jamison. Hoje eu tenho um punhal e Zo. Está muito frio, e estamos muito sozinhas.

Olho para ela, porém ela está olhando para mim. Eu sou a princesa e estou no comando.

Nunca comandeí nada. Em casa, Jake me diz o que fazer. Em Emberfall, é sempre Rhen ou, ao seu modo, Grey.

Sinto um pouco da responsabilidade que Rhen deve sentir por seu povo. Zo fará o que eu lhe pedir. Ela está arriscando sua vida.

Só consigo pensar em Grey dizendo: *Meu dever é sangrar para que você não sangre.*

– Vamos – digo.

Zo assente e segue como uma sombra ao meu lado. Sua flecha está pronta na corda.

A porta cede quando eu empurro, e por um tempo não ouço nada. A casa está estranhamente silenciosa. A sala da frente está vazia, então passamos pelo corredor central. Um homem ri alto de algum lugar nos fundos da casa, um som longo e estridente. Outros riem com ele.

Então vem a voz de Rhen.

– Grão-marechal, senti falta do seu humor. Meu pai costumava falar sobre a alegria que seu apoio significava para ele.

Ele está vivo. E está rindo. Por um segundo, eu me pergunto se estamos erradas. Eu me pergunto se vou ferrar alguma coisa.

Mas o corpo de Mave está no pátio. Isso não é normal, e Rhen não estaria rindo se soubesse disso.

À nossa esquerda, uma porta se abre e Zo se vira com o arco levantado. Uma criada grita e deixa cair o prato que estava carregando. Talheres tocam o chão de pedra. Pratos de sopa se quebram com o impacto.

De repente, estamos cercados por guardas: nossos, inclusive Grey, e alguns do grão-marechal. Todos de arma em punho. Além deles, outros três homens apareceram no outro extremo do corredor.

Rhen é um deles. Sua expressão é tensa.

– *Milady*. – Ele para. – Pensei que estivesse ocupada hoje.

A criada está agachada no chão, choramingando, com as mãos na cabeça.

– Meus planos mudaram.

Conto mentalmente: sete guardas bloqueiam o corredor, mas apenas três são nossos; dois homens estão com Rhen. Parece que há mais pessoas na sala atrás dele. Estamos em menor número, numa proporção de dois para um, e ainda não tenho ideia de quem pode ter matado Mave. Nada nesta reunião parece certo.

Os olhos de Rhen encontram os meus, depois passam de mim para Zo, que ainda tem uma flecha pronta. Pigarreio antes que ele possa dizer alguma coisa.

– Perdoe meu atraso. Peço desculpas por assustar a criada.

Avanço como se esperasse que os guardas recuassem, e liberando o corredor, e é o que fazem.

O saguão de entrada dá lugar a uma grande sala de jantar, com piso de mármore e, nas paredes, azulejos pintados em dourado e vermelho, as cores de Emberfall. Os guardas se movem para retornar à sala, tomando posições ao longo da parede. No corredor, ouço a criada tentando pegar a louça, apressada. Zo fica ao meu lado, o arco ainda nas mãos, a flecha apontada para o chão.

Rhen olha para mim, mas diz:

– Permita-me apresentar-lhe o grão-marechal de Forja Hutchins e seu senescal.

– Cavalheiros. – Meneio a cabeça, tensa.

O grão-marechal é um homem magro, de constituição esbelta e fina e barba rala. Sua expressão é pensativa e calculista. O senescal é o seu oposto em todos os sentidos: grande, com uma barriga imensa, uma barba espessa que parece untada, e pequenos olhos redondos. Ele é o presunçoso.

Gostaria que Rhen e eu não estivéssemos completamente em desacordo. Pelo menos no meu primeiro dia em Emberfall, eu conhecia seus motivos. Agora *nada* faz sentido.

– Gostaria de falar com você em particular – eu me dirijo a Rhen.

O senescal me dá uma olhada e solta um riso que sacode seu corpo inteiro. Não é um som agradável.

– Vossa alteza, ouvi falar de sua princesa guerreira marcada, mas não sabia que ela era tão... – seus olhos percorrem meu corpo rapidamente – ...pequena. – Ele cutuca o grão-marechal com o cotovelo.

Eles riem juntos, mas Rhen responde:

– Não subestimem a princesa. – Sua voz poderia cortar aço.

A risada do grão-marechal silencia, mas ele não pede desculpa.

– Somos todos amigos aqui. Certamente você pode falar sem restrições, *milady*.

Olho para Rhen, esperando que ele discorde, mas seu olhar ainda é inflexível e ele está mais preocupado com o fato de eu estar entrando de penetra em sua festa.

Tudo isso parece muito precário. Fico atrás de uma cadeira e apoio as mãos nela para não ficar me remexendo de nervoso.

– Onde estão os seus guardas, grão-marechal? Eu esperava ser recebida quando cheguei.

– Parece que você conseguiu chegar aqui sem problemas. – Ele estreita os olhos como se eu ainda fosse engraçada. – Não controlo todos os movimentos dos meus homens. Tenho um exército particular. Ninguém ousaria atacar minha casa.

– Um dos *nossos* guardas está morto no pátio – revelo. – Perdoe-me se não pareço sentir muita segurança na força do seu exército.

A tensão é grande.

– Explique isso – diz Rhen.

Grey sai de perto da parede e fica atrás dele. Ele dá uma ordem em voz baixa a um de nossos guardas próximos da parede, um homem de cabelo loiro chamado Dustan. Ele assente, depois se move para sair da sala.

– Você deve ter se enganado – diz o senescal. Ele ri de novo, mas agora é um som sufocado. – Nim, vá com os guardas deles. Verifique isso.

Um homem que deve ser Nim se afasta da parede para seguir nosso guarda.

Quando Nim passa por mim, começa a sacar sua arma.

Não sei por que, mas isso freia meus pensamentos.

O grão-marechal está me encarando.

– Por que sinto que você está me acusando de alguma coisa, garota?

– Esta *garota* é a princesa de Decê – diz Rhen, com cuidado. Ele também deve sentir o perigo. – Talvez você não esteja ciente.

Os olhos do grão-marechal não se afastam.

– Estou ciente.

– Você convidou o príncipe Rhen para sua casa para algum tipo de negociação – começo a dizer. – Mas, para mim, parece mais uma armadilha.

– Por que Emberfall precisa das minhas tropas se Decê está disposta a oferecer suas forças?

Eu gostaria de poder ordenar que Grey lançasse uma faca nele. Isto é muito mais complicado do que quando enfrentamos os soldados na estalagem. Ergo uma sobrancelha.

– Por que você mataria nosso guarda se seu interesse em negociar fosse genuíno?

– Quem disse que eu matei o seu guarda?

Quando Rhen fala, sua voz é baixa e letal:

– Eu gostaria de receber uma resposta para a pergunta da princesa.

O senescal se inclina para a frente.

– Se o seu homem fosse um verdadeiro integrante da Guarda Real, não teria caído tão facilmente. – Ele tosse e seu corpo treme.

– Suspeito que você não esteja sendo totalmente honesto, vossa alteza.

– Suspeito que *você* não esteja – retruca Rhen.

– Seu pai não precisaria dos meus homens – diz o grão-marechal.

– Você matou o meu guarda?

– Que diferença faz? – O senescal ri. – O que você vai fazer?

– Executar vocês dois por traição – responde Rhen.

– Você e que exército? – Ele bate na mesa.

Sua mão mal atingiu a superfície de madeira e a espada de Grey já está na garganta dele. O riso do homem é interrompido. Ele recua na cadeira. Uma mancha vermelha aparece em seu pescoço.

– Não preciso de nenhum exército para lidar com vocês – afirma

Rhen.

Um dos guardas começa a sacar sua espada. A flecha de Zo voa antes que eu ordene. O eixo passa direto pelo pulso do homem. Ele grita.

Outro guarda saca a espada. Zo tem outra flecha encaixada, mas Rhen interrompe:

– Espere.

Ela espera. Sua respiração está alta ao meu lado.

Os outros guardas também ficam quietos. A tensão passa pelo fio de uma faca nesta sala. Agora, todo mundo tem armas empunhadas, mas ninguém mais atacou.

Barulhos ecoam no corredor atrás de mim, e Zo quase me empurra para o lado. A flecha dela está apontada, mas é nosso guarda Dustan... e ele está arrastando Nim amarrado de volta pelo corredor.

– Mave está morto – afirma Dustan sem fôlego. – E esse aqui é o culpado. Ele quase me pegou.

Rhen dá um passo para trás.

– Isso foi uma emboscada. Mate ambos.

– Não! – grita o grão-marechal. Ele desliza para fora da cadeira e cai de joelhos. – Não o emboscamos. Eu juro. Admito que é suspeito... mas sempre fui leal à coroa.

– Você matou um guarda – grito. – Do que mais chamaria isso?

– Juro que não fui eu! – Sua voz fica mais aguda. – Juro!

O senescal tosse de novo.

– Tenha vergonha, homem. – Depois ele cospe em Rhen.

– Comandante. – Os olhos de Rhen se voltam para Grey.

– Não – diz o grão-marechal. Sua testa toca o chão. – Por favor. Eu juro. Não é traição.

– Espere – digo. Olho para o soldado que Dustan prendeu contra a parede do corredor. – Nim, quem deu a ordem de matar o nosso guarda?

Ele não diz nada.

Dustan dá um soco entre suas omoplatas. O homem tosse e cai de joelhos.

– Eu sirvo ao senescal.

– Dei a ordem para matá-lo! – exclama o senescal.

– Por quê? – Rhen quer saber.

– Para revelar sua fraqueza. – Ele estremece e suspira quando a espada de Grey encontra sua pele novamente. – Para negociar um preço mais alto para soldados qualificados.

Rhen dá um passo adiante e agarra o colarinho do casaco do grão-marechal. Ele põe o homem de joelhos e sua voz é firme e inflexível.

– Então você tentou enganar a coroa para conseguir mais prata?

– Não, vossa alteza. Ele agiu sozinho. – O grão-marechal quase gagueja. – Eu juro... Juro minha lealdade à coroa. Eu ofereceria tudo o que tenho.

Rhen olha para o senescal.

– É verdade? Você agiu sozinho?

– Não precisava de ajuda pra enganá-lo, se é o que está perguntando.

O maxilar de Rhen enrijece. Ele olha para o homem barbudo cujo colarinho ainda está em suas mãos.

– Grão-marechal, pagarei aos seus homens um preço justo por seus serviços. Gostaria de fazer uma contabilidade completa dos impostos que seu pessoal foi condenado a pagar e, se constatar que eles receberam um centavo a mais do que o necessário, eles serão reembolsados pelos seus próprios cofres.

– Sim, sim, vossa alteza. – Ele estremece. – Por favor, tenha piedade do meu senescal, ele tem família. Você se foi há tanto tempo... Perdoe-o...

Rhen olha para Grey.

– Para trás.

Grey abaixa sua arma. O senescal leva uma mão ao pescoço. Sua respiração ainda treme, mas ele solta uma risada enferrujada.

– Você nunca vai conseguir enfrentar Karis Luran. Mal daria conta de enfrentar esta sala. – Ele tosse. – Espero que a criatura retorne ao castelo e mate todos vocês.

– Você tirou a vida de um homem por seu próprio egoísmo e ganância. Procurou minar a mim e à minha guarda pessoal. Você admitiu. – Ele se inclina para a frente. – Isso, senhor, é traição.

– Eu não serei o último.

– Decerto que não, mas você será um exemplo para os que esperam fazer o mesmo. – Rhen dá um passo para trás. – Mate-o, comandante. Deixe o corpo.

Respiro fundo – não sei se para gritar ou protestar ou algo completamente diferente –, mas é tarde demais. A garganta do homem é cortada. Ele cai na cadeira. O sangue escorre.

Ao meu lado, a respiração de Zo é tão rápida quanto a minha. Tapo a boca com as mãos.

Então Rhen surge na minha frente. Seus olhos estão sérios e sua voz é de aço. Ele olha para Zo.

– Belo tiro.

Ela engole em seco.

– Obrigada... obrigada, vossa alteza.

Seu olhar se volta para mim.

– *Milady*.

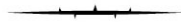
Eu o encaro por sobre minhas mãos. Não sei o que dizer. Não sei o que fazer.

Uma emoção brilha em seus olhos, quase rápida demais para eu perceber, porém percebo. Não é a censura dura que espero. É renúncia. Derrota. Tristeza.

Medo.

Ele deve ver a piedade nos meus olhos em resposta, porque desvia o olhar. Sua expressão está séria. Ele suspira.

– Venha, princesa. Vou acompanhá-la até o seu cavalo.



Voltamos para Ironrose em silêncio, Rhen ao meu lado, com Zo, Dustan e Grey seguindo atrás. Os guardas restantes foram deixados para garantir que o grão-marechal siga as ordens. A tensão faz com que a neve caia como punhais, e o ar frio serpenteia entre nós, lembrando-me da noite no penhasco de Silvermoon. A noite em que quase nos beijamos.

A noite em que tudo desmoronou.

– Você poderia falar alguma coisa? – digo baixinho. – Por favor?

- Você não deseja minha conversa agora, *milady*, eu lhe garanto.
- Sua voz está tensa pela fúria, e seu cavalo balança a cabeça, lutando contra o aperto nas rédeas.
 - Aceito qualquer coisa no lugar de dias em silêncio.
 - Você não devia ter vindo hoje.
 - Talvez eu não tenha entendido direito, porque isso com certeza não parece um agradecimento.
 - Você espera que eu *agradeça*? – A cabeça dele se vira bruscamente. – Você não sabia da trama dele. E se assassinos estivessem esperando nos corredores? E se a sua guarda não fosse boa com o arco? E se eles estivessem trabalhando juntos? Estávamos em menor número. Eles poderiam ter massacrado todos nós.

Não sei o que dizer, por isso não digo nada. Ele tem razão em todos os aspectos.

- O que você fez foi imprudente e tolo – afirma Rhen.
Viro a cabeça e o encaro.
- Eu te *salvei*.
- A trama do homem teria aparecido. Grey poderia tê-lo detido. – Ele respira fundo. – Agora, um homem está morto por ordem minha. Mais uma vez, não trago nada ao meu povo a não ser morte e sofrimento.

Por um instante, sinto a resignação que vislumbrei antes. Estendo a mão para tocar a dele.

- Ele a afasta, tenso agora, com os olhos fixos à frente.
- Você tem sorte por não ter sido o seu corpo o que encontrei no pátio.
- Eu trouxe Zo.
- Você é muito imprudente. Assim como na arena. Age sem pensar.
- Agi na arena para te *proteger*.

Seu maxilar está tenso. Nunca o vi tão nervoso. Está me fazendo ficar com raiva. O que eu disse era a pura verdade: prefiro sentir raiva a encarar um silêncio sem fim.

Penso em seu rompante de emoção no corredor na casa do grão-marechal. Eu me forço a respirar fundo.

– Por favor, me diga o que está acontecendo. – Minhas palavras saem bem baixinho, confinadas a este pequeno espaço que ocupamos, como se até a noite quisesse manter este momento privado. – Sei que é Lilith. Tem que ser Lilith. Você fez uma aliança comigo. Quero que a cumpra. Me conte o que está acontecendo.

Ele puxa o ar. Vejo seu peito largo se expandir. Seus olhos brilham de raiva, um prelúdio seguro de mais fúria. Mas então ele respira fundo e meio que... *esvazia*.

Cavalgamos em silêncio. É como se o ímpeto de briga o tivesse deixado.

– Rhen – sussurro.

– Vou liberá-la do nosso acordo – responde ele em voz baixa. – Não tenho mais nada a oferecer.

Eu me viro e olho para os guardas atrás.

– Afastem-se – peço. – Por favor.

Grey me olha nos olhos, então assente. Eles recuam uns dez metros.

– Não quero que você me libere do nosso acordo – digo. – Eu quero saber o que está acontecendo.

Ele não responde. Não diz nada. Percorremos quilômetros. Por fim, diz:

– Eu me sinto preso, *milady*. – A voz dele está muito baixa. – Jurei uma barganha, mas descobri que não posso convidar você para estar na presença dela novamente.

Inspiro para falar, mas ele se vira para me encarar. Seus olhos passam para a cicatriz na minha bochecha.

Então eu entendo.

– Você acha que ela me machucaria de novo.

Ele concorda com a cabeça.

– Mas ela está machucando você, Rhen.

– Eu já suportei isso por centenas de estações. O que é mais uma?

Sua voz está sombria.

– Ela tortura você todas as noites? – pergunto, sussurrando.

– Ela não faz nada para mim. Ela me mostra o que eu fiz.

– Não entendi.

Ele engole em seco.

– Toda noite, ela vem até mim. Ela me mostra meu povo. Aqueles que morreram. Aqueles que estão morrendo de fome. Aqueles com dor. – Ele pressiona uma mão no abdome. – Ela me mostra a criatura. Ela me mostra a morte das pessoas. A dor delas. O sofrimento delas. Não consigo suportar.

Quero matá-la.

– Rhen, você está tentando salvá-los...

– Estou falhando, Harper. Nem mesmo hoje, eu não tinha nada a oferecer além de morte, dor e medo. – Ele pressiona a mão contra os olhos. – Eu nunca quis tanto que uma estação acabasse. – Sua voz falha e ele respira, estremecendo.

– Você não está matando ninguém – digo com ferocidade. – Está tentando salvá-los.

– Eu os estou matando, *milady*. Um por um.

– *Não* está – insisto. – Mesmo hoje à noite, quando aquele cara estava tentando enganar você oferecendo dinheiro para seus soldados, você não pensou primeiro em si mesmo. Você está preocupado com o fato de eles estarem roubando o pessoal deles também.

– Você não pode me fazer me sentir melhor – diz ele. – Sei o que fiz. Eu vejo o que fiz todas as noites.

– Você está fazendo o que pode – digo para ele. Por alguma razão, penso no meu pai. Nos homens maus que ele levou à nossa família. Ele nos abandonou, mas talvez também pensasse que estava fazendo o melhor que podia.

Rhen afasta a mão do rosto.

– Não sei como liderar meu povo se só vejo meus fracassos.

– Você está liderando – digo com calma. – O grão-marechal jurou lealdade hoje à noite. Você tem um castelo cheio de pessoas que fizeram um juramento a você. Você me disse uma vez que foi criado para governar um país, e é o que está fazendo.

– Por favor – ele diz para mim. – Por favor. *Eu imploro*. Você não entende.

Eu imploro. As palavras partem meu coração, porque não são palavras que ele diria.

– Certo – sussurro. – Certo. Vamos só cavalgar.

Percorremos o restante do caminho até o castelo em silêncio. Ele recupera a compostura quando entrega o cavalo a um menino na estrebaria, depois se vira para me conduzir de volta ao castelo.

Ele para diante da minha porta. A última vez que estive aqui, havíamos acabado de voltar de Silvermoon. Eu estava a um instante de beijá-lo.

Hoje, seus olhos estão repletos de resignação.

– Eu lhe desejo boa-noite, *milady*.

Assim como no pátio em Forja Hutchins, não sei o que fazer, mas sei que preciso ajudá-lo.

– Por que você não entra?

Ele se espanta. Talvez sejam os olhos cansados ou os ombros caídos, mas ele nunca pareceu tão jovem.

– O quê?

– Fique no meu quarto esta noite. Lilith não tem permissão para interferir no seu cortejar, certo?

Ele franze o cenho.

– Me deixe cortejá-lo. – Eu hesito, percebendo a impressão que estou passando. Um rubor aquece minhas bochechas. – Quero dizer, não de verdade. É... Eu só...

– *Milady*. – Ele se endireita. – Não vou botá-la em risco.

– Você me disse uma vez que me daria qualquer coisa que estivesse em seu poder.

Ele suspira.

– Agora você vai me obrigar a cumprir a minha palavra.

– Não estou te obrigando. – Chego mais perto. – Não estou te perseguindo. Não estou te enganando.

Ele não diz nada.

– Estou te convidando – digo baixinho.

Ele hesita, depois assente.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS



RHEN

O quarto de Harper está aquecido pelo fogo crepitante. Há uma bandeja de chá quente, biscoitos e mel sobre a mesa lateral, e esta estação está tão diferente das outras que não sei mais se elas sempre aparecem nesse dia ou se Freya as providenciou.

A porta se fecha com um clique suave atrás de mim. Estamos sozinhos. Juntos.

Isso deveria ser encorajador, porém, diante de tudo o que Lilith me mostrou, não é. Falhei em quebrar essa maldição. Independentemente do que eu fizer nesta estação, prejudiquei meu povo. Provavelmente de forma irreparável.

Harper para no meio da sala e olha para mim.

– Por favor, entre. Você não precisa ficar na porta.

Não estamos nos meus aposentos, mas as janelas estão muito escuras e, depois de dias enfrentando Lilith à noite, sinto-me tenso e nervoso. Vi homens morrerem por ordem de meu pai; contudo, até hoje à noite, ninguém tinha morrido por ordem minha.

– Eu ordenei a morte de um homem, Harper.

– Grey disse que a misericórdia e a bondade podem se tornar fraquezas se levadas longe demais. Se esse cara estava disposto a enganá-lo, qual seria o próximo passo dele? – Ela pausa. – Ele matou um guarda. Mave fez um juramento a você dois dias atrás. O senescal o matou. Por *moedas de prata*.

Estremeço. Ela tem razão, porém, mesmo que a escolha de matar esse homem tenha sido a certa, não repara todos os meus outros fracassos.

Penso na minha família, destroçada pelos corredores do castelo.

Penso nas crianças que o monstro dilacerou na frente dos pais.

Penso nas pessoas que passam fome em Emberfall, aquelas sem acesso a uma cidade, a muros, proteção e trabalho.

– O que Lilith está fazendo com você é *errado* – diz Harper. – Todos nós cometemos erros. Você foi pra cama com ela sem nenhuma intenção de ter um relacionamento. Quem se importa? Você não é o primeiro homem a fazer esse tipo de coisa. E ela não é inocente! Ela te procurou por quem *você* é. – Sua mandíbula está cerrada. – Espero que ela *venha* aqui. Espero que ela venha para esse quarto. Porque eu não ligo para o que tenho que fazer. Vou *acabar* com ela.

Fico parado, de costas para a porta, incapaz de respirar. Tenho pavor de que essas palavras invoquem Lilith neste exato instante.

Entretanto, o ar não muda. Lilith não aparece.

Harper se aproxima.

– Desculpe. Não o convidei para gritar com você. Muito menos agora.

Faço uma careta.

– Pelo contrário. Sua maneira de me defender é bastante inspiradora.

Um rubor ilumina suas bochechas e ela dá um passo para trás.

– Bem, sua maneira de defender todo mundo é bastante inspiradora.

Vou para a janela dela e olho para a escuridão. Os soldados estão na entrada da estrebaria, postos ali por Grey ou Jamison, tenho certeza. À distância, tochas iluminam figuras em pé de sentinela nas torres de guarda na beira da floresta. Esses homens e mulheres juraram me defender... enquanto me escondo no castelo.

– Que defesa. – Olho para Harper. – Estou escondido no seu quarto.

Ela se junta a mim na janela.

– Você concordou em entrar. Por um minuto, eu não tinha certeza de que você faria isso.

Eu também não. Meus olhos pousam na cicatriz na bochecha de Harper. Eu tinha muita certeza de que a ação de Lilith a quebraria. Em vez disso, depois de tantas estações, parece que Lilith me

quebrou.

– Você quer dormir? – A voz de Harper é sincera. – Pode ficar com a cama. – Ela para. – Parece que você não dormiu desde que voltamos de Porto Silvermoon.

– De fato. – Sacudo a cabeça. – Não posso dormir. Ainda não.

– Posso acender mais velas. Você quer jogar baralho? – Sua voz é quase zombeteira, mas consigo ver que a oferta também é sincera. – Atirar flechas pela janela? Dançar?

Levanto uma sobrancelha.

– Você deve realmente estar com pena de mim se está se oferecendo para *dançar*.

Sua expressão perde qualquer traço de humor.

– Eu não tenho pena de você, Rhen. – Ela pausa. – Você tem pena de mim?

– Nunca. Você é a pessoa mais forte que conheço.

– Isso não é verdade. Minha nossa, você conhece Grey. E conhece Lilith.

Balanço um pouco a cabeça.

– É verdade.

Aquele rubor encontra suas bochechas novamente.

– Bem. O mesmo pra você.

Pela primeira vez, quero lhe contar a respeito da criatura. Quero tanto ser honesto com ela que meu peito dói.

Eu mereço essa dor, Harper. Você não sabe o que eu fiz.

– Podemos dançar – ela diz. – Se é isso o que você quer fazer.

Se ela me tocar com algum tipo de gentileza, desmoronarei em seus braços.

Volto para a janela e pouso os dedos ao longo da borda. Minha voz sai áspera.

– Não tem música esta noite.

Ela desanima por um momento, mas então seu rosto se ilumina.

– Espere. Tenho uma ideia.

– *Milady?* – Mas ela já voou para a porta e se inclinou, falando em voz baixa.

Depois de um momento, ela fecha a porta de novo.

– A música está subindo.

– Como é...

– Espere. Você vai ver. – Ela volta para o meu lado, um pouco sem fôlego. Sua voz se suaviza. – Quer tirar a armadura?

Hesito. Estou relutante em remover qualquer coisa. Os eventos dessa noite me deixaram abalado. As visões de Lilith me deixaram arrasado.

Harper segura o protetor de meu braço e eu me afasto.

– Você confia em mim? – ela pergunta, baixinho.

– Sim. – Quando pisco, vejo minha criatura eviscerando uma das primeiras garotas. Imagino o mesmo com Harper e puxo o ar, estremeando. Forço meus olhos a se abrirem. – Eu não confio em mim mesmo.

– Bem, eu confio em você. – Ela segura minha mão. Seus dedos estão quentes contra a minha mão, e eu me desafio a permitir.

Depois de um momento, ela vira meu pulso e começa a mexer nas fivelas.

– Tudo bem?

– Sim. – Minha voz é pouco mais do que um sussurro áspero. Seu toque gentil está me quebrando de uma maneira totalmente diferente.

Cada tira de couro cede lentamente. Nossa respiração está ruidosa no espaço silencioso entre nós, e me pego pensando que gostaria que houvesse mais do que três fivelas. A primeira braçadeira cede e ela a joga em uma cadeira, depois parte para a outra.

O silêncio é quase insuportável. Sua proximidade, sua bondade, o calor suave de seu toque. Eu desejo arrancar a outra braçadeira e pegar o rosto dela em minhas mãos.

Não posso fazer isso. Essa confiança é muito tênue. Para ambos os lados.

– Você é bem talentosa nisso – observo suavemente. – Devia ser escudeira.

– Não entendo direito o que é um escudeiro. – A segunda braçadeira cede, e suas mãos mudam para a fivela do meu cinturão da espada, que passa pelo meu peitoral, e seus dedos hesitam.

Suas bochechas ficam rosadas. Nós dois estamos

completamente vestidos – mais do que isso, considerando minha armadura –, porém de repente parece que ela está me despindo, não me desarmando. Posso quase provar sua respiração.

Então ela diz:

– Eu queria que você tivesse me contado sobre Lilith.

Passei os últimos dias tentando protegê-la, sem perceber que Harper poderia ter me protegido. Não estou acostumado a esse sentimento: uma combinação de gratidão, vulnerabilidade e alívio.

– Eu também gostaria de ter lhe contado.

Harper parece se fortalecer, e seus dedos passam pela fivela.

– Sei que não sou uma princesa de verdade. Mas quando disse que iria ajudá-lo, falei sério.

Concordo com a cabeça. A fivela se solta. O cinturão da espada se liberta.

Seus olhos encontram os meus e ela joga o cinturão em uma cadeira.

– Chega de segredos – diz ela.

Eu tenho um segredo. O maior deles. Que não posso compartilhar.

Que quero muito compartilhar com ela.

Seus dedos pousam na pulseira de couro do meu peitoral e meneio a cabeça, porque não há mais nada que eu possa fazer.

– Chega de segredos – concordo.

– Que bom. – Ela puxa a fivela e a solta na base da minha caixa torácica.

Sou capaz de fazer isso sozinho. Eu deveria detê-la.

Mas não a detenho. Pelo contrário, estendo a mão para tirar aquela mecha de cabelo dos olhos dela. Meus dedos permanecem em seu rosto. O desejo entra em guerra contra o medo enquanto meu polegar traça a linha de sua cicatriz. Imagino o sangue dela na neve. Ela morta no pátio. Assim como as visões que Lilith compartilhou, é real demais. Terrível demais. Harper é tão tola. Tão corajosa.

Ela não se afastou.

Meu polegar acaricia seus lábios e ela respira forte.

Hesito, mais uma vez incerto.

Um violino começa a tocar uma música lenta e triste, e eu me sobressalto. Essa não é uma música que eu já tenha ouvido no castelo.

Harper sorri ao ver minha reação.

– É Zo. Perguntei se ela podia tocar. – Ela fica corada. – Eu me lembro do que você disse em Silvermoon. A respeito de música.

Algo salta em meu peito. Que ela se lembrou, que pensou nisso... é demais. Minha voz está baixa e rouca.

– É um grande presente, *milady*.

Ao meu lado, Harper estende uma mão.

– Me concede esta dança?

Solto o outro lado do peitoral e o jogo na cadeira com as braçadeiras. Sua mão desliza na minha e, de repente, estamos cara a cara, com poucos centímetros de espaço entre nós.

Sua outra mão se levanta, mas eu hesito.

– Não precisamos fazer isso – ela diz. – Eu realmente te trouxe aqui para protegê-lo.

Meu orgulho se retrai.

– Sou *eu* quem deveria estar protegendo você.

– Você tem feito isso há um tempo. Talvez seja a minha vez.

Pego a mão dela e a ponho em meu ombro, depois diminuo o espaço entre nós até que minha mão pare em sua cintura.

Quanto ao segredo que guardo, eu não me importo tanto quanto achei que fosse me importar. Ela está tão tensa quanto no penhasco de Silvermoon. Sorrio, satisfeito.

– Dançar é mesmo tão diferente em Decê?

– A maioria das pessoas não dança. A gente meio que... balança.

– Mostre-me.

Ela se aproxima, soltando minha mão. Seus braços pousam nos meus ombros.

– Você põe as duas mãos na minha cintura.

É o que faço, e ela começa a se mover. Nós nos balançamos, imagino, nossos pés indo de um lado para o outro.

– Incrível – digo. – Que maravilhas ainda temos que aprender com seu povo.

Ela me dá um tapa no braço.

– Não ria da minha cara. Eu te contei que danço muito mal.
– Não estou brincando – digo. – Isto é, de fato... alguma coisa.
– Não é sempre tão tenso assim – explica ela. – Se uma garota gosta do garoto, ela deita a cabeça no ombro dele.
– Esta garota gosta deste garoto? – Minha voz é leve, zombeteira como a dela, mas minha pergunta é sincera.

Seu rubor se aprofunda e seus olhos brilham à luz do fogo. Ela não diz nada, mas depois se aproxima, até seu corpo estar contra o meu e sua cabeça repousar no meu ombro.

A tortura de Lilith não é nada perto disto.

Quando Harper fala, o hálito dela sopra quente contra meu pescoço.

– Tem que existir uma maneira de derrotá-la, Rhen.
– Se existe, ainda não encontrei.
– Você pode ficar comigo a partir de agora – diz ela. – Ou eu posso ficar com você. Tanto faz. Mas você não precisa ficar encarando Lilith sozinho.
– Eu vou ficar essa noite.
– Toda noite.

Não desejo discutir. Chegará uma noite em que ela não vai querer que eu fique com ela. Chegará uma noite em que eu representarei mais perigo para ela do que a própria Lilith.

Roço os lábios na testa de Harper.

– Vou ficar pelo tempo que você quiser.



Uma noite se torna duas.

Duas se tornam sete.

Toda noite, fico acordado na cama de Harper, com um metro de espaço entre nós, sua respiração baixa me provocando com o sono que se recusa a me dominar. Fico em silêncio, tenso; cada estalido do fogo ou rangido do chão pode ser uma visita de Lilith.

Desde que me juntei a Harper no quarto dela, a feiticeira não reapareceu.

Na oitava noite, as necessidades do meu corpo assumem o

controle e um sono profundo me toma. Acordo e descubro que Harper se encostou em mim durante a noite, suave e calorosa ao meu lado, seu cabelo uma selvagem projeção de cachos contra o travesseiro. Fico tentado a tocá-la, acariciar sua pele, mas senti sua hesitação quando meus dedos traçaram seu rosto.

Harper confia em mim. Eu acredito *nela*. E isso parece ser mais monumental do que o amor. Mais precioso. Mais conquistado. Mantenho minhas mãos afastadas.

Harper assumiu o papel de princesa melhor do que eu poderia ter esperado. Ela é compassiva e gentil com todos que conhece, um contraste direto com a família real de Ironrose no passado. Minhas irmãs teriam se trancado no castelo, mas Harper está sempre com meu povo, sempre ouvindo, sempre aprendendo. Determinada a ser independente, ela insiste em treinar com os soldados, jogando-se em suas rotinas sem hesitar. Eles acreditam que ela manca pelo resultado de um ferimento de guerra, mas Harper é rápida em corrigi-los.

– Eu nasci assim – dispara – e eu vou morrer assim, então me ensine a contornar isso.

E eles a amam por causa disso.

À noite, quando os soldados vão descansar, ela procura Grey – ou, agora com mais frequência, Zo. Eles lançam facas até que ela domine seu objetivo. Eles lutam com punhais, com os punhos ou com os dois ao mesmo tempo. Quando seus guardas não estão disponíveis, ela me traz uma aljava e um arco e diz:

– Vamos lá. Me ensine a atirar.

Músculos começaram a se definir em seu corpo, uma guerreira substituindo a garota magra que apareceu na minha sala há muitas semanas. Em algumas noites nos deitamos juntos na cama dela, e ela me conta sobre sua vida em Decê. Eu ouço o quanto ela se importa com o irmão, a profunda preocupação dele com ela – provavelmente tão profunda quanto meus sentimentos de culpa por prendê-la aqui. Soube do romance secreto de Jake com um garoto chamado Noah, da incerteza de Harper sobre esse segredo que seu irmão mantinha guardado dela. Ela me conta sobre a mãe e a doença que assola seu corpo.

Ela me conta sobre o pai e os erros que ele cometeu.

Por sua vez, ela pergunta sobre minha família e, a princípio, reluto em me perder nas lembranças. Conto segredos sobre minhas irmãs, sobre como meu pai nunca foi fiel à minha mãe, como os funcionários do castelo fofocavam sobre nós. Sussurro meus medos de como nunca serei um homem à altura de quem meu pai foi, como esse controle é tênue, como se a qualquer momento pudesse escapar das minhas mãos.

Revelo muito mais do que jamais revelei a qualquer garota.

Um sentimento começou a crescer no meu peito, florescendo tão lentamente que quase nem percebi. Ainda não é amor, porque isso parece muito longe do meu alcance. É mais do que luxúria e atração, no entanto. Algo mais profundo. Algo mais real.

Oficiais aposentados e soldados particulares juntaram-se às nossas forças, dando-me o apoio e a lealdade de que necessito tão desesperadamente. O castelo produz comida para o meu povo: quanto mais tiramos das cozinhas, mais alimento aparece lá. Dois mensageiros chegam em casa, trazendo notícias de que os regimentos estão firmes nas fronteiras do sul e que enviarão metade de suas forças para Ironrose. *Verdadeiros* soldados, e não novos recrutas.

Tudo para salvar um país que em poucas semanas pode não ter um governante.

A transformação se aproxima a cada dia que passa. Uma corrente de preocupação fez sua morada no castelo, enquanto meus súditos esperam o monstro se materializar de novo.

O tempo avança, e a maldição também.

Há semanas tenho esperado o fracasso, que esse plano entre em colapso, que meu povo se volte contra mim e Harper, tomando o castelo. Quando não estou me preocupando com Lilith, me preocupo com um golpe militar ou com os soldados de Karis Luran massacrando meu povo.

A única hora em que não penso nisso é à noite, quando o quarto está escuro, o fogo estala e o mundo parece derreter.

Quando Zo toca música do lado de fora do quarto de Harper, e nós nos balançamos.

CAPÍTULO TRINTA E SETE



HARPER

Rhen sempre acorda antes de mim – e ele costuma se retirar antes de a luz do sol entrar sorrateira pela minha janela. Todas as manhãs, quando enfim estou vestida e alimentada, ele já está acordado há horas, reunindo-se com seus novos generais ou fazendo um balanço do exército crescente. Com o passar das semanas, ele me apresenta aos nobres que cavalgaram até o castelo, porém mal consigo memorizar quem são as pessoas que moram *aqui*.

Rhen, é claro, sabe quem é todo mundo. Alguns são claramente aliados de sua família, enquanto outros devem suspeitar de alguma vulnerabilidade, porque procuram nele informações sobre seu pai, o rei, e tentam me interrogar a respeito de Decê. Depois do que aconteceu em Forja Hutchins, Rhen é mais cauteloso, mas ainda é tão gentil com seu pessoal quanto é comigo no jogo de baralho: cheio de precisão e estratégia. Quando eu me complico com as pessoas, ele diz as coisas certas para elevá-las ou derrubá-las.

Se eu não estivesse deitada ao lado dele à noite, diria que ele nunca dorme. Não acredito que já o considere preguiçoso e arrogante.

Essa noite, Rhen está jantando com Micah Rennells, um homem mais velho que já foi consultor comercial do pai de Rhen. Eu estava preparada para me juntar a ele, mas Rhen me disse que seria uma refeição chata repleta de falsa bajulação e ele tinha certeza de que eu poderia me divertir mais.

Concordo. Zo e eu estamos treinando com espadas sob a orientação de Grey.

Bem, Zo está treinando com a espada. Estou suando em bicas e aprendendo que a espada talvez não seja para mim. Simplesmente não consigo me mover rápido o suficiente. Tenho pouco equilíbrio. Assim como o balé, isto é mais difícil do que deveria ser.

Depois de uma hora, levanto a mão para parar, senão vou vomitar na arena.

– Seja sincera – digo para Zo. – Isso não é pra mim, né?

Ela sorri.

– Podemos tentar de novo amanhã. – Ela ergue um punho.

Eu sorrio e bato o meu punho no dela.

– Leve as lâminas de treinamento para o arsenal – Grey diz para Zo. – Depois dispense Dustan no corredor. Vou escoltar a princesa até seus aposentos.

– Sim, comandante. – Ela faz uma saudação e depois reúne as armas para fazer o que foi solicitado.

Grey, sem dizer nada, me serve um copo de água na mesa, perto da grade. Bebo o copo inteiro de uma só vez.

Ele me olha e estende um punho.

Eu enrubesço e bato meu punho no dele.

– É um cumprimento em Decê.

– Entendi. – Ele enche o copo de novo. – Você e Zo se tornaram amigas.

– Sim – concordo.

Freya se tornou uma espécie de mãe de aluguel, mas Zo está se tornando a amiga que eu sempre quis. Às vezes, tarde da noite, quando Rhen está dormindo e ela está do lado de fora da minha porta, eu me esgueiro para o corredor e fofocamos sobre a postura boba dos guardas ou qualquer pedido frívolo que um nobre possa fazer a Rhen. Ela me conta como sua mãe a forçou a tomar aulas com o Mestre da Canção em Silvermoon para liquidar uma dívida, e faz uma imitação impressionante da arrogância do homem. Faz uma imitação ainda melhor de Grey, que me fez rir tanto que acordamos os filhos de Freya. Temos que rir baixinho porque não quero que Rhen descubra e mande alguém mais chato para vigiar meu quarto, mas suspeito que ele talvez já saiba e não se importe.

Grey está me servindo água como um criado, então eu pego a

jarra e encho um copo para ele.

– Você está satisfeito com o modo como as coisas estão se desenrolando? – pergunto. – Acho que Rhen não esperava esse tipo de resposta.

– Estou satisfeito por você ter encontrado conforto e amizade. Estou satisfeito por nosso povo parecer unido. – Ele hesita. – Não estou satisfeito por nosso tempo estar acabando.

Porque Rhen não quebrou a maldição.

– Sinto muito, Grey – murmuro.

Ele suspira e desvia o olhar.

– Você não deve desculpas a ninguém. Foi trazida para cá contra sua vontade. Você fez mais por nós do que qualquer um poderia esperar.

– Ah, sim – diz a voz de uma mulher nas sombras. – A *Princesa Harper* e sua aliança têm sido uma bênção para o povo de Emberfall.

A tensão toma a minha coluna, mas eu me forço a me virar e encarar Lilith. Ela sai do canto sombreado. O vestido dessa noite é vermelho, um corpete escarlate e profundo que cai em centenas de camadas de seda até o chão, onde desbotam na bainha. Rubis brilham por toda parte, como gotas de sangue espalhadas pelo tecido.

– O que você quer? – questiono.

– Gostaria de saber se você ainda estava tão decidida a voltar para casa – ela retruca. – Pois eu trago uma mensagem.

– Como se eu fosse confiar em uma barganha com você depois do que fez com Rhen.

– O que foi que eu *fiz*? – Ela dá risada, um som bonito e infantil que causa a dor que causaria um atijador de aço através do meu tímpano. – Minha querida, eu apenas mostrei a ele o estado de seu povo.

– Você é terrível – disparo com desdém. – Você é *desprezível*.

Lilith não se afeta. Ela está diante de mim, seus lábios torcidos em um sorriso confuso.

– Você sabe o que eu acho desprezível? – indaga ela. – Um príncipe que teve a oportunidade perfeita para quebrar essa

maldição mais de uma vez, mas fez a escolha errada todas as vezes. Ele poderia ter encerrado tudo no primeiro dia, se tivesse visto o que estava bem à sua frente.

Minha respiração se torna rasa.

– Rhen nunca amaria você.

– Talvez não *agora*. – Lilith toca a cicatriz no meu rosto. – Mas talvez no passado. Você sabia que subornei Grey para ter acesso aos aposentos do príncipe?

Empurro a mão dela para longe. Não acredito em nada do que ela diz.

– Não me toque.

Ela afasta uma mão para me dar um tapa. Vejo o movimento chegando e mal tenho tempo de me preparar para o impacto.

Contudo, Grey dá um passo na minha frente e segura o pulso dela. O punhal dele está encostado no estômago da feiticeira.

– Não estou sob ordem de ninguém aqui – diz ele. – E você não vai atacar a princesa.

Ela arregala os olhos para ele.

– Se essa lâmina cortar minha pele, farei você pagar.

– Essa é a sua maior ameaça? – retruca ele. – Porque realmente não há mais nada que você possa tirar de mim.

Então ele enfia o punhal.

Ela meio que se dobra, mas ele agarra seu braço, mantendo-a na posição vertical. O sangue se derrama na lâmina e se mistura aos rubis.

– Acabe com ela – digo.

– Eu já tentei – Grey responde. – Não consigo.

– E se você arrancar a cabeça dela?

– Ela voltaria a se juntar ao corpo. – Sua voz é sombria.

Lilith sorri, e tem sangue nos dentes. Puxa o punhal do abdome, e o sangue se derrama livremente na frente do vestido enquanto ela cambaleia, ainda mantida de pé pelas garras de Grey.

– Eu não posso ser morta por aço comum. – Ela lança a lâmina ensanguentada no chão. – Não desse lado, garota boba. A magia busca um equilíbrio. Você ainda não sabe disso?

Não consigo decidir se a invulnerabilidade mórbida dela é mais

perturbadora do que o sangue escorrendo pela frente do vestido.

– Vou descobrir um jeito de acabar com você – afirmo. – Não importa como.

Ela ri. Uma mão pressiona seu abdome enquanto ela tosse sangue. O cheiro está no ar, cobre misturado com algo amargo.

– Você? Uma garota estúpida e defeituosa. Você nem me ouviu. Você não perguntou qual é a minha *mensagem*.

– Que *mensagem*?

– Sua mãe. Seu irmão. Tão triste.

Sua mãe. Seu irmão.

Tão triste.

Sinto que fui eu quem levou uma apunhalada na barriga.

– O que aconteceu?

Ela levanta a mão ensanguentada e a pressiona contra a bochecha que cortou.

A arena desaparece. Estou na sala da minha família com Jake. Ele está de joelhos, as mãos cruzadas atrás da cabeça. Uma cicatriz desconhecida corta sua sobancelha, e ele parece um pouco maior, como se estivesse malhando ou ganhando peso.

Não consigo prestar atenção a nada disso porque um homem está em cima dele, segurando uma arma contra a sua cabeça.

– Você teve bastante tempo. – O homem engatilha.

– Minha mãe pode não passar dessa noite. – As palavras de Jake ao mesmo tempo me encham de alívio e terror. – Faz meses que te digo que não sei onde meu pai está.

– Então é melhor encontrá-lo.

– Por favor – implora Jake. – Minha mãe está no quarto. Você não pode ficar aqui. Não podemos...

– Você me ouviu, garoto? Sabe como funciona. Já esperamos o suficiente. Temos nossas ordens.

Então uma voz fraca, de outro lugar, diz:

– Jake? Jake, o que está acontecendo... o que foi?

– Está tudo bem, mãe! – A voz de Jake arrefece. Seu rosto se contorce. – Por favor. Uma noite. Minha mãe. Por favor. Você me deve isso, Barry. Sabe que sim.

Barry inspira, depois expira.

– Você tem até às nove da manhã. É tudo o que posso oferecer. – Ele faz uma pausa e sua voz sai estranhamente amável. – Se não conseguir o dinheiro até lá, vou ter que fazer isso.

– Não tem nada aberto! – Jake se enfurece. – Eu não sei onde meu pai está! O que vamos fazer antes...

– O quê, você acha que conseguiria um empréstimo bancário? – Barry suspira. – É isso aí, garoto. É tudo o que posso te dar. Faça suas preces. Eu vou voltar.

Lilith solta meu rosto. A visão desaparece.

– Tragédia familiar – diz Lilith. – Que peninha.

A raiva floresce no meu peito.

– Grey. Fure ela de novo.

Não espero que Grey obedeça, mas ele obedece. A lâmina dele brilha na luz e se enterra no ombro dela. Ela não grita, mas um pequeno som escapa de seus lábios.

A expressão em seu rosto não é dor, no entanto. É mais parecida com euforia.

– Gostaria muito de visitá-lo hoje à noite, Grey. Mas acho que tenho uma ideia melhor.

Ela é muito perturbada. Meus pensamentos não se organizam.

– O que você quer? – Minha voz falha. – O que você quer pra me mandar pra casa?

– De você? Nada. – Mais uma tossida. – Você sabe por que eu concedi a Grey a capacidade de atravessar para o seu lado?

Mal consigo raciocinar.

– O quê? Eu não... Não tenho ideia.

– Ele não está preso pela maldição. Ele pode sair a qualquer momento, mas não vai. Nem mesmo quando eu lhe dei motivo para isso.

– Ainda não entendo.

– O comandante Grey jamais cede – diz ela. – Nem quando eu descrevi como sua família morreria.

A expressão dele está congelada, seus olhos são como pedras. Ele não fala nada.

– Eu não matei *todos* – conta Lilith. – Você tinha *muitos* irmãos e irmãs. Eu provavelmente fui misericordiosa com sua mãe miserável.

Toda vez que penso que Lilith não pode ficar mais terrível, descubro que estou errada.

– Grey – sussurro. – Sinto muito.

– Eu reneguei a família – diz ele. Sua voz é firme e sombria.

Ele me disse isso uma vez. Nunca pensei o que poderia significar.

– É apenas pela lealdade de Grey que Rhen não precisa atacar seu próprio povo – diz Lilith. Ela sorri para ele. – Eu realmente subestimei você, comandante.

– O erro é seu.

– Mas não foi um erro. Acredito que a sua lealdade vai funcionar a meu favor.

Não compreendo. Estou tão abalada com a imagem de minha mãe e do meu irmão que mal consigo me concentrar no que ela está dizendo agora. Ela continua:

– Vou conceder a Grey a capacidade de atravessar o véu entre os mundos ao seu capricho. Ele pode levá-la de volta para casa a qualquer momento, *princesa*.

– Você... o quê?

– Ele pode levá-la de volta para casa. Você não precisa barganhar nada comigo. A pessoa com quem você deve negociar é Grey.

Com isso, ela desaparece.

Não consigo parar de tremer. Minha mãe está morrendo há meses – a morte dela estava no fim desse túnel antes mesmo de eu chegar a Emberfall. Mas agora é mais do que minha mãe. É Jake.

Encaro Grey. Seus olhos estão fechados.

– Por favor – peço.

– Se eu mandar você para casa, não há chance de a maldição ser quebrada.

Apoio minhas mãos no peito dele.

– Por favor, Grey. Meu irmão não tem ninguém.

– É nossa última estação. Nossa última chance.

Ele tem razão. Eu sei que ele tem razão. Há pessoas dependendo de nós. De mim. Mas não consigo esquecer a voz de meu irmão implorando.

– Por favor, Grey. Por favor.

Ele desvia o olhar. Uma recusa clara.

– Você quebrou seu juramento antes – digo em desespero. – Ela disse que você recebeu um suborno...

Ele vira a cabeça com fúria nos olhos.

– Era uma moeda posta na minha mão por uma mulher que eu vira compartilhar seus afetos no Salão Principal. Fui bobo. Frívolo. Cem outros guardas fizeram isso antes de mim. Eu era jovem, estava cansado e entediado. Então, sim: aceitei a moeda dela e permiti que ela esperasse nos aposentos dele. Em vez de passar a noite sozinho, ele passou a noite com ela. Se você acha que não me arrependo daquele momento a cada minuto de cada uma dessas estações, está bem equivocada.

– Por favor – murmuro.

– Não.

A porta na ponta da arena se abre. Rhen entra com tudo, um pouco sem fôlego.

– Harper! Boas notícias! Um mensageiro chegou com... – Ele para, e tudo o que é positivo se esvai de seu rosto. – Algo aconteceu. Me conte.

Eu abro a boca para contar a ele.

Mas começo a chorar.

Rhen se move diante de mim.

– *Milady*. Por favor...

Eu me afasto dele. Cega pelas lágrimas, corro para longe da arena.

CAPÍTULO TRINTA E OITO



RHEN

Encontro Harper em seus aposentos, chorando com as mãos no rosto enquanto Freya afasta os cabelos dela.

– Por favor, *milady* – Freya está sussurrando. – Por favor, me conte o que aconteceu.

Paro na porta e levanto a mão antes que Grey possa me anunciar. A tristeza em sua postura é muito intensa. Medo e pesar a invadiram muito rápido.

– Freya – digo. – Deixe-nos a sós, por favor.

Freya se levanta e faz uma leve mesura.

– Vossa alteza.

– Não – nega Harper. Sua voz falha e novas lágrimas caem. – Rhen. Vá. Eu não... não consigo lidar com isso agora.

Freya hesita, claramente dividida entre seguir minha ordem e a dela.

– A princesa recebeu notícias perturbadoras a respeito da família dela em Decê – explico.

Harper ri, mas de nervoso.

– Perturbadoras. Sim.

– Deixe-nos – ordeno de novo, e dessa vez meu tom de voz não dá margem para discussão.

Freya faz outra reverência e sai depressa do quarto. A porta se fecha com um forte clique atrás dela.

– *Milady* – digo baixinho.

Harper olha para mim em meio às lágrimas.

– Então Grey te contou?

– Contou. – Atravesso a sala e paro no banco onde ela está

encolhida. Suas bochechas estão coradas e úmidas, e há sangue em sua camisa. – Posso ficar com você?

Ela ignora a pergunta e diz:

– Eu tinha começado a esquecer.

– Esquecer?

– A me esquecer deles. – Ela me encara com olhos atormentados. – Eles começaram a parecer um sonho. Outra vida. Eu estava feliz aqui. E agora... agora sei exatamente como suas vidas estão ruins. Eles vão morrer, Rhen.

– Eu sei. – Eu me acomodo no banco ao lado dela.

– Foram dez segundos e foi horrível. O som, o cheiro... Eu podia sentir o medo de Jake. Não sei como você aguenta por dias a fio.

Afasto o cabelo dela do rosto.

– *Milady*.

– Implorei que Grey me levasse de volta. Ele se recusou. – Ela funda e pressiona a mão no estômago. – O pior é que eu entendo o motivo.

– Entende?

– É claro. Nem sei se *eu* faria isso. É sua última chance. Sou a única que pode quebrar a maldição. Você tem tudo o que está acontecendo com Karis Luran. Eu só... Só...

– Você não me ama.

– Não se trata de amar você. Se trata de amar *eles*.

O quarto é muito quente e escuro e já passamos incontáveis horas aqui, mas essa conversa parece mais íntima do que qualquer outra que já tivemos.

– Você quer proteger sua família.

– Sim. – A voz dela falha. – Provavelmente estou sendo egoísta. Existem *milhares* de pessoas aqui em risco. Lá são dois. E minha mãe já está fazendo hora extra. Mas não há ninguém para ajudar Jake. Ninguém, Rhen.

– Como eu disse, nem sempre somos apresentados às escolhas que queremos, mas mesmo assim as escolhas existem.

– Eu sei. E sei que Grey fez a escolha dele. – Ela pressiona as mãos no rosto. – Mesmo que eu o odeie um pouco agora. – Ela respira de forma instável. – Lilith é muito terrível, Rhen. O caminho

pra casa é *logo ali*, e não tenho como atravessar.

– Sim. – Minha voz é grave. – Ela também sabe que, se prendermos você aqui, você nunca vai me amar e ela vencerá. No entanto, se você voltar para casa, a maldição continuará intacta e ela vencerá.

– Ela vence de qualquer jeito.

– De fato. – Passo um dedo ao longo de seu queixo e levanto o rosto dela. – É por isso que eu ordenei que Grey leve você para casa.

Ela pega meu pulso.

– O quê?

– Ordenei que Grey leve você para casa. – Eu pauso. – Você mencionou algum tipo de problema com os devedores, mas pelo menos é algo que eu posso ajudar, por isso trouxe uma sacola de prata ou joias, se preferir...

Harper se lança do banco e se joga contra mim. Seus braços estão apertados contra as minhas costas, seu rosto pressionado no meu ombro.

– Obrigada – diz ela, arfando. – Muito obrigada!

Ao contrário do nosso momento no corredor da estalagem, não hesito mais em relação à maneira de responder a isso. Meus braços descem por suas costas. Abaixo minha cabeça para falar perto de sua têmpora. Minha garganta está apertada, mas faço as palavras saírem.

– Você reage com muita surpresa toda vez. Eu lhe disse que daria qualquer coisa que estivesse ao meu alcance.

Ela se afasta para olhar para mim.

– Mas... Karis Luran...

– Vai ficar tudo bem – respondo. – Você recebeu uma notícia sobre a saúde em declínio de sua mãe e teve que voltar para Decê. Sabíamos que era algo que poderia acontecer. Nós planejamos isso.

– Vocês se planejam para qualquer coisa.

Não é verdade. Eu não tinha planejado como seria a sensação de deixá-la partir.

Ela tem razão. Lilith é terrível. Não importa o que eu faça, ela

encontra a maneira mais cruel de me torturar a cada momento.

– Sinto muito – sussurra Harper. – Sinto muito por não ter quebrado a maldição.

Eu levanto uma mão para secar as lágrimas de suas bochechas.
Oh, Harper.

Gostaria que ela tivesse. Não por causa da maldição, nem por Karis Luran nem por Emberfall.

Porque eu me apaixonei por *ela*.

– Você está sendo muito bondoso. – Ela se encosta em mim. – Eu não... não sabia que seria tão difícil...

– *Shh* – murmuro. – Você fez mais por mim do que eu poderia ter pedido.

Ela respira fundo e olha para cima, seus olhos escuros me perfurando.

– Vou sentir saudade de você.

Ela está partindo meu coração.

– E eu de você.

– Vou pensar em você o temp...

Eu me inclino e a beijo.

Sou lento e gentil, e é pouco mais do que um selinho a princípio. Uma pergunta, não um comando. Espero que ela hesite, se afaste, mas hoje seus lábios se abrem e suas mãos encontram meu rosto, e então ela está me beijando também.

Eu a puxo contra mim, enroscando uma mão em seus cabelos, perdendo-me na doçura de sua boca e no calor inebriante de seu perfume.

Isso, fico pensando. Não é preciso ter certeza. Isso é certo. Isso é real.

Não quero que este momento termine nunca.

Eu sou terrível. Sou egoísta. Minhas mãos encontram sua cintura. Acaricio a lateral do corpo dela. Meus dedos encontram o laço de seu corpete, noto como sua camisa está presa sob o cinturão do punhal.

As mãos dela deslizam por dentro do meu casaco. Ela puxa minha camisa para fora. Seus dedos roçam a lateral do meu corpo. Esse momento vale uma eternidade de sofrimento. Eu suspiro

enquanto a beijo.

Então ela solta um grito de dor e se afasta de repente.

Ela está olhando para os dedos. O sangue decora a ponta deles. Ela hesita, confusa.

– O quê... Rhen?

Ela está ofegante. Eu também. Nós olhamos para as manchas de sangue.

Então puxo meu casaco para o lado, soltando o resto da minha camisa.

Escamas azuis e verdes, luminescentes e cintilantes à luz do fogo cresceram em minha pele como manchas.

Eu paro de respirar.

Escamas. Não consigo me lembrar de uma vez em que tive escamas. Pelos, com certeza, em todas as cores imagináveis. Pele reptiliana verde e marrom. Ossos expostos. Penas. Nunca escamas.

Toco a lateral do meu tronco, onde o maior pedaço cresceu. As escamas não parecem afiadas, mas são, com bordas semelhantes a facas que cortam a ponta dos meus dedos. Afasto a mão e arquejo. Pequenas faixas de sangue brotam na minha pele.

Inferno. É claro que Lilith ia oferecer uma saída para ela bem nesse dia. *É claro.*

Harper se afasta.

– O que é isso? – ela pergunta baixinho.

Eu não consigo respirar.

– A transformação – digo. Minha voz está grossa, tomada por muitas emoções diferentes.

– Transformação?

Puxo o ar, trêmulo.

– A criatura.

Ela engole em seco.

– O monstro. – Uma pausa para a respiração estremecida dela. – O monstro que vem a cada estação.

Não consigo encontrar os olhos dela, mas preciso. Estão intensos devido à traição.

E ao medo.

O medo me permite sustentar seu olhar. Todos elas acabam

demonstrando medo. Não sei por que pensei que com Harper seria diferente.

– Sim, *milady*. O monstro.

Ela não diz nada. O silêncio entre nós poderia se expandir para preencher o castelo inteiro.

Lembro-me da nossa promessa sussurrada. *Chega de segredos*.

– Então você entende... – digo. – Se você ainda não se apaixonou por mim, não vejo como seu coração mudaria assim que minha transformação ocorresse.

– Você é o monstro? Você matou todas aquelas pessoas?

Minha voz falha quando respondo:

– Por favor. Você precisa entender. – Estico a mão na direção dela.

Ela recua antes de se deixar tocar. Ficamos sentados respirando um na frente do outro, minha traição pesada no espaço entre nós.

– Você vai matá-los de novo – sussurra ela. – O castelo está cheio de gente.

– Eu planejei tudo, *milady*. Meu povo vai ficar a salvo. – Respiro fundo. – *Você* vai ficar a salvo.

Ela passa a língua pelos lábios.

– Rhen.

Há um limite para o que posso aguentar.

Levanto e me viro.

– Você precisa ir.

Espero que ela discorde. Que me chame de volta. Que me detenha antes de chegar à porta.

Ela não faz nada disso.



O comandante Grey não está satisfeito com as minhas ordens.

Ele fica atento no corredor enquanto esperamos Harper se despedir das pessoas de quem ela ficou próxima, mas posso ver a frustração em seus olhos. Se o castelo estivesse tão vazio quanto nas últimas trezentas e vinte e sete estações, ele me desafiaria. Mas não estamos sozinhos agora. A porta do quarto de Freya está

aberta e Harper está abraçando Zo, Freya e as crianças. Um pajem espera próximo, perto da escadaria para o Salão Principal. Os guardas estão na entrada desse corredor.

Mesmo dali, eles provavelmente podem sentir seu descontentamento.

Nossa presença aqui, meu domínio sobre essas pessoas na ausência de meu pai, é baseada em uma hierarquia precária. A insubordinação poderia derrubar tudo, e rapidamente.

Para começar, considero o mau humor de meu pai, sua intolerância, e me pergunto se esse foi o motivo. Quando ele estava no poder, nunca parei para pensar a respeito de onde vinha esse poder. Fico me perguntando se o seu domínio, sua posição, era igualmente precária.

– Você precisa ir logo, comandante – ordeno a Grey. – Deixe a princesa em segurança, mas não se demore.

– Sim, meu senhor.

Sua voz está moderada até, mas parece que ele quer sacar sua espada e me atacar.

Não posso julgá-lo. Essa maldição o prende com tanta eficiência quanto a mim. Mandar Harper para casa remove qualquer esperança.

Grey terá sua chance de me passar ao fio da espada em breve.

Pego um pedaço de papel dobrado do cinto e o ofereço.

– Sua urgência não é pouca coisa. Essa mensagem foi entregue quando você e Harper estavam na arena.

Ele desdobra o papel rapidamente. Sua expressão não se altera enquanto ele lê, e a frustração é substituída por surpresa.

Seus olhos se voltam para os meus, e ele mantém a voz baixa.

– Karis Luran quer se encontrar ao nascer do sol. – Uma pausa, seguida de uma olhada na porta de Freya. Então, ele dá um palpite: – Você não compartilhou essa informação.

– A princesa não pode atrasar seu retorno para casa – digo, consciente dos ouvidos nesse corredor. Minha voz se torna mais baixa. – Mesmo que ela pudesse, não posso garantir a segurança de Harper se ela permanecesse tempo suficiente para se juntar a nós. Podemos convencer Karis Luran a se retirar de Emberfall, ou a

reunião pode levar a uma guerra aberta. Não preciso de Harper fisicamente aqui para falar da aliança de Emberfall com Decê. Muitas pessoas já acreditam nisso, o que faz a aliança parecer real.

– Faço uma pausa. – Mas preciso de você, Grey.

Ele dobra o bilhete e o devolve. Qualquer sinal de desagrado se foi de sua expressão.

– Vou voltar o mais rápido possível.

Harper aparece na porta do quarto de Freya. Seus olhos estão vermelhos e úmidos, mas sua voz é firme. Ela evita meus olhos.

– Estou pronta.

Por um instante, o ar parece hesitar.

Grey quer se recusar a atender minha ordem.

Quero implorar que ela fique.

Harper finalmente olha para mim.

– Queria que você tivesse me contado.

– Veja onde estamos, *milady*. Você sabe agora. Se soubesse antes, sua escolha nesse momento seria diferente?

Isso parece acalmá-la. Estamos todos presos pelas circunstâncias, buscando um caminho para a liberdade. Um caminho que não existe.

– Não. Não seria. – Harper suspira fundo. – Eu não... não queria que terminasse assim. Com mentira. Com traição.

Eu me aproximo dela. Sua respiração acelera, mas ela não se afasta dessa vez. Eu me inclino para sentir seu hálito na minha bochecha uma última vez.

– Não se recorde deste momento, *milady*. Os importantes foram os que vieram antes.

– Rhen – sussurra ela. – Por favor.

Dou um passo para trás.

– Comandante Grey. Leve-a para casa. É uma ordem.

Como sempre, ele obedece.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE



HARPER

O cheiro da cidade me atinge primeiro. O ar frio é cortante, repleto de fumaça de escapamentos e óleo de cozinha, um odor de urina e um bônus de lixo em excesso. Grey e eu chegamos a um beco localizado entre restaurantes e uma farmácia. O céu noturno se estende acima de nós, cheio das mesmas estrelas que vi em Emberfall, mas elas parecem mais distantes aqui, bloqueadas pelas luzes neon que brilham por toda parte.

O som chega a mim logo em seguida. Nunca tinha parado para notar como DC é *barulhenta*, até mesmo no meio da noite. Compressores de ar e neon vibrante e tráfego distante. Até o vento está mais alto, chicoteando pelo beco para levantar meus cachos e se esgueirar para dentro de meu moletom.

A familiaridade chega mais devagar, embora eu reconheça esse beco, a farmácia atrás da qual estamos. Após seis semanas em Emberfall, vestindo calções e coletes ou saias e espartilhos, agora minha blusa e jeans surrados parecem estranhos. As únicas coisas que eu mantive do castelo são as botas e a bolsa de couro simples que está sobre meu ombro, que Rhen encheu com uma bolsinha de moedas de prata, metade das joias de Arabella e cinco barras de ouro. Eu não tenho ideia de quanto tudo isso vale aqui, mas, se não servir para mais nada, vai comprar mais tempo para minha família.

Grey está ao meu lado, completamente anacrônico em suas armas e armaduras, com um painel tremeluzente de comida chinesa atrás dele. Sua expressão é fechada, indecifrável.

Ele disse muito pouco desde que Rhen lhe deu a ordem de me trazer para casa.

Eu me sinto absurdamente culpada. E traída. Não sei mais.
Engulo em seco.

– Estou aqui. – Meus olhos se enchem de lágrimas contra a minha vontade, e passo rápido a mão pelo rosto. – Pode voltar.

– Vou acompanhá-la até deixá-la em segurança em sua casa.

– Você... vai simplesmente andar na rua desse jeito?

Um arrepio passa entre os meus dentes. Passei tanto tempo em mantos de lã e casacos forrados que me esqueci da vida que deixei para trás.

– Vou ficar fora da vista. – Ele desabotoa o manto e o coloca sobre meus ombros. Seus dedos trabalham depressa prendendo a fivela. – Você não está vestida de forma adequada para este tempo, *milady*.

– Aqui eu não sou “*milady*” – corrijo. – Só Harper.

– Você é muito mais que só Harper, não importa o lugar.

– Grey... – Minha voz diminui. Nada do que posso dizer parece o bastante.

Eu o estou condenando. Estou condenando Rhen. Possivelmente estou condenando toda Emberfall.

Fecho os olhos com força.

– Grey... Eu sinto...

– O tempo está acabando e preciso voltar.

– Certo. – Pressiono minhas mãos nas bochechas e respiro fundo. Meus dedos deslizam sobre a suave cicatriz no meu rosto e eu solto as mãos. – Desculpe. Vamos.

Ele adentra a escuridão com tanta eficácia que mal o noto. É como se eu andasse pelas ruas de Washington sozinha, minhas botas fazendo um pequeno som arrastado enquanto meus passos irregulares arranham a calçada. O manto de Grey pesa nos meus ombros.

Cada passo é um lembrete das palavras de Rhen sobre escolhas.

Estou certa de que estou cometendo um erro, mas não posso abandonar Jake à mercê de Barry.

Na esquina da rua D e da Sexta Avenida, eu paro. Meu prédio fica do outro lado da rua. Apenas um apartamento está com a luz acesa.

O da minha família. O meu, embora eu não sinta mais que seja.
Entro na sombra de um toldo de loja e Grey chega ao meu lado. Estamos presos entre duas vitrines, perto o suficiente para eu sentir seu calor.

Aponto do outro lado da rua para a janela iluminada.

– É o apartamento da minha família.

Ele assente.

– Certo.

Eu o encaro. Seus olhos estão frios e escuros.

– Temível Grey – sussurro. – Sinto muito.

Seu semblante estoico cede um pouco. Ele suspira e toca um dedo no meu queixo, depois me dá um sorriso triste.

– Uma princesa não deve pedir desculpas a um...

Eu me lanço para a frente e o abraço. De certa forma, é como abraçar uma parede de tijolos, mas seus braços se aproximam das minhas costas e ele suspira, sua respiração roçando meu cabelo.

De repente, quero que ele me leve de volta a Rhen e Emberfall, para as pessoas que tão rapidamente se alojaram em meu coração.

Aquela única janela iluminada do outro lado da rua me provoca.

Se eu ficar, nunca mais verei Grey. Nunca mais verei Rhen.

Ele se afasta antes que eu esteja pronta, mas seu polegar seca as lágrimas de meu rosto.

– Se dependesse de mim – diz Grey –, eu a teria mantido presa em Emberfall.

– Eu sei. Você acha que não sei disso?

– Sua família sofreria – ele diz sem se abalar. – Você provavelmente teria visto isso acontecer, se Lilith conseguisse o que queria. – Uma pausa. – E você nunca me perdoaria.

Há algo de tranquilizador nessa afirmação. Saber que essa não foi uma escolha fácil para ninguém.

– Vou ficar aqui para ver você chegar em casa – diz ele –, se for o seu desejo. – Ele olha para o outro lado da rua, com a mesma expressão vigilante de quando guardava Rhen.

Eu o imagino caminhando pelo corredor do meu prédio, a espada pendurada ao seu lado. A idosa aposentada no fim do corredor provavelmente daria uma olhada nele e teria um ataque cardíaco.

– Agora não estou em perigo – digo. – Pelo menos acho que não. Minha família tem um prazo até de manhã.

Grey me dá uma olhada. Em seguida, ele solta a braçadeira com a bainha da faca de um de seus antebraços.

– O que você está fazendo? – pergunto.

Ele estende a mão para pegar a minha e depois puxa a manga da blusa de moletom para baixo.

– Não tenho moedas nem joias para deixar com você. – Um esboço de sorriso. – Mas tenho armas.

– Grey. – Engulo em seco. – Essas são suas.

– Tenho outras. – Ele prende as tiras de couro no meu braço, puxando-as o mais apertado possível para ajustá-las, embora ainda estejam um pouco soltas. Então retira a outra braçadeira e faz o mesmo com meu outro braço. Quando termina, puxa minhas mangas para baixo para cobri-las. O peso das facas e do couro pressiona a parte de baixo das minhas mãos, mas é um peso bom. Tranquilizador.

– Muito mais efetivo do que uma barra de ferro – diz ele. Eu corro.

– Eu fui bem.

– Foi mesmo.

Outra lágrima escorre pelo meu rosto.

– Grey.

Ele dá um passo para trás, deixando algum espaço entre nós.

– *Milady*.

Meu coração dispara.

– Espere – digo.

– Recebi ordens de voltar rápido.

– Certo. – Contenho minhas lágrimas, porém depois levanto a mão. – Espere! Espere.

Agora ele suspira.

– Volte – digo rápido. – Você pode voltar?

Nunca vi Grey tão sobressaltado.

– *Milady*?

– Eu preciso... ver minha mãe. Salvar meu irmão. Mas você pode voltar agora, não pode?

Ele está me encarando como se eu estivesse tentando enganá-lo

de alguma forma.

– Vinte e quatro horas – digo. – Você pode voltar em vinte e quatro horas? Bem aqui?

– Com que propósito?

Minha voz vacila. Não tenho muita certeza. Há muita coisa no ar e não sei se vou conseguir salvar minha família. Não sei se vou conseguir quebrar a maldição de Rhen. Mas sei que não posso terminar tudo isso aqui, neste momento.

– Para me levar de volta a Emberfall. – Engulo em seco. – Lilith disse que você pode ir e voltar agora, certo? Por favor, Grey. Só... preciso de tempo para ajudar a minha família. Por favor.

A expressão dele não muda, mas posso vê-lo considerando os diferentes resultados disso.

– Você sabe a verdade – ele fala. – Sabe o que ele vai se tornar. E ainda assim está pedindo para voltar?

– Eu não sei a verdade – murmuro. – Mas quero tentar.

– Meia-noite – diz Grey. – Daqui a um dia. Eu vou esperar nesse local. Quinze minutos. Não mais que isso. – Ele faz uma pausa. – Não vou dar falsas esperanças a ele.

Com surpresa, percebo que ele acredita que eu não vá aparecer.

– Estarei aqui. Esperando.

Ele assente, então seus olhos se voltam para a janela do outro lado da rua.

– Seu tempo está passando, *milady*.

– Eu sei. – Respiro intranquila. – Até amanhã à noite.

Minha voz fica mais alta no final, quase como se fosse uma pergunta.

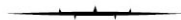
– Sim – diz ele. – Eu vou voltar.

– Pelo bem de Emberfall – digo com esperança.

Isso faz com que ele sorria, uma sombra da verdadeira natureza de Grey espreitando.

– Pelo bem de todos.

Grey dá um passo para trás e, com apenas um brilho no ar, ele se vai.



Paro na frente da minha porta. Estou ausente há semanas, mas tudo neste corredor parece tão familiar que é como se eu tivesse saído ontem. O número está um pouco torto sob a aldrava manchada, exatamente como eu me lembro.

Bato com delicadeza na porta, para não acordar mais ninguém no andar.

O silêncio me responde, uma pulsante falta de som que bate junto com o meu coração. Minhas mãos estão úmidas. Não tenho explicação para onde estive. Nenhuma explicação de onde consegui as moedas e as joias que carrego.

Há uma parte de mim que gostaria de ter deixado a mochila no degrau da frente e depois pedido a Grey para me levar de volta.

Ou que eu tivesse implorado para que ele levasse toda a minha família conosco.

Para onde?, penso. Para a guerra com Syhl Shallow? É mesmo melhor?

E o que você faria com sua mãe, longe de qualquer médico? Longe de suas doses de morfina?

Eu não sei.

Eu não sei.

Sei que vou me afastar se alguém não abrir a porta. Bato de novo, desta vez um pouco mais forte.

Mais silêncio.

Então, do outro lado, um palavrão abafado, e as fechaduras são abertas.

De repente, Jake está na minha frente.

Ele parece mais velho e mais novo do que eu me lembro. Não percebi isso na visão de Lilith. Seu rosto está mais magro, mas ele definitivamente está se exercitando, porque os ombros estão mais largos e o peito estica a camiseta. A barba por fazer toma seu maxilar, e os olhos estão escuros, cansados e chocados.

Ele me puxa com seus braços e me esmaga em um abraço.

– Oh, meu Deus. Harper. Minha nossa!

Ele está chorando.

Eu *nunca* tinha visto Jake chorar.

E não estou vendo agora, porque meu rosto está pressionado no

ombro dele, mas posso senti-lo tremendo contra mim.

– Eu estava tão preocupado – ele está dizendo. – Pensei que eles tivessem pegado você. Pensei que você estivesse morta. Pensei... Pensei...

– Está tudo bem. – Minha voz falha e começo a chorar também. – Está tudo bem. Estou em casa. Estou bem.

Quando digo isso, ele me afasta de seu abraço.

– Você não está bem. Seu rosto, quem fez isso com você? *Onde* você esteve? – Antes que eu possa dizer qualquer coisa, o pânico inunda seus olhos. – Você precisa sair daqui. Eles viram você entrar? Eles voltarão em algumas horas. Harp, é ruim. Eu não... Eu não... – Ele para e passa a mão pelo cabelo. – Onde você estava?

Nem tenho a oportunidade de responder, porque ele está balançando a cabeça depressa.

– Você precisa sair daqui. Precisa se esconder. Estou tentando descobrir como transportar a mãe...

– Não vou me esconder – afirmo.

Minha voz é firme e ele hesita, surpreso.

– Eles nem se importam com o fato de nossa mãe estar morrendo. – A voz de Jake é dura. – Por favor, Harper. Podemos encontrar algum jeito...

– Eu não vou me esconder.

A voz dele muda.

– Eles pegaram você? Você é um aviso? E isso... eles fizeram *isso*?

Os olhos dele estão no meu rosto de novo.

Eu sabia que estava entrando em uma confusão. Eu sabia que meu regresso seria bom, mas doloroso.

Eu não esperava... *isso*.

As armas de Grey pesam nos meus braços.

– Jake – digo com gentileza.

Mais uma vez ele passa as mãos tensas pelo cabelo.

– Temos só até as nove da manhã. Eu não sei...

– Pare! – Tiro a bolsa do meu ombro. – Pare de andar pra lá e pra cá, Jake. Pegue isto. Vamos bolar um plano.

Ele resmunga, contrariado.

– Harper, a menos que você tenha cem mil dólares aí, ou talvez um colete à prova de balas, você precisa encontrar um lugar seguro. Não sei por que voltou *agora*, mas é o pior momento possível.

Eu tinha me esquecido disso. Como eu nunca conseguia resolver nada antes. Como eu sempre era mandada para as salas dos fundos ou deixada de vigia no beco porque nunca tinha nada a oferecer.

Pressiono a bolsa contra o peito dele. O peso bate nele, e as moedas dentro tilintam.

– Pegue – insisto. – Eu trouxe dinheiro.

– O quê? – ele murmura.

– Eu trouxe dinheiro. Quero ver a mãe. – Minha voz quase falha.

– Vou te contar tudo. E então vamos pensar num plano.

CAPÍTULO QUARENTA



RHEN

Apesar das minhas ordens, é como se eu esperasse que o comandante Grey retorne com Harper. Minha imaginação traz a imagem dela chutando e gritando enquanto ele a arrasta impassivelmente para dentro do castelo até a minha porta.

Esses pensamentos são infrutíferos. Eu deveria estar planejando minha discussão com Karis Luran. Falei com meus generais, e soldados foram postos em posição ao redor do castelo.

Ainda há uma chance de salvar as pessoas de Emberfall.

Talvez haja tempo para encontrar outra mulher para quebrar a maldição. O pensamento seria hilário se não houvesse tanto desespero por trás dele. Puxo a rolha de cristal de uma garrafa e sirvo, observando o líquido vermelho encher o copo. Tomo um gole, depois tiro a camisa para me preparar para dormir, movendo-me pelo quarto para jogá-la sobre uma cadeira.

Ali, vejo de relance minha imagem no espelho.

As escamas se espalharam, mesmo no curto espaço de tempo desde que Harper se foi.

Ouçó uma batida forte na minha porta.

Inferno. Pego minha camisa e a visto depressa. Uma sombra brilhante é visível através do laço no meu pescoço, por isso visto o casaco, mexendo às pressas nas tiras de couro para prendê-las.

– Entre – digo.

As portas se escancaram e Grey aparece. Ele está desalinhado e com as bochechas vermelhas de seu tempo fora do território do castelo, e suas braçadeiras sumiram, mas ele voltou ileso.

E sozinho.

– Então aconteceu – constato. – Ela se foi.

Ele assente.

Pego o copo e tomo tudo num só gole.

– Venha. Feche a porta.

Ele hesita por um momento, depois diz:

– Vi que você dobrou o número de soldados que estavam nas margens do terreno do castelo. Em preparação para a chegada de Karis Luran, eu recomendaria que dispuséssemos guardas em...

– Grey.

Meu comandante da guarda fica em silêncio.

– Não quero falar sobre Karis Luran.

Puxo a rolha de cristal da garrafa e sirvo novamente. O copo se enche em redemoinhos vermelhos.

Ele aguarda.

Sem hesitar, sirvo um segundo copo e o ofereço ao comandante Grey.

Ele olha para mim e não faz nenhum movimento para aceitá-lo.

– Não me faça ordenar – digo.

Ele pega o copo.

Eu levanto o meu, como se quisesse fazer um brinde. Ele franze as sobrancelhas, mas faz o mesmo.

– Perdoe-me – digo baixinho. – Eu falhei.

Ele fica muito quieto, solta um suspiro e, para minha surpresa, sorve o conteúdo do copo. Isso o faz tossir.

Levanto a sobrancelha e sorrio.

– Vou te ver no chão em breve?

– É possível. – Ele balança a cabeça e arfa como se estivesse queimando. Sua voz ficou rouca. – Isto não é vinho.

– Não. É rum. De Vale Valkins. Meu pai sempre mantinha um pouco à mão.

– Eu lembro.

– Suponho que sim.

Eu fico tentando imaginar se ele se lembra de que meu pai nunca deixou ninguém tocar nisso, nem mesmo eu. A regra estava tão arraigada em mim que levou muitas estações até eu ousar tentar, mesmo depois que ele morreu.

Sorvo meu próprio copo e levanto a jarra de novo.

– Mais?

Ele hesita, depois ergue o copo.

– Por favor.

Embora ele não pareça muito certo disso.

Dou um sorriso sem graça e sirvo.

– Se eu soubesse que você seria um companheiro disposto a beber, teria oferecido eras atrás.

– Eras atrás eu não estaria disposto. – Ele levanta o copo da mesma maneira como eu fiz um momento antes, então espera que eu espelhe seu movimento. O álcool ainda não fez efeito; seus olhos são claros e diretos. – Você não me deve nenhum pedido de desculpa.

Ele vira esse copo com a velocidade com que virou o primeiro.

Meu sorriso se amplia.

– Você vai mesmo para o chão, comandante. – Indico as cadeiras perto da lareira com a cabeça. – Guarde as armas. Sente-se.

Quando ocupo a cadeira mais próxima da saleta, ele desabotoa o cinturão da espada e se acomoda no assento diante da lareira, deixando a arma no chão ao seu lado. Ele definitivamente não está bêbado ainda, se está mantendo suas armas por perto.

– Mais uma? – indago.

– O nascer do sol não demora, meu senhor. Eu não deveria... – Sua voz fica mais baixa enquanto encho seu copo pela terceira vez.

Grey suspira, mas o pega quando eu o ofereço.

Não espero um brinde desta vez, só sorvo o meu.

– Você se lembra da noite em que Lilith me atacou e você me trouxe aqui, para os meus aposentos?

– Qual das vezes?

De fato.

– No dia em que Harper chegou.

– Lembro.

O álcool está começando a queimar minhas veias, deixando meus pensamentos soltos dentro da cabeça.

– Eu disse que libertaria você do seu juramento se eu falhasse em quebrar a maldição.

A expressão dele fica séria.

– Disse mesmo.

Sei que ele está se lembrando do que perguntei em seguida: se ele me mataria se eu ainda não tivesse quebrado a maldição e se um sinal da transformação iminente se apresentasse.

O fogo se rompe na escuridão silenciosa.

– Eu liberto você de seu juramento, Grey. Depois que nos encontrarmos com Karis Luran, quero que você...

– Não.

– O quê?

Ele vira o copo e toma num gole só, depois o bate na mesa entre as cadeiras com um pouco de força. Ele tosse.

– Eu disse não.

– Grey...

Ele se levanta e puxa seu punhal tão rápido que eu me afasto, certo de que ele o afundará no meu peito aqui e agora. Mas ele vira a lâmina na mão e estende o cabo para mim.

– Use meu punhal, se desejar. Mas não terminarei uma eternidade de serviço destruindo o próprio homem que jurei... – As palavras dele começam a ficar confusas. – Que jurei proteger.

Começo a rir, mas disfarço tossindo.

– Baixe sua arma, antes que se machuque.

Seus olhos se estreitam e ele bate o punhal na mesa lateral. Todas essas batidas – o copo, o punhal – são curiosas, até que ele vai se sentar e quase erra a cadeira.

Dessa vez eu dou uma gargalhada.

– Grey, mal se passaram dez minutos.

– Culpe o seu pai. – Sua voz ainda está rouca, mas, agora que ele está sentado, parece mais estável. – Foi ordem dele que os guardas se mantivessem abastêmios.

– Independentemente dos resultados da minha reunião com Karis Luran, e independentemente de você atender ao meu pedido final, acredito que deve sair daqui quando a reunião estiver concluída, Grey.

– E para onde eu iria?

– Você é um espadachim talentoso. Não teria dificuldade para

encontrar trabalho. Devo escrever uma carta de recomendação?

– Você só pode estar brincando.

– Eu falhei, Grey. Posso beber até me entorpecer e bater os pés com fúria, mas isso não vai mudar as coisas. Harper se foi. Ela não me amava. – Paro. – Eu pensei que talvez ela pudesse... – Deixo minha voz sumir e balanço a cabeça. Então ergo os olhos para encontrar os dele. – Você deveria voltar para ela. Assim que tudo tiver acabado. Detectei uma faísca entre vocês...

Ele desvia os olhos.

– Estou errado? – pergunto. – Ou deixou suas armas com outra pessoa?

– Você não está errado. – Ele hesita, depois fala rápido, tropeçando nas palavras de uma maneira quase cômica. – Quer dizer... Eu nunca agi para... para tirar as atenções dela de você...

– Eu sei.

Ele balança a cabeça uma vez, depois repete o gesto com mais força.

– Falei de forma muito sincera. Essa maldita bebida nublou meus pensamentos.

– A maioria das pessoas gosta disso. – Faço outra pausa. – Então você vai voltar para Harper?

O pensamento me cutuca de uma maneira feia. Quero o melhor para ela. Quero o melhor para ele. Parece apropriado que eles possam se encontrar como parte da minha ruína. Contudo, meu fracasso queima por dentro, muito mais doloroso do que o que Lilith é capaz de fazer.

– Vou – responde ele.

Ele não precisa do punhal. Essa conversa está perfurando meu coração muito bem. Sirvo outro copo.

– Que bom.

– Porque ela me pediu para voltar.

Levanto a cabeça com tudo.

– O quê?

– Foi a última ordem dela antes de eu deixá-la na porta da casa. Que eu voltasse depois que ela tivesse a chance de resolver as coisas com a família. Para trazê-la de volta a Emberfall.

Agora eu gostaria de não ter bebido tanto rum. Meus pensamentos tropeçam e se enrolam na tentativa de acompanhar.

– Quando? Grey... quando?

– Um dia depois. À meia-noite.

Um dia. *Um dia*.

– Tarde demais – digo.

Ele semicerra os olhos, ou pelo menos tenta.

– Por quê?

Qualquer esperança que tinha se acendido em meu peito queimou depressa e se transformou em cinzas. Abro o casaco na altura do peito e puxo a camisa para que ele possa ver as escamas.

Ele não se assusta como eu espero, mas suspira, depois pega seu copo de novo.

– Mudei de ideia. Mais uma, por favor.

Sirvo. Bebemos.

Ficamos em silêncio por mais tempo, até o álcool começar a enviar meus pensamentos à deriva em direção ao sono. A sala está quente, o fogo crepitante, convidativo. Minhas pálpebras tremem. Uma parte de mim queria poder morrer agora, como se fosse uma passagem tão fácil quanto dormir.

Ainda não. Devo muito ao meu povo.

– Eu não me lembro de já ter visto escamas antes – Grey acaba falando.

Meus olhos se abrem.

– Também pensei que são novas.

– São bem adoráveis... – Ele se interrompe e pragueja. – Maldição. Meu senhor... Eu quis dizer...

Dou risada de novo, mas dessa vez de forma lenta. Preguiçosa.

– Você é divertido quando está bêbado. Eu realmente sinto que perdi uma oportunidade.

Sua expressão fica séria.

– Você acha que Harper vai chegar tarde demais? – Uma pausa.
– Posso voltar mais cedo para pegá-la.

– Não. Grey. Se você vai voltar, faça por si mesmo. – Toco as escamas de novo, com delicadeza, de forma que elas não me cortem. – Podemos não ter nem um dia, que dirá dois. – Paro. – Se

não foi amor, Harper viu... uma promessa em mim. Eu não... Não vou permitir que ela veja o monstro que eu me tornarei.

– Não é...– Ele se interrompe e pragueja de novo. – Eu não devia falar abertamente.

– Devia, sim. Eu o libertei do seu juramento. Você me serviu por muito mais tempo do que qualquer homem deveria. Diga o que pensa, Grey.

Ele olha para mim.

– Seu tempo não acabou. Você reuniu seu povo. Você concebeu um plano que eu achei ridículo quando o ouvi pela primeira vez, mas você o realizou.

– Graças, em grande parte, a você.

Ele faz um gesto com a mão.

– Temos guardas. Um exército. Uma reunião com a rainha de Syhl Shallow. Um país cheio de gente para protegernos.

Pego meu copo e o encho de novo.

– De fato.

Ele pega o copo da minha mão e o joga na lareira. O recipiente explode com um estrondo e um chiado, e eu o encaro.

– Você conseguiu essas coisas porque se atreveu a agir como se fosse capaz. – Ele pega seu punhal e o embainha com determinação. – Lilith não venceu. Ainda não. Você ainda não perdeu. Pare de agir como se tivesse perdido.

Ele está muito imponente. Muito tomado de certeza. Não é de admirar que tenha conquistado o respeito de seus guardas tão rapidamente. Sorrio. Inclino a cabeça.

– Sim, meu senhor.

Por um momento, a raiva brilha em seu semblante, mas ele parece decidir que não vale a pena. Então cai sentado em sua cadeira.

– Você é incorrigível. Não faço ideia de como aguentei você por tanto tempo.

Levanto uma sobrancelha, achando o comentário mais divertido do que qualquer outra coisa.

– É o efeito da bebida?

Ele esboça um sorriso malicioso.

– Você me mandou falar o que eu estava pensando.

Sento-me na cadeira. Uma emoção repentina toma conta de mim, engrossando minha garganta e se esgueirando pela névoa da bebida.

– Eu tentei, Grey. – Minha voz quase falha, mas paro. – Eu tentei de verdade.

– Eu sei.

– Não há saída. Você disse uma vez que planejo minhas ações com vinte movimentos de antecedência. Não há movimentos a serem feitos.

– Então talvez seja hora de jogar como um guarda, e não como um rei.

Eu hesito.

– Pare de planejar – diz ele. – Espere que elas façam seus movimentos. Lilith, Karis Luran. Você teve muitas estações para viver, planejar e criar estratégias.

Ele tira seu baralho de cartas da bolsa do cinto e as vira entre os dedos para embaralhar. Os olhos dele encontram os meus.

– Talvez agora seja a hora de você agir sem pensar.

CAPÍTULO QUARENTA E UM



HARPER

Minha mãe está dormindo há horas.

Agora está perto das cinco da manhã, e estou deitada, encolhida, na cama ao lado dela, ouvindo o barulho de seu tanque de oxigênio. Ela cheira a doença. Tinha me esquecido disso.

Quanto mais tempo fico aqui ouvindo sua respiração tranquila, mais temo que seja tarde demais, que ela vá morrer comigo aqui mesmo, sem eu ter a chance de dizer nada a ela.

– Harp – Jake chama baixinho da porta.

Eu mal levanto o rosto do travesseiro para responder.

– O quê?

– Você está aqui há horas.

– Estou esperando ela acordar.

– Às vezes... ela não acorda. – Uma pausa. – Você precisa... nós precisamos... – Sua voz diminui.

Eu sei do que ele precisa. O que ele quer. Uma explicação. Esfrego meus olhos cansados. As braçadeiras ainda estão presas em meus antebraços sob o moletom, e eu as percebo toda vez que me movo.

– Vou esperar – digo a Jake. – Quero que ela saiba que estou aqui.

Ele entra no quarto e cai na poltrona ao lado da cama dela. Suas bochechas estão coradas e seus olhos, vermelhos. Parece que a vida o jogou contra a parede algumas dezenas de vezes, e sem intenção de parar. Ele mudou muito nas semanas em que estive ausente. Seus olhos estão mais sérios do que me lembro. Mais cautelosos. Quero abraçá-lo envolvendo o pescoço dele e implorar

para que volte a ser o doce irmão que eu tenho na memória.

– Ela perguntou muito de você. – Ele funga, como se estivesse puxando as lágrimas de volta. – Eu não contei que você estava desaparecida. Li que perder um filho pode acelerar a morte num paciente terminal, e eu não... não poderia... – Sua voz falha e ele aperta a ponta do nariz. – Harper, onde você estava? Como conseguiu tudo o que está na bolsa?

A pergunta não é emocional como o restante das suas palavras. Sua voz está afiada. Quase desconfiada.

– Não sei como explicar.

Preparei uma explicação sobre ser sequestrada e fugir com a bolsa, mas não quero mentir para ele. Não assim, à beira do leito de morte da minha mãe.

– Harper, preciso te perguntar uma coisa.

Minha mãe se mexe e respira fundo. Eu congelo, esperando, torcendo para que ela acorde.

Ela não acorda.

Olho para Jake.

– Pergunte.

– Você... está trabalhando com eles? – Seus olhos, escuros e estreitos como os meus, se fixam no meu rosto. Ele nunca foi cuidadoso comigo. – Isto é algum tipo de armadilha?

– O quê!? – exclamo. – Não! – Quero bater nele. – Voltei pra te *ajudar*.

– Sim, bem, você sumiu durante várias semanas e apareceu no último dia em que podemos fazer alguma coisa para sobreviver. Parece tudo um pouco... – Ele respira fundo, mas seus olhos ainda estão duros. – Conveniente.

– Tudo bem – rebato. – Fui sequestrada por um príncipe de conto de fadas. Ele me transformou numa princesa. Ele foi amaldiçoado por uma feiticeira do mal. Eu tive a opção de ajudá-lo a quebrar a maldição ou voltar aqui...

– Nossa mãe está morrendo e você vai fazer piada? Que merda, qual é o seu problema? – Ele se levanta e para à minha frente. – Onde você *esteve*, Harper?

– Você não acreditaria.

Ele se inclina para mais perto. Para minha surpresa, suas mãos se fecham em punhos. Os tendões de seus antebraços se destacam.

– Tente.

Ele seria intimidador, mas é meu irmão mais velho e sempre foi meu protetor. Além disso, lutei contra o temível Grey e metade dos soldados do novo exército de Rhen, e Jake não chega aos pés deles.

– O que você vai fazer? – pergunto. – Bater em mim como todo mundo em quem você tem batido por Lawrence?

Ele pula para trás, com os olhos arregalados.

– O quê? Como você...?

– Jake? – As pálpebras da minha mãe tremem. Sua voz é suave como um sussurro. – Jake, qual é o problema?

Sua garganta treme quando ele engole toda a sua raiva.

– Mãe. – Sua voz sai áspera e baixa. – Desculpe.

Ela gira a cabeça lentamente.

– Oh! Harper. Você... está aqui. – A voz dela está muito fraca. Mal posso ouvi-la.

Quando me dou conta, estou chorando de novo.

– Estou aqui, mãe.

Os olhos dela se fecham.

– Eu estive... pensando em você... tanto. Você sentiu?

– Senti – engasgo. – Senti.

– Estou tão orgulhosa de você. Você esteve... trabalhando tanto.

Paro de respirar.

– Mãe?

– Nem sempre o que ela fala faz sentido – sussurra Jake, tão baixinho que é quase inaudível.

– É tão bom... ver vocês dois... juntos – diz ela. – Sempre... sempre cuidem um do outro.

– Vamos cuidar. – Eu levanto sua mão fina e beijo seu pulso.

Seus olhos tremulam e ela olha para mim.

– Eu estou feliz por você estar aqui. Estou esperando há tanto tempo. – Uma longa pausa. Tão longa que acho que ela adormeceu.

– Eu amo tanto vocês dois.

– Também te amo, mãe.

Estou esperando há tanto tempo para estar com ela, e agora estou aqui, e o tempo está se esgotando. Foi horrível vê-la sofrer, mas, agora que estou aqui, quero mais tempo.

– Eu também amo você – diz Jake.

Ele não está mais com um ar ameaçador. Seu rosto está cansado e pálido.

Minha mãe respira fundo outra vez.

E então ela não respira mais.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS



RHEN

Karis Luran viaja com alguns guardas e criados. Sua comitiva é quase inexistente.

Grey e eu ficamos diante de uma janela e assistimos à sua carruagem chacoalhar no pátio. Quatro guardas, dois na frente e dois atrás. Eles usam armaduras pretas enfeitadas em verde e preto, com um escudo de aço escondendo metade de seus rostos. Carregam floretes, espadas mais leves preferidas no norte. São armas ágeis, cruéis e mortais. Os guardas dela também são assim.

O veículo de transporte está coberto por uma seda verde, os cavalos enfeitados com sinos de prata que tilintam ao longo do arreio. As janelas da carruagem estão bloqueadas com um material branco transparente que ondula com a brisa. Não podemos ver o que há dentro, mas Karis Luran certamente pode ver o lado de fora. Meus próprios soldados alinham-se no pátio, mas vários deles são novos. Não testados. Muito do sucesso de hoje depende das ações de outras pessoas.

Embora... suponho que sempre tenha sido assim. Até para o meu pai. Eu nunca havia entendido de verdade.

– Só quatro guardas – Grey fala para mim com a voz baixa. – Seria para demonstrar fraqueza?

– Não. – Indico a carruagem parando diante do castelo. – Ela acredita que não tem nada a temer.

Meu plano original era fazer com que ela e sua comitiva esperassem por mim no Salão Principal. Uma pequena demonstração de superioridade. Algo que meu pai teria feito.

Contudo, se ela chegou com uma pequena equipe de viagem, já

dispensou a carta da superioridade.

De fato, devo agir antes de pensar.

– Venha – digo para Grey. – Temos que encontrá-la.

Não consigo controlar qual música será tocada no Salão Principal, que comida será servida nas mesas, mas hoje a melodia é leve e animada, a harpa e a flauta tocam uma música baixa ideal para soar ao fundo em uma reunião matinal. As damas do castelo se esforçaram para tornar as coisas mais festivas. Pela primeira vez, cascatas de cores do outono estão penduradas nas vigas e adornam as mesas de verdes-escuros e marrons enferrujados e um dourado discreto. O longo tapete que leva até a escadaria foi trocado por um mais novo, enfeitado com tons vibrantes de dourado e vermelho. Enquanto passo, os guardas que colocamos na base da escadaria se movem para seguir. Grey sinaliza para que eles fiquem na posição.

Se ela pode entrar no meu castelo com quatro guardas, posso encará-la com um só.

Meu coração bate dentro do meu peito como um animal acorrentado que quer escapar. Não tenho mais nada para viver, mas meu povo tem. Essa é minha última chance de protegê-los.

Os guardas na porta se movem para abri-la quando me aproximo. À medida que a madeira range, quero pedir para que esperem.

Como sempre, desejo implorar por mais tempo.

Oh, Harper. Meia-noite. Acho que não será breve o bastante.

Sei que não será. As escamas sob minhas roupas fisgam e repuxam o tecido.

As portas se abrem. O ar frio de outono entra no Salão Principal.

Karis Luran está de pé sobre o mármore do lado de fora, vestida com roupas de seda verde e marfim que se estendem pelo chão atrás dela. Uma faixa de prata está encostada na testa, brilhando à luz da manhã, desaparecendo sob uma cabeleira vermelho-sangue. Ela não é bonita, contudo é impressionante. Seus olhos são dourados, o que implicaria algum tipo de calor, mas não há bondade em seu olhar. Ela prende a atenção de todos na sala imediatamente. Eis uma mulher que pode ordenar que seu exército abata pessoas às centenas, e que já *ordenou*.

Os quatro guardas formam um quadrado ao redor dela. Eles são todos compatíveis com sua altura, embora nenhum seja muito alto. Também são mais magros, embora estejam cobertos de armaduras. A estreita faixa de aço que cobre a metade inferior de seus rostos os torna todos andróginos, o que de alguma forma é mais intimidador.

Um jogo mental. Sei disso. E sou *melhor* que isso.

Faço uma reverência.

– Karis Luran – começo de forma calorosa. – Bem-vinda a Emberfall.

Ela me olha nos olhos, depois desvia o olhar com desdém. Quando fala, sua voz é acentuada, mas as palavras soam perfeitamente claras:

– Vá buscar seu pai, garoto.

Cada palavra é um insulto de uma maneira diferente.

Buscar.

Seu pai.

Garoto.

Emberfall tem estado sob o meu comando de forma efetiva desde que a transformação começou e eu matei minha família. Apesar de toda a tragédia que se desenrolou, algo de bom também aconteceu. Essas mudanças aconteceram bem aqui no Salão Principal comigo, estão de pé atrás de mim, prontas para lutar, se necessário. Marquei reuniões com nobres. Líderes da cidade. Quando eu cair – e eu *vou* cair, seja pelas mãos de Grey ou pelas minhas –, Emberfall não estará perdida. Meu exército é pequeno, mas está disposto a lutar. Pela primeira vez na vida, sinto um pouco de orgulho de quem sou e do que criei.

Karis Luran quase apaga essa centelha com uma frase.

Luto para manter minha compostura. A transformação ferve, não muito longe, e manter minha raiva sob controle é mais difícil do que deveria ser. Respiro lentamente.

– Fui eu que a convoquei. Você vai se reunir comigo.

– Ninguém me convoca.

Ela não fala com raiva. É uma declaração simples.

Atrás de mim, a música calma da harpa se aproxima. O comandante Grey é uma sombra no meu ombro.

– Eu convoquei – afirmo, meu tom tão declarativo quanto o dela.
– E aqui está você.

Sua expressão fica tensa por uma fração de segundo.

– Vou falar com o rei. E com mais ninguém.

– Você vai se reunir comigo ou retornará a Syhl Shallow. Meu exército ficará feliz em acompanhar suas forças até a fronteira.

O olhar dela é impassível.

– Onde está seu pai?

– Ele manda lembranças.

– Onde ele está?

Quero declarar que ela não tem o direito de exigir respostas de mim, mas preciso que esta reunião termine em algo que não seja uma guerra declarada.

– Ele está em visita oficial ao rei de Decê. Estão negociando nossa aliança. – Cada palavra é equilibrada e medida, mas essa conversa parece mais violenta do que cruzar espadas. – Seus soldados quase mataram a princesa Harper há algumas semanas. O pai dela está ansioso para mandar suas forças para Emberfall.

– Não conheço esse país chamado Decê.

– O que é uma lástima para você, tenho certeza. – Faço uma pausa, e uma tensão forte cai entre nós, rodopiando com a brisa que serpenteia pela porta aberta. – Gostaria de discutir o que essa aliança significa para o meu país? – Paro mais uma vez. – E para o seu?

– Em Syhl Shallow, se alguém mente para mim, eu arranco a língua da pessoa e a obrigo a comê-la.

Atrás dela, um de seus guardas desembainha uma lâmina e a segura com as duas mãos. Uma ameaça. E bem clara.

À minha direita, Grey não se mexe, mas sua atenção se aguça. Ele não sacará uma arma se não for absolutamente necessário. Espero que os guardas dele sejam pacientes assim.

– Fascinante. Conte-me, Karis, você faz com que seu chef cozinhe antes...

– Você não me abordará de maneira tão ordinária. – Os olhos dela ficam sombrios. – E não vai me ridicularizar.

– Você me chamou de “garoto”. Pensei que desejasse mais

informalidade.

– Sou a rainha de Syhl Shallow. Você vai entender qual é o seu lugar.

– Sou o príncipe herdeiro de Emberfall. – Recuso-me a permitir que um pouco de raiva transpareça em minha voz. – Você vai entender qual é o seu.

– Oh, eu sei. – Seus lábios se curvam no que poderia ser chamado de sorriso se houvesse alguma gentileza por trás. – Meus espiões me alertaram desse tal de Decê. Da sua aliança. Ouvi falar da princesa Harper e dos soldados que ela promete trazer. A invasão que essa princesa aleijada espera subverter.

– Você não falará mal da princesa.

Karis Luran continua como se eu não tivesse dito nada.

– Ouvi relatos de seu exército crescente, a maneira como seu retorno a Emberfall reuniu o povo.

– Fico feliz por ter retornado de Decê com boas notícias para meus súditos.

A voz dela se torna mais baixa.

– Meus espiões não viram soldados de Decê. Não viram emissários. Nenhum criado para a sua suposta “princesa”. – Uma pausa, então ela olha ao redor. – Nem mesmo uma princesa para ficar ao seu lado. Vou perguntar de novo, garoto. Onde está seu pai?

Estou perdendo essa conversa. Estou fracassando. De novo.

– Eu respondi à sua pergunta.

– Suspeito que você não esteja falando a verdade. Não vou perguntar pela terceira vez.

– Convidei você aqui para discutir uma maneira de impedir que seus soldados sejam expulsos do meu país pela força. Eu carrego o selo do rei. Minha palavra é verdade. Está me dizendo que prefere permitir que seu povo morra a falar comigo?

– Você acredita que poderá expulsar meus soldados das suas terras? Convido-o a tentar.

– Você é arrogante a ponto de arriscar a vida dos seus súditos?

– Não. Você que é. – Ela faz uma pausa. – Faça seu povo fugir para Decê, se acredita que o rei de lá os receberá de braços

abertos. Suspeito que eles descobrirão que você lhes fez uma promessa vazia. – Os olhos dela não deixam os meus. – Suspeito que vão descobrir que o rei está morto e que seu príncipe está pendurado em seu trono por pouco mais que esperanças e truques.

Atrás de mim, um dos guardas respira ruidosamente. Talvez mais de um. Não sei se é um suspiro de defesa ou traição, mas é uma clara quebra de decoro e não passa despercebida.

Karis Luran sorri.

– Você fez um belo trabalho criando uma ilusão. Devo admitir que me impressionou, garoto.

Eu a encaro. Ela adivinhou tudo com muita precisão.

– O que será necessário para que você retire suas forças do meu país?

– Não há nada que você possa me oferecer que eu não possa conseguir por conta própria. – Uma pausa. – Não sou uma monarca sem coração. Vou permitir que você avise seu povo com uma semana de antecedência para fugir das suas terras. – Aquele sorriso cruel de novo. – Isso deve lhes dar tempo de sobra para alcançar a mítica Decê.

Dou um passo à frente, sem conseguir me conter. Não sei se é a transformação iminente ou a minha própria fúria dirigindo meus passos, mas os guardas dela sacam suas armas. Estranhamente, fazem isso ao mesmo tempo.

Grey desembainha a espada.

Karis Luran levanta uma mão. Todos eles param.

Nada enfatiza mais o comentário dela me chamando de “garoto” do que este momento.

– Eu vou detê-la – rebato.

– Pode tentar. – A expressão dela não muda. – Fiquei surpresa quando seu pai parou de pagar o imposto, sabe? É por isso que eu sei que isso é uma farsa.

Fico tenso.

Eu não sabia de nenhum imposto. Muito menos sobre um imposto pago a um país como Syhl Shallow.

Karis Luran continua:

– No começo, fiquei confusa. Foi um ato de agressão? Um

precursor da guerra? Seu pai conhecia as penalidades por falta de pagamento. Quando as fronteiras foram fechadas, eu tive mais certeza. Porém, quando meus espiões começaram a relatar que ninguém estava sendo admitido na corte, fiquei desconfiada. Então começaram a surgir rumores de uma criatura monstruosa que atacava Emberfall. Meses se passaram, depois anos. Ninguém via o rei há tempos. Ninguém via a família real. Dizia-se que o rei havia fugido das terras e governava de longe. Então, enviei um regimento de soldados para tomar conta de uma pequena cidade. Para ver qual seria a resposta. Você sabe o que eles descobriram?

Eles descobriram que minhas cidades estavam sem defesas.

Eu tinha perdido antes mesmo de começar.

– Por que meu pai lhe pagava um imposto? – pergunto.

– Você vai ter que perguntar a ele. – Os olhos dela brilham ameaçadores. – Se puder.

– Se ele não estiver mais pagando, que mal haveria em admitir o motivo?

– Não preciso mais falar com você, garoto.

– Se tem tanta certeza de que meu pai está morto – respondo –, você deve se dirigir a mim com o respeito devido ao rei de Emberfall.

Ela dá risada e se vira.

– Quanta certeza tem de que é o verdadeiro herdeiro do trono de Emberfall. De todas as pessoas, você deveria conhecer as inclinações de seu pai. Do fato de se envolver com muitas mulheres. Quando seu avô não permitiu que ele se casasse com aquela feiticeira, você acredita realmente que ele permitiu que a levassem ao matadouro?

– Ela foi morta – digo. – Há registros...

– Há mesmo. Há registros do primeiro casamento dele também. – Os olhos dela se estreitam. – Onde você acha que ele se casou? Onde você acha que o casamento foi consumado? Havia um herdeiro masculino. Seu avô ordenou que ele fosse morto também, mas seu pai tentou mandá-lo para mim. Eu recusei. Uma criança mestiça? Em Syhl Shallow? Nunca. Eu vi o tormento pelo qual seu pai passou. A ganância de seu avô permitiu que essas pessoas

procriassem em suas terras, e veja para onde isso o levou.

E veja para onde isso *me* levou. Estou inerte. Nada nessa reunião saiu do jeito que eu queria.

Como sempre nessa estação, nunca há *tempo* suficiente.

Eu a sigo para fora do castelo.

– Que criança? Onde ela está agora?

– De que importa? – Ela se vira com outro sorriso de lábios contraídos. – Quer saber? Você perdeu seu país, garoto. Importa quem é o verdadeiro herdeiro do trono de seu pai? – Ela entra na carruagem e depois impede o criado de fechar a porta. – Quando você fugir, siga para o norte. Eu daria a você uma posição entre os funcionários do meu castelo. Acredito que minhas damas desfrutariam de um novo brinquedinho.

– Não vou fugir. – Pronuncio as palavras entre dentes cerrados.

– Então vou pegar à força.

– Você não tomará Emberfall facilmente.

– Não – diz ela, e o humor escapa de sua voz. – Vidas serão perdidas dos dois lados. Independentemente de você ser o verdadeiro herdeiro do trono, há uma diferença fundamental entre suas ações e as de um governante. Você sabe como reunir seu povo. Você construiu uma força para ficar contra mim. Mas você não sabe que perdeu. *Eles* não sabem que perderam. Uma coisa é formar seu pessoal. Outra bem diferente é mantê-los unidos.

Com isso, ela bate a porta.

Quero ordenar que meus soldados os detenham. Que botem fogo nessa carruagem e destruam seus guardas.

Mas qualquer coisa que eu fizer apenas apressará a guerra. Especialmente se houver espiões entre nós.

– Ela pode estar provocando, meu senhor – Grey fala em voz baixa.

– É claro que ela está provocando. – Observo a carruagem saltar ao longo dos paralelepípedos. – Está funcionando.

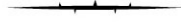
Eu suspiro. Como na noite passada na minha saleta com Grey, não tenho ideia de como avançar daqui.

Fugir.

Lutar.

Não sei o que fazer. Não sei o que dizer ao meu pessoal.

Depois do que Karis Luran acabou de dizer, nem sei se sou a pessoa certa para dizer alguma coisa.



Ao anoitecer, sento-me sozinho na sala de estratégia de meu pai. Fiquei olhando os mapas de Emberfall o dia todo, imaginando se há alguma maneira possível de organizar meu escasso exército em uma formação que resistirá a uma força de Syhl Shallow.

Harper chamou isso de jogo, certa vez, e ela tinha razão. De certa forma é um jogo.

Um jogo que estou fadado a perder. Karis Luran detém a maioria das peças.

– Você parece incomodado, príncipe Rhen.

Lilith fala comigo das sombras.

Não olho para ela.

– Não deveria me surpreender que você me encontrasse agora.

– Você esteve ocupado demais para falar comigo. – Seu tom de voz me diz que ela está fazendo beicinho.

Eu a ignoro. A ideia de Harper de atrair soldados para a passagem da montanha foi boa, uma maneira fácil de diminuir suas fileiras e eliminá-las com mais eficiência. Se Karis Luran ainda não enviou a maior parte de seu exército pela passagem, isso seria possível. Seus soldados lutariam. Pessoas morreriam. Entretanto, se meu exército pudesse sobreviver por tempo suficiente para lançar uma segunda onda, poderíamos eliminar suas forças enquanto tentassem passar pela passagem.

Eu poderia levar metade do meu exército à morte na esperança de parar Karis Luran.

E para quê? Provavelmente serei um monstro em questão de horas.

Mãos delicadas pousam por trás dos meus ombros, acariciando.

– Muito perturbado.

Eu giro e bato em suas mãos para afastá-las.

– Você não vai me tocar de novo. Harper se foi. Eu falhei.

Ela se afasta como se tivesse a intenção de ter me soltado desde o princípio.

– Achei sua reunião com Karis Luran bastante divertida. Quem diria que o gosto de seu pai por mulheres aleatórias poderia ter deixado um herdeiro definhando em algum lugar do seu reino? – Ela põe um dedo sobre os lábios. – Um mestiço! Devo admitir que a ideia de um parente esquecido em algum lugar de Emberfall quase me faz querer salvar seu pobre país. Embora provavelmente fosse infrutífero. O pobre homem provavelmente não tem ideia do que é. E, de fato, impedir um exército invasor parece bem chato.

Detesto o fato de o comentário dela me incomodar tanto.

– Vá embora.

– Mas estou com sua coleira pronta, príncipe Rhen. Gostaria de vê-la?

Coleira. A palavra enrola na minha garganta e se retrai.

– Não.

Nesse momento, percebo o que tenho que fazer. Karis Luran estava certa: eu reuni meu povo. Existe apenas uma maneira de mantê-lo unido.

Eu me afasto de Lilith e caminho em direção à porta.

Ela me segue.

– Eu deveria visitar Karis Luran para um papinho, só para ter certeza de que não estou entendendo mal. Trarei você em grilhões para garantir que ela chegue com informações.

Grey está esperando do lado de fora e parece alarmado quando vê Lilith me seguindo.

– Ignore-a – digo para ele, e continuo andando.

Eu me dirijo para a escadaria.

Ela me segue. Assim como Grey.

Passo reto pelo terceiro andar e sigo na direção das escadas de pedra que levam à passarela da torre no topo do castelo. Um guarda está lá: um vigia. O nome dele é Leylan. Eu ordeno que ele se afaste.

Ele hesita, depois olha para Lilith e Grey com curiosidade.

– Eu dei uma ordem – digo. – Afaste-se.

Ele obedece. Estamos sozinhos no topo do castelo, de pé sob as estrelas. A lua brilha e ilumina minhas terras. O ar está frio, prometendo o inverno em breve.

Pela primeira vez em trezentas e vinte e sete estações, pode nevar em Ironrose.

Penso na minha família.

– Muito, muito perturbado – murmura Lilith. – Quais são suas intenções, meu querido príncipe?

Eu me volto para Grey.

– Sua espada, comandante.

Como sempre, ele não hesita. Seus olhos são poças escuras e brilhantes ao luar. Ele puxa a espada e a pousa sobre as mãos, oferecendo-a a mim.

Pego a arma e olho em seus olhos.

– Obrigado pelo seu serviço – digo para ele.

Lilith bate as mãos, encantada.

– Você prometeu libertar Grey antes da sua transformação?

– Prometi.

Então eu viro e enterro a espada no peito dela.

Ela cai de joelhos, empalada na lâmina. Tenta articular palavras, seja por choque ou dor, não sei dizer, mas ela não consegue falar. Suas mãos estão tocando a arma, tentando soltá-la.

– Isso não vai impedi-la por muito tempo – Grey diz.

– Eu sei. Envie os generais para as cidades. Leve o povo para o sul, longe da invasão do exército de Karis Luran. Distribua a prata do tesouro do castelo. Diga a eles para não resistir. Os navios podem transportar pessoas para as costas do sul. Eles devem estar seguros se não deixarmos navios aqui. Pegue o selo. Diga a eles que você age sob minha ordem.

– Sim, meu senhor.

Encaro Lilith. Ela ainda está engasgada, puxando a lâmina. Ela é incapaz de respirar para falar, o que é uma bênção inesperada. Seus olhos são fontes de uma raiva maligna.

– Você pode ter vencido em relação a todo o resto – explodo. – Mas não vai me vencer.

Agarro a borda do parapeito e me levanto. O vento é feroz,

picando minha pele e queimando meus olhos.

Encaro Grey.

– Minhas palavras eram verdadeiras. Você tem minha gratidão.

– E você tem a minha.

Eu olho para longe. Meus olhos queimam de repente.

– Assim que meu povo estiver a salvo, vá atrás da Harper, Grey.

Fuja de tudo isto.

– Sim, meu senhor.

Meus dedos seguram a pedra fria. Acho que não consigo me mover. Não consigo respirar.

Eu não sou corajoso o suficiente, nem mesmo para me sacrificar.

Desta vez é permanente.

Desta vez é para sempre.

Eu fracassei.

Grey se aproxima de mim. Ele estende a mão.

Eu a agarro e ele aperta com força. Seus olhos sustentam os meus.

Não há mais opções. Todo caminho leva à destruição.

Sempre existe uma escolha.

– Pelo bem de Emberfall – Grey fala baixinho.

Aperto a mão dele. Minha voz treme.

– Pelo bem de todos.

Eu solto.

E caio.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS



HARPER

Jake dá aos homens de Lawrence os colares. Ele diz que as barras e moedas de ouro levantariam muitas perguntas, mas os colares podem ser explicados.

Estamos a salvo. Por enquanto.

Uma ambulância vem para levar o corpo de minha mãe. Sinto um vazio quando vejo os paramédicos carregarem seu corpo numa maca e fechar uma bolsa de *nylon* dentro da qual está seu corpo.

Acabo sucumbindo à exaustão. Durmo mal no começo, depois acordo tarde. Tão tarde que já é quase hora do almoço.

Eu me acostumei tanto ao meu quarto no castelo, às conversas noturnas com Zo, ao calor do corpo de Rhen na cama ao meu lado, que acordar em uma cama de solteiro fria é chocante.

Não quero estar aqui e Jake não me quer aqui. Não sei por que voltei.

Pela minha mãe.

Eu não pude salvá-la. Nem acho que lhe dei paz.

Contei tudo a Jake. Depois que os paramédicos se foram, depois que os homens de Lawrence se foram, nós sentamos na sala e eu expus tudo.

Ele não acredita em uma palavra. E, de verdade, quem poderia culpá-lo?

Então falei:

– Por que você não vai ver o Noah? Pergunta o que ele acha.

Ele congela. Acho que vi o sangue sumir do rosto dele.

– Que Noah?

– Nossa, Jake. Você sabe que eu sei. – Hesito. – Eu falei sobre

as fotos no seu telefone. Eu te falei sobre a maldição. – Dou de ombros. – Só não entendi por que você nunca me contou.

Então ele olha para as mãos.

– Eu queria algo que a bagunça do meu pai não pudesse arruinar. Consigo entender. Então deixo para lá.

Grey vai voltar hoje à noite. Pensei que não teria certeza sobre voltar a Emberfall, que de alguma forma minha família me ancoraria aqui, que eu seria obrigada a desempenhar um papel nesse drama. Acho que nunca percebi que não estou presa pelas escolhas deles, assim como eles não estão presos às minhas.

Vou sentir saudade de Jake. Não somos mais tão próximos, ao menos não como costumávamos ser, mas poderíamos nos reaproximar.

Assim que ele acreditar nessa coisa toda de princesa.

À tarde, visto um jeans e uma camisa de mangas compridas e saio para passear. Tenho certeza de que há alguma lei contra as facas escondidas em meus pulsos, mas as levo comigo mesmo assim. Quero ir para Dupont Circle, onde as calçadas estarão mais cheias de turistas e gente descolada, mas acabo indo para o sul. As nuvens cobrem o sol, os edifícios de concreto combinam com o céu acima.

Lembro-me de me esconder nas portas, com muito medo de alguém me incomodar, enquanto eu esperava que Jake nos mantivesse a salvo.

Não sinto medo agora. Eu sou capaz de me manter segura.

Passo a tarde toda na rua, compro o meu jantar em um carrinho de comida na calçada, me lembrando de quando pensava que a cidade parecia grande demais para ser confortável. Caminho pelas ruas escurecidas pelo crepúsculo, meu pé raspando levemente a calçada porque estou cansada e penso *Estou pronta pra ir pra casa*.

Casa não é aqui.

Casa é Emberfall.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO



RHEN

Há um momento durante a transformação em que estou ciente de quem sou e de onde estou.

É um momento em que estou ciente *do que* sou.

Um momento, estou caindo na escuridão, o vento é uma onda selvagem nos meus ouvidos, a morte uma certeza bem-vinda no fundo.

No momento seguinte, estou voando, com asas poderosas batendo contra a corrente de ar, soerguendo meu peso antes de atingir no chão. Eu subo. Um grito terrível sai da minha garganta. Voo para cima, seguindo para o alto.

Meus ouvidos aguçados captam o som de homens gritando subitamente alarmados quando sou visto.

Corram, eu penso.

Então, meus olhos encontram as figuras em pé no topo do castelo. Minhas garras se estendem. Sinto cada músculo e tendão. Luto contra o desejo de atacar e matar.

Corram, eu imploro. *Corram*.

E então não penso em nada além de morte.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO



HARPER

Para minha surpresa, Jake se junta a mim antes da meia-noite, dizendo que vai esperar Grey comigo.

Ele acha que está sendo paternalista comigo. Não tenho muita certeza do que ele realmente acha que vai acontecer, mas nos encolhemos em um banco perto do toldo onde Grey me deixou, enquanto a cidade se fecha à nossa volta.

– Você está animada para voltar à terra da fantasia? – A voz de Jake está afiada com um pouco de zombaria.

– Vai se ferrar, Jake.

Ele não diz nada, mas não demora para deixar escapar um longo suspiro.

– Não sei bem o que dizer, Harper.

– Você não precisa dizer nada. Volte pra casa.

Ele não diz nada. Tampouco vai embora.

– Eu estava preocupada de verdade com você – digo. – Não acredito no que estava fazendo por Lawrence.

Ele balança a cabeça de uma forma um tanto triste.

– Eu não queria, Harper. Eu só... não consegui ver outra forma de sair dessa.

– Eu sei. – Minha voz sai fraquinha.

Fico pensando em Rhen e em todas as escolhas que ele teve que fazer ao longo do caminho.

Fico tentando imaginar o que pode estar fazendo agora.

Teria sido tão difícil dizer a ele que o amo?

Foi mesmo uma escolha?

Eu o *amava* mesmo?

É tudo tão confuso. Eu nunca me apaixonei antes, mas sinto que não deveria ser assim.

Olho para Jake.

– Você poderia vir comigo. Para Emberfall.

Seu rosto se contorce, como se ele estivesse preso entre acreditar em mim e querer ser condescendente antes que eu desapareça de novo.

– Harper...

– O quê?

Ele coça o queixo com a barba por fazer. Sou voz sai baixa e calma.

– Não posso deixar o Noah.

Eu hesito. Há um tom em sua voz que nunca ouvi antes.

– Você o ama.

Ele olha para mim. Sua expressão é quase tímida.

– Amo. – Ele faz uma pausa e essa timidez se transforma em tristeza. – Nossa mãe era a única que sabia.

Fico de joelhos no banco e passo os braços em volta do pescoço dele.

Jake enrijece a princípio, mas depois também me abraça.

– Senti muito a sua falta – murmura ele contra meu ombro.

– Também senti sua falta.

– Mesmo que uma parte de mim ache que você ficou louca.

Dou uma risadinha, mas ele não solta, assim como eu.

– Gostaria de ter conhecido Noah – digo.

Ele recua e faz uma careta. O tráfego noturno passa por nós, mas as calçadas estão vazias.

– Não quero que ele se envolva. Não quero que ele saiba de nada disso. – Ele puxa o telefone do bolso e olha para a tela. O aparelho é novo, que ele deve ter arranjado para substituir o que eu perdi em Emberfall. – Ele está no hospital hoje à noite, de qualquer maneira. Disse que sai à meia-noite, o que quer dizer que vai trabalhar até as seis da manhã.

– Como vocês se conheceram?

Jake hesita, mas então abre um breve sorriso.

– Eu estava comprando café. Com a mãe, sabe? Ele tinha

esquecido a carteira, então paguei um café pra ele.

– Ele é médico?

– Sim, mas ainda está fazendo residência.

– Não sei o que isso significa.

– Ainda está aprendendo. Ele está fazendo um estágio em um hospital. Está no pronto-socorro agora.

– Hm, que sexy.

Ele dá um sorrisinho.

– Sim.

Meus olhos ardem de novo, por uma razão completamente nova.

– Não acredito que você quer ir embora – diz Jake. – Você acabou de chegar em casa.

Toco seu rosto com minhas mãos.

– Tem muita coisa em jogo.

– Em Emberfall. – Ele hesita. – Também tem muita coisa em jogo aqui, Harp.

– Eu sei. – Faço uma pausa. – Por favor. Por favor, venha comigo.

– Sabe que não acredito de verdade nisso tudo que está me dizendo.

– Você acredita um pouco.

Ele enrubesce.

– Sim, quem acredita é o meu lado que costumava se esconder no quarto pra ler *Eragon* e *Harry Potter*. Mas eles não são reais.

– É real. – Eu me interrompo, pensando no que Jake vai pensar de Grey. – Você vai ver. À meia-noite. Você vai ver.

– Mesmo se esse espadachim mágico aparecer...

– Ele não é mágico.

– Tá bom. – Jake revira os olhos. – Mesmo que esse espadachim *completamente mundano* apareça, não consigo estalar os dedos e ir embora. Você está louca, Harper. Entende o que está me pedindo para fazer?

– Entendo que não vai estar a salvo – respondo. – Acha mesmo que Lawrence não vai usar o que você fez para te obrigar a fazer mais por ele?

Ele se encolhe, mas não diz nada. Sentamos e observamos um

carro estranho passar pela estrada. Em algum lugar distante, uma mulher grita com alguém: uma criança ou um namorado. Não tem como saber.

A escuridão por fim escapa do céu e nos envolve. A loja fecha. Estou encolhida no banco, encostada em Jake. Muito dele é familiar. Seu cheiro. O ritmo de sua respiração.

– Harper.

Desperto assustada. A rua está azeviche e estou congelando.

– É quase meia-noite – diz Jake. – Você tem que fazer algo especial?

A adrenalina me toma como se eu tivesse bebido uma dose de café espresso.

É quase meia-noite.

Grey está vindo. É isso. Vou me despedir de Jake... possivelmente para sempre.

Minha respiração é rápida e acelerada. Olho para as ruas escuras, para a porta estreita da loja.

Jake deve perceber meu pânico, porque diz:

– Harper. Nós podemos simplesmente ir pra casa. Você não precisa ir a lugar nenhum.

– Que horas são? – questiono.

– Onze e cinquenta e nove.

Engulo em seco. Só Grey mesmo para ser tão pontual.

Não sei o que fazer. Jake pega minha mão.

– Está tudo bem – ele fala. – O que você decidir está bom.

Conto até sessenta.

Então conto de novo, caso eu tenha sido muito rápida. E de novo. Grey não aparece.

Um som abafado sai da minha garganta.

– Está tudo bem – Jake repete.

Dou um soco no ombro dele.

– *Não* está tudo bem.

Algo aconteceu.

Grey apareceria. Eu sei que sim.

– Precisamos esperar – digo para Jake. – Só... precisamos esperar.

Esperamos a noite toda.
Grey não aparece.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS



MONSTRO

CAPÍTULO QUARENTA E SETE



HARPER

Tive uma sensação em Emberfall, quando estava na estrebaria atrás da estalagem, quando tudo ao meu redor parecia real, e minha vida real, em Washington DC, parecia um sonho. Uma fantasia.

Está acontecendo de novo. Só que ao contrário.

Dois dias se passaram desde a data em que Grey deveria ter voltado. Passei tanto tempo na porta da loja do outro lado da rua que eles chamaram a polícia e me acusaram de vagabundear. Andei pelas ruas que Grey e eu percorremos para chegar em casa. Esperei no beco onde aparecemos ao retornar.

Eu deveria estar ajudando Jake a decidir o que fazer com o corpo da nossa mãe. Eu deveria estar tentando encontrar o nosso pai. Eu deveria estar revisando as coisas da nossa mãe ou rezando na igreja.

Na quinta-feira à noite, Jake finalmente concorda em convidar Noah. Não temos muita comida no apartamento, mas juntamos macarrão com queijo e salsichas, junto com duas latas de feijão-verde do armário.

Se alguma coisa faz Emberfall parecer uma fantasia em minha mente, é essa comida.

Consigo entender o motivo pelo qual Jake ama Noah. Eu sabia pelas fotos que vi no telefone, mas é totalmente diferente conhecê-lo pessoalmente. Estamos jogando cartas, e seus dedos longos e delgados as giram com facilidade quando ele embaralha. Sua voz é mais profunda que a de Jake, e ele tem um jeito tranquilo e gentil que é reconfortante. Ele também está familiarizado de uma forma casual com meu irmão, demonstrando pequenos toques e

momentos de afeto que me pegam de surpresa. É um bom contrapeso à ansiedade e tristeza que se infiltram pelas paredes do nosso apartamento.

Noah se senta na minha frente, e não tenho certeza do quanto Jake disse a ele sobre onde estive, mas fica dolorosamente claro quando ele fala:

– Harper, Jake me contou que você teve uma bela aventura.

– Sim – respondo com reservas.

Não sei se ele está sendo condescendente ou o quê, mas sei que ele não acredita em mim. Quando Grey não apareceu, tenho certeza de que também acabei com qualquer possibilidade de Jake acreditar. Enquanto eu preparava o jantar, ouvi Noah murmurar coisas como *mecanismo de enfrentamento*, *fantasia escapista* e *você não sabe pelo que ela passou*.

Noah distribui as cartas. Estamos jogando Oito Maluco, mas eu gostaria de ter o baralho de cartas pintadas à mão de Grey para poder dizer: *Vejam. Eu não inventei. Foi tudo real*.

– Jake mencionou que você formou uma aliança com um país falso – continua Noah. – Devo dizer que é bem criativo.

– É loucura – bufa Jake. – Como alguém acreditaria numa coisa dessas?

Faço uma careta e não digo nada. Talvez fosse mesmo *loucura*, mas estava funcionando.

– Talvez não – replica Noah. – Se o presidente fizesse um pronunciamento na televisão e dissesse que estávamos envolvidos numa guerra com um país do qual nunca ouviu falar, você não entraria em um avião para descobrir por conta própria, não é? – Noah dá de ombros. – Por que acha que os teóricos da conspiração ganham alguma força?

Jake pensa a respeito disso, depois me olha de relance.

– Ele é inteligente demais pra mim.

– Provavelmente – concordo.

Ele sorri e me dá um tapinha no ombro.

– Falando em inteligência, você quer se rematricular na escola? – Jake me pergunta.

Minhas mãos hesitam sobre as cartas. A escola de ensino médio

parece estar a milhares de quilômetros de distância. Mesmo quando eu frequentava, minha mente estava aqui, com minha mãe. Com a bagunça que nosso pai estava fazendo com nossas vidas. Eu mantinha a cabeça baixa e dava conta do que tinha de fazer, mas duvido que alguém tenha ficado surpreso quando desapareci.

– Está quase no fim do ano letivo. Você acha que eles simplesmente vão me deixar voltar?

– Você tem que se formar, Harper. Podemos descobrir do que você precisa para fazer as provas finais. Não podemos confiar na sua bolsa de ouro pra sempre, isso se conseguirmos descobrir um jeito de vender sem parecer que roubamos.

Assim como a comida que estamos ingerindo, nada faz a permanência dessa situação parecer tão concreta quanto Jake falando sobre as provas finais e da minha necessidade de arrumar um emprego.

Bem-vinda de volta. Eu estaria rindo se não fosse tão patético. Há uma semana, eu era uma princesa tentando salvar um país. Agora estou pensando se o supermercado tem vagas abertas.

Ouvimos uma batida forte à porta.

Jake se levanta antes que as batidas terminem. Pego uma faca.

– Epa – diz Noah, abaixando as cartas na mesa.

– *Shh* – Jake ordena com firmeza.

Ele faz um movimento como se cortasse a garganta com o dedo.

Algo bate na porta novamente.

– Lawrence? – sussurro.

– Não sei – responde Jake.

Ando na ponta dos pés até a porta e espio pelo olho mágico. Tudo o que vejo são roupas escuras. Quem está do lado de fora está quase encostado no batente.

Aperto mais a faca e deslizo para o lado para não ficar diretamente em frente à porta. Jake está bem nas minhas costas. Noah está sentado à mesa, de olhos arregalados.

– Quem está aí? – pergunto em voz alta.

Algo bate na porta de novo. Então uma voz masculina diz:

– *Milady.*

Meu coração para. Abro a fechadura.

A primeira coisa que vejo é o rosto dele, pálido, cansado e manchado de sujeira... ou de coisa pior.

Então vejo todo o sangue: está em toda parte, na armadura, na bainha vazia da espada, na capa.

– Grey – digo. – Grey, você está...

Ele começa a cair. Ele é pelo menos uns cinquenta quilos mais pesado que eu, ainda mais com a armadura e as armas, mas largo a faca e dou um passo à frente para pegá-lo. Jake de repente está ao meu lado, me emprestando sua força. Juntos, deitamos Grey no chão e fechamos a porta.

Sangue escorre de todos os lugares. Sob a armadura, em volta das botas, nas mangas. Já está no tapete. Seu uniforme está rasgado em vários lugares. Um corte bem profundo atravessa seu braço. Seus olhos estão fechados e ele respira superficialmente.

– Grey. – Quero botar a mão no peito dele para chacoalhá-lo um pouco, mas não quero machucá-lo. – Grey, Por favor.

Ele não responde. Um pequeno som escapa da minha garganta.

Noah cai de joelhos ao meu lado. Ele pega a faca e, quando fala, sua voz é profissional.

– O nome dele é Grey?

Concordo com a cabeça e ele diz:

– Grey, consegue me ouvir? Vou tentar descobrir de onde vem todo o sangue. – Sem esperar por uma resposta (não que ele receba uma), Noah pega a faca e começa a cortar as fivelas de couro que prendem a armadura de Grey. Marcas de garras arrancaram linhas no couro. As tiras estão escorregadias de sangue, mas a lâmina é afiada e corta direto. A tira superior já está partida.

Os olhos de Noah se voltam para Jake.

– Ele está em choque. Chame uma ambulância. – Então ele se volta para mim. – Pegue toalhas.

– Não. – Engulo em seco e olho para Jake. – Quero dizer... você não pode. Você não pode ligar.

Não tenho ideia do que um hospital faria com Grey, mas não consigo imaginar que o tratariam e dariam alta para ele. Ele não tem documento. Nenhum plano de saúde. Haveria perguntas que não

podemos responder.

Perguntas que posso ver nos olhos de Noah agora.

– Por favor. – Minha voz falha. – Por favor, ajude-o.

– Ele precisa de um hospital. – Noah corta as tiras do lado oposto da armadura de Grey e a afasta.

Toda a respiração me deixa com pressa. O que quer que o tenha atacado descobriu o trecho vulnerável de pele debaixo do braço e cavou quatro sulcos profundos em suas costelas. Um trecho rosa de músculo brilha sob todo o sangue.

– Toalhas limpas – ordena Noah. – Agora!

Jake vai. Retorna com três. Noah enrola uma com força e a pressiona contra o ferimento. Com a mão livre, coloca dois dedos no pescoço de Grey, procurando a pulsação.

– Você precisa chamar a ambulância. – A voz dele é sombria. – Ele está respirando, mas seus batimentos estão fracos. Ele perdeu muito sangue.

Jake me encara. Seus olhos estão arregalados. Ele ouviu tudo a respeito do temível Grey e minhas histórias sobre Emberfall, mas ouvir e ver são duas coisas bem distintas.

Não quero pensar no que poderia acontecer se Grey acordasse em uma ambulância. Ele disse certa vez que está um pouco familiarizado com este mundo, mas há uma diferença entre pegar garotas da rua e acordar em um centro cirúrgico.

– Ele não... é daqui. Não vai entender. Os policiais não o deixariam em paz. – Olho para Noah. – Não dá pra dar uns pontos nele?

– Com o quê? – questiona Noah. – Agulha e linha?

Quando faço que sim com a cabeça, ele parece exasperado.

– Mesmo que eu pudesse, ele vai precisar de antibióticos. E de uma vacina antitetânica. – A expressão dele fica séria. – Ligue, Jake.

Jake hesita.

– Acho que ela está falando a verdade.

– Sobre o quê? Que esse é um príncipe de um mundo de fantasia? Isso é sangue de verdade. Harper, segure esta toalha. Pressione com força.

Eu me movo para a posição e pressiono firmemente contra a lateral do corpo de Grey. Os cortes são profundos, e meus olhos desviam.

– Ele não é o príncipe – explico. – Ele é o comandante da guarda do príncipe.

– Ah, que bom. – Noah usa a faca para cortar a manga do ferimento no braço de Grey. – Vai precisar dar pontos aqui também.

– Você não pode...

– Não! – Ele parece não conseguir acreditar que isso sequer esteja sendo discutido. – Nem tenho suprimentos médicos aqui!

– Eu posso ir – Jake responde rápido. – Posso ir até a sua casa. Ou... a uma farmácia...?

– *Farmácia?* Você está de brincadeira? – Noah xinga e usa a faca para rasgar uma tira de outra toalha. – Não posso fazer isso. Ele poderia morrer. Poderia...

Grey respira fundo, depois emite um som gutural baixo. Seus olhos se abrem. Uma mão se ergue.

– Está tudo bem – digo para ele. Pego sua mão e a pressiono entre as minhas. Sua pele está pegajosa de sangue. Muito pálida. – Está tudo bem – murmuro. Eu não faço ideia se minhas palavras são verdadeiras. – Você vai ficar bem.

Seus olhos se fecham antes mesmo de eu terminar a frase.

Seguro a mão dele com força e olho para Noah.

– Por favor.

– Eu poderia perder o emprego. Poderia...

– Por favor – diz Jake.

Noah inspira como se fosse recusar, depois solta o ar rapidamente. Ele move as toalhas para o lado para verificar o sangramento e depois as pressiona de volta no lugar.

– Jake. Pegue minhas chaves no meu bolso. Minhas coisas estão na escrivaninha no quarto...

– Eu sei onde estão. – Jake pega as chaves e vai para a porta.

Antes que ele feche, Noah diz:

– Ei. Jake.

– Sim?

– Você precisa correr.

Grey está estável.

Pelo menos de acordo com Noah. Ele e Jake o levaram para o quarto meia hora atrás, porque Noah precisava de mais luz para costurar os ferimentos na lateral do corpo de Grey.

As peças de armadura dele estão empilhadas em um canto da cozinha. Depois que Jake saiu, Noah fez menção de que fosse cortar tudo, mas eu o impedi e comecei a soltá-las. Não tenho ideia do que está acontecendo em Emberfall ou a que Grey terá acesso, mas não quero destruir o que lhe resta.

Noah enviou Jake à farmácia para comprar mais suprimentos, e eu estou de pé na pia tentando lavar o sangue das lâminas que Grey ainda carregava: seu próprio conjunto de facas e o punhal preso à coxa.

Então eu paro. Se Grey está aqui, significa que Rhen está morto? Deixo as facas em uma toalha e vou para o quarto.

Ele ainda está inconsciente, sua pele quase tão pálida quanto os lençóis e toalhas embaixo de si, seus cabelos escuros e rebeldes contra o travesseiro. Eu nunca o vi tão vulnerável. Cicatrizes mais antigas decoram seu torso, mas não é nada tão grave quanto as feridas no peito. Ele também parece menor, sem camisa e machucado, sem todas as armaduras e armas. O temível Grey não está em lugar algum.

O quarto cheira a iodo e sangue. Noah completou as suturas ao longo da sua caixa torácica, quatro arcos extensos de pontos bem-acabados. Ele passou para o corte no braço.

Quando Noah fala, a voz dele é baixa e calma.

– Uns centímetros para baixo e teria cortado um tendão. Eu não ia poder consertar isso.

– Ele vai ficar bem?

– Sua pressão arterial ainda está baixa. Ele precisa de um litro de sangue. Fluidos intravenosos. – Sua voz ainda é suave, mas irritada.

Não sei se lhe devo um pedido de desculpa ou um agradecimento. Provavelmente as duas coisas. Provavelmente

mais.

– Ele vai sobreviver? – pergunto num sussurro.

– Pelas próximas horas, sim. A maior preocupação será a infecção. Agora, eu me sentiria melhor se ele acordasse e me dissesse o nome dele.

Eu também.

– Obrigada – agradeço. – Obrigada por fazer isso.

Noah fica sem falar nada por um bom tempo, e eu não o conheço o suficiente para interpretar seu silêncio. Estou prestes a me virar quando ele diz:

– Eu não queria acreditar em você. Jake é quem ama filmes de fantasia. Meu mundo é bem concreto.

– Certo. – Não sei para onde essa conversa vai e minha voz mostra isso.

– Ele tem outras cicatrizes. – Noah olha para mim por cima do ombro. – Nenhuma foi tratada em um hospital. Dá pra perceber. – Uma pausa. – Nem essa cicatriz no seu rosto.

Não digo nada.

– As roupas dele também não têm etiquetas – continua Noah. – E essas armas... não são de aço inoxidável, pelo que posso notar.

– Então o que você está dizendo?

– Eu não sei. – Ele se vira para o braço de Grey e seu tom é pensativo. – Acho que estou dizendo que não *desacredito* de você.

Aceito isso.

A porta do apartamento é aberta e fechada.

– Voltei – chama Jake. – Também parei pra pegar um café.

– Eu só tenho mais um ponto pra dar, depois vou limpá-lo – diz Noah. – Já vou.

Saio do quarto para ajudar Jake.

Ele trouxe quatro cafés da loja de conveniência da esquina. Ele esperava que Grey estivesse melhor quando voltasse.

Meu irmão é um mané em alguns aspectos, mas em outros é naturalmente charmoso. Eu me aproximo para lhe dar um abraço.

– Por que isso? – ele indaga.

– Você trouxe quatro cafés.

– Sim, bem. – Ele parece envergonhado. Mas então olha para

mim e fala mais baixo. – Tem um carro aí fora. Acho que podem ser os capangas do Lawrence.

Sou tomada por um calafrio.

– Por quê?

Um estrondo repentino e um grito vêm do quarto, então a luz na porta pisca.

– Espere! – grita Noah, a voz dele sai esganiçada. – Jake... socorro...

Jake e eu quase trombamos na tentativa de chegar ao quarto. Grey está de pé, e ele aperta com força o pulso de Noah, prendendo o antebraço no peito dele. A outra mão está na garganta de Noah, forçando a cabeça para cima.

Grey ainda tem uma palidez fantasmagórica e está ofegando com o esforço.

– Você... vai me dizer onde estou.

– Larga ele! – Jake avança furioso.

– Espere! – Agarro seu braço e o seguro enquanto Jake me empurra para a frente. O olhar de Grey vai de Noah para mim e depois observa Jake correndo em sua direção. Ele está instável e trêmulo, mas não parece *nem um pouco* pronto para desistir.

Isso não vai acabar bem se tentarmos resolver com pressa.

– Ele está assustado. Grey... está tudo bem...

– Calma – Noah pede. – Eu só... estava tentando ajudar...

– Tire suas mãos dele – diz Jake. Ele se liberta da minha mão e avança como se fosse dar um soco.

Grey aperta mais a chave de braço. Noah solta um gemido.

– Comandante! – eu grito. – Solte-o!

Ele solta. Noah tropeça. Grey se vira para encarar Jake. Seus olhos se alternam entre nós enquanto ele tenta descobrir quem é uma ameaça e quem é um aliado.

– Estou bem – Noah se apressa em dizer. Ele esfrega o pulso que Grey tinha pegado. – Ele acordou desorientado. Não me machucou.

Jake olha de lado para ele. Um pouco da tensão deixa seu corpo.

– Certo. – Ele dá um passo atrás. – Certo.

Vou na direção de Grey, que ainda observa os dois com cautela.

Sua respiração é muito superficial e uma gota de suor apareceu em sua testa. A adrenalina é provavelmente tudo o que o mantém na posição vertical.

– Você precisa se deitar – digo. – Ficou inconsciente por mais de uma hora.

– Onde estão minhas armas? – Sua voz ainda está fraca.

– Na cozinha. Eu vou pegá-las.

– A última coisa de que ele precisa são armas – murmura Jake.

A postura de Grey se mantém.

– Pare! – digo. – Jake. Ah, minha nossa. Faça alguma coisa útil. Pegue pra ele uma camiseta, pode ser? – Observo as calças manchadas de sangue. – Talvez calças limpas também.

– Vá – Noah fala para Jake. Sua voz calma de médico está de volta, e ele começa a pegar os suprimentos que devem ter se espalhado quando Grey acordou. – Vamos ficar bem.

Jake sai do ambiente.

– Sente-se – digo para Grey. – Por favor. Você vai cair a qualquer momento.

Ele lentamente se inclina para o lado da cama.

– Eu não tinha certeza se seria capaz de encontrar você.

– Você conseguiu. – Eu me sento ao seu lado. Minha cabeça está queimando com perguntas sobre Rhen, sobre Emberfall, mas a impressão é que uma brisa o faria cair no chão, por isso seguro minha língua.

– Posso medir sua pressão? – pergunta Noah.

Ele já tem um estetoscópio conectado aos ouvidos, o medidor de pressão pronto nas mãos. Grey olha de lado para mim. Quando ele pisca, é muito lento.

– Ele é médico – explico. – Ele costurou suas feridas. Não vai te machucar.

Grey assente. Noah se move para a frente e recupera sua cadeira. Ele desliza a braçadeira de velcro ao redor do braço de Grey e começa a inflá-la. Todos nos sentamos em silêncio e ficamos ouvindo o barulho do ar.

Por fim, não aguento.

– Foi... o monstro que fez isso? – pergunto a Grey. Não consigo

suportar dizer *Rhen*. – Foi ele quem fez isso com você?

Ele concorda lentamente com a cabeça.

– Eu pensei que ele tinha um plano. Um plano para proteger seu povo.

– Tarde demais.

Noah desinfla o medidor de pressão.

– Doze por seis. Ainda está baixa. – Uma pausa. – Mas entendo por que você não queria levá-lo ao hospital.

Ainda estou pensando no que Grey disse.

– Tarde demais?

Ele balança a cabeça novamente, então tem que respirar fundo.

– *Ele tentou pular das muralhas*. Ele se transformou no ar. Ele tem asas... dessa vez. Ele pode atacar... do céu.

– Eu realmente me sentiria melhor se você conseguisse fazer ele se deitar de novo – diz Noah em voz baixa.

Ele tentou pular das muralhas.

Rhen tentou se sacrificar para salvar seu povo.

Mesmo em seu último esforço para derrotar Lilith em alguma coisa, ele fracassou.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO



HARPER

Grey se recusa a se deitar.

Eu mal consigo fazê-lo ficar sentado, embora seus ferimentos estejam ajudando. A presença de Jake parece deixá-lo ansioso. Não sei se tem a ver com a história de Jake ou com o fato de Grey não estar em condições de se defender, mas ele observa meu irmão como se não confiasse nele.

Jake não ajuda, porque está observando Grey exatamente da mesma maneira.

Mais cedo, Noah prendeu as ataduras com fita adesiva sobre os pontos no peito e no braço de Grey e, em seguida, cobriu tudo com uma camada larga de bandagem. Ele colocou três comprimidos de ibuprofeno na frente do espadachim e disse:

– Isso deve diminuir a dor. Se quer algo mais forte, terá que ir ao hospital.

Grey pega os comprimidos e diz:

– Você tem a minha gratidão, curandeiro. – Antes que eu pudesse lhe dar um copo de água, ele os triturou como doces, depois fez uma careta.

Isso fez Noah olhar para ele de lado, com uma expressão pensativa no rosto. Jake fez uma careta.

Agora estamos todos na mesa da cozinha, bebendo o café que Jake trouxe. Grey ainda parece instável, mas sua cor está um pouco melhor. Talvez a cafeína esteja ajudando. A camiseta verde emprestada está bem justa no peito e nos braços, mas as calças pretas e largas servem bem nele. Seu punhal está na mesa ao lado de sua xícara, mas, tirando a arma, ele parece um atleta

universitário de ressaca. Acho que nunca vi seus antebraços nus. É bem difícil conciliar essa figura com o guarda rigoroso e determinado que conheci em Emberfall.

Jake senta-se de frente para ele, com os braços cruzados sobre o peito. Noah está ao lado dele, e sua expressão é mais inquisitiva. Ele está olhando para Grey como se fosse alguém que ele não consegue entender.

Eu me sinto muito idiota. Deveria ter entendido tudo antes.

– Por que Rhen não me contou?

– Teria feito alguma diferença?

Não sei. Eu poderia ter ficado lá.

Então penso no que Jake estava enfrentando. Eu não seria capaz de abandonar meu irmão ou minha mãe. Rhen sabia disso. Ele estava me protegendo, mesmo no final.

A voz de Grey é baixa e grossa quando ele fala:

– Você ouviu histórias do dano que a criatura causou. As vidas perdidas. Eu acredito que ele tem vergonha. – Uma pausa. – *Tinha* vergonha.

O tom da sua voz faz com que eu olhe para a frente.

– *Tinha?*

Ele assente.

– Ele não tem conhecimento de si mesmo quando está nessa forma. – Grey move-se novamente em sua cadeira e põe a mão sobre as costelas, como se precisasse se segurar. – Ele já atacou as garotas antes. Algumas não sobreviveram. Aprendi a afastá-lo para as áreas menos povoadas do reino, mas... – Ele estremece. – O castelo está cheio de gente agora. Eles se abrigaram, mas a criatura de Rhen é forte. Está quebrando Ironrose tijolo por tijolo.

Penso em Freya e nas crianças. Penso em Jamison. Em Zo. Em todo mundo que conheci e de quem passei a gostar e com quem passei a me importar.

– Alguém morreu?

– Sim. – A voz dele é grave. – Estamos fazendo o possível para atraí-lo para longe do castelo. Mas ele pode voar e nós, não. Flechas não perfuram sua pele. Ele tem garras que engancham e rasgam. Ele me arrancou de um cavalo. Enfiei minha espada na asa

dele e ele caiu, mas isso mal o deteve. Ele teria me despedaçado.

– Teria? – pergunta Jake. – O que você fez?

Grey olha de relance para ele.

– Cruzei para cá.

– Por quê? – O tom de Jake é exigente e eu não entendo o motivo.

– Porque... – Grey volta-se para mim mais uma vez. – Não temos outra esperança.

– Você quer que eu volte – digo, ofegante.

– Não – rebate Jake. – Não.

Todos olhamos para ele.

Jake pressiona as mãos espalmadas na mesa.

– Mesmo que eu acredite em tudo isso, e não estou dizendo que acredito, de jeito nenhum vou deixar você voltar com ele, Harper. Esse cara literalmente surgiu na nossa porta duas horas atrás. Se Noah não estivesse aqui, ele estaria morto agora. Você ouviu a história dele sobre ser arrancado de um cavalo, sobre ser despedaçado?

Como se eu não tivesse visto Grey desabar no carpete com meus próprios olhos.

– Sim, mas...

– Mas *nada*. Ouça o que você está dizendo! Está ouvindo o que *ele* está contando? – Ele volta seus olhos furiosos para o guarda. – Se você não consegue deter essa coisa, o que te faz pensar que *ela* consegue?

– Você fala como se eu procurasse ajuda na batalha. Não é o que eu quero.

– Não me importo. Não importa. Ele é um monstro. Ela não vai se apaixonar por ele *agora*. Ela já passou por coisas demais. Não pode te ajudar.

Nada aqui mudou. Eu amo Jake, mas ele sempre me verá como a pequena Harper que precisa ser empurrada para uma sala dos fundos e protegida.

Talvez ele tenha razão. Se Rhen é um monstro, não sei se resta alguma esperança. Eu não posso me apaixonar por uma criatura assassina.

– E quanto a Karis Luran?

– A rainha veio ao castelo. Na manhã depois que você partiu. Ela não acreditou em nossa história. Contou segredos conhecidos apenas por ela e pelo rei de Emberfall, e deu a Rhen uma semana para que seu povo evacuasse o reino antes que seus soldados começassem a tomar Emberfall à força.

– Mas agora as pessoas estão se escondendo do monstro.

– Sim, *milady*.

– E quanto a Lilith?

– A feiticeira – Noah fala baixinho.

Ele parece impressionado com a discussão. Também não tenho certeza de que acredita nisso. Porém, apesar de toda a conversa sobre ciência e razão, ele parece *querer* acreditar.

– *Lady* Lilith fugiu. Nessa forma, Rhen é uma criatura mágica e *pode* feri-la.

Parece que deveria ser uma vantagem, entretanto, se Rhen estiver determinado a matar tudo o que está à vista, talvez não seja.

– Ainda temos um exército? Quantas pessoas foram mortas?

– Até agora, as perdas foram poucas. Morreram vários soldados que estavam de guarda na noite em que ele se transformou. As pessoas não sabem que o príncipe é o monstro. Muitos temem que ele esteja morto. – Grey pausa, e sua voz é sombria. – Muitos guardas ouviram as palavras da rainha. Espalharam-se boatos de que não existe uma aliança. Que Decê não tem assistência para prestar.

Todos os nossos planos cuidadosamente elaborados foram revelados em poucos dias.

– O que você espera que Harper faça? – retruca Jake. – Que vá pra lá e banque a princesa?

– Sim – Grey responde simplesmente. Ele olha para mim. – Eu pediria que você voltasse para tranquilizar seu povo.

Meu povo. Eu olho de volta para ele. Ele ainda está pálido, mas seu olhar é claro.

Eu me viro para Noah.

– Quando Grey poderia lutar de novo?

O doutor parece assustado.

– *Lutar?* Vai levar semanas! Ele nem sequer deveria estar sentado.

– Eu posso andar – afirma Grey. – E posso lutar.

Não sei, mas, se ele pode andar, pode me levar de volta a Emberfall.

– Você não vai! – exclama Jake.

Saio da minha cadeira e atravesso a cozinha para buscar as peças remanescentes da armadura de Grey.

– Eu vou. Não pude... – Quase perdi o fôlego, e volto para a mesa com as braçadeiras e caneleiras. – Não pude salvar minha mãe, mas posso fazer isso.

Quando deixo as peças na mesa diante de Grey, Jake agarra meu braço e me vira. Seu aperto é quase doloroso.

– Você não vai fazer isso, Harper. Não sei onde você pensa que esteve ou o que pensa que está fazendo, mas isso mais parece uma armação elaborada. Se eu tiver que arrastá-la para o seu quarto e trancá-la lá...

De repente, ele é puxado para longe de mim. Noah se levanta assustado da cadeira.

Grey está com o braço de Jake torcido atrás das costas e a ponta do seu punhal está no pedaço de pele macia logo abaixo da orelha dele.

– Você não vai fazer isso – diz ele.

Fito os olhos arregalados do meu irmão idiota e suspiro.

– Eu não estava mentindo quando disse que ele era temível.

– Me solta – diz Jake rangendo os dentes.

Ele olha para Grey.

– Solte-o antes que você se machuque. Vou ajudá-lo a vestir sua armadura.

Ele libera Jake, que se afasta. Grey recua na cadeira, tremendo de novo.

– Se continuar a fazer isso – diz Noah –, vai estourar os seus pontos.

– Harper – chama Jake. Sua voz é sombria, embora ele não me toque dessa vez. – Você não pode fazer isso.

– Posso. – Me ajoelho e empurro as botas para Grey. – E vou.

Grey está suando, pálido e sem fôlego quando termina de prender as peças remanescentes da armadura. Quero implorar para ele esperar. Mas ele sustenta meu olhar e sei que não vai esperar. Se eu não for junto, ainda assim ele vai voltar para Emberfall. Mesmo sem Rhen, ele tem pessoas para proteger.

Jake não disse nada. Ele está fervendo de raiva em silêncio, assistindo a tudo de onde está, encostado no balcão da cozinha.

– Pelo menos espere até amanhecer – pede Noah. – Uma noite. Seis horas. Dê aos pontos tempo para se assentarem.

– Eu não posso esperar uma noite, curandeiro – explica Grey. A voz dele sai entrecortada. – Nem Emberfall.

– Como você vai mantê-la segura? – pergunta Jake. – E se você voltar e for atacado?

– Tomaremos cuidado – responde Grey. Ele agarra a mesa para se levantar.

– Cuidado? Você está louco. *Tudo isso* é uma insanidade.

Ouvimos uma batida na porta e todos nós congelamos.

É quase meia-noite.

O que Jake disse quando entrou com o café?

Tem um carro aí fora. Acho que podem ser os capangas do Lawrence.

Eu olho para Jake.

– O que faremos? – sussurro.

Ele não tem tempo para responder. Lascas de madeira voam, homens gritam e dois entram pela porta com armas apontadas para nós.

– Os colares valem muito. Que tipo de truque está fazendo aqui?

Jake me empurra para trás de Grey. O peso de Noah pressiona minhas costas.

– Não tem nada – Jake diz. – Não temos mais nada.

– Quem é esse cara? – pergunta um dos capangas.

Grey se mexe. Acho que está sacando uma arma. Não consigo ver.

Uma arma é engatilhada. Bala supera lâmina. Tudo isso está acontecendo rápido demais. Nós precisamos de um plano. Uma ação combinada. Nós precisamos...

A arma dispara. Eu vacilo.

Então estamos na floresta, com o calor do outono ao redor. À distância, há tochas em intervalos regulares, marcando o território do castelo. Eu ainda estou me esquivando. Meus ouvidos zumbem por causa do tiro.

Estamos exatamente na mesma posição que estávamos antes: Grey e Jake na minha frente, com Noah ao meu lado. Todo mundo está de pé. Todo mundo está respirando. Meu coração bate tão alto que quase não consigo ouvir mais nada.

– O que acabou de acontecer? – pergunta Jake. – Onde estamos?

– Emberfall – murmuro.

– Mas... o que *aconteceu*?

– Espere – diz Noah. – Espere. – Parece que ele está à beira do pânico. Eu lembro dessa sensação.

Grey se vira para olhar para ele. Está muito pálido, mesmo no escuro.

– Nós precisamos seguir em frente. Os soldados de Karis Luran se aproximam. O castelo pode estar... – Ele pisca. – Temos que seguir.

De repente, ele está caindo de novo.

Jake o segura como fez na porta.

– Parece *supercuidadoso* – ironiza ele. Mas como ele é Jake e faz o que precisa ser feito, mesmo que não queira, põe o braço de Grey em volta do pescoço e o mantém ereto.

– Vocês aí! Alto!

Três soldados aparecem entre as árvores. Arcos estão a postos, com três flechas apontadas para nós de todos os lados. No escuro, não reconheço nenhum deles.

– É o comandante! – um deles grita. – Tenente!

Grey está quase inconsciente, a maior parte do seu peso é suportada pelo meu irmão.

Não sei se eles me reconhecem; afinal, estou de jeans e moletom, e não exatamente com roupas de princesa. Eles definitivamente não conhecem Jake e Noah. Nossa situação não parece boa.

Um quarto soldado sai das árvores com uma espada desembainhada.

– Expliquem-se.

Eu reconheço esse. Ainda bem.

– Jamison. – Estou tão aliviada que quase corro para abraçá-lo.

Ele me vê e hesita.

– Princesa. – Observo os olhos dele me analisando de cima a baixo, e então ele olha para os soldados. – Descansar.

Eles abaixam as flechas, mas não totalmente.

Isso basta para revelar o quanto caí na estima deles.

Mentalmente, estou presa entre Emberfall e DC. Eu não estava pronta para sair da minha cozinha e reassumir o papel de princesa Harper. Preciso me recompor ou vou revelar o pouco que ainda resta.

– O comandante Grey está ferido. Precisa de ajuda.

– Vimos o monstro atacá-lo. – Uma pausa demorada. – Nós procuramos por seu corpo. Pensamos que ele estava morto.

Ele está procurando algum tipo de explicação.

Pense, Harper. Pense.

– Eu estava voltando para o castelo quando o monstro atacou minha comitiva – digo. – Minha carruagem foi destruída. Fomos forçados a prosseguir a pé. Nos deparamos com o comandante Grey e, felizmente, meu curandeiro estava comigo. – Olho de relance para Noah.

Ele está me fitando, incrédulo.

Por favor, penso. Por favor, não estrague tudo.

Imagino o que Rhen faria na mesma situação.

– Peça aos seus homens que carreguem o comandante – digo. – Vou precisar de um quarto e suprimentos para o meu curandeiro. Estamos preparados para ajudar com os feridos pelo monstro.

– Harper – diz Jake, com uma voz baixa e calorosa.

Os soldados todos se viram para olhá-lo. As pontas das flechas sobem alguns centímetros.

– Quem é esse homem? – indaga Jamison.

Olho para a espada pendurada na mão dele. As flechas prontas para serem disparadas. O que aconteceu com Karis Luran estragou

profundamente a confiança que Rhen e eu construímos.

– Meu irmão – digo. – Príncipe Jacob. Herdeiro do trono de Decê. Capitão do... Exército Real. Ouvimos falar das mentiras de Karis Luran e estamos aqui para lutar.

Jamison hesita... mas então meneia a cabeça para Jake.

– Perdoe-me, vossa alteza. Estamos em alerta. Houve rumores de soldados de Syhl Shallow na floresta. E o monstro, é claro.

– Está perdoado – diz Jake. Sua voz é vazia. Busco sua mão e a aperto.

– Ajudem o comandante – ordena Jamison aos seus homens. Ele também me dá um aceno de cabeça. – Temos o prazer de recebê-la de volta, princesa. Nós a escoltaremos até o castelo.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE



MONSTRO

Harper?

Dor.

Sono.

CAPÍTULO CINQUENTA



HARPER

Nunca vi o castelo tão escuro assim, mesmo à noite. Todas as janelas foram cobertas. Velas queimam pelos corredores subitamente claustrofóbicos. Dois dos soldados levaram Grey à enfermaria, mas Jamison nos conduz pessoalmente aos meus aposentos.

Os guardas no final do corredor me observam com cautela agora, mas Freya me abraça ao me ver.

– Oh, *milady* – diz ela com a voz abafada, já que grande parte do castelo está dormindo. – Fiquei muito preocupada. As conversas têm sido perturbadoras. Como está a sua mãe?

Ela é quente e macia, tem cheiro de lar. Não percebi como desesperadamente precisava de um abraço até os braços dela me envolverem. Eu me agarro a ela. Minha voz falha.

– Freya. Ela morreu. Quase não cheguei a tempo de dizer adeus.

– Ah. Que triste. – Ela passa as mãos nas minhas costas. – Sinto muito.

Então vejo Zo atrás, perto dali. Minha guarda. Minha *amiga*. Se ela olhar para mim com desconfiança, não sei se vou conseguir suportar.

Ela avança e me envolve em um abraço que quase me derruba.

Eu também a abraço. Meus olhos se enchem de lágrimas por um novo motivo.

– Senti tanta saudade.

– Pensei que nunca mais ia vê-la – afirma ela. – Pedi ao comandante que me permitisse ir atrás de você.

Um homem tosse atrás de mim e então Jake diz:

– Ahn, Harp?

A voz dele não é desagradável, mas é um lembrete de que eles estão presos aqui comigo, pelo menos até Grey acordar. Eu fungo e me recomponho.

– Desculpe. – Eu me ajeito. – Zo e Freya, esse é meu irmão, Jacob. – Eu me forço a falar sem hesitação. Uma coisa é eu mesma desempenhar um papel; outra bem diferente é incluir meu irmão despreparado e seu namorado. – O príncipe herdeiro de Decê. E Noah, curandeiro pessoal do rei.

– Oh! – Freya faz uma reverência aos homens atrás de mim. – Vossa alteza. Meu senhor.

– Bem-vindos – cumprimenta Zo.

Jake e Noah olham para as duas mulheres e não dizem nada. Os dois ainda parecem chocados.

– Nossa carruagem foi destruída – conto. – Descansaremos em meus aposentos até Jamison providenciar quartos para Jacob e Noah.

– Sim – diz Freya. – É claro. Mandarei que tragam comida. – Ela se dirige à escadaria.

Zo me observa, depois olha para meu irmão e para Noah.

– Talvez roupas também? – Ela hesita, com certa curiosidade nas palavras. – Se suas coisas foram destruídas?

Freya acredita no melhor de todos, mas Zo é mais experiente. Ela não desconfia de mim, mas sabe que tem algo acontecendo. Quero lhe contar a verdade, porém isso revelaria tudo o que prometemos ao povo de Emberfall.

– Sim – respondo. – Obrigada.

Ela olha novamente para o meu irmão e para Noah.

– Sim, *milady*.

Depois que ela se vai, levo Jake e Noah para o meu quarto e fecho a porta. A lareira está acesa, e todas as arandelas nas paredes também. Os dois dão um giro completo, observando todas as coisas.

– Não acredito nisso tudo – diz Noah, por fim. – Me belisca.

– Já estou ocupado me beliscando – responde Jake.

Noah lança a ele um olhar triste.

– Pelo menos você pode ser príncipe. Fiquei com o título de *curandeiro*.

– Tudo bem. Vamos trocar. Você pode ser o príncipe. – Jake cruza os braços. – Quando seu amigo pode nos levar de volta?

Franzo o cenho ao notar seu tom.

– De volta pra casa com os homens que estavam prestes a atirar em nós? Talvez você deva esperar algumas horas.

Ele estremece e olha para o outro lado.

– Não podemos ficar aqui, Harper.

– Bem, não posso levá-lo pra casa, e Grey precisa descansar.

Noah segue para a lareira. Ele passa a mão na cornija.

– Estamos no passado? – Ele franze a testa e balança a cabeça.

– Essa é uma pergunta ridícula. É impossível. Mas *isto* é impossível...

– Não no passado – respondo. – Eles chamam de *outro lado*. Ou talvez o *nosso* lado seja o outro lado; de alguma forma, nosso mundo corre paralelo ao deles.

De repente me sinto exausta. Preciso descobrir que boatos foram espalhados. O estado do exército. O que Karis Luran disse.

Vou para o armário de Arabella e vasculho a cômoda até encontrar as calças de couro e as blusas de malha que me acostumei a usar durante meus treinos com os soldados. Fecho a porta até a metade e falo enquanto me troco.

– OK, olha – digo alto. – Freya vai voltar com comida e roupas. Vistam algo para não parecerem alguém de fora. Comam alguma coisa. Descansem, se quiserem. Eu não ligo. Mas não atrapalhem o que está acontecendo aqui.

– O que você vai fazer? – A voz de Jake parece incrédula.

– Vou descobrir o que aconteceu enquanto eu estava fora. Vou descobrir onde está o monstro. Vou conversar com o exército de Rhen e ver se conseguimos encontrar uma maneira de salvar seu povo.

– Sério?

Visto um colete por cima da camisa e o amarro.

– Sim. Sério. Não há ninguém aqui liderando essas pessoas. Eles estão com medo de que a família real esteja morta.

– E você acha que pode liderá-las?

Não. Não tenho ideia.

– Sim – afirmo. Pego um cinturão de punhal do baú e amarro-o duas vezes em volta da cintura quando saio da sala de vestir. Prendo o couro em um movimento habitual. – Vocês acham que conseguem ficar longe de problemas por uma hora?

Jake engasga enquanto olha para mim.

– Harp... o que você... quem você pensa que é?

– Princesa Harper – digo. – E você é meu irmão, o príncipe herdeiro de Decê, então é melhor agir como tal.

– Como eu ajo como um príncipe? Eu nem sei *onde estamos!*

– Vocês estão em Emberfall. E agir como um príncipe geralmente significa agir como um sabe-tudo arrogante, então você não vai ter nenhuma dificuldade.



O castelo está cheio de pessoas que se abrigaram da criatura. Soldados de Karis Luran foram para o leste das montanhas, impedindo qualquer acesso à passagem para Syhl Shallow. Qualquer um que tenha tentado se envolver em uma batalha foi massacrado. As mensagens são enviadas de cidade em cidade uma vez por dia – e mensageiros viajam em grupo de três. Muitos não retornam. As pessoas temem que Rhen esteja morto, que o rei de Emberfall esteja morto. Muitos deles pensaram que eu estava morta.

Soube dos boatos que dizem que Rhen não é o verdadeiro herdeiro, que Emberfall sucumbirá pelos exércitos de Syhl Shallow, que escapar é impossível agora que a criatura voltou com sede de sangue.

Conto a eles que Decê também foi atacada pela criatura da feiticeira e que quase todo o meu grupo de viajantes foi morto. Felizmente eu voltei com um curandeiro habilidoso, e a sobrevivência de Grey é prova disso.

Não podemos correr sem arriscar um ataque da criatura. Não podemos ficar aqui sem arriscar um ataque dos homens de Karis

Luran.

Nosso pessoal está cansado e com medo, procurando orientação. Até os soldados mais experientes querem ordens, uma oportunidade de *agir*.

As histórias da criatura são todas terríveis, e eu não sei onde a verdade termina e o medo começa. Tudo o que posso fazer é ouvir. E tranquilizar.

E ficar preocupada.

Quando consigo voltar aos meus aposentos, não se passou apenas uma hora. Foram quatro horas. Jake e Noah adormeceram na minha cama. Não me lembro quanto tempo transcorreu desde a última vez que dormi. Minha perna está doendo, mas saio da sala e vou para a enfermaria.

Exceto por Grey, o lugar está vazio. Ele está dormindo em uma cama estreita no canto oposto, com um cobertor fino de musselina jogado sobre si. Estamos no porão do castelo, no final do corredor das cozinhas, e a luz da manhã entra pelas janelas perto do teto.

Com delicadeza, coloco um banquinho do lado da cama dele. A madeira se arrasta na pedra só um pouquinho, mas é o suficiente para assustá-lo.

– Desculpe – digo baixinho. – Não queria te acordar.

Ele fecha os olhos e passa a mão pelo rosto. Uma barba áspera e escura se formou em sua mandíbula.

– Me perdoe. – Ele apoia a mão na beirada da cama e se força a se erguer e ficar sentado. Está sem camisa, mas as ataduras de Noah ainda estão bem enroladas em seu peito e em seu braço. O cobertor se amontoa em seu colo.

– Não precisa se levantar – digo. – Só vim dar uma conferida em você.

Ele observa meu rosto rapidamente.

– Parece que você precisa mais de uma cama do que eu.

– Provavelmente. – Eu não consigo dormir, no entanto. Não sabendo que todos neste castelo estão com as horas contadas. – Você disse que Karis Luran deu a Rhen uma semana para que seu pessoal deixasse Emberfall. Faz três dias. Rhen tinha um plano para derrotá-la? O que ele ia fazer?

Grey balança a cabeça, negando.

– Enviar nosso exército para enfrentar o dela seria enviar nosso povo à morte. Podemos parar suas linhas de frente, mas ela teria substitutos, e nós, não. – Ele franze o cenho. – Sua última ordem foi para que os generais evacuassem a população. Deveriam seguir para o sul e depois embarcar em navios em Silvermoon, com destino às costas do sul.

Ele estava salvando seu povo ao desistir. Conhecendo Rhen, entendo como foi difícil a escolha para ele.

– Se tentarmos agora, Rhen-monstro atacaria?

– Ou os soldados de Karis Luran. Um ataque pode ocorrer a qualquer momento. Temo por quem mora fora do território do castelo.

– Ele atacaria os soldados dela?

– Talvez... mas ele destruiria os nossos também. Seus ataques são bastante indiscriminados. Mas ele ficou ferido quando enfiei minha espada em sua asa. Isso pode ter nos dado um pouco mais de tempo. Não há como saber quando ele vai atacar de novo. – Ele volta a olhar para mim. – Você falou com alguém desde que chegou?

– Sim, é claro. Falei com todo mundo. Vamos nos encontrar com os generais no meio da manhã.

Uma mistura de surpresa e tristeza surge em seu rosto.

– O quê? – indago. – O que há de errado?

– Nada. – Ele balança a cabeça, depois encontra meus olhos. Sua voz é baixa e calma no calor da sala iluminada pelo sol. – Eu não poderia ter escolhido ninguém melhor, *milady*. De verdade.

Um rubor toma meu rosto inesperadamente.

– Obrigada, Grey.

– Eu não tinha certeza de que você voltaria comigo depois que soubesse a verdade. – Ele pausa. – Mesmo agora, não tenho certeza do que podemos fazer.

Dou um sorriso triste.

– Eu meio que esperava que você acordasse e tivesse todas as respostas.

Ele me devolve um sorriso triste.

– Em geral é o príncipe que tem todas as respostas. Eu simplesmente sigo as ordens dele.

– O que Rhen faria? – pergunto.

– Ele provavelmente ordenaria que seus soldados caçassem essa criatura e a destruíssem. Ou, pelo menos, a afastasse de Ironrose para que o restante do castelo pudesse escapar. Mas é um trabalho para um mártir, de qualquer maneira, pois levar o monstro para longe do povo significaria seguir direto para as forças de Karis Luran.

Um trabalho para um mártir. Assim como Rhen pulando do parapeito na tentativa de salvar seu povo. Engulo em seco.

– Eu farei isso. Vou com Will. Ele é rápido e firme. Você os conduz para fora.

Seus olhos se arregalam, alarmados.

– Eu não quis dizer para você...

– Está tudo bem. – Respiro com firmeza. – Passei semanas convencendo essas pessoas de que as ajudaria. Não vai ter significado nenhum se eu não fizer isso de fato. Esta é a minha escolha.

– Eu vou com você.

– Não! Grey...

– É a *minha* escolha. – O tom de Grey é inflexível. – Ele virá atrás de mim antes de qualquer outro. Acho que mesmo nessa forma ele me conhece, embora talvez não saiba *por quê*.

– Você está ferido. – Travo os dentes. – Eu poderia ordenar que fique.

Ele também trava os dentes, à sua maneira, tão decidido quanto eu.

– Na verdade, não poderia, não. O príncipe Rhen me liberou do meu juramento. Eu não tenho mais dever para com ninguém.

Recuo.

– Sêrio?

– Sim.

E, ainda assim, ele ficou. E foi me buscar.

Por um momento ofuscante, ele não é o comandante Grey, que por um juramento era obrigado a obedecer ao príncipe herdeiro de

Emberfall. Sem uniforme, sem armas, sem homens aqui para comandar. Ele é apenas Grey, e eu sou apenas Harper.

Seus olhos, intensos e atentos, não deixaram os meus.

– Você acha que é possível quebrar a maldição? – sussurro.

– Essa não é uma pergunta que eu possa responder. *Você acha?*

Rhen é um monstro. Tão fora de si que está atacando Grey. Eu não tinha certeza se estava apaixonada por ele antes. Não vejo nenhuma possibilidade de avançar agora. Posso estar apaixonada por uma memória? Engulo em seco de novo.

– Não sei.

Sua expressão é resignada.

– Então, o que não tem solução, solucionado está.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM



HARPER

Jake é um problema.

Não, talvez eu seja o problema. Minha mente estava tão focada em salvar o pessoal de Rhen que esqueci meu irmão esperando para ir para casa até que ele veio me procurar.

Estou no arsenal com Grey, que se move tenso, mas ele não está pálido e suando como ontem à noite. Um pouco de sono lhe fez bem. Eu gostaria de poder dizer o mesmo a meu respeito. Ele está amarrando um cinturão de espada na cintura quando Jake aparece na porta, com o guarda Dustan ao seu lado.

Jake trocou de roupa, vestiu calças de couro e botas pesadas, e afivelou um casaco sobre a camiseta. As roupas combinam com ele, e a expressão de tristeza em seu rosto realmente o faz parecer um jovem príncipe rebelde.

– Você pretendia voltar? – pergunta ele.

– É bom ver você também. – Olho além dele, para Dustan. – Por favor, nos deixe a sós.

Quando ele sai, empurro a porta pesada, fechando Jake dentro da sala estreita conosco. Grey mal olha para meu irmão.

– Eu voltei – digo para Jake. – Você e Noah estavam dormindo. Como você chegou aqui?

– Falei pra alguém que precisava te encontrar. Você não é a única que leu *As crônicas de gelo e fogo*, sabe? Eu também consigo fingir. – Ele parece perceber que estou vestindo a armadura sobre minhas próprias roupas. – O que você está fazendo?

– Precisamos sair por algumas horas. Você deve se trancar no quarto com Noah. Estaremos de volta ao pôr do sol. Grey pode levá-

los para casa quando pudermos garantir que é seguro.

Assim espero.

– Não. – Jake me encara. – Agora.

– Isso é importante, Jake.

– *Isso também.* – Ele olha de relance para Grey, que está afivelando um punhal na coxa. – Ordene que ele faça isso. Agora mesmo. Ou direi a todos do lado de fora quem e o que você é.

Grey se endireita e se move para encarar Jake. Sua voz é baixa e fria.

– Eu levaria você de volta neste instante, mas sua irmã se preocuparia com sua sobrevivência. Então eu o devolverei quando isso puder ser garantido, e Emberfall não estiver em perigo imediato. Você entendeu?

Jake não recua.

– Não tenho medo de você.

– Você não precisa me temer. Mas vai respeitar sua irmã e vai me respeitar.

– Não deveria ser o contrário, já que sou o príncipe herdeiro de Decê?

Grey fica parado. Quando ele vira a cabeça para me encarar, sua expressão é quase assassina.

Cubro o rosto e espio por entre os dedos.

– Desculpa?

Ele suspira e vira aqueles olhos furiosos de volta para Jake. Sua voz é entrecortada e cheia de veneno.

– Perdoe-me, meu senhor.

A expressão de Jake é sombria e triunfante.

– Então você vai nos levar de volta.

– Vou respeitar o título que sua irmã lhe deu. – Grey desvia o olhar e puxa uma lâmina mais curta da parede. – Não jurei servi-lo e não preciso agir de acordo com suas ordens. – Uma pausa. – Um verdadeiro príncipe saberia disso.

Meu irmão inspira como se fosse discutir.

– Jake – disparo. – Estamos perdendo tempo. Pessoas podem morrer. As pessoas *vão* morrer. Estou pedindo doze horas, pode ser? Doze horas para você se trancar em um quarto, comer iguarias

e sentar em frente a uma lareira com seu namorado. Pode fazer isso?

– Não enquanto você não me contar o que está fazendo.

Hesito.

– Vamos ver se conseguimos distrair Rhen...

– *O quê?*

– ...para que todos possam fugir para os barcos em Silvermoon. – Seu rosto começa a mudar, e eu emendo depressa: – É a única maneira de proteger todos. Ele reconhece Grey. Acho que ele também pode me reconhecer...

– Harper.

– Você não pode me deter – afirmo.

– Oh, confie em mim. Recebi esse recado nos últimos dias. – Ele respira, depois olha ao redor da sala como se estivesse vendo todas as armas e armaduras pela primeira vez. – Só... me dê algumas coisas.

– Algumas... *coisas?*

– Coisas. – Ele aponta para a parede. – Você pode ser durona, Harper. Mas passei as últimas semanas fazendo o meu melhor para sobreviver. Também não estou desamparado.

Não sei bem o que dizer.

– Você acha que eu vou ficar sentado no andar de cima comendo bolo com Noah enquanto você está arriscando sua vida? – questiona ele. – Pare de me encarar. Eu vou com você.



O dia está bonito demais para estarmos caçando um monstro. O sol brilha intenso nos dois lados do território do castelo de Ironrose. Chegamos ao ponto da estação em que a temperatura não se altera quando passamos pela floresta, embora as folhas mudem dos vermelhos e dourados do fim do outono para o verde vibrante do início da primavera. Não tenho certeza se Jake percebe.

Mantemos os cavalos apenas trotando para ajudar Jake. Ele teve algumas aulas quando eu estava cavalgando, mas nunca participou por tempo suficiente para alcançar algum tipo de proficiência.

Considerando como Grey está tenso quando se senta em sua montaria, acho que o trote lento também é um benefício para ele. Eu vi a careta que fez quando ele se alçou para a sela.

Mais cedo, Grey forneceu ao meu irmão dois punhais e uma espada.

– Legal – disse Jake quando Grey enfiou a espada em um cinturão para ele.

O olhar de Grey estava sombrio, e ele apertou o cinturão um pouco mais forte do que o necessário.

– É para o caso de eu perder a minha de novo.

Foi difícil deixar Zo, porém confio nela para ajudar as pessoas a saírem do castelo. Ela me lançou um olhar demorado quando ordenei que cuidasse das mulheres e das crianças, mas obedeceu.

Quero lhe contar a verdade. Só não sei como.

E de repente, entendo como ele manteve seu enorme segredo guardado de mim por tanto tempo. Escolhas baseadas em escolhas. O pensamento comprime meu peito. Eu preciso pensar em outra coisa. Olho para Grey.

– Você acha que eles terão tempo suficiente para levar o pessoal para Silvermoon?

Ele dá de ombros, depois estremece.

– Se por ora a criatura estiver no chão, sim. Caso contrário, ele poderá pegá-los um a um.

– Então vamos encontrar essa coisa e matá-la? – pergunta Jake.

O maxilar de Grey enrijece, mas ele não fala nada.

– Desculpe – digo de novo, entredentes. – Estou surpresa por você tê-lo deixado vir.

Ele suspira e olha para mim.

– Longe de mim recusar um pedido do “príncipe herdeiro de Decê”.

Seu tom é irônico, e eu faço uma careta.

– Você estava inconsciente! Eu pensei que Jamison ia dizer aos soldados para atirar em nós! Como eu deveria chamá-lo?

Ele levanta uma sobrancelha.

– Criado? Lacaio?

Eu abro a boca. E volto a fechá-la.

Grey ainda não terminou.

– Podia ser um escravo, *milady*. Um guarda.

– Mas ela escolheu príncipe – responde Jake. – Supere.

Grey o ignora.

– O consorte do curandeiro?

Jake bufa, mas duas manchas rosadas aparecem em suas faces.

– Noah provavelmente teria amado esse.

Estamos na floresta há bastante tempo, a trilha é larga e aberta. Essa é a estrada principal, mas só ouvimos pássaros e pequenos animais se esgueirando. Nenhum viajante. Ninguém.

Todos estão se escondendo.

– Estamos perto – diz Grey. Não tenho certeza se o silêncio o preocupa ou o encoraja. Ele indica: – Caímos bem ali.

Vejo os galhos quebrados entre as árvores. Há muitas manchas marrons espalhadas pela casca... que de repente compreendo ser sangue seco.

Algo brilha branco entre as folhas.

– Ali! – Aponto. – Grey, você está vendo...

Um guincho inumano corta o ar.

Aquele brilho estoura no chão, explodindo entre arbustos, tornando-se uma criatura monstruosa de quatro patas. Outro grito, e de repente ela está galopando colina acima, bem na nossa direção.

Não consigo registrar o que é. É enorme e brilhante à luz do sol. Jake está berrando meu nome. Will está empinando. Eu caio.

Grey agarra meu braço e me puxa para seu cavalo, encaixando-me atrás de si. Eu automaticamente o agarro pela cintura e ele solta um urro.

– Desculpe! – exclamo. – Desculpe.

Ele já está esporeando o cavalo.

– Pegue as rédeas – diz ele, sem fôlego, quando quase as enfia na minha mão antes de pegar suas facas.

Eu direciono o cavalo para a criatura. E continuo vendo o monstro em flashes aterrorizados debaixo do braço de Grey enquanto o cavalo se move. Um corpo maciço de quatro patas, com cerca de três metros de altura, está diante de nós. Tem uma cabeça parecida com a de um cavalo, mas com olhos pretos e dentes afiados que

escapam para fora da boca. Escamas iridescentes brilham ao longo de sua pele, transformando-se em penas brancas que brotam acima de seus ombros enormes. Uma asa está dobrada firmemente contra seu corpo, enquanto a outra se arrasta na lateral. As patas da frente terminam em garras prateadas. A criatura corre em nossa direção com determinação, gritando novamente quando Grey não dá sinais de reduzir o ritmo.

É terrível e bonito. De algum modo, é totalmente Rhen... e ainda assim nem um pouco como ele.

Quando nos aproximamos, o monstro se ergue sobre nós, e tenho certeza de que esses pés com garras vão nos derrubar.

Grey é muito rápido. *Finc, finc, finc*, suas facas de lançar disparam de sua mão. Uma ricocheteia nas escamas, mas as outras duas enfincam, penetrando na pele na base de uma asa. Vejo sangue seco sob a envergadura e percebo que Grey tinha razão.

A criatura grita e se joga para trás.

– Rhen! – grito. – Rhen, *por favor!*

– As asas – grita Grey, ofegante. – É onde ele é vulnerável.

Rhen – o monstro – cai no chão e luta para se levantar. Vai nos atacar de novo. Me esforço para ajeitar as rédeas.

Não consigo ver...

Não consigo conduzir o cavalo...

Não consigo...

É rápido demais...

Jake segura nossas rédeas na parte de trás do cavalo.

– Venha! – grita. – Pensei que íamos levá-lo pra longe. – Ele esporeia o cavalo, então eu quase sou arrancada das costas de Grey quando nossos animais saltam para a frente.

Os pés do monstro fazem o chão tremer enquanto ele corre atrás de nós. Cortamos pela floresta, os cavalos lado a lado, cascos batendo na relva. Grey assumiu as rédeas novamente, e eu me agarro firme à sua armadura.

– Ele está correndo – diz Grey. – Não pode voar pelas árvores.

– Ele é bem rápido – grita Jake. Suas pernas estão balançando contra as laterais do cavalo e ele está segurando a crina. Não é preciso muito para arrancá-lo do cavalo.

O monstro grita mais uma vez, o som próximo o suficiente para parecer estar bem em cima de nós. Tenho medo de olhar. O cavalo de Grey força as ancas e dispara para a frente. Eu seguro mais forte.

– Ele vai nos pegar – diz Grey.

Ele tem razão. Abaixo a cabeça e vejo flashes brancos logo atrás de nós.

– Esconda ela – berra Jake. – Leve-a para algum lugar seguro.

Antes que eu possa protestar, Jake puxa com força as rédeas do cavalo e volta para encarar a criatura que está assomando sobre nós.

– Pode vir! – Eu o escuto gritar. – Venha atrás de mim!

– Não! – Ele vai matá-lo. Rhen vai matar meu irmão. – Grey... não! Você não pode...

Ele não faz nenhum movimento para desacelerar.

– Por favor! – grito. Eu tento tomar as rédeas dele. – Por favor, Grey. Por favor...

Uma pata com garras se fecha na armadura amarrada em volta da minha caixa torácica. Eu sou levantada da parte de trás do cavalo.

Berro. O cavalo desaparece abaixo de nós. O vento gira em torno de mim. As garras são como aço nas minhas costas. Um estalido rápido e minha armadura será cortada ao meio.

Grey estava errado. Ele pode estar ferido, mas consegue voar.

– Por favor – repito. – Por favor, Rhen. Por favor, me reconheça.

A criatura grita e arremete para o ar. Vejo Grey abaixo, acelerando o cavalo.

Estou com um braço livre. Puxo um punhal. Não consigo alcançar suas asas, mas posso alcançar a pele carnuda que conecta as garras às patas dianteiras.

– Não! – grito.

Uso a lâmina para esfaquear.

O monstro vacila no ar e bate as asas contra a corrente. Esfaqueio de novo. A garra afrouxa, apenas por uma fração de segundo.

Então aperta novamente. A armadura se pressiona contra mim.

Mal consigo sentir meu braço esquerdo.

– Que droga, Rhen! – exclamo. – Me escute!

Mergulhamos e arremetemos mais uma vez, indo na direção de Jake. Meu irmão segura um punhal em cada mão e se vira, pronto para...

Batemos nele. Mesmo envolvida nas garras de Rhen, eu sinto o impacto. Jake e seu cavalo caem no chão.

Rhen voa pela corrente de ar e somos lançados para cima, bem alto. De repente, o chão se torna um borrão, e meu irmão e seu cavalo são um pequeno ponto imóvel entre as árvores.

– Não! – grito. Minha voz está falhando. O vento congela minhas bochechas. – Não. Rhen. Por favor. Eu te amo. Eu te amo. Eu direi o que você quiser. Por favor, pare.

Ele não para. Arremetemos de novo.

– Lembra? – grito. – Você me ensinou a segurar um arco. Você salvou minha vida em Silvermoon. Você me ensinou a dançar no penhasco.

Ele não hesita. Derrubamos Grey no chão. Eu o ouço gritar. Eu o sinto tentar me agarrar, me libertar.

Não funciona. Estou no ar de novo.

– Por favor, Rhen. – Apesar do meu pedido, enfio o punhal na pele carnuda novamente. A garra afrouxa e ele grita, mas não solta. – Lembre-se de mim. Lembre-se. Por favor. Lembre-se de quando eu fui atrás de você na neve. Depois de Lilith. Lembra como nós balançamos?

Estou engasgada no meu próprio medo. Nada muda.

Ou talvez sim. Demoro um minuto para perceber que ele está dando voltas nas árvores, mergulhando para ameaçar Jake e Grey, mas depois levantando alto quando eles não o ameaçam.

E ele não me esmagou.

Eu paro de esfaqueá-lo.

– Rhen? – Minha voz falha. – Rhen. Por favor.

O ar parece parar.

Então Jake grita lá de baixo.

– Ei! Solte minha irmã!

Rhen grita e mergulha. Ele não conhece Jake. Suas presas

brilham na luz do sol.

– Não! – exclamo.

Ele não escuta. O momento do reconhecimento se foi. Estamos despencando no ar. Ele vai despedaçar meu irmão.

– Por favor! – grito. – Você disse que me daria qualquer coisa que pudesse. Por favor, pare. Por favor.

As últimas duas palavras são um grito desesperado.

Rhen passa voando pelo meu irmão sem tocá-lo.

Minha respiração quase para. *Deu certo.*

Descemos de uma vez, porém sem velocidade. Meus pés se arrastam contra o chão.

Ele me solta.

Tropeço, caio e tento me levantar, mas meu corpo não se move tão rápido. Parece que a garra dele ainda está embutida na minha armadura na altura do ombro. Eu cambaleio e encontro equilíbrio no mesmo instante em que ele pousa a uma curta distância.

Ele também está respirando com dificuldade. Mas está parado.

Como antes, ele é bonito e terrível. Parte dragão, parte cavalo, parte algo que eu nem posso denominar. Não consigo parar de observar como ele é assustador. Quanta destruição poderia causar. Não tenho ideia de como quebrar esta maldição. Não tenho ideia de como salvá-lo.

Mas pelo menos ele está no chão. Não está atacando.

Pelo canto do olho, capto movimento. Jake está se aproximando com um punhal em cada mão. Seus olhos estão arregalados e determinados.

Rhen se agacha e grita para ele. Suas patas parecem preparadas para pular no ar. O sangue fresco reveste a parte inferior de uma asa, no ponto onde as facas de Grey entraram em sua pele e ficaram presas.

– Não! – digo. – Jake! – Então paro na frente de Rhen e levanto minhas mãos em um gesto inofensivo. – Pare. Rhen. Pare.

Ele solta um longo suspiro e bate as patas no chão. Uma garra cava uma vala de quase dois metros de comprimento.

– Está tudo bem – digo baixinho. Minha voz treme. Dou um passo em sua direção.

Ele grita comigo e eu paro. Estendo a mão.

– Está tudo bem – sussurro. – Rhen. Sou eu. Está tudo bem.

Ele dá um passo arrastando o pé para a frente. Grey está a uma curta distância atrás dele, mas está absolutamente imóvel. Tem a espada na mão, pronto para atacar, se necessário.

Quando a criatura chega mais perto, engulo em seco. Suas presas são do comprimento do meu antebraço. A cabeça dele tem metade do comprimento do meu corpo.

– Rhen – sussurro.

Ele dá mais um passo. Olho nos olhos escuros do monstro e não vejo nada familiar.

Contudo, quase posso *senti-lo*.

Movo minha mão lentamente, como se ele fosse um cachorro e eu quisesse deixá-lo sentir meu cheiro.

Rezo para que ele não me morda.

Ele abaixa a cabeça, mas não para na minha mão. Fico paralisada e paro de respirar.

Seu rosto pressiona meu peito. Ele sopra ar quente contra meus joelhos.

Ergo uma mão e a pressiono na bochecha dele, logo abaixo do olho. Minha outra mão a parte inferior de sua mandíbula. As escamas parecem seda.

Ele encosta o rosto em mim e solta um suspiro.

Eu me inclino contra ele e faço a mesma coisa.

– Oh, Rhen – digo, e percebo que ele está chorando. Ele está aqui. Não está machucando ninguém.

Mas ele ainda é um monstro.

A maldição ainda não foi quebrada.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS



MONSTRO

A*h, Harper.*
Você voltou.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS



HARPER

Enquanto fico ali falando com ele, Rhen-monstro se mantém dócil como um cachorrinho.

Se Grey ou Jake se aproximam, ele serpenteia seu enorme pescoço e sibila para os dois; porém, como estão mantendo distância, ele está parado. Ele se joga no chão quando peço, para que eu possa tirar as facas de Grey da base de sua asa.

Meus dedos ainda tremem devido ao resquício da adrenalina, e espeto minha pele na borda de suas escamas, mas as facas se soltam. O sangue escorre por seu corpo sem parar, mas ele não parece incomodado. Ele é tão grande que talvez as facas fossem mais um incômodo que qualquer outra coisa.

Rhen vira a cabeça e de novo pressiona o rosto contra o meu corpo. Toda vez que ele faz isso, uma onda de tristeza toma conta de mim.

Ele não quer isso. E eu não posso resolver. Também não posso matá-lo. Não assim.

Olho para cima e pergunto a Grey:

– O que vamos fazer?

O guarda está pálido de novo, encostado no cavalo a uma curta distância. Gostaria de saber se seus pontos estouraram.

– Nunca vi a criatura ficar assim – afirma ele. – Nem nessa estação, nem em nenhuma outra. – Ele hesita. – Não sabemos quanto tempo vai durar.

– Bem, não podemos ficar aqui na floresta para sempre. – Tenho medo de me afastar dele agora, como se o que o mantivesse ao meu lado fosse um feitiço que pudesse ser quebrado com a

distância.

– Na verdade, *milady*, não sei qual deve ser nosso próximo passo. – Grey suspira e se endireita.

Logo que Grey dá um passo para se aproximar de mim, Rhen-monstro levanta-se do chão e gira para encará-lo. Um rosnado baixo sai de sua garganta, terminando naquele grito arrepiante.

Os cavalos pulam e recuam, saltitando contra as rédeas que os mantêm amarrados às árvores. Grey, não. Ele levanta as mãos.

– Se uma fração de sua mente ainda existe dentro dessa criatura, você sabe que não desejo lhe fazer mal.

Ele solta um rosnado baixo novamente, mas sem a mesma intensidade.

– Harper acabou de tirar suas facas das asas dele – diz Jake de onde está, perto dos cavalos. – Ele pode não acreditar em você.

Grey não desvia o olhar da criatura.

– Eu tenho cem pontos no meu peito, então talvez estejamos quites.

Rhen bate com a pata no chão, depois dá um passo para trás.

Não tenho ideia se é uma trégua.

Um som alto ecoa a distância, como trombetas, porém mais baixo. A cabeça de Rhen se levanta e vira na direção do som.

– O que é esse barulho?

– Os soldados de Syhl Shallow – diz Grey. – Seus berrantes de batalha. Eles estão avançando.

Não temos como saber se todos foram evacuados do castelo. Paramos o monstro, mas não detivemos os homens de Karis Luran.

Os berrantes são ouvidos de novo.

– Temos que voltar – digo. – Você sabe dizer quanto tempo temos?

– Se andarmos rápido, chegaremos meia hora antes. Leva tempo para mover as tropas.

– O que faremos com essa coisa? – pergunta Jake.

– Eu não sei. – Grey hesita, e há um quê de tristeza na voz dele que reflete o que sinto quando Rhen pressiona a cabeça no meu peito. Grey olha para a criatura. – Você quer voltar para Ironrose? Você quer voltar para casa?

Rhen se agacha e dá um salto, pegando o vento com as asas, voando alto antes de virar para o oeste. As escamas brilham em uma variedade cintilante de rosa, azul e verde à luz do sol. Desse ponto de vista, ele é extremamente belo. É só de perto que fica visível o perigo.

– Rápido – apressa Grey. Ele se vira para o cavalo e puxa as rédeas. – Se ainda houver alguém no castelo, eles podem atacá-lo.

Ou Rhen pode atacá-los.

Não digo em voz alta. Apenas manco pela pequena clareira e assovio para Will.



Cavalgamos rápido e chegamos em pouco tempo. Rhen é mais rápido, mas ele segue conosco, voando à frente antes de voltar para perto. Continuo temendo que essa conexão fácil se rompa e ele passe direto por Ironrose, encontrando as pessoas que se dirigem para Silvermoon e os navios que as aguardam. Ele é grande o suficiente para destruir barcos com facilidade, esmagando mastros e velas. Com sua capacidade de voar, poderia naufragar todos.

Preciso parar de pensar assim.

Especialmente quando chegamos perto das terras ao redor do castelo e ele desliza para o chão para viajar conosco a pé. É difícil não estremecer e recuar.

Ele assoma sobre nossos cavalos. Will empina debaixo de mim, e eu mantenho as mãos firmes nas rédeas, mas depois Rhen caminha ao nosso lado como se não fosse nada.

Olho de relance para Grey.

– O que vamos fazer com ele no castelo?

– Deixar que ele se esconda no pátio e esperar Karis Luran nos expulsar, suponho. – Ele faz uma pausa. – Perdoe-me, *milady*. Não vejo como podemos vencer.

Os berrantes soam a distância. Rhen rosna.

Olho de volta para ele e a emoção enche meu peito sem que eu esteja preparada.

– Eu não deveria ter partido, Grey. Ele precisava de mim, e eu

estava me apaixonando por ele. Só que... a minha família... – Cubro os olhos com as mãos.

A voz de Grey está angustiada.

– Ele sabe, *milady*. Garanto para você que ele sabe.

– Mas ele ainda assim me deixou partir.

– Sim, é claro.

Quando olho nos olhos de Grey, compreendo.

Rhen se apaixonou por *mim*.

Penso na voz dele quando estávamos no penhasco em Silvermoon. *Também quero saber se é real.*

Era real. Para ele, era real.

Ele estava me esperando.

– Eu que falhei aqui – minha voz vacila. – Eu, não ele.

– Não. – Grey está atordoado. – Não. Você não falhou em nada.

– Eu falhei...

– Não – diz Jake, falando pela primeira vez depois de algum tempo. – Harper, você não fez isso.

– Mas eu poderia ter parado... E eu não conseguia agir com velocidade...

– Não – retruca meu irmão. – E, caramba, pode me escutar pelo menos uma vez? Você não o amaldiçoou. Você não se trouxe aqui.

– Ele respira fundo. – Você não levou... câncer para a nossa mãe. Você não forçou nosso pai a pegar dinheiro emprestado com as pessoas erradas...

– Você também não – digo. – Mas mesmo assim você foi trabalhar para o Lawrence.

– Eu fiz o que precisava fazer – responde ele. – Para dar mais tempo para nossa mãe. Para proteger você.

– Eu também – insisto.

Cavalgamos pelo bosque, e a criatura de Rhen volta a nos seguir. Eu deveria saber. Eu deveria ter percebido. Agora vamos voltar para um castelo vazio. Grey vai devolver Jake e Noah para Washington DC.

Eu não sei o que vou fazer.

Enquanto cavalgamos entre as árvores, notamos movimento à frente. Vozes ecoam ao longe.

Eu paro meu cavalo.

– Grey. É o exército de Karis Luran? – Eles nos ultrapassaram de alguma maneira? Mas então o ouro e o vermelho dos uniformes do exército de Rhen ficam claros entre as árvores.

– Não foram embora! – A confusão fica maior do que o nó no meu peito até deformá-lo. – Ainda estão aqui! O que aconteceu? O que...

– O monstro! – grita um homem. – O monstro está na floresta!

Homens avançam para a frente. Ouvimos gritos ao nosso redor. Vejo arcos levantados. Cavalos pisoteiam o chão.

Com um guincho, o monstro de Rhen desfralda suas asas e tenta levantar voo, mas as árvores são muito densas aqui, e ele é grande demais. Eles vão atacá-lo. Ele vai revidar.

– Não! – eu berro. – Contenham o ataque! – Will empina, e solto um pouco a rédea para poder seguir na frente dos homens que estão liderando o ataque. – Segurem! Onde está o general?

Atrás de mim, Rhen berra. Muitos dos soldados recuam. Cavalos empinam e relincham em uma formação mal contida. Alguns outros avançam.

– Basta! – grito. – Eu disse para *conter o ataque*.

O exército de Rhen se detém. Grey está atrás de nós, bloqueando a criatura. Espero que ele esteja convencendo Rhen a se segurar também. Estamos presos em um círculo tenso de medo e ódio cruel. Todo mundo quer atacar.

– *Milady*. – Zo cavalga por entre os soldados. O rosto dela está feroz e cheio de tensão. Ela lança um olhar preocupado para o monstro atrás de Grey. – Você... *capturou* a criatura?

As garras de Rhen raspam o chão. Um rosnado baixo ecoa pela floresta. Um murmúrio nervoso sobe entre os soldados atrás dela.

– Vocês deviam ter evacuado – digo para ela. – O que estão fazendo aqui?

– Todo mundo que estava disposto a evacuar foi embora.

– Todo mundo que estava disposto? – Várias centenas de homens e mulheres estão atrás dela. – Nossas ordens eram para evacuar todos.

Um homem dá um passo à frente. Seu nome é general Landon, um homem que já serviu ao pai de Rhen. Ele para o cavalo ao lado

de Zo.

– *Milady*, se você estiver disposta a arriscar sua vida para nos salvar, estamos dispostos a arriscar a nossa para salvar Emberfall. Não formamos esse exército para fugir.

Não sei bem o que dizer.

– General... o exército de Decê não pôde vir. – Sinto lágrimas nos olhos e temo que isso seja entendido como fraqueza. – Não temos número suficiente para enfrentar os soldados de Karis Luran. Eles já estão avançando.

– Se pudermos segurá-los até que os reforços cheguem...

Reforços.

– General. – Minha voz falha. – Eu não... Eu não tenho...

Rhen grita e bate no chão. Eu me viro e olho para trás, para ele.

Ele pode não ser totalmente ele mesmo, mas me reconhece. Ele reconhece Grey.

Passo minha perna sobre o lombo do meu cavalo e desço ao chão, depois ando pela vegetação rasteira para chegar à criatura.

Assim que me posto diante dele, Rhen para de olhar entre as árvores para os soldados e pressiona o rosto no meu peito. Seu hálito quente sopra contra meus joelhos novamente.

Outro murmúrio percorre os soldados, ficando mais alto conforme a notícia se espalha.

Ela a domou. A princesa domou a criatura.

Afago as escamas macias sob sua mandíbula e me pergunto se é verdade. Rhen me disse certa vez que, se pudéssemos fazer o exército de Karis Luran recuar pela passagem, poderíamos posicionar homens em número suficiente ali para impedir que entrassem outra vez. Só precisamos que o exército dela fuja.

Rhen é aterrorizante o suficiente para que eles fujam. Só não sei como fazê-lo atuar dessa maneira.

– Não podemos ficar aqui. Estamos todos em perigo. Os soldados de Karis Luran estão chegando. – Ponho minhas mãos nos dois lados do seu rosto e olho em seus olhos escuros como a noite. – Por favor. Você consegue entender?

Ele toca sua cabeça em mim, depois pisa no chão de novo, batendo os pés com garras na terra, fazendo o chão tremer. As

garras de suas patas traseiras cavam sulcos no caminho.

Soldados gritam e se movem pelas árvores.

– Não deixem que ele machuque a princesa!

Rhen ruge e se endireita. Assim, ele alcança seis metros. Talvez mais. O grunhido que ele emite ecoa pela floresta e produz uma reação visceral no meu corpo. Eu me abaixo e me encolho.

Ele vai me esmagar. Vai matá-los. Ele não entende.

Um braço agarra o meu e me arrasta para fora do caminho. É Zo, e a espada dela está em cima e na nossa frente. Os pés com garras de Rhen batem no chão. Ele dá um rugido bem no rosto dela, e eu a empurro para trás de mim.

– Não! – grito.

Ele para, mas se vira contra mim. Presas se engancham na armadura nas minhas costas. Eu me afastei de Zo. Ele vai me despedaçar. Homens gritam. Eu vejo um lampejo de aço enquanto Grey desembainha sua lâmina. Jake grita:

– Harper!

Não consigo pensar. Eu respiro. Espero pela dor.

Não vem nada. Estamos correndo, tão rápido que as árvores são um borrão para o lado. Estou pendurada na boca dele como um gatinho.

Nós nos libertamos das árvores e suas asas se abrem no ar. O chão começa a se afastar abaixo de mim. Alguém está gritando.

Sou eu. Eu estou gritando.

Tudo o que me mantém no ar são essas fivelas de couro prendendo a armadura no meu corpo.

Estamos tão alto que eu posso ver a quilômetros de distância. O Castelo Ironrose. Os soldados se movendo para formar um bloco, os cavalos tão pequenos que podiam ser roedores. Consigo ver a estalagem e Silvermoon ao longe.

Estamos tão alto que o ar fica mais rarefeito. Meus braços começam a ficar dormentes pela pressão das tiras contra o meu peito.

– Por favor – choramingo. – Você está me machucando. Me leve de volta. Por favor, Rhen.

Ele não me leva de volta.

Ele me solta.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO



MONSTRO

D*estruir.*

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO



HARPER

Caio por muito, muito tempo. O vento é uma onda selvagem nos meus ouvidos, uma explosão congelante no meu rosto. O chão corre na minha direção.

Asas aparecem abaixo de mim, uma área branca preenchendo meu campo de visão. Espero colidir com ele, mas Rhen compensa minha queda, ajeitando-se abaixo de mim e descendo até meus joelhos se conectarem com a base de suas asas, buscando se equilibrar depois. Passo os braços em seu pescoço. As escamas cortam minha pele, mas seguro firme.

Olho para baixo. Os soldados estão seguindo a cavalo. Somos mais rápidos, mas eles estão seguindo, transformando-se em um pequeno borrão a distância.

Eles não serão capazes de me ajudar. Ele pode voar para qualquer lugar. Ele pode me deixar cair de novo.

Ele pode *atacá-los*.

Não posso detê-lo. Só posso me segurar.

Fui muito estúpida. Jake tinha razão. Devíamos tê-lo matado.

Adiante, ao longe, uma enorme fila de homens a cavalo está cobrindo o chão rapidamente. Galhardetes verdes e pretos balançam ao vento. Um berrante soa no ar.

O exército de Karis Luran.

Eles carregam uma artilharia mais pesada. Duas catapultas. Eles têm bestas. Não sei muito sobre estratégia militar, mas sei que esse exército supera o nosso. Se Grey e Jake e os outros ainda estiverem me seguindo, serão eviscerados.

Logo que Rhen e eu nos aproximamos, somos avistados. Os

homens gritam, seus cavalos se movimentam, encontrando uma nova formação. Setas voam pelo ar ao nosso redor. Eu grito:

– Rhen! Precisamos voltar. Precisamos avisar...

Ele ruge, o som terminando naquele grito estridente. Rhen desce, derrubando soldados de seus cavalos e jogando-os uns contra os outros. Homens gritam e tentam me agarrar, mas Rhen em sua forma de monstro é muito grande, muito poderoso. O sangue enche o ar quando ele os despedaça e voa de volta ao céu.

Ele não estava tentando me matar. Ele estava fazendo o que eu pedi. Estava tentando detê-los.

Eu não quero vê-lo assim. Não quero ver esses homens morrerem.

Tampouco quero ver *nossos* soldados morrerem.

Rhen tinha muita razão sobre o que disse sobre escolhas. Não existem escolhas fáceis. Nenhuma.

Ele desce em meio aos soldados mais uma vez, abrindo uma faixa entre suas fileiras. O sangue espirra, misturando-se com as lágrimas nas minhas bochechas. Estou segura entre as asas dele, mas é um tipo terrível de segurança.

Ele ataca de novo. Outra vez. E mais uma. Os soldados são habilidosos e reorganizam sua formação para compensar nossos ataques. Não sei dizer se os esforços dele estão fazendo alguma diferença, e quero esconder meu rosto em seu pescoço, mas não posso. Flechas voam ao nosso redor, e minha armadura me manteve segura até agora. Arranco-as das asas de Rhen quando ele é atingido.

Ouçó um rangido alto e um estalo de algum lugar à minha direita, e meu cérebro leva muito tempo para perceber que eles carregaram a catapulta.

– Desvie! – berro. Dou um puxão no pescoço de Rhen. Uma pedra maior que o meu corpo quase acerta a gente.

Rhen voa pelos soldados, pegando uma corrente de ar para subir, nos levando mais alto do que o alcance da catapulta. Estou ofegante, engasgando com as lágrimas. Homens feridos gritam abaixo de nós. Faixas de sangue cobrem o campo de batalha abaixo, lembrando-me da sala amaldiçoada no Castelo Ironrose.

Os soldados estão encontrando outra formação. Nós temos que fazer alguma coisa. Ele não é nada seletivo, e há muitos homens.

Rhen passou bastante tempo conversando sobre estratégias de batalha, mas não comigo. Sempre com seus generais ou com soldados. Só ouvi partes, mas sei que as pessoas importantes ficam na parte de trás.

Eu não quero fazer isso. Quero que ele me leve para longe dali.

Quando elaboro o pensamento, já estou falando:

– A retaguarda – digo para Rhen, e minha voz falha. Lembro-me de como ele ficou destruído depois de ordenar a morte do homem em Forja Hutchins. – Temos que derrubar os oficiais. – Engulo em seco e forço minha voz a ficar firme. – A última linha, Rhen. As bandeiras. Os oficiais. *A retaguarda*.

Ele dá uma volta e arremete.

Eu me preparei para um impacto, segurando firme no pescoço dele. Ele ataca pela linha da retaguarda, retalhando bandeiras e corpos. O som fica gravado no meu cérebro. Cavalos guincham. Homens gritam e morrem. Pedregulhos voam pelo ar e aterrissam com baques de quebrar os ossos.

Assim que voltamos para o ar, eu me inclino sobre o ombro dele e examino os danos abaixo. Meus dedos estão deixando marcas ensanguentadas por todas as suas escamas e penas das asas. Ele não demonstra absolutamente nenhum sinal de cansaço.

O terreno está repleto de corpos. As terras agrícolas estão encharcadas de sangue.

Não há sinal do nosso exército. Não sei se isso é bom ou ruim.

Estou ofegante.

– Agora para a vanguarda – digo. – Não podemos deixá-los avançar. A vanguarda, Rhen. – Pego o pescoço dele e aponto. – Entendeu?

Ele mergulha em resposta.

Esses soldados são mais jovens. Menores. Muitos estão a pé. Eles morrem com a mesma facilidade, apanhados por suas presas ou garras. Os soldados de Syhl Shallow perdem qualquer senso de formação e agora correm desbaratados, apenas tentando sair do caminho de Rhen. Os homens dirigem-se para o oeste. Impedimos

completamente qualquer movimento que avançava em direção a Ironrose.

– Estamos vencendo – grito para Rhen, embora nada do que está acontecendo pareça uma vitória. – Está funcionando.

Ele dá um longo grito que leva mais homens a correr. Especialmente quando voa rumo a eles com as garras estendidas.

Um zumbido e um apito cortam o ar.

O impacto atinge Rhen como um reboque de trator. Nós voamos de lado. Ele cai no chão.

Suas asas apoiam minha queda, mas o impacto me derruba de suas costas. Derrapo pela terra, sentindo terra batendo na lateral do meu rosto. A catapulta finalmente teve sucesso.

É ruim.

Uma bota me chuta nas costas. Flechas são apontadas para a minha cabeça. Um berro alto ecoa em algum lugar à minha esquerda.

Um dos homens apontando uma flecha para o meu rosto levanta a cabeça para gritar.

– Fera! Nós vamos acabar com ela! Você não pode matar seis de uma vez!

Outro berro. O chão treme quando Rhen põe os pés na terra.

Um homem agarra minha armadura e levanta sua faca. Minha cabeça ainda está se recuperando da batida no chão e minha visão fica borrada. Tenho certeza de que ele está prestes a me apunhalar pelo lado, mas não faz isso. Ele corta minha armadura para tirá-la. Sob o couro revestido de aço, estou encharcada de suor, e de repente o frio do ar corre pelo meu peito.

Mais um berro.

O homem em cima de mim deixa sua flecha voar.

Ela atravessa meu ombro e depois enfina no chão abaixo, prendendo-me à terra.

Então ele faz de novo.

É a maior dor do mundo. Estou vendo estrelas. Estou vendo galáxias inteiras. Meu mundo não passa de dor.

O monstro grita novamente. Suas asas batem no ar.

– Fique longe! – grita o homem. – Existem muitos outros pontos

em que posso atirar sem matá-la.

Rhen deve estar sobrevoando perto. *Sip, sip, sip.*

Estão atirando nele. Estão atirando em mim. Uma flecha atravessa meu braço.

Não sei dizer se estou gritando ou chorando ou as duas coisas.

São as duas coisas. Eu vou desmaiar. Vou morrer.

O chão está tremendo ao meu redor. Mais homens estão chegando. Não consigo ver nada.

– Não pare! – grito para Rhen. Estou chorando. Estou balbuciando. Nem sei se ele consegue me ouvir, mas não pode ter sido tudo por nada. – Não pare. Salve seu povo. Deixe me matarem. Deixe me matarem, Rhen.

Ele grita outra vez, um rugido feroz que sacode o chão.

Flechas são lançadas. *Sip. Sip. Sip.* Espero pela dor aguda.

Que nunca vem. A luz do sol repentina encontra meus olhos. Os homens ao meu redor estão caindo com flechas no peito, flechas na cabeça. Soldados estão lutando, espadas balançando. Capturo um flash de ouro e vermelho.

Meu exército chegou.

Um dos soldados de Karis Luran consegue se aproximar de mim. Ele deve saber que é um homem morto, pois puxa uma flecha para trás. Está apontada bem para a minha cara.

Uma corda do arco estala e uma flecha aparece em seu braço. Seu próprio tiro dispara sem controle.

A luz do sol pisca prateada. Uma espada balança.

A cabeça do soldado se desconecta do pescoço. O sangue voa. Seu corpo desaba.

Pisco, e Grey está ali com Zo. Eles estão ajoelhados perto de mim. Meus olhos se fecham. O cheiro de sangue no ar é forte. Flechas estão sendo disparadas ao nosso redor. Choques de aço reverberam em algum lugar distante.

A criatura grita e homens berram.

– *Milady.* – A mão de Grey. Meu rosto. – Olhe para mim. Harper!

Eu pisco e abro os olhos.

– Você nunca... me chama de Harper.

Ele solta um suspiro. Ainda está muito pálido. Então olha para

cima, passando por mim.

– Ela vai sobreviver. Vou mantê-la a salvo.

Acho que ele está falando com Zo, mas um sopro quente passa pelo meu cabelo, e percebo que é Rhen. Tento levantar a mão para tocar seu focinho, mas meu braço está preso ao chão.

Então solto um grito.

– Grey – digo. Eu pareço uma criança chamando a mãe.

– Precisamos soltar.

– Certo, certo. – Engulo um soluço.

Ele não espera. Saca um punhal e passa pelas hastes abaixo do meu braço. Zo puxa as três flechas em rápida sucessão. Antes que ela termine, estou rolando para o lado para vomitar na grama encharcada de sangue. Quando meu corpo para de arfar, estremeço e abro os olhos.

Estou olhando nos olhos sem vida do homem que quase me matou.

Eu grito e de repente sou erguida. Por um instante acho que é Rhen, e não sei como vou sobreviver a outra viagem pelo ar. Mas os braços ficam firmes sob meus joelhos e minhas costas, e minha cabeça se apoia num ombro. Meu rosto está pressionado em um pescoço.

– Calma, *milady*. – É a voz de Grey, baixa e gentil e de alguma forma mais alta que toda a luta.

Ele não devia estar me carregando. Vai estourar seus pontos.

Abro a boca para dizer isso.

Mas acabo desmaiando.



Recobro lentamente a consciência.

Por um longo, demorado e delirante momento, acho que estou em um hospital. Há um homem bradando ordens sobre bandagens limpas. Sinto uma movimentação intensa ao meu redor.

Meus olhos se abrem e estou na enfermaria. Reconheço o teto, o formato da janela escura acima da minha cama. Estou no mesmo canto que Grey já ocupou. Essa manhã? Nem sei mais. Meu braço

esquerdo inteiro dói.

Resmungo e rolo de lado.

A enfermaria está lotada. Todas as camas – são dezesseis – estão ocupadas. Lençóis manchados de sangue estão por toda parte. Homens e mulheres gemem baixinho.

Noah está sentado em um banquinho ao lado de um deles. Está apoiando o antebraço ensanguentado de um soldado em uma tala, envolvendo-o com tiras de musselina.

– Pedi bandagens limpas! – diz ele bravo.

Uma moça perto da porta está de olhos arregalados e parece quase em pânico. O nome dela é Abigail, e ela está encarregada de cuidar de pequenos ferimentos desde que Rhen abriu as portas do castelo. Ela é rechonchuda, lenta e maternal, mas claramente não está acostumada com um médico de emergência gritando ordens para ela.

– Sim, *doutor*. – Ela diz doutor como se fosse uma palavra estrangeira. – Sim, já mandei buscar.

– Noah. – Minha voz sai com dificuldade, rouca.

Ele olha de relance para mim. Seus olhos me percorrem de cima a baixo em menos de um segundo.

– Que bom. Você acordou. – Ele enrola um pedaço de musselina.

– Precisamos da cama. Abigail!

A mulher na porta pula.

– Sim...

– Encontre Jake. Diga a ele que Harper acordou. – Ele passa um antebraço na testa.

– Ah... *Jake*? – pergunta ela.

Noah revira os olhos e enrola outro pedaço de musselina.

– Príncipe Jacob. – Ela sai correndo e ele olha para mim. – Você vai precisar de uma tipoia. Freya fez uma para um dos rapazes. Vou pedir que ela faça pra você também.

Meu cérebro não consegue entender tão rápido. Jake deve estar bem. Meus olhos passam pelos corpos nas camas, procurando Grey. Procurando Rhen, só por precaução. Não encontro nenhum dos dois.

– Noah...

– Jake disse que vocês dois tinham que “fazer uma coisa rapidinho” e então iríamos pra casa. Hilário. Então ele aparece com quase quarenta pessoas com ferimentos graves. Como vocês não têm um médico aqui? Vocês têm um *exército*. ABIGAIL!

Ela corre porta afora.

– Sim, meu... sim...

– Peça que tragam o próximo. Verifique se estão lavando as feridas de flecha com *água salgada fervida*. Não apenas água pura. Você me entende? Você...

Sua voz desaparece na minha cabeça. Eu luto para me erguer. Tenho que puxar meu braço esquerdo contra o corpo para evitar a dor.

– Harp. – Jake está na minha frente, a voz rouca e exausta. Seus olhos estão fundos e feridos, as roupas estão desgastadas e com manchas de sujeira, mas não vejo bandagens.

– Jake. – Minha voz falha. – Você está bem. – Hesito. – O que aconteceu com Rhen?

O rosto de Jake fica imóvel, mas ele estende a mão.

– Venha. Noah vai ficar maluco se não sairmos logo da cama dele.

– Espere! – Esquadrinho a enfermaria. – Onde está Zo? Ela...

– A garota com as tranças? Está bem. Ela é mais mandona do que você. O tal do Grey teve que dar uma ordem para ela ir dormir uma hora atrás.

Grey. Preciso falar com Grey. Preciso descobrir o que aconteceu com Rhen. Com a ajuda do meu irmão, levanto-me e chegamos ao corredor. Sinto-me tonta e seguro firme em seu braço. Homens e mulheres se alinham no corredor, alguns que eu conheço e outros não. Alguns estão feridos, embora muitos não estejam. O ar está pesado com óleo de lamparina, suor e sangue. Eles fazem medidas quando passamos.

– Uau – sussurro para Jake. – Você realmente levou essa coisa de príncipe a um novo nível.

– Não – diz ele. – Você fez isso.

Olho para ele, surpresa.

– O quê?

– É pra você, Harper. – Seus olhos escuros baixam para encontrar os meus. – Só se fala de como você lutou sozinha contra os soldados de Syhl Shallow. Que você domesticou a fera e a virou contra o inimigo. Que você salvou o país deles.

– Mas... mas eu não... foi...

– Shh. – Ele leva um dedo à frente dos meus lábios. – Aqui não.

– Mas funcionou? – Meu coração se ilumina. – O exército recuou?

– Recuou. – Ele faz uma careta. – Foi brutal, Harp... e você sabe o que eu já vi.

Seus olhos encontram os meus. Eu sei o que ele já viu.

Por causa da batalha naquele campo, eu também as vi.

– Fugiram correndo – conta ele. – Qualquer um que pudesse lutar seguia em frente para bloquear a passagem. Trouxemos os feridos de volta pra cá. Noah tem tratado todos o mais rápido que suas “enfermeiras” conseguem limpá-los.

– Uau. – Não tenho ideia se isso se sustentará, se os soldados serão capazes de impedir uma invasão do exército de Karis Luran. Mas, por enquanto, ganhamos um tempo.

Achei que estávamos voltando para os meus aposentos, mas Jake me leva pelo castelo até encontrarmos as portas do Salão Principal que conduzem ao pátio dos fundos e à estrebaria.

– Por quanto tempo eu fiquei apagada? – pergunto.

– A maior parte do dia.

– Você realmente se deu bem por aqui.

– Acho que por acaso. – Ele faz uma pausa. – Ajuda que todos pensem que minha irmã salvou o mundo.

Não tenho certeza do que responder, e de qualquer maneira ele está empurrando a porta. É crepúsculo, e o ar do outono está frio, com gosto de madeira queimada e folhas em decomposição. Tochas acesas queimam na parte de trás do castelo, lançando longas sombras sobre o pátio.

Longas sombras que riscam a criatura monstruosa em pé perto das árvores, escamas brilhando à luz do fogo.

Emberfall está a salvo, mas ele não se transformou.

Grey também está ali fora. Com armadura nova. Armas limpas.

Ele fica na base da escada e se vira quando Jake empurra a porta. Sua expressão é sombria.

– *Milady* – diz ele. – Você acordou.

– Acordei. – Seguro meu braço machucado contra o corpo. As bandagens fazem tudo parecer firme e rígido. – Noah me chutou de lá.

– O seu “doutor” é feroz à sua maneira.

Jake bufa e se inclina contra a porta, fechando a quietude do pátio ao nosso redor.

– Não deixe que ele escute você falando assim.

Engulo em seco.

– Você... vai pra casa? Estava esperando eu acordar?

– Ainda não. – Jake chuta a areia dos degraus de pedra. – Noah não quer ir embora até que todos estejam estáveis.

– Isso é incrível.

Jake dá de ombros, embora pareça resignado.

– Ele não está feliz com isso. – Uma pausa. – Seus pais vão ficar preocupados. A irmã dele também. Ele não sabe o que vai acontecer se os policiais aparecerem no apartamento. O celular dele estava sobre a mesa.

Forço meu cérebro a percorrer as ramificações disso, e meus pensamentos vão em uma dúzia de direções diferentes. Muitas não são boas para Noah. Se alguma coisa aconteceu com os homens de Lawrence e Noah estiver envolvido... Poderia prejudicar sua carreira. Sua família.

– Sinto muito, Jake – sussurro.

Ele dá de ombros de novo.

– Vou lá para os fundos agora, pra ajudar. – Ele dá uma olhada para Grey, depois para Rhen, cujos grandes olhos pretos estão nos observando do outro lado do pátio. – Você está bem?

– Sim. Claro.

Ele me dá um abraço gentil, porém, antes de se afastar, olha para mim e diz:

– Você foi realmente incrível, Harp.

Minha boca se abre, mas ele balança a cabeça.

– Não foi só ele. Ele não teria feito nada sem você. Você merece

o respeito. – Então ele sorri, uma sombra do antigo Jake, antes que a vida nos tomasse de assalto. – A mamãe ficaria muito orgulhosa de você, princesa Harper. – Ele me beija na testa, depois volta pelas portas do castelo.

Desço os degraus, segurando firme o corrimão enquanto mantenho o braço machucado contra meu corpo.

Grey se move para ficar na minha frente.

– Você provavelmente não devia estar descendo escadas. – Ele desabotoa o cinto do punhal, depois solta a arma. – Você provavelmente não devia sequer estar andando.

Ele enrola o restante do couro ao redor do meu antebraço e o prende com a fivela atrás do meu pescoço. Com a tipoia improvisada, posso relaxar o braço pela primeira vez desde que acordei. É um alívio que eu não sabia que precisava.

– Obrigada, Grey.

Um meneio de cabeça.

– Você não estourou os pontos? – indago.

– Ah. Sim. O doutor disse que, se eu fizer isso de novo, ele me dará a honra de remover meu braço.

– Então ele provavelmente não ficaria feliz por você estar aqui armado.

– É provável que não.

Estou muito consciente da minha respiração. Da dele. Da do ser amaldiçoado no canto de trás do pátio.

– Você está protegendo o castelo de Rhen? – pergunto baixinho.

– Ou é o contrário?

Seus olhos são escuros e inescrutáveis na escuridão do crepúsculo.

– Ambos, *milady*.

– Eu tinha esperança de que... – Suspiro e olho para minhas mãos. Não posso olhar para Rhen agora.

– Eu acredito que ele também.

Um rosnado baixo vem do outro lado da clareira. A escuridão parece se separar. Não vejo nada, mas Grey saca a espada.

Então, ao meu lado, uma voz feminina diz:

– *Tsc, tsc, tsc.*

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS



MONSTRO

D*estruir.*

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE



HARPER

Rhen avança pela clareira quando Lilith aparece. Seu grito ecoa contra as paredes do castelo.

Ela dá um passo e se posiciona ao meu lado.

– Não, não, príncipe Rhen – fala ela com calma. – Eu detestaria machucar essa criatura adorável.

Ele derrapa e para na nossa frente, serpenteando seu pescoço brilhante de uma maneira ameaçadora. Ele enfia as presas bem na frente do rosto dela.

– Pode matá-la – digo para Rhen. – Não me importo se ela me matar. Faça isso.

Ele rosna, aquele som baixo e ameaçador que faz as minhas entranhas se contorcerem, mas não ataca.

– Ele se importa se eu matar você – diz Lilith deleitada. – Arrisco a dizer que ele se importa muito com isso.

– Eu disse que o amava – brigo com ela. – Eu o beijei. Arrisquei minha vida por ele. O que mais você quer pra quebrar a maldição?

– Você se arriscou por Emberfall. Não por ele – suspira ela. – Se você o amasse, a maldição seria quebrada. Não é algo que eu devo fazer. É algo que você deve fazer... ou não fazer, como talvez seja o caso. O verdadeiro amor não é romance. O verdadeiro amor requer sacrifício. A disposição de pôr a vida de outra pessoa acima da sua.

– Então Grey deveria ter quebrado a maldição – replico. – Ele fez isso muitas vezes.

– Grey o fez sob um juramento. Não é verdade, comandante? – Ao meu lado, Grey está bem parado e bem quieto. – Sabe – continua ela – que eu fui ver Karis Luran? Ela precisava saber o que

você estava fazendo com os soldados dela. – Lilith faz beicinho. – Ela está muito chateada mesmo. Consegui confortá-la e aprender muitas coisas sobre o finado rei de Emberfall.

Rhen grunhe mais uma vez.

– Ah, sim – prossegue Lilith. Ela passa a ponta do dedo pelo rosto de Rhen e ele se afasta. É aterrorizante ver uma criatura como ele se encolher. – Muitas coisas – diz ela com calma. – Acontece que eu procurei o príncipe errado o tempo todo. Mas você será muito mais útil para mim assim.

– Deixe-o em paz. – Meu coração explode no peito. – O que você quer?

– Nosso querido príncipe sabe o que eu quero. Ele pode aceitar, senão eu vou destruir você. Nem preciso de uma coleira.

Ela estende a mão para tocar minha face.

Meu rosto fica vermelho. Estou de joelhos, pressionando a mão boa na bochecha. Estou chorando e nem sei o que aconteceu.

Não estou sangrando. Ela não penetrou na minha pele.

Rhen grunhe, porém recua. Uma aquiescência.

– Não – digo. – Por favor. Rhen. Não.

Tem que haver outra maneira. Eu posso ter ajudado a derrotar os soldados de Syhl Shallow, mas ele reuniu seu povo. Ele formou este exército. Ele é o governante aqui, não eu.

Lilith se aproxima de Rhen, que se afasta dela como um cachorro espancado.

– Pense no que poderíamos fazer.

– Chega! – exclama Grey.

Sua espada está desembainha, mas ele não tomou nenhuma atitude.

Lilith sorri e se vira na direção dele.

– Você não pode me matar, comandante. Sabe disso. – Ela dá um passo em sua direção, e ele dá um passo para trás, com a espada à sua frente.

O sorriso dela aumenta.

– Eu posso usá-la contra você também, sabe?

Minha mente gira.

– Não. Grey. Não. Me mate. Pode me matar. Não deixe que ela

faça isso.

Sua respiração acelera, mas ele não fala nada. O olhar dele pula de mim para Rhen, depois volta para Lilith.

– Me mate! – ordeno. – Você disse que eu estava convidada a usar qualquer arma que você carrega. Puxe uma faca e faça isso!

Ele não faz.

Lilith volta-se para mim. Pela primeira vez, a descontração desaparece do rosto dela.

– O que você tem que inspira tamanha lealdade? – Ela estende a mão e eu tropeço para trás. – Sério, Harper, fico perplexa. – Sua voz se torna mais sombria, retorcendo-se, e vira algo que aperta meu peito. – E, francamente, é muito irritante, sua garota defeituosa, dispensável, in...

– Leve a mim no lugar dela – interrompe Grey.

Ela para e o encara.

– Não estou mais sob um juramento. Não devo nada a ninguém.

– Não – digo, ao entender o que ele está falando. – Não. Grey. Não...

Ele fala como se eu não estivesse ali:

– O príncipe é uma criatura poderosa, mas você teria que confiar em sua devoção a Harper, que certamente diminuiria com o tempo. Um dia ele vai se virar contra você.

– E você não?

– Uma vez que dou minha palavra, não volto atrás. – Ele pausa. – Como você, não é?

A criatura grunhe de novo.

Grey não olha para ele.

– Sou apenas um homem, mas posso ir aonde uma fera não pode. Posso seguir ordens. Eu posso obedecer a seu comando.

– Acho sua oferta intrigante, comandante. Não acredito que você saiba o que está oferecendo.

Ele inspira.

– Acredito que sei.

Ele se ajoelha.

Grey estende a espada com as duas mãos e oferece a ela.

– Não! – exclamo. – Não! Grey! Você não pode! – Eu me movo

para a frente para detê-lo, mas Lilith agarra minha trança em uma pegada apertada e me puxa de volta.

Rhen grunhe de novo.

Grey não fala nada.

– O grande comandante Grey, de joelhos aos meus pés. – Lilith dá risada. – Eles sabem que ainda posso te matar, garota. Ainda não aceitei a oferta dele.

A espada continua nas mãos de Grey, sólida e inabalável.

– Você aceita? – pergunta ele.

– Aceito.

Ela pega a arma dele. Solta meu cabelo. Eu cambaleio de volta.

Rhen ruge, levantando-se para bater os pés no chão.

Lilith gira com a espada na mão.

– Se eu o tenho, não preciso mais de *você*.

Então ela dá um passo à frente, pronta para enfiar a lâmina na lateral do corpo dele. Bem embaixo da asa.

É onde ele é vulnerável, Grey disse uma vez. *As asas*.

Eu não penso. Pulo em cima dela. Pulo na espada. Não sei o que estou fazendo. Simplesmente não posso vê-lo morrer.

Não estou de armadura. Não tenho armas. A espada de Grey é afiada. A lâmina atinge minha pele como um milhão de cacos de vidro. Eu caio, mas Lilith também cai. Onde nossa pele se conecta, o fogo enfurece meu corpo. O rugido de Rhen se une em um grito que dura para sempre.

Grey arrasta Lilith para longe e a joga no chão. Ele segura um punhal.

A mão dela serpenteia para agarrar sua garganta.

– Você jurou.

– Não jurei, não. – Grey enfia o punhal no peito dela.

O sangue flui ao redor da mão dela, que aperta o pescoço do guarda, que solta um som de dor, mas ele empurra a lâmina para baixo com tudo.

O corpo dela treme.

– Você não pode... me matar...

– Não posso matá-la *aqui*. Mas posso matá-la...

Eles desaparecem.

Fico ofegante. A dor na lateral do meu corpo é inimaginável. Me consome por inteira. O tempo passa. Uma hora. Um ano. Um segundo. Uma eternidade.

Uma mão toca meu rosto. A respiração quente roça minhas bochechas.

Antes que eu perca a consciência, uma voz masculina fala:

– Harper. Oh, Harper, o que você fez?

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO



RHEN

Desta vez, eu não mantenho vigília sozinho. Zo fica comigo. O irmão de Harper também fica comigo. O curandeiro Noah passou várias horas costurando Harper.

Ao terminar, sua voz estava sombria quando disse:

– Eu não sei. Não sei.

Ela recebeu uma dose de éter sonífero para descansar, mas mesmo isso fez Noah fazer uma careta e se preocupar com a dosagem e algo chamado coma.

Então nos sentamos. E esperamos.

Há muitas coisas que eu não sei.

Eu não sei se ela quebrou a maldição com sua ação... ou se Grey foi bem-sucedido ao matar Lilith e isso me libertou.

Eu não sei se Lilith foi bem-sucedida em matar *Grey*.

Já se passaram horas, e ele ainda não voltou.

Harper pode não sobreviver.

Como sempre, minha vida parece estar destinada a terminar em uma tragédia.

O irmão de Harper fala na escuridão silenciosa e matinal que adentra meus aposentos.

– Se ela morrer, eu vou matar você.

São as primeiras palavras que ele me dirige em horas. Desde que ajudou a mover Harper para este quarto, na verdade.

Espero Zo contradizê-lo. Ela não faz isso.

Suspiro, depois concordo com a cabeça.

– Eu lhe oferecerei minha espada.

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE



HARPER

Dessa vez, meu retorno à consciência não é gradual. Eu acordo com um grito e um choro.

A dor me envolve por todos os lados, e eu quase me enrolo em mim mesma. A luz do sol queima meus olhos. Estou deitada em lençóis encharcados de suor.

– Calma, *milady*. – É a voz de Rhen. A mão dele toca minha bochecha. – Outro pesadelo. Acalme-se.

Pisco, e seus olhos quentes encham minha visão.

Ele fica embaçado enquanto as lágrimas brotam.

– Você está aqui. – A dor rouba o meu fôlego, mas não consigo parar de encará-lo. – Você está aqui.

– Sim. Estou. – Ele usa o polegar para limpar as lágrimas dos meus olhos. – Zo e Jacob ficarão bastante aliviados ao ouvir sua voz. – A mão dele acaricia minha bochecha, depois minha testa. – E seu curandeiro ficará bastante aliviado ao saber que sua febre se foi.

– Mas... a maldição...

– Foi quebrada.

– Quebrada – repito num sussurro.

– Sim. – Ele tira uma mecha de cabelo da minha testa. – É muito bom ver você com esses olhos novamente.

Engulo em seco.

– Por quanto tempo fiquei desacordada?

– Seis dias.

– Seis dias! – Eu me esforço para conseguir sentar e imediatamente me arrependo.

– Calma. – Ele me empurra de volta. – Você tem muitas semanas de cura pela frente.

– E quanto a Grey? Ele está bem? – Assimilo o que ele disse a respeito de Jake e Noah. – Ele não levou meu irmão e Noah pra casa?

Algo nos olhos de Rhen se desfaz.

– Grey não voltou.

– O quê?

– Grey não voltou. Ele desapareceu com Lilith e não voltou.

– Oh, Rhen. – Meus olhos marejam de novo. – Você acha...

– Eu não sei o que pensar. – Ele faz uma pausa. – Ele pode estar morto. Ele pode ter feito o juramento para Lilith. Ele pode ter ficado preso ao seu lado se a matou lá. Eu não sei.

Encontro a mão dele e a seguro na minha, depois vejo seus olhos brilharem de surpresa.

Ele levanta a minha e beija os meus dedos.

– Sinto como se tivesse ao mesmo tempo vencido e perdido.

– Eu também – digo.

Rhen franze o cenho, depois beija minha mão de novo.

– Vou mandar buscar seu irmão. Eu imagino que têm muito a dizer um ao outro.



Dias se passam.

Grey não volta.

Os boatos da feiticeira maligna e da destruição do exército de Karis Luran pelo monstro se espalham. Escuto murmúrios sobre uma criança mestiça que pode estar definhando em algum lugar, mas muitas pessoas riram disso por ser absurdo demais. Rhen não faz nada para reprimir nenhum boato. Ele é muito popular. Sua aliança com Decê é vista como uma vitória que protegeu seu povo. Ele recuperou o respeito e o apoio de Emberfall.

Jake e Noah estão presos aqui. Eles caíram numa rotina e parecem bem felizes, embora eu tenha ouvido Jake confortando um emotivo Noah tarde da noite, quando a escuridão é absoluta e não

há pacientes para tratar e a realidade parece mais profunda.

Rhen está sempre ocupado. Sempre requisitado. Ele me visita com frequência, mas com mais frequência me divirto com Zo, Freya e as crianças. Mesmo à noite, Rhen me dá espaço e privacidade, dando-me tempo para me curar.

Uma semana depois que acordei, Noah me autoriza a fazer uma curta caminhada lá fora, sob a luz do sol. Rhen não sai do meu lado, e somos seguidos por Dustan e Zo.

Meu abdome dói, mas o ar fresco é agradável. Estamos no pátio dos fundos, perto da estrebaria. A treliça está repleta de rosas vibrantes.

– As flores estão desabrochando! – exclamo.

– Sim. – Rhen sorri. – Quando a maldição foi quebrada, o outono virou primavera. Durante a noite, as folhas secas se enrolaram, novos brotos se formaram nas árvores. – Uma pausa, e um sorriso escapa do rosto dele. – Embora tenhamos enfrentado muitas perdas, nossa vitória sobre Lilith e Karis Luran é vista como bastante impressionante.

Uma vitória que significou a perda de Grey.

– Sinto muito – digo baixinho. – Também sinto falta dele.

Ele balança a cabeça devagar em uma negativa.

– Ele deveria ter sido um amigo. Sinto como se ainda tivesse fracassado de muitas maneiras.

Talvez ele volte. Eu penso, mas não digo em voz alta.

Se Grey pudesse voltar, já teria voltado.

– Você não fracassou – afirmo. – Você salvou seu povo.

– Eu fracassei – insiste Rhen. – Eu não os salvei cedo o bastante. Eu não impedi que isso acontecesse.

Fico em silêncio por um momento.

– Quando Lilith me disse que minha família estava em perigo, ela falou que foi Grey quem a deixou entrar nos seus aposentos. Naquela primeira noite. Ela o subornou para ter acesso. Você nunca me contou isso. – Eu me interrompo. – Mas você sabia, né? Você tinha que saber.

Ele assente:

– Eu sabia.

– Uma vez ele me disse que tinha sua parcela de culpa pela maldição – digo.

– Talvez, mas eu permiti que ela ficasse. Eu poderia tê-la mandado embora. – Ele para. – A responsabilidade era minha. A maldição era minha.

– Você se lembra de quando jogamos baralho e você me contou que seu pai disse que todo mundo recebe uma mão e tem que jogar com as cartas que recebeu?

– Sim.

– Eu não concordo. Acho que a gente recebe cartas e as joga, mas depois recebe mais cartas. Não acho que tudo esteja predestinado desde o início. Ao longo do caminho, você poderia ter feito uma escolha diferente e tudo isso poderia ter sido diferente. – Eu pauso. – O fracasso não é absoluto. Só porque você não pôde salvar todo mundo não significa que não salvou ninguém.

A expressão dele fica sombria. O sol brilha e andamos em silêncio por um tempo. Por fim, estendo a mão e pego a dele. Seus passos vacilam como se estivesse surpreso, mas eu entrelaço meus dedos nos dele e continuo andando.

– Há uma área em que ainda não sei se fracassei ou se fui bem-sucedido – diz Rhen.

– Qual é?

Ele me para e depois se vira para mim. Seu cabelo está dourado à luz do sol, e seus olhos brilham intensos nos meus.

– Não sei se foi você que quebrou a maldição, ou se foi Grey quando matou Lilith.

Eu o observo. Ele não fez uma pergunta, mas sua voz está pesada.

De repente, percebo que ele está perguntando se estou apaixonada por ele.

Abaixo o olhar.

– Eu não sei.

Suponho que essa seja a resposta errada, de qualquer maneira.

– Ah.

Ele não se mexe, mas sinto uma nova distância entre nós, como se ele tivesse dado um passo atrás. Seus dedos se desprendem

dos meus.

Penso nas noites que passamos compartilhando segredos. Como nos balançamos ao som da música.

Penso em Grey de joelhos, oferecendo a si mesmo para me poupar. Para poupar Rhen.

Penso em escamas iridescentes e em noites tranquilas e em facas de lançar e na minha mãe.

Penso em escolhas.

Penso em quem está na minha frente e em quem pode nunca mais voltar.

Rhen está se virando. Ele não vai insistir... nunca foi seu estilo.

Pego a mão dele.

– Vossa alteza.

É a primeira vez que digo isso sem um pinga de desdém, o que chama a sua atenção. Ele se volta para mim.

– *Milady*.

Estendo a mão e toco seu rosto. Aproximo meus lábios dos dele.

– Eu gostaria de descobrir.

EPÍLOGO



GREY

O mesmo sonho atormenta minhas noites por semanas.

Lilith na calçada áspera e úmida embaixo de mim. Luzes de neon em cima.

– Você não pode me matar – diz ela. – *Karis Luran me contou a verdade*. Você quer saber a verdade, não quer, comandante Grey? Sobre Rhen? Sobre você mesmo? Sobre o verdadeiro herdeiro do trono? Sobre o sangue que corre em suas veias? – Ela está ofegante enquanto pressiono minha espada contra seu pescoço. – Você não quer saber como foi o único guarda a sobreviver?

– Não – digo.

Então corto sua garganta.

Uma mulher me chacoalha para me acordar.

– Grey. Grey. Você está tendo outro acesso de terror noturno. Acorde.

Meus olhos se abrem. Os olhos preocupados da minha mãe me encaram. Eles estão preocupados desde que ela me encontrou meio morto na estrebaria, com a garganta sangrando pela última tentativa de Lilith de tirar minha vida, os pontos meio estourados sob minha armadura. Ela beija os dedos e os pressiona na minha testa – algo que fazia quando eu era criança e de que eu tinha me esquecido completamente.

– Aí está – diz ela. – Isso vai te acalmar.

Pego sua mão.

– Você não contou para ninguém que estou aqui.

– Você mesmo contará a eles se continuar gritando assim enquanto dorme.

– Mãe – suspiro, depois deixo-a ir.

Se o que Lilith disse era verdade, essa mulher não é minha mãe.

– Tão sério. – Sua mão passa pela minha bochecha e eu me afasto. Lembro-me do seu toque. O pensamento de que ela pode não ser minha família causa mais dor do que quando reneguei a todos. – Eles levaram meu garotinho para o castelo e mandaram um guerreiro para casa. – Sua voz vacila. – Por muito tempo pensei que estivesse morto.

– Ninguém pode saber que estou aqui. – Engulo em seco, e as feridas na minha garganta repuxam e doem. – Você dirá às pessoas que sou seu sobrinho. Ferido na batalha contra Syhl Shallow no norte.

– Por quê? – A voz dela sai abafada. – O que você fez?

– Não é o que eu fiz, é o que eu sei.

E o que eu lembro. Os olhos de Harper na escuridão.

O aperto que o príncipe deu na minha mão quando se jogou do parapeito do castelo.

As palavras de Lilith: Karis Luran me contou a verdade.

Minha lâmina realmente cortou. Eu tenho certeza de que ela morreu.

Na verdade, não tenho certeza de nada. Não esperei para ter certeza. Ela não tinha mágica do outro lado para salvá-la.

Mas eu fugi antes de ter certeza.

– O que você sabe? – sussurra minha mãe.

Ela toca minha mão. E a envolve nas próprias mãos.

Eu congelo. Puxo minha mão e abro os olhos para encará-la.

– Não, mãe. O que você sabe? A respeito do meu pai?

– Grey? – ela pergunta num sussurro.

– O que você sabe da minha mãe? Minha mãe *verdadeira*.

O rosto dela fica inerte. Não é uma resposta, mas é suficiente.

Ela toca minha mão novamente.

– Não importa, Grey. Isso não importa. Eu o criei como meu filho. Eu o *amo* como meu filho. Ninguém sabe. Ninguém. Você não deveria saber.

Penso em Karis Luran.

– Tem alguém que sabe.

O rosto dela fica pálido.

– O próprio rei entregou você em meus braços. Eu servi no castelo. Perdi um filho ao nascer. Ele disse que ele e eu éramos as únicas pessoas a saber e, se eu contasse a alguém, ele saberia que essa informação tinha vindo de mim. Eu nunca disse nada. Jamais, Grey.

– Você permitiu que eu me candidatasse ao cargo de guarda. Você me *encorajou*.

– Não tínhamos nada. Depois que seu pai foi ferido... – Sua voz falha, e eu sei que ela está se lembrando dos meses, dos *anos* de luta que nossa família enfrentou.

– Eu sabia que o rei não o reconheceria. Ele nunca o tinha visto desde aquele dia. Ele nem sequer sabia o seu nome. Você estava muito ansioso para se candidatar. Eu não poderia tirar isso de você.

Estávamos desesperados... e eu *estava* ansioso. Eu também me lembro disso.

– O príncipe é o herdeiro – afirmo. – Não eu.

Jurei minha vida porque acreditava nisso, não posso desacreditar tão facilmente. Não faz diferença quem é meu pai.

– Mas Grey...

Solto a mão dela.

– Não posso ficar aqui. – Eu me levanto. – Foi dito o bastante para levantar questionamentos. Já existe dúvida sobre a legitimidade do príncipe. Se alguém descobrir o meu verdadeiro direito de primogenitura, serei procurado.

Não tenho vontade de governar, mas passei tempo suficiente na corte para saber que meu desejo não tem peso nenhum. Minha própria existência desafia a linha de sucessão.

Se alguém está à minha procura, está atrás apenas da minha cabeça separada do meu corpo.

Minha mãe deve compreender isso ao mesmo tempo que eu.

– Ninguém sabe. – Ela engole em seco. – Não contei para ninguém. Você pode ser meu sobrinho, como sugeriu...

– Não posso.

Eu já me arrependo de ter vindo aqui. Eu a pus em risco.

– Mas para onde você *vai*? – Ela se levanta com a intenção de

me deter.

Eu a circundo. Já se passaram semanas, e a dor das minhas feridas diminuiu. Minhas armas estão empilhadas ao lado da porta, porém estão todas marcadas com o brasão real dourado e vermelho.

– Enterre essas coisas – digo. – Sob a calha de alimentação ou sob o monte de estrume. Em algum lugar onde não possam ser encontradas.

– Mas Grey...

– Eu permaneci aqui por tempo demais.

– Aonde você vai?

– Eu não sei.

Mesmo se soubesse, não lhe contaria. Se ela for interrogada, e provavelmente é mais uma questão de *quando* do que de *se*, quanto menos souber, melhor.

– Mas você não tem nada.

– Se eu aprendi alguma coisa enquanto servia na Guarda Real, é como permanecer invisível e como me manter vivo.

Ela engole em seco.

– Grey. Por favor.

Eu me viro para a porta.

– Grey está morto, mãe. Isso é tudo o que você precisa saber.

NOTA DA AUTORA

Em *Uma maldição sombria e solitária*, a protagonista, Harper, tem paralisia cerebral. Muito parecida com um indivíduo com deficiência do mundo real, ela não se deixa limitar por sua condição; em vez disso, é algo que faz parte de sua vida diária. Eu me esforcei para criar uma garota que fosse forte, resistente e capaz – não apesar dos desafios físicos que ela poderia enfrentar, mas somando-se a eles. Como Harper diz a Rhen, a paralisia cerebral afeta cada um de maneira diferente. As capacidades variam de pessoa para pessoa, então a história dela é exatamente isto: uma história. A experiência de Harper pode não refletir todas as pessoas com deficiência, mas espero que sua determinação e sua tenacidade criem uma conexão com todos. Incentivo os leitores a aprenderem mais sobre paralisia cerebral no site em inglês www.cerebralpalsy.org.

AGRADECIMENTOS

Se você já leu algum dos meus livros, pode estar acostumado com meus agradecimentos se estendendo por duas a três páginas, e vou dizer que dessa vez não será diferente. Este livro foi um projeto enorme para mim. Comecei a escrever *Sombria e solitária maldição* anos atrás, e tantas pessoas forneceram informações valiosas ao longo do caminho que é bem possível (é bem *provável*) que me esquecerei de mencionar alguém. Se eu te esquecer aqui, por favor, saiba que não te esqueci no meu coração, e sou muito grata por sua ajuda. Além disso, por favor, me lembre de te pagar uma xícara de café. Eu te devo uma.

Certo, aí vamos nós.

Primeiro e mais importante: meu marido, Michael. Quando eu estava muito para baixo, anos atrás, Mike me disse: “Quando foi a última vez que você escreveu algo por diversão? Não algo sob contrato. Quando realmente escreveu algo para si mesma?”. Ele tinha razão: já fazia um tempo. Então me sentei, peguei minhas anotações sobre essa ideia de um príncipe amaldiçoado que se transforma em uma fera de tempos em tempos e comecei a escrever. Algumas semanas depois, mostrei à minha agente. Meses depois, eu tinha um contrato. Costumo pensar naquele momento com meu marido. É um bom lembrete para mim que contar uma história é a melhor parte, e eu nunca devo perder isso de vista. Tenho sorte de tê-lo nessa jornada comigo.

Minha mãe, como sempre, é uma inspiração constante. Você não estaria lendo estas palavras se não fosse por seu incentivo inabalável quando eu estava crescendo – e mesmo agora. Ela não

leu muitos dos meus livros e pode nem estar ciente do que escrevo na seção de agradecimentos, mas sabe que eu a amo e espero que saiba a influência profunda que sua positividade tem tido em minha vida.

Bobbie Goettler é minha melhor amiga e leu quase todas as palavras que já escrevi, desde o começo, quando escrevia sobre vampiros bobos que corriam pelos subúrbios. Agradeço, Bobbie, por ser uma amiga tão incrível. Seu apoio ao longo dos anos significou tudo para mim. Eu amo que meus filhos a chamem de tia Bobbie e que, quando se referem a seus “primos”, incluam seus filhos. Para uma amizade que começou em um painel de mensagens sobre escrita, acho isso bastante poderoso.

Minha incrível agente, Mandy Hubbard, é, como sempre, perfeita em sua orientação sobre minha escrita e minha carreira. Desde suas mensagens de texto de suporte a GIFs incríveis por e-mail, até me ouvir soluçar no bate-papo do Google – além de todo o material comercial do agente –, ninguém se compara a Mandy. Um dia desses eu vou construir uma estátua dela e erguê-la no gramado da entrada da minha casa.

Vou ter que deixá-lo ao lado da futura estátua de Mary Kate Castellani, minha destemida editora na Bloomsbury. Não sei se consigo expressar em palavras (*oi, sou escritora*) como sou grata pela sua influência na minha escrita. Sempre que penso que algo é bom o suficiente, ela me instiga a melhorar. Quando fica melhor, ela me instiga a fazer melhor ainda. Ela tem uma visão brilhante e sempre encontra a história que eu não sabia que estava procurando. Agradeço, Mary Kate, por tudo.

Por falar na Bloomsbury, vou precisar fazer estátuas de Cindy Loh, de Claire Stetzer, de Lizzy Mason, de Courtney Griffin, de Erica Barmash, de Cristina Gilbert, de Anna Bernard, de Brittany Mitchell, de Phoebe Dyer, de Emily Ritter, de Beth Eller, de Melissa Kavonic, bem como de Diane Aronson e da equipe de preparação e revisão de texto – meu quintal vai ficar muito lotado, mas tudo bem – e todos os demais da Bloomsbury que ajudaram a levar este livro até suas mãos. Gostaria de saber o nome de todos, para lhes agradecer individualmente. Por favor, saibam que minha gratidão é infinita e

não consigo dizer como valorizo seus esforços em meu nome.

Este livro exigiu uma quantidade enorme de pesquisas sobre a paralisia cerebral de Harper, o treinamento médico de Noah, a habilidade de Grey de lançar uma faca. Um enorme e tremendo agradecimento a Erin Kanner, minha amiga de tanto tempo, por toda a sua compreensão da paralisia cerebral e o que Harper poderia ou não fazer em uma situação desafiadora. Acho que minha troca de mensagens de texto favorita foi quando eu disse: “Você poderia pular de um cavalo galopando para atacar um cara se estivesse tentando resgatar alguém?”. E Erin respondeu com entusiasmo: “Eu poderia!”. Erin, sou muito grata pelos nossos anos de amizade, e mesmo tendo quarenta anos (!!!) e vivendo em lados opostos do país agora, espero que tenhamos outra chance de nos envolver com cavalos, como quando éramos jovens. Só não conte ao Mike, porque ele se preocuparia.

Muito obrigada à minha boa amiga Maegan Chaney-Bouis, médica, por informações sobre o que Noah poderia fazer para reconstituir Grey, bem como o que ele seria capaz de fazer quando estivesse preso em Emberfall sem a conveniência de um pronto-socorro. Te devo uma bebida. Vamos a Bonefish Grill no próximo fim de semana?

Agradecimentos adicionais a Claerie Kavanagh por fazer uma leitura sensível impressionantemente completa e por oferecer sugestões surpreendentes para eu esclarecer sobre a deficiência de Harper e suas habilidades. Fico muito feliz por termos trabalhado juntas. Seus comentários foram inestimáveis.

Caramba. Ainda há pessoas para agradecer. Respirando fundo!

TANTAS PESSOAS leram os primeiros rascunhos (ou os últimos textos) deste manuscrito e me deram um retorno com sugestões e ideias. Brinco que escrevi trezentas mil palavras deste livro para colocá-lo em suas mãos, mas é verdade, mesmo. Poderia ter sido mais. Agradecimentos especiais a Bobbie Goettler, Nicole Choiniere-Kroeker, Joy George, Michelle Mac-Whirter, Alison Kemper Beard, Lee Bross, Shyla Stokes, Steph Messa, Sarah Fine, Tracy Houghton, Nicole Mooney, Sarah Maas, Jim Hilderbrandt, Jen Fisher, Anna Bright, Lea Nolan, Amy Martin e Rae Chang. Eu não

teria chegado a este ponto sem todos vocês. Obrigada.

Muitos agradecimentos para os produtores de blogs, Instagrams e vlogs que falam de livros. Agradeço a todos que dedicam um tempo para falar sobre meus livros nas redes sociais. Ainda me lembro dos primeiros blogueiros que espalharam a notícia sobre meu romance de estreia e não esqueci ninguém desde então. Seu apoio significa tudo para mim. Obrigada.

Também devo agradecer a Steve e Allison Horrigan, da Stone Forge CrossFit. O CrossFit me ajudou a encontrar um alívio do estresse que eu não sabia que precisava, além de uma confiança que não sabia que estava faltando. Estou mais forte e mais em forma do que jamais pensei ser possível e conheci a comunidade mais incrível. Quando digo que o CrossFit mudou a minha vida, quero dizer que literalmente mudou a minha vida. Eu sou uma pessoa melhor e uma escritora melhor por causa disso. Steve e Allison, obrigada.

Por fim, um grande agradecimento aos garotos Kemmerer, Jonathan, Nick, Sam e ao não tão bebê Zach. Obrigado por serem meninos maravilhosos e por deixar a mamãe seguir seus sonhos. Mal posso esperar para vê-los alçarem voo enquanto seguem os seus.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para opinioao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo “**Assunto**”.

1ª edição, abr. 2020

FERNANDA NIA

MENSAGEIRA

da

Sorte

PLATA
FORMA 3

Mensageira da sorte

Nia, Fernanda

9788592783839

426 páginas

[Compre agora e leia](#)

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a

natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Morais, autora da trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

[Compre agora e leia](#)

DA MESMA AUTORA DE AOS PERDIDOS, COM AMOR

BRIGID KEMMERER

MAIS

DO QUE

PALAVRAS

PODEM

DIZER

PLATA
FORMA

Mais do que palavras podem dizer

Kemmerer, Brigid

9788592783877

408 páginas

[Compre agora e leia](#)

Rev Fletcher enfrenta fantasmas do passado. Mas, com seus amorosos pais adotivos, aos poucos tudo parece estar cicatrizando. Até que, inesperadamente, ele recebe uma carta de seu pai biológico abusivo e o trauma da infância volta com toda força.

Emma Blue, expert em programação, passa o tempo livre aprimorando o jogo de videogame que construiu – o que é, ao mesmo tempo, uma fuga do casamento em ruínas de seus pais. Entretanto, quando surge um assediador no meio virtual, o medo neste ambiente torna-se real e ela precisará encontrar uma maneira de combater o criminoso.

Quando Rev e Emma se encontram, estão soterrados pela própria escuridão. Embora seja difícil para ambos descrever em palavras o que estão passando, a conexão entre os dois é inevitável. Seus problemas podem até parecer distantes, mas Rev e Emma decidem ajudar um ao outro, não importa o que aconteça. Conforme as circunstâncias ficam mais perigosas, porém, a força dessa parceria será testada de maneiras que jamais imaginaram.

Nesta narrativa inédita e cheia da sensibilidade de Brigid Kemmerer, os leitores são convidados a conhecer mais profundamente Rev

Fletcher, personagem de Aos perdidos, com amor que agora ganha a própria história, bem como serão apresentados à jovem Emma.

Mais uma vez, a autora nos presenteia com uma história cativante de alcance universal, repleta de lutas, superação e amor.

- Envolvente, uma montanha-russa de emoções. Uma leitura sobre amadurecimento que se destaca... os leitores vão se apaixonar por este romance." – BOOKLIST – Starred Review

- "Agradará em cheio aos que amaram As vantagens de ser invisível, de Stephen Chbosky." – SCHOOL LIBRARY JOURNAL – Starred Review

- "Brilhantemente, Brigid Kemmerer mostra (não simplesmente diz) como é o sofrimento em determinadas circunstâncias... Uma narrativa que exala sabedoria." – VOICE OF YOUTH ADVOCATES (VOYA)

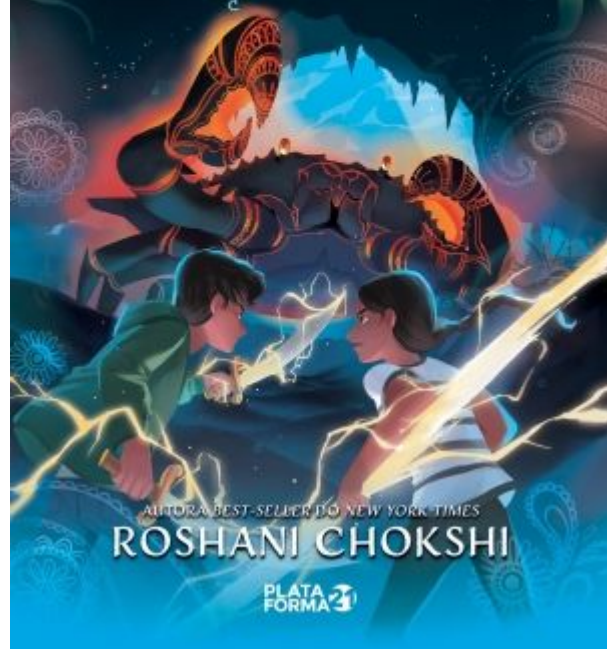
[Compre agora e leia](#)



RICK RIORDAN APRESENTA

Aru Shah

EA CANÇÃO DA MORTE



AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

ROSHANI CHOKSHI

PLATA
FORMA 3

Aru Shah e a canção da morte

Chokshi, Roshani

9786550080105

496 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aru Shah é uma Pândava. Ela ainda estava tentando se acostumar com esse lance – de ser tipo uma semideusa guerreira – quando o Outromundo mergulhou num pânico completo por causa do sumiço de uma arma celestial. Ao que parece, alguém roubou o arco e flecha de Kamadeva, o deus do amor. E, em vez de o artefato ser usado para unir casais por aí, ele tem transformado as pessoas em Sem-Coração, ou seja, zumbis.

Sabe o que torna a situação ainda pior? Aru e Mini, sua irmã de alma, foram responsabilizadas pelo crime. Agora, as duas terão dez dias para recuperar o arco e flecha e provar a sua inocência. Caso falhem nesse desafio, as irmãs Pândavas serão expulsas do Outromundo. Para sempre.

Nesta aventura, elas contarão com a ajuda de Brynne (uma garota muito forte) e Aiden (o misterioso vizinho de Aru). Juntos, o grupo enfrentará demônios e um reino cheio de serpentes... além de descobrir que o inimigo não é exatamente como imaginavam.

O segundo volume da **Saga Pândava** tem todo o humor, a ação e a imaginação que fizeram de *Aru Shah e o fim dos tempos* um sucesso. Bem, já que melhor é impossível... abra já seu livro e

aproveite esta nova aventura!

"O que mais atrai neste livro é a complexidade de seus personagens que, apesar de sua divindade ou semidivindade, têm uma essência muito humana. Os fãs ficarão encantados e clamando por mais."

KIRKUS – *Starred Review*

"Aru Shah e a canção da morte acompanha o ritmo vertiginoso do seu antecessor. E escancara a porta para o Outromundo." –

HYPABLE

"Os fãs da saga ficarão entusiasmados em voltar a mergulhar neste universo rico e cheio de camadas." – **BOOKLIST**

[Compre agora e leia](#)

AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER ASYLUM
MADELEINE ROUX

TUMBA DOS ANTIGOS

SÉRIE CASA DAS FÚRIAS



Tumba dos Antigos

Roux, Madeleine

9786550080310

302 páginas

[Compre agora e leia](#)

LOUISA DITTON NÃO CONSEGUE FUGIR Ao lado de seus amigos e fugindo dos pesadelos da Casa Coldthistle, Louisa assume uma nova e elegante residência em Londres. Entretanto, o mal não descansa. Fanáticos religiosos estão migrando para a cidade e não vão deixá-la em paz. Avisos ameaçadores estão sendo deixados à sua porta. Sob a influência do espírito diabólico de seu pai, Louisa sabe que um conflito com os deuses antigos está prestes a eclodir. E, nesta guerra iminente, ela precisará escolher de qual lado da batalha vai estar. Louisa está disposta a fazer qualquer coisa para sobreviver – inclusive retornar à Casa Coldthistle. E, para se salvar, precisará fazer negócios com o Sr. Morningside uma vez mais... e viajar para um lendário portal entre os mundos: a Tumba dos Antigos.

[Compre agora e leia](#)

BRIGID KEMMERER

AOS
PERDIDOS,
COM
AMOR

CARTAS,
SEGREDOS E UM ENCONTRO
ARREBATADOR

PLATA
FORMA 3

Aos perdidos, com amor

Kemmerer, Brigid

9788592783372

452 páginas

[Compre agora e leia](#)

Juliet Young sempre escreveu cartas para sua mãe. Mesmo depois da morte dela, continua escrevendo – e as deixa no cemitério. É a única coisa que tem ajudado a jovem a não se perder de si mesma. Já Declan Murphy é o típico rebelde. O cara da escola de quem sempre desconfiam que fará algo errado, ou até ilegal. O que poucos sabem é que, apesar da aparência durona, ele se sente perdido. Enquanto cumpre pena prestando serviço comunitário no cemitério local, vive assombrado por fantasmas do passado. Um dia, Declan encontra uma carta anônima em um túmulo e reconhece a dor presente nela. Assim, começa a se corresponder com uma desconhecida... exceto por um detalhe: Juliet e Declan não são completos desconhecidos um do outro. Eles estudam na mesma escola, porém são tão diferentes que sempre se repeliram. E agora, sem saber, trocam os segredos mais íntimos. Mas, aos poucos, a vida real começa a interferir no universo particular das confidências. E isso pode separá-los ou uni-los para sempre. Entre cartas, e-mails e relatos, Brigid Kemmerer constrói uma trama intensa, repleta de descobertas e narrada sob o ponto de vista dos dois personagens. Uma história de amor moderna de arrebatá-lo o coração.

[Compre agora e leia](#)